

**ANAIS DO**

# **IV Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais**

**DAS BASES FILOSÓFICAS ÀS PRÁTICAS  
E PESQUISAS EM PSICOLOGIA**

**24 a 28 de Novembro de 2020**

**Organização**



**Instituições Parceiras**



INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL  
DO RIO DE JANEIRO – IFEN  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ  
LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E ESTUDOS  
EM PSICOLOGIA EXISTENCIAL – LAFEPE/UERJ

**ANAIS DO**

**IV CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE  
PRÁTICAS CLÍNICAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS**  
**Das bases filosóficas às práticas e  
pesquisas em psicologia**

BRASIL  
RIO DE JANEIRO  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso luso brasileiro de práticas clínicas  
fenomenológico-existenciais (4.:2020: Rio de Janeiro,  
RJ)

Anais do IV congresso luso brasileiro de práticas  
clínicas fenomenológico-existenciais [livro  
eletrônico] : das bases filosóficas às práticas  
e pesquisas em psicologia / organização  
Instituto de Psicologia Fenomenologico-Existencial  
do Rio de Janeiro. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :  
IFEN, 2020.  
PDF

Vários colaboradores.  
ISBN 978-65-87456-06-5

1. Congressos 2. Existencialismo 3. Fenomenologia  
existencial 4. Filosofia 5. Psicologia 6.  
Psicoterapia - Filosofia I. Janeiro, Instituto de  
Psicologia Fenomenologico-Existencial do Rio de.

20-49664

CDD-142.7

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fenomenologia e existencialismo : Filosofia 142.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO - IFEN**

**Presidente:** Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

**Vice-Presidente:** Elaine Lopez Feijoo

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Reitor:** Ricardo Lodi Ribeiro

**Vice-Reitor:** Mario Sergio Alves Carneiro

**Pró-Reitoria de Graduação:** Prof. Lincoln Tavares Silva

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa:** Prof. Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Diretora:** Ana Maria Jacó Vilela

**Vice-Diretor:** Ricardo Vieiralves de Castro

**LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E ESTUDOS DA PSICOLOGIA  
EXISTENCIAL - LAFEPE/UERJ**

**Coordenadora:** Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo



Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no IV Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Das bases filosóficas às práticas e pesquisas em Psicologia.

O conteúdo dos resumos é de inteira responsabilidade de suas autoras e seus autores.

**PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:**

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN - Brasil)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-Brasil)

Instituto de Psicologia (IP/UERJ - Brasil)

Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia Existencial (LAFEPE/UERJ - Brasil)

Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE - Portugal)

**PRESIDENTE DE HONRA:**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ

**COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Elaine Lopez Feijoo - IFEN

Flávia Moreira Protasio – IFEN

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

Elaine Lopez Feijoo - IFEN

**COORDENAÇÃO FINANCEIRA**

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN

**COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO**

Ádil Bulkool Bernstein - UFF

Carolina de Araújo Dhein - IFEN

Fernando da Rocha Magliano - IFEN

Flávia Moreira Protasio – IFEN

Myriam Moreira Protasio - IFEN

### **COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Ádil Bulkool Bernstein – UFF  
Alexandre Trzan- Ávila – USU  
Carolina de Araújo Dhein - IFEN  
Eduardo da Silveira Campos - IFEN  
Elaine Lopez Feijoo - IFEN  
Fernando da Rocha Magliano - UERJ e IFEN  
Flávia Moreira Protasio – IFEN  
Flávio Breno Cruz Formigosa UERJ- IFEN  
Guilherme da Silva Sant’anna - UERJ  
Maíra Pietro Dourado - UFSB  
Maitê Sartori Vieira - UERJ- IFEN  
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN  
Myriam Moreira Protasio - IFEN  
Paulo Victor Rodrigues da Costa – UERJ- IFEN  
Renata Ferreira de Azeredo - UERJ- IFEN  
Victor Portavales Silva - UERJ- IFEN  
Yan Souza Almeida - UERJ- IFEN

### **COMISSÃO CIENTÍFICA:**

Alberto Mario de Castro Correa ALPE - Colômbia  
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN - Brasil  
Adriano Furtado Holanda – UFPR - Brasil  
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto – UNICAP - Brasil  
Daniel Cunha Monteiro de Sousa – ISPA - Portugal  
Elisabete Marques de Sousa – CFL - Unv. Lisboa - Portugal  
Elza Maria do Socorro Dutra – UFRN - Brasil  
Tommy Akira Goto – Universidade Federal de Uberlândia - Brasil  
Victor Amorim Rodrigues – SPPE - Portugal

### **CONSULTORES AD HOC:**

Alexandre Trzan- Ávila – USU  
Carolina de Araújo Dhein - IFEN  
Eduardo da Silveira Campos - IFEN

Elaine Lopez Feijoo - IFEN  
Fernando da Rocha Magliano - UERJ - IFEN  
Flávio Breno Cruz Formigosa UERJ - IFEN  
Guilherme da Silva Sant'anna - UERJ  
Maíra Pietro Dourado – UFSB  
Maitê Sartori Vieira – UERJ - IFEN  
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa - IFEN  
Myriam Moreira Protasio - IFEN  
Paulo Victor Rodrigues da Costa – UERJ - IFEN  
Renata Ferreira de Azeredo – UERJ - IFEN  
Victor Portavales Silva - UERJ- IFEN

**MONITORES:**

Daniel Fonseca Ferreira - UFF  
Débora Soares Barbosa – UFF  
Esperança Paes Ferreira - UFF  
Gabriel Malta Araújo - UFF  
Jaynete de Sousa França - UERJ  
Jhébica Rodrigues Barrozo - UFF  
Leonardo Aprígio de Almeida – UERJ  
Lucas Clem Grijó Carvalho – UNESA  
Mariana Agatha Silva do Carmo – UERJ  
Natália Dantas do Nascimento - UFF  
Rodrigo Souza de Lima Antas - UERJ  
Susanne Oliveira dos Santos – UERJ  
Tamires Brito Gonçalves de Matos - UFF

**COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DOS ANAIS:**

Flávia Moreira Protasio - IFEN

**EQUIPE EDITORIAL:**

Ádil Bulkool Bernstein – UFF

**APOIO:**

APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica

ID - Instituto Dasein

POIESIS – Núcleo de Psicologia Fenomenológica

SOBRAPHE – Sociedade Brasileira de Fenomenologia Hermenêutica e Análise do Existir

SE&PQ – Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos



## APRESENTAÇÃO

Com o tema **Das bases filosóficas às práticas e pesquisas em Psicologia** levamos a público o **IV Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais**. Mais uma vez se firma a parceria entre o Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN e a Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial – SPPE que, desde 2012, se faz em torno da organização do **Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais** com o interesse comum de unir estudantes e profissionais brasileiros, portugueses e de outras nacionalidades em torno aos estudos, pesquisas e ao exercício da clínica na perspectiva fenomenológico-existencial, contando sempre com o precioso apoio do Instituto de Psicologia – IP e do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial – LAFEPE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Previsto, inicialmente, para acontecer em Portugal e, por decisão de ambos os países, sediado e organizado no Brasil, essa quarta edição do congresso acontece no ano em que o mundo é assolado pela pandemia de Covid-19 e que luta por resguardar as vidas ameaçadas pelo vírus. Mais do que nunca o psicólogo é chamado a acolher e a ajudar aos que sofrem por dores diversas: a dor de adaptar-se a novos hábitos e à distância física de pessoas queridas; a dor pela perda de pessoas queridas; a dor pelo impacto econômico. Como diversos outros eventos em 2020, o Congresso precisou adaptar-se às circunstâncias e acontecerá completamente de forma virtual. A congregação de estudiosos e profissionais de psicologia dedicados a esta perspectiva em psicologia e interessados em compartilhar seus estudos e pesquisas ganhará materialidade através da tela do computador ou do celular.

A temática desta quarta edição do **Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Das bases filosóficas às práticas e pesquisas em Psicologia**, foi idealizada pela presidente de honra Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, com o objetivo de enfatizar a pluralidade de estudos, pesquisas e práticas que congrega o nosso modo de pensar a clínica psicológica. Foi com este intuito que se organizou a programação, reservando o primeiro dia do evento para as reflexões em torno ao diálogo da psicologia com a filosofia e o segundo dia para as reflexões construídas no diálogo com a literatura. Os terceiro e quarto dias foram destinados prioritariamente aos temas ligados ao fazer clínico em suas diversas possibilidades, de forma que serão apresentadas a diversidade de ações clínicas construídas nessa perspectiva da psicologia.

Nesta edição do **Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais** guardou-se um espaço mais demarcado, o quinto dia, para a apresentação dos grupos de pesquisas, que vêm se ampliando tematicamente e crescendo em número de participantes em diversos estados brasileiros, dando a medida do maior alcance deste modo de pensar a psicologia. Também foi reservado espaço ao longo dos dias do congresso para dar visibilidade às instituições que, dentro ou fora das Universidades, vêm marcando um espaço em defesa deste modo de pensar.

Os Anais do **IV Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Das bases filosóficas às práticas e pesquisas em Psicologia**, que neste momento é entregue ao público, traz o resumo dos trabalhos apresentados e constituem uma primeira aproximação de todos os envolvidos - conferencistas e palestrantes convidados, palestrantes que submeteram trabalhos, orientadores de pesquisa, pesquisadores e público em geral - com a diversidade do que se tem pensado e feito em termos das práticas em psicologia fenomenológico-existencial. No mais, fica o desejo de que o congresso atinja seu objetivo mais importante: aproximar e congregar os estudiosos de todas as nacionalidades presentes em torno deste modo de pensar e fazer psicologia.

Um evento como este não acontece sem a ajuda de muitas pessoas, entre profissionais, professores e estudantes que cederam suas expertises ao se disponibilizarem a contribuir com a realização do Congresso. Externamos nosso reconhecimento e nossos sinceros agradecimentos a cada um de vocês. E desejamos um bom evento a todos.

# SUMÁRIO

|          |                                                                                                                                               |           |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>CONFERÊNCIAS</b>                                                                                                                           | <b>29</b> |
| 1.1      | A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA EM TEMPOS DE CRISE<br>Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)                                       | 30        |
| 1.2      | A CLÍNICA PSICOLÓGICA: "SEI QUE É DIFÍCIL MAS VOU FALAR MESMO ASSIM"<br>Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                | 31        |
| 1.3      | CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E HISTORICIDADE EXISTENCIAL NA PSICOTERAPIA<br>Roberto Novaes de Sá (UFF)   | 32        |
| 1.4      | CRÍTICA E CLÍNICA: DO CARÁTER TERAPÊUTICO DO PENSAMENTO<br>Marco Antonio Casanova (UERJ)                                                      | 34        |
| 1.5      | CUIDADO E SINGULARIZAÇÃO: PSICOLOGIA ENTRE O INDIVÍDUO E A MULTIDÃO<br>Myriam Moreira Protasio                                                | 35        |
| 1.6      | DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE COMO MODELO PARA UMA DISCUSSÃO DO DIAGNÓSTICO NA SAÚDE MENTAL<br>Dimitri Marques Abramov (FIOCRUZ)        | 36        |
| 1.7      | ENTRE A CIÊNCIA E O PENSAMENTO: O LUGAR HÍBRIDO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL<br>Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)            | 38        |
| 1.8      | ESTADOS DA ALMA, CONFLITOS DO SER NO MUNDO: A DIALÉTICA DA EXISTÊNCIA EM GOETHE<br>Magali dos Santos Moura (UERJ)                             | 39        |
| 1.9      | O AMOR DA ANGÚSTIA<br>Eduardo da Silveira Campos (IPUB/UFRJ)                                                                                  | 41        |
| 1.10     | PESQUISA E FENOMENOLOGIA<br>Maria Aparecida Viggiani Bicudo (UNESP)                                                                           | 42        |
| 1.11     | PSICANÁLISE EXISTENCIAL: A AUTÓPSIA SARTRIANA DO EREMITA DE CROISSET<br>Deise Quintiliano Pereira (UERJ)                                      | 43        |
| 1.12     | REVISITANDO UM PAI FUNDADOR: ATUALIDADE DA NOÇÃO DE PROJETO-DE-MUNDO NA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL<br>Victor Amorim Rodrigues (ISPA – Portugal) | 44        |
| <b>2</b> | <b>PALESTRAS</b>                                                                                                                              | <b>45</b> |
| 2.1      | A ANTROPOFAGIA DE OSWALD DE ANDRADE COMO BASE PARA UMA FENOMENOLOGIA DECOLONIAL BRASILEIRA<br>Maíra Mendes Clini (USCS/Sedes Sapientiae)      | 46        |

|      |                                                                                                                                                   |    |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.2  | A INTERPRETAÇÃO DE SONHOS NA TERAPIA DASEINSANALÍTICA – A ANÁLISE DE SONHO DE UMA MOÇA SENDO PERSEGUIDA _____                                     | 47 |
|      | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                                                                  |    |
| 2.3  | A CLÍNICA COMO SABEDORIA PRÁTICA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA <i>PHRÓNESIS</i> _____                                                                | 48 |
|      | Alessandro de Magalhães Gemino (UERJ)                                                                                                             |    |
| 2.4  | A COMPREENSÃO DO AMOR SEGUNDO BINSWANGER E WINNICOTT _____                                                                                        | 49 |
|      | José Paulo Giovanetti (UFMG/FAJE)                                                                                                                 |    |
| 2.5  | A DASEINSANALYSE E A PSICOTERAPIA _____                                                                                                           | 50 |
|      | Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP)                                                                                                                 |    |
| 2.6  | A DESPERSONALIZAÇÃO DE G.H. _____                                                                                                                 | 51 |
|      | Eduardo da Silveira Campos (IPUB/UFRJ)                                                                                                            |    |
| 2.7  | A EXPERIÊNCIA CLÍNICA COM CLARICE OU... UM LISPECTAR CLÍNICO _____                                                                                | 52 |
|      | Renata Ferreira de Azeredo                                                                                                                        |    |
| 2.8  | PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: DO NASCIMENTO AOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA _____                                             | 53 |
|      | Tommy Akira Goto (UFU)                                                                                                                            |    |
| 2.9  | A PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA NA ORIENTAÇÃO HUSSERLIANA: REFLEXÕES E RETORNO AOS FUNDAMENTOS _____                                                | 55 |
|      | Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA)                                                                                                                 |    |
| 2.10 | A TENSÃO ENTRE A FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA E A APLICAÇÃO NÃO-FILOSÓFICA: O CASO DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA _____                             | 57 |
|      | Adriano Furtado Holanda (UFPR)                                                                                                                    |    |
|      | Victor Luís Portugal Clavisso (Georg-August Universität Göttingen, Alemanha)                                                                      |    |
| 2.11 | ANÁLISE DE VIVÊNCIAS COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL _____                                                                | 59 |
|      | Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA)                                                                                                                 |    |
| 2.12 | ANÁLISE EXISTENCIAL HOJE _____                                                                                                                    | 60 |
|      | Maria Madalena Magnabosco (FUMEC)                                                                                                                 |    |
| 2.13 | AS MANIFESTAÇÕES DE UM MESMO FENÔMENO: OS MODOS DE APRESENTAÇÃO DA ANGÚSTIA NO CONTEMPORÂNEO _____                                                | 61 |
|      | Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)                                                                                                                  |    |
| 2.14 | COMPREENDENDO A ANSIEDADE CONTEMPORÂNEA EM RELAÇÃO A ANGÚSTIA EXISTENCIAL EM JEAN-PAUL SARTRE _____                                               | 62 |
|      | Thaís de Sá Oliveira                                                                                                                              |    |
| 2.15 | CONJUGALIDADE E GENERATIVIDADE: PESQUISA PSICOLÓGICO-FENOMENOLÓGICA SOBRE TRANSMISSÃO PSÍQUICA NA PRÁXIS PSICOTERAPÊUTICA DO MÉTODO ADI-TIP _____ | 64 |
|      | Eunides Almeida (FUNDASINUM e FELUMA)                                                                                                             |    |
|      | Tommy Akira Goto (UFU)                                                                                                                            |    |
| 2.16 | CONSIDERAÇÕES HUMANISTAS, EXISTENCIAIS E ÉTICAS SOBRE EMPATIA E ALTERIDADE NO CONTEXTO DO MUNDO ATUAL _____                                       | 66 |
|      | Luiz José Veríssimo (UVA)                                                                                                                         |    |

|      |                                                                                                                                    |    |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.17 | CONTRIBUIÇÕES DA POÉTICA DE DOSTOIÉVSKI AO PENSAMENTO EXISTENCIAL _____                                                            | 67 |
|      | Victor Portavales Silva (UERJ/IFEN)                                                                                                |    |
| 2.18 | DA FILOSOFIA A PRÁTICA CLÍNICA COMO ANÁLISE FENOMENAL-HERMENÊUTICA DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA _____                                  | 68 |
|      | Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)                                                                                                 |    |
| 2.19 | DA SUPERAÇÃO DA MÁ-FÉ À SUSTENTAÇÃO DA AMBIGUIDADE: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A CLÍNICA DE BASE SARTRIANA. _____                    | 69 |
|      | Carolina Freire de Araújo Dhein (IFEN)                                                                                             |    |
| 2.20 | DASEINSANALISE: REFLEXÕES SOBRE O "SABER-FAZER" NO DIÁLOGO ENTRE PSICOTERAPIA E ONTOLOGIA. _____                                   | 70 |
|      | Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)                                                                                                |    |
| 2.21 | DASEINSANÁLISE COMO CRIAÇÃO POÉTICA: O ENCONTRO CLÍNICO COMO DEIXAR-SER DA LINGUAGEM _____                                         | 71 |
|      | Paulo Victor Rodrigues da Costa (UERJ/IFEN)                                                                                        |    |
| 2.22 | DE APRENDIZ DE ARTESÃO À MAQUINAÇÃO DA MERITOCRACIA: A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA _____ | 72 |
|      | Elina Eunice Montechiari Pietrani (UVA/UNIFASE)                                                                                    |    |
| 2.23 | ELECTRA E A CORAGEM EM <i>AS MOSCAS</i> : UMA LEITURA SARTRIANA DA CONDIÇÃO HUMANA _____                                           | 74 |
|      | Marcelo da Silva Norberto (CCE/PUC-RIO)                                                                                            |    |
| 2.24 | EXISTENCIALISMO E REDUÇÃO DE DANOS: DIÁLOGOS EM CLÍNICA AMPLIADA E NARRATIVAS DE VIDA _____                                        | 75 |
|      | Daniela Ribeiro Schneider (PSICLIN/UFSC)                                                                                           |    |
| 2.25 | FENOMENOLOGIA DA VIDA E DO SUICÍDIO NA CLÍNICA _____                                                                               | 76 |
|      | Andrés Eduardo Aguirre Antúnes (USP)                                                                                               |    |
| 2.26 | FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA: ANÁLISE DA HIPER-REFLEXIVIDADE _____                                           | 77 |
|      | Danilo Saretta Veríssimo (UNESP)                                                                                                   |    |
|      | Flávia Neves Ferreira (UNESP)                                                                                                      |    |
| 2.27 | INTERLOCUÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E FILOSOFIA SOBRE ÉTICA: CONTRIBUTOS HEDEGGERIANOS NA COMPREENSÃO DA CONDIÇÃO HUMANA _____          | 79 |
|      | Danielle de Gois Santos Caldeira (UFRN/UÉvora/UPorto)                                                                              |    |
|      | Elza Dutra (UFRN)                                                                                                                  |    |
|      | Irene Borges Duarte (UÉvora)                                                                                                       |    |
| 2.28 | INTERVENÇÃO EM CRISE PELA LENTE DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL _____                                                                 | 81 |
|      | Cintia Guedes Bezerra (UFRN)                                                                                                       |    |
| 2.29 | LOUCURA, ARTE e CLÍNICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA _____                                             | 83 |
|      | Ana Izabel Oliveira Lima (Universidade Potiguar)                                                                                   |    |
|      | Melina Séfora Souza Rebouças (POIESIS)                                                                                             |    |
| 2.30 | MEDITAÇÃO E CLÍNICA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E PSICOLOGIA _____                                                            | 85 |

Fernando da Rocha Magliano (UFRJ/UERJ/IFEN)

|      |                                                                                                                                        |    |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.31 | MEMÓRIA E COTIDIANO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA<br>HERMENÊUTICA _____                                                                   | 86 |
|      | Luis Eduardo França Jardim (PUC-SP)                                                                                                    |    |
| 2.32 | NECESSÁRIOS E POSSÍVEIS: NOVOS FORMATOS EM TEMPOS DE<br>PANDEMIA _____                                                                 | 87 |
|      | Guilherme Mareca de Oliveira<br>Juliana Nunes de Barros (UEMG/Divinópolis)<br>Marcelo Rufino Ferreira (UEMG/Divinópolis)               |    |
| 2.33 | O PRINCIPAL COMPROMISSO DA DASEINSANALYSE _____                                                                                        | 89 |
|      | Carlos Eduardo Carvalho Freire (PUC-SP/ABD)                                                                                            |    |
| 2.34 | O SOFRIMENTO E O AMOR-DO-SILÊNCIO EDIFICANTE _____                                                                                     | 90 |
|      | Marcos da Silva e Silva (ESPM)                                                                                                         |    |
| 2.35 | PELE COLONIAL, MÁSCARAS FENOMENOLÓGICAS: QUANDO O<br>FENOMENOLOGO NÃO VÊ O FENÔMENO _____                                              | 91 |
|      | Alexandre Trzan Ávila (USU)                                                                                                            |    |
| 2.36 | PODE A TEORIA E A EPISTEMOLOGIA FENOMENOLÓGICO-<br>EXISTENCIAL SER CONGRUENTE COM SISTEMATIZAÇÕES E/OU<br>INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA? _____ | 93 |
|      | Edgar Agrela Correia (SPPE – Portugal)                                                                                                 |    |
| 2.37 | PROCESSOS PSÍQUICOS DE ADOECIMENTO E MUDANÇA E O MÉTODO<br>ADI/TIP: UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICO-FENOMENOLÓGICA ____                   | 94 |
|      | Maria Clara Jost (FUNDASINUM/FCMMGI).<br>Tommy Akira Goto (UFU)                                                                        |    |
| 2.38 | O POSITIVISMO E A SAÚDE MENTAL: REFLEXÕES A PARTIR DA <i>KRISIS</i><br>DE HUSSERL _____                                                | 96 |
|      | Mariana Cardoso Puchivailo (FAE)                                                                                                       |    |
| 2.39 | SARTRE À MODA DA CASA: USOS POLÍTICOS DO PENSAMENTO DE<br>SARTRE NO BRASIL (1955-69) _____                                             | 97 |
|      | Rodolfo Rodrigues de Souza (PPGPS/UERJ, UCL)                                                                                           |    |
| 2.40 | AS ETAPAS INICIAIS DA VIDA E A CONCEPÇÃO DE MORTE PARA A<br>CRIANÇA SOB O VIÉS DA PSICOLOGIA FENOMENOLOGIA-<br>EXISTENCIAL _____       | 98 |
|      | Maíra Prieto Bento Dourado (UFSB)                                                                                                      |    |
| 2.41 | SOBRE ROMANCE DE FORMAÇÃO E SEU INTERESSE PARA A CLÍNICA<br>EXISTENCIAL _____                                                          | 99 |
|      | Elisabete Marques de Sousa (CFL/UL – Portugal)                                                                                         |    |

### **3 MESAS REDONDAS \_\_\_\_\_ 100**

#### **3.1 MESAS REDONDAS INSTITUCIONAIS \_\_\_\_\_ 101**

|         |                                                                           |     |
|---------|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.1.1   | MESA REDONDA ALPE I _____                                                 | 102 |
| 3.1.1.1 | PALAVRA POÉTICA E SOLIDÃO. EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA<br>PSICOTERAPIA _____ | 102 |
|         | Ramiro Gómez Salas (ALPE – Peru)                                          |     |

|         |                                                                                                                       |     |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.1.1.2 | PARA UMA ORIENTAÇÃO EXPLORATÓRIA, ABRANGENTE E ESTÉTICA DA TERAPIA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA _____                   | 103 |
|         | Yaqui Andrés Martínez-Robles (CIR-EX – México)                                                                        |     |
| 3.1.1.3 | PROCESSO EXPERIENCIAL IMPLICADO NO DESENVOLVIMENTO DO BEM-ESTAR E DO SOFRIMENTO _____                                 | 104 |
|         | Alberto Mario de Castro Correa (UNINORTE – Colômbia)                                                                  |     |
| 3.1.2   | <i>MESA REDONDA ALPE II</i> _____                                                                                     | 105 |
| 3.1.2.1 | A RELAÇÃO TERAPÊUTICA OU CO-CONSTRUINDO O BINÔMIO TERAPÊUTICO _____                                                   | 105 |
|         | Juan Manuel Castellanos Hernández (ALPE – México)                                                                     |     |
| 3.1.2.2 | ABORDAGEM EXISTENCIAL À VIOLÊNCIA DE GÊNERO – A HISTÓRIA DE MARI _____                                                | 106 |
|         | Ana Maria León Tapia (ALPE/UCE – Equador)                                                                             |     |
| 3.1.2.3 | INVESTIGAR NA PANDEMIA _____                                                                                          | 107 |
|         | Susana Signorelle (FUNCAPAC/ALPE – Argentina)                                                                         |     |
| 3.1.3   | <i>MESA REDONDA APHETO</i> _____                                                                                      | 108 |
| 3.1.3.1 | PESQUISAS EM FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL _____                                                                          | 108 |
|         | Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                                       |     |
| 3.1.3.2 | LIBERDADE, PROJETO DE SER, ANGÚSTIA E MÁ-FÉ: CONTRIBUIÇÕES SARTREANAS À PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL _____ | 109 |
|         | Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                                       |     |
|         | João Felipe Leite da Costa (APHETO/UNIFOR)                                                                            |     |
|         | Maria Clara de Vasconcelos Romero (APHETO/UNIFOR)                                                                     |     |
| 3.1.3.3 | OS SENTIDOS DA ARTE NA PSICOTERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE GESTALT-TERAPEUTAS _____                                        | 111 |
|         | Dácio Pinheiro Carvaço Filho (APHETO/UNIFOR)                                                                          |     |
|         | Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                                       |     |
|         | Monalisa de Fátima Rodrigues Pimenta Teles (APHETO/UNIFOR)                                                            |     |
| 3.1.3.4 | CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR A UMA CONCEPÇÃO FEMINISTA DA MATERNIDADE _____                                    | 113 |
|         | Carolina Trinta Moreira e Lopes (APHETO/UNIFOR)                                                                       |     |
|         | Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                                       |     |
|         | Maria Clara de Vasconcelos Romero (APHETO/UNIFOR)                                                                     |     |
| 3.1.4   | <i>MESA REDONDA IFEN</i> _____                                                                                        | 115 |
| 3.1.4.1 | A CRIAÇÃO DO IFEN _____                                                                                               | 115 |
|         | Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (IFEN)                                                                       |     |
| 3.1.4.2 | IFEN: PROJETO DE ESPECIALIZAÇÃO _____                                                                                 | 116 |
|         | Flávia Moreira Protasio (IFEN)                                                                                        |     |
| 3.1.4.3 | MOMENTO ATUAL _____                                                                                                   | 117 |
|         | Elaine Lopez Feijoo (IFEN)                                                                                            |     |
| 3.1.5   | <i>MESA REDONDA INSTITUTO DASEIN</i> _____                                                                            | 117 |
| 3.1.5.1 | CONFRONTAÇÃO E TERNURA: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO TARDIO DE HEIDEGGER PARA A CLÍNICA _____                          | 118 |
|         | André Sendra de Assis (ID)                                                                                            |     |



|         |                                                                                                             |     |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.1.5.2 | O GIRO HERMENÊUTICO DA FENOMENOLOGIA: PERTENCIMENTO E<br>COMPETIÇÃO. _____                                  | 119 |
|         | Paulo Roberto Reimão Machado (ID)                                                                           |     |
| 3.1.5.3 | O EXÍLIO E O REINO: MUNDOS HISTÓRICOS - EXPERIÊNCIAS<br>INDIVIDUAIS _____                                   | 120 |
|         | Marco Antonio Casanova (ID/UERJ)                                                                            |     |
| 3.1.6   | <i>MESA REDONDA POIESIS</i> _____                                                                           | 121 |
| 3.1.6.1 | DE AMEDEO GIORGI A HEIDEGGER: PROPOSIÇÕES PARA UM<br>MÉTODO HERMENÊUTICO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA _____    | 121 |
|         | Elza Dutra (PPgPsi/UFRN/POIESIS)                                                                            |     |
| 3.1.6.2 | O CÍRCULO HERMENÊUTICO DESCRITO NUMA EXPERIÊNCIA DE<br>PESQUISA _____                                       | 123 |
|         | Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX/POIESIS)                                                                  |     |
| 3.1.6.3 | A CIRCULARIDADE HERMENÊUTICA NO PROCESSO<br>INTERPRETATIVO EM UMA PESQUISA COM UNIVERSITÁRIOS ____          | 124 |
|         | Cintia Guedes Bezerra (UFRN/POIESIS)                                                                        |     |
| 3.1.6.4 | O ACESSO À EXPERIÊNCIA COMO UM RECURSO HERMENÊUTICO<br>NUMA PESQUISA SOBRE ABORTO: ALGUMAS PROPOSIÇÕES ____ | 126 |
|         | Elza Dutra (UFRN/POIESIS)                                                                                   |     |
|         | Melina Séfora Souza Rebouças (POIESIS)                                                                      |     |
| 3.1.7   | <i>MESA REDONDA SOBRAPHE</i> _____                                                                          | 128 |
| 3.1.7.1 | ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA _____                                                                      | 128 |
|         | Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)                                                                          |     |
| 3.1.7.2 | FUNDAMENTOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E DESCRIÇÃO<br>FENOMENOLÓGICA: IMPORTÂNCIA NA PRÁTICA CLÍNICA _____    | 129 |
|         | Milene L. Lamanauskas (SOBRAPHE)                                                                            | 129 |
| 3.1.7.3 | O LUGAR DO VITIMIZADOR NO ABUSO SEXUAL – UMA<br>PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA _____                            | 130 |
|         | Bernadete Almeida Pereira de (SOBRAPHE)                                                                     |     |
| 3.1.7.4 | ERA UMA VEZ UMA SOLDADINHO: AÇÃO CLÍNICA A PARTIR DA<br>ANÁLISE DO EXISTIR - A.R.E. _____                   | 131 |
|         | Vanessa Resende de Abreu (SOBRAPHE)                                                                         |     |
| 3.1.8   | <i>MESA REDONDA SPPE</i> _____                                                                              | 132 |
| 3.1.8.1 | FAZER PSICOTERAPIA É FAZER POLÍTICA: UMA PERSPETIVA<br>EXISTENCIALISTA SARTREANA _____                      | 132 |
|         | José A. Carvalho Teixeira (ISPA/SPPE - Portugal)                                                            |     |
| 3.1.8.2 | SER PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: UMA CIDADANIA<br>ATIVA _____                                            | 134 |
|         | Ana Silvestre Daun (SPPE - Portugal)                                                                        |     |
| 3.1.8.3 | A PROCURA DO SER NO SEU TEMPO: DESAFIOS PARA A<br>PSICOTERAPIA EXISTENCIAL _____                            | 135 |
|         | Paula Cortes (SPPE – Portugal)                                                                              |     |
| 3.1.8.4 | O ENCONTRO: SOBRE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA EM E. SPINELLI                                                      | 136 |
|         | Ana Cristina Martins (ISPA – Portugal)                                                                      |     |

|            |                                                                                                                                                                                                            |            |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.1.9      | <i>MESA REDONDA ISPA</i>                                                                                                                                                                                   | 137        |
| 3.1.9.1    | PRÁTICA DELIBERADA: TREINO DE MELHORIA DE COMPETÊNCIAS CLÍNICAS PARA ESTUDANTES E PSICOTERAPEUTAS<br>Daniel Sousa (ISPA – Portugal)<br>Matilde Barata (ISPA – Portugal)<br>Alexandre Vaz (ISPA – Portugal) | 137        |
| 3.1.9.2    | PRESENÇA TERAPÊUTICA E INTERVENÇÕES ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA<br>Daniel Sousa (ISPA – Portugal)<br>Sara Rathenau (ISPA – Portugal)<br>Alexandre Vaz (ISPA – Portugal)                                   | 139        |
| <b>3.2</b> | <b>MESAS REDONDAS DE PESQUISA</b>                                                                                                                                                                          | <b>141</b> |
| 3.2.1      | <i>A RELAÇÃO DE PESQUISA NO CAMPO DO DESENVOLVIMENTO: DOIS PRINCÍPIOS E TRÊS CASOS</i><br>Orientador: Prof. Josemar de Campos Maciel (UCDB)                                                                | 142        |
| 3.2.1.1    | A RELAÇÃO DE PESQUISA NO CAMPO DO DESENVOLVIMENTO: DOIS PRINCÍPIOS<br>Josemar de Campos Maciel (UCDB)                                                                                                      | 142        |
| 3.2.1.2    | QUANDO O SUJEITO DIMENSIONA A PESQUISA – UM CASO DE DOCILIDADE CONSTRUINDO O CAMPO<br>Yan Leite Chaparro (UCDB)                                                                                            | 143        |
| 3.2.1.3    | DO DESCOLAMENTO DO IMAGINÁRIO À ESCUTA QUALIFICADA A PARTIR DA PERIFERIA<br>Flávia Palhares Machado (UCDB)                                                                                                 | 144        |
| 3.2.1.4    | A ESCUTA QUALIFICADA NA ESTRUTURAÇÃO DE UM CAMPO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE POLÍTICAS DE DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS<br>Lorene Almeida Tiburtino Silva (UCDB)                                                        | 145        |
| 3.2.2      | <i>DAS VÁRIAS MORTES E DAS FORMAS DE MORRER: COMPREENSÕES SARTREANAS</i><br>Orientador: Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)<br>Orientadora: Geórgia Sibeles Nogueira da Silva (UFRN)           | 146        |
| 3.2.2.1    | DAS VÁRIAS MORTES E DAS FORMAS DE MORRER: COMPREENSÕES SARTREANAS<br>Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                                                       | 146        |
| 3.2.2.2    | VIVÊNCIAS DE ANGÚSTIA E TENTATIVAS DE SUICÍDIO: UMA PERSPECTIVA SARTREANA<br>Carlos Ming-Wau (UNIFOR)<br>Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)                                                   | 148        |
| 3.2.2.3    | TRAVESTILIDADES E MORTE SOCIAL: À NOITE, TODOS OS GATOS SÃO PARDOS<br>Antonia Nathalia Duarte de Moraes (UFRN)<br>Geórgia Sibeles Nogueira da Silva (UFRN)                                                 | 149        |
| 3.2.2.4    | O ABSURDO DA MORTE EM SARTRE: IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA DOS CUIDADOS PALIATIVOS<br>Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)<br>Geórgia Sibeles Nogueira da Silva (UFRN)                            | 150        |

|         |                                                                                                                              |     |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.3   | <i>FENOMENOLOGIA, ARTE E GESTALT-TERAPIA EM DIÁLOGO</i> _____                                                                | 152 |
|         | Orientador: Mônica Botelho Alvim (UFRJ)                                                                                      |     |
| 3.2.3.1 | O ENTRELAÇAMENTO ÉTICO-ESTÉTICO E POLÍTICO DA CLÍNICA E DA VIDA: UMA PERSPECTIVA INSPIRADA EM MERLEAU-PONTY _                | 152 |
|         | Mônica Botelho Alvim (UFRJ)                                                                                                  |     |
| 3.2.3.2 | O VISÍVEL E O INVISÍVEL EM GÊNERO: ESCRITAS SOBRE MULHERIDADE _____                                                          | 154 |
|         | Flavia F. Silva (UFRJ)                                                                                                       |     |
|         | Isabella Lima (UFRJ)                                                                                                         |     |
|         | Lis Simões da Silva (UFRJ)                                                                                                   |     |
|         | Mariana Braune (UFRJ)                                                                                                        |     |
| 3.2.3.3 | PARA UMA FENOMENOLOGIA DA PRESENÇA E DO SILÊNCIO POÉTICO NA GT _____                                                         | 156 |
|         | Rebeca Ferreira Viana (UFRJ)                                                                                                 |     |
|         | Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto M. N. (UFRJ)                                                                                |     |
|         | Eduardo de Sequeira Cremer (UFRJ)                                                                                            |     |
| 3.2.3.4 | EXPERIMENTAÇÕES DE UMA CLÍNICA NA FRONTEIRA: FENOMENOLOGIA, ARTE E POLÍTICA NO TRABALHO COM JOVENS EM FAVELAS CARIOCAS _____ | 158 |
|         | Alice Vignoli Reis (UFRJ) _____                                                                                              | 158 |
|         | Brunara Batista dos Reis Savaris (UFRJ)                                                                                      |     |
|         | Jessé Guimarães da Silva (UFRJ)                                                                                              |     |
|         | Mariana Germano Maia (UFRJ)                                                                                                  |     |
|         | Lis Simões da Silva (UFRJ)                                                                                                   |     |
| 3.2.4   | <i>FENOMENOLOGIA CLÍNICA DE INSPIRAÇÃO NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY</i> _____                                               | 160 |
|         | Orientadora: Prof. Dra. Virginia Moreira (UNIFOR)                                                                            |     |
| 3.2.4.1 | ESBOÇO DE UMA FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA EPIDEMIA DO COVID-19 NO NORDESTE DO BRASIL __                   | 160 |
|         | Virginia Moreira (UNIFOR)                                                                                                    |     |
| 3.2.4.2 | DO CORPO À CARNE: A LENTE MERLEAU-PONTYANA PARA OS TRANSTORNOS ALIMENTARES _____                                             | 162 |
|         | Lucas Bloc (UNIFOR)                                                                                                          |     |
| 3.2.4.3 | O CORPO VIVIDO NA OBESIDADE: UM OLHAR A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY _____                                       | 163 |
|         | Márcia Helena Nogueira (UNIFOR)                                                                                              |     |
| 3.2.4.4 | UMA LEITURA DA TEMPORALIDADE MANÍACA SOB A PERSPECTIVA DE MERLEAU-PONTY _____                                                | 164 |
|         | Juliana Lima (UNIFOR)                                                                                                        |     |
| 3.2.5   | <i>FENOMENOLOGIA E SAÚDE: PRÁTICAS DE CUIDADO</i> _____                                                                      | 165 |
|         | Orientadora: Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)                                                                             |     |
| 3.2.5.1 | ENTRE A FENOMENOLOGIA E A SAÚDE MENTAL: ALINHAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS _____                                          | 165 |
|         | Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)                                                                                          |     |
| 3.2.5.2 | PLANTÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICO EM UM SERVIÇO-ESCOLA _____                                                                  | 167 |
|         | Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)                                                                                          |     |

|         |                                                                                                                               |     |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
|         | Igor Santos Cassiano (UNIFOR)                                                                                                 |     |
|         | Liliane Brandão Carvalho (UNIFOR)                                                                                             |     |
|         | Virginia Moreira (UNIFOR)                                                                                                     |     |
| 3.2.5.3 | CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O RISCO-AVENTURA<br>169                                                                   |     |
|         | Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)                                                                                           |     |
|         | João Marcos de Araújo Leite (UNIFOR)                                                                                          |     |
| 3.2.5.4 | VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE<br>A COMPREENSÃO DO OUTRO NA RUA _____                                  | 171 |
|         | Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)                                                                                           |     |
|         | Joice Fabricio de Souza (UNIFOR)                                                                                              |     |
|         | Virginia Moreira (UNIFOR)                                                                                                     |     |
| 3.2.6   | <i>INVESTIGAÇÕES EM PSICOLOGIA: ARTICULAÇÕES COM A CLÍNICA E<br/>ÁREA DA SAÚDE</i> _____                                      | 173 |
| 3.2.6.1 | O MÉDICO E A MORTE – CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA<br>FENOMENOLÓGICA _____                                                      | 173 |
|         | Candido Jeronimo Flauzino (USP)                                                                                               |     |
| 3.2.6.2 | INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: UM MODELO COM<br>MÉTODOS MISTOS _____                                                     | 174 |
|         | Debora Candido de Azevedo (SE&PQ/UNIFESP)                                                                                     |     |
| 3.2.6.3 | A PROPRIEDADE DA PESQUISA QUALITATIVA SEGUNDO A<br>ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA INVESTIGAÇÃO DA<br>PSICOLOGIA CLÍNICA _____    | 176 |
|         | Maria Aparecida Viggiani Bicudo (UNESP)                                                                                       |     |
| 3.2.7   | <i>MORTE E LUTO EM DIFERENTES CONTEXTOS</i> _____                                                                             | 177 |
|         | Orientadora: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                                                           |     |
| 3.2.7.1 | MORTE E LUTO EM DIFERENTES CONTEXTOS _____                                                                                    | 177 |
|         | Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                                                                        |     |
| 3.2.7.2 | MORTE, LUTO, HORROR E PANDEMIA _____                                                                                          | 178 |
|         | Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                                                                        |     |
|         | Jaynete de Sousa França (UERJ)                                                                                                |     |
| 3.2.7.3 | MORTE, SUICÍDIO E LUTO: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À<br>COMUNIDADE ESCOLAR _____                                              | 179 |
|         | Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                                                                        |     |
|         | Rodrigo Dantas (UERJ)                                                                                                         |     |
| 3.2.7.4 | A EXPERIÊNCIA DO LUTO DOS PAIS PELO SUICÍDIO DE SEUS<br>FILHOS _____                                                          | 180 |
|         | Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)                                                                                        |     |
|         | Susanne Oliveira dos Santos (UERJ)                                                                                            |     |
| 3.2.8   | <i>NARRANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS PELA VIA DA COMPREENSÃO EM<br/>PESQUISAS PSICOLÓGICAS INSPIRADAS PELA FENOMENOLOGIA</i> ____ | 182 |
|         | Orientadora: Vera Engler Cury (PUC-Campinas)                                                                                  |     |
| 3.2.8.1 | NARRANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS PELA VIA DA<br>COMPREENSÃO EM PESQUISAS PSICOLÓGICAS INSPIRADAS PELA<br>FENOMENOLOGIA _____     | 182 |
|         | Vera Engler Cury (PUC-Campinas)                                                                                               |     |

|          |                                                                                                                                           |     |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.8.2  | A EXPERIÊNCIA DE PACIENTES DE UM SERVIÇO DE ATENÇÃO DOMICILIAR _____                                                                      | 184 |
|          | Andréia Elisa Garcia de Oliveira (PUC-Campinas)<br>Vera Engler Cury (PUC-Campinas)                                                        |     |
| 3.2.8.3  | INVESTIGANDO A EXPERIÊNCIA DE USUÁRIOS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA: EM BUSCA DE SIGNIFICADOS _____                                        | 186 |
|          | Eberson dos Santos Andrade (PUC-Campinas)<br>Vera Engler Cury (PUC-Campinas)                                                              |     |
| 3.2.8.4  | A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PESSOAS DIAGNOSTICADAS COMO AUTISTAS _____                                                                       | 188 |
|          | Gisella Mouta Fadda (PUC-Campinas)<br>Vera Engler Cury (PUC-Campinas)                                                                     |     |
| 3.2.9    | <i>PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO ESCUTA OPORTUNA NO DEPARTAMENTO JURÍDICO DA FACULDADE DE DIREITO E NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA USP</i> _____ | 190 |
| 3.2.9.1  | PLANTÃO PSICOLÓGICO _____                                                                                                                 | 190 |
|          | Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP)                                                                                                   |     |
| 3.2.9.2  | PLANTÃO? ATENÇÃO PSICOLÓGICA ONLINE AO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO _____                                                           | 191 |
|          | Joyce Cristina de Oliveira Rezende (LEFE/IPUSP)                                                                                           |     |
| 3.2.9.3  | A ESCUTA À INSTITUIÇÃO COMO CUIDADO AOS ATORES INSTITUCIONAIS _____                                                                       | 192 |
|          | Fernanda Nardoni (LEFE-IPUSP)                                                                                                             |     |
| 3.2.10   | <i>PRÁTICA PSICOLÓGICA E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER</i> _____                                                       | 193 |
|          | Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)                                                                         |     |
| 3.2.10.1 | PRÁTICA PSICOLÓGICA E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER _____                                                              | 193 |
|          | Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)                                                                                      |     |
| 3.2.10.2 | A HERMENÊUTICA DA VIDA FÁCTICA COMO CAMINHO DA CLÍNICA DASEINSANALÍTICA _____                                                             | 195 |
|          | Angela Cardoso Andrade (UNIFOR/UNICAP)<br>Carmem Lúcia Tavares Brito Barreto (UNICAP/LACLIFEP)                                            |     |
| 3.2.10.3 | OS PROFESSORES E O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA PANDEMIA DA COVID-19 _____                                                                     | 197 |
|          | Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)<br>Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)                                        |     |
| 3.2.10.4 | SUICÍDIO E PSICOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA EXPERIÊNCIA DE PACIENTES QUE BUSCAM PÔR FIM À VIDA _____           | 199 |
|          | Carmem Lúcia de Brito Tavares Barreto (UNICAP)<br>Gláucia Fernanda Soares Cabral (UNICAP)                                                 |     |
| 3.2.11   | <i>PSICANÁLISE EXISTENCIAL E PRÁTICA CLÍNICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS</i> _____                                            | 201 |
|          | Orientador: Fernando Gastal de Castro (UFRJ)                                                                                              |     |

|          |                                                                                                             |     |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.11.1 | PSICANÁLISE EXISTENCIAL E PRÁTICA CLÍNICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS _____                     | 201 |
|          | Fernando Gastal de Castro (UFRJ)                                                                            |     |
| 3.2.11.2 | A PSICANÁLISE EXISTENCIAL FACE À PSICANÁLISE FREUDIANA _____                                                | 202 |
|          | André Resende (UFRJ)                                                                                        |     |
| 3.2.11.3 | RECALQUE E MÁ FÉ NA CLÍNICA EXISTENCIAL _____                                                               | 203 |
|          | Melina Alvarez (UFRJ)                                                                                       |     |
| 3.2.11.4 | PSICANÁLISE EXISTENCIAL E MÉTODO PROGRESSIVO-REGRESSIVO _____                                               | 204 |
|          | Breno Braga (UFRJ)                                                                                          |     |
| 3.2.12   | <i>SOBRE ESTRATÉGIAS DE PESQUISA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA NA PSICOLOGIA</i> _____                        | 205 |
|          | Orientadora: Elza Dutra (PPgPsi-UFRN)                                                                       |     |
| 3.2.12.1 | SOBRE ESTRATÉGIAS DE PESQUISA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA NA PSICOLOGIA _____                               | 205 |
|          | Elza Dutra (PPgPsi-UFRN)                                                                                    |     |
| 3.2.12.2 | TENTATIVA DE SUICÍDIO E SERIDÓ POTIGUAR: UM ESTUDO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA _____  | 206 |
|          | Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo (UFRN)                                                                    |     |
| 3.2.12.3 | ÉTICA CONFIADA À EXISTÊNCIA: CONTRIBUTOS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA PARA A PESQUISA EM PSICOLOGIA _____ | 207 |
|          | Danielle de Gois Santos Caldeira (UFRN/UÉvora)                                                              |     |
| 3.2.12.4 | A RELAÇÃO DO <i>DASEIN</i> COM O <i>SMARTPHONE</i> SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA _____          | 209 |
|          | Bianca Tokuo (UFPI/ UFRN)                                                                                   |     |
| 3.2.13   | <i>TEMAS EM SUICÍDIO À LUZ DA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA</i> _____                            | 211 |
|          | Orientadora: Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                |     |
| 3.2.13.1 | TESTEMUNHAS DE UM SUICÍDIO: UM ESTUDO COM PESCADORES NAS IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO _____           | 211 |
|          | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                             |     |
| 3.2.13.2 | ESTUDO COM COMERCIANTES NAS IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO _____                                        | 212 |
|          | Amanda Melo Queiroz da Costa (UFRN)                                                                         |     |
|          | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                             |     |
| 3.2.13.3 | REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA IDEIAÇÃO SUICIDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA INFÂNCIA _____  | 213 |
|          | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                             |     |
|          | Manuella Bila de Melo (UFRN)                                                                                |     |
| 3.2.13.4 | TENTATIVA DE SUICÍDIO ENTRE JOVENS LGBTI+, UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA _____  |     |
|          | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                             |     |
|          | Maria Vanessa Morais da Silva (UFRN)                                                                        |     |

## 4 *SESSÕES COORDENADAS* 217

### 4.1 INTERLOCUÇÕES DA PSICOLOGIA COM A FILOSOFIA 218

- 4.1.1 A CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO: UMA PERSPECTIVA SARTREANA \_ 219  
Larissa Jovana Morais de Oliveira (UFPE)  
Nalyson Almeida Rodrigues (UFPE)
- 4.1.2 A ÉTICA EM SARTRE: LIBERDADE COMO FUNDAMENTAÇÃO DOS VALORES 221  
Luis Henrique Sobreira Maciel (IHP)
- 4.1.3 ATELIÊ DE DESENHO DE LIVRE-EXPRESSÃO E SUICÍDIO: REFLEXÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DA VIDA 222  
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (IPUSP)  
Erika Rodrigues Colombo (IPUSP)
- 4.1.4 DISSIDENZ: ABSURDO E REVOLTA PARA UMA PRÁXIS ÉTICO-POLÍTICA DA PSICOLOGIA EM TEMPOS SOMBRIOS 224  
André Guerra (UFRGS)  
Pedrinho Guareschi
- 4.1.5 ESQUECIMENTO EM NIETZSCHE: REPENSANDO A NOÇÃO DE TRAUMA PSÍQUICO 226  
Flávio Breno Cruz Formigosa (UERJ)
- 4.1.6 O “PRINCÍPIO DO PARADOXO” NA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA DE SCHNEIDER: CONTRIBUIÇÕES DE SØREN KIERKEGAARD 227  
Carlos Campelo da Silva (UNIMEP)
- 4.1.7 O ANGUSTIAR-SE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL 228  
Maitê Sartori Vieira (UERJ)  
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)
- 4.1.8 OS PARADOXOS DA EXISTÊNCIA E A PSICOTERAPIA: ROLLO MAY E KIERKEGAARD 229  
Carlos Campelo da Silva (UNIMEP)
- 4.1.9 PEQUENAS APROXIMAÇÕES PSICOLÓGICAS DA OBRA MATRIMÔNIO DE KIERKEGAARD E A TEOLOGIA DO CORPO DE WOJTYLA 230  
Maria Célia dos Reis Silva (Claretiano)
- 4.1.10 REFLEXÃO HEIDEGGERIANA SOBRE A BOA MORTE 231  
Larissa Jovana Morais de Oliveira (UFPE)  
Nalyson Almeida Rodrigues (UFPE)
- 4.1.11 SOFRIMENTO, TÉDIO E COMPULSÃO NA ERA DA TÉCNICA 233  
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)  
Samira Meletti da Silva Goulart (UERJ)

### 4.2 A LITERATURA E A POESIA EM DIÁLOGO COM A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 235

- 4.2.1 ENTRE HEIDEGGER E GUIMARÃES ROSA: UMA INTERLOCUÇÃO NA TERCEIRA MARGEM DO RIO 236  
Yan Sousa de Almeida (UERJ)
- 4.2.2 EXPRESSÃO E VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO FUTURO PSICÓLOGO ATRAVÉS DA POESIA 237

Carolina Esteves Alves (FAMATH)

|       |                                                                                                              |     |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.2.3 | LEITURA DE UM ROMANCE DE ÉPOCA SOB A PERSPECTIVA DA NOÇÃO HEIDEGGERIANA DE TÉCNICA _____                     | 238 |
|       | Caroline Carvalho Pimentel (UniCEUB)                                                                         |     |
|       | Melina Séfora Souza Rebouças (Poiesis)                                                                       |     |
| 4.2.4 | O OLHAR DE MEDUSA: DIÁLOGO SOBRE O ENTREOLHAR EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO. _____                       | 240 |
|       | Alexandre Victor Romero (UNESP)                                                                              |     |
|       | Viviane Mayumi Resende Uenaka (UNESP)                                                                        |     |
| 4.2.5 | PERDA DE MUNDO: QUANDO OS SENTIDOS SE AUSENTAM _____                                                         | 242 |
|       | Rubia da Silva (UniSALESIANO)                                                                                |     |
|       | Aguinaldo José da Silva Gomes (UniSALESIANO)                                                                 |     |
| 4.3   | AS PRÁTICAS CLÍNICAS EXISTENCIAIS _____                                                                      | 244 |
| 4.3.1 | A PRÁTICA CLÍNICA NO PLANTÃO DE ACOLHIMENTO ONLINE EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL _____       | 245 |
|       | Alice Brito Pinheiro (UFBA)                                                                                  |     |
|       | Cibele Brasil dos Reis (UFBA)                                                                                |     |
|       | Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA / Rede Existências)                                                   |     |
|       | Maria Virgínia Machado Dazzani (UFBA)                                                                        |     |
| 4.3.2 | A ATUAÇÃO DA(O) PSICÓLOGA(O) NO TERCEIRO SETOR: CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTREANO _____             | 247 |
|       | Adria de Lima Sousa (UFSC)                                                                                   |     |
|       | Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)                                                                             |     |
|       | Malu Alves Batista Mendes (UNISUL)                                                                           |     |
|       | Valdenir Martins de Oliveira (UFSC)                                                                          |     |
| 4.3.3 | A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UM SABER FAZER EM DIREÇÃO À PSICOLOGIA PÓS-IDENTITÁRIA _____           | 249 |
|       | Felipe Miranda Zanetti                                                                                       |     |
| 4.3.4 | A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE DE PESSOAS EXPOSTAS AO BULLYING: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SARTRIANA _____ | 251 |
|       | Luis Henrique Sobreira Maciel (IHP)                                                                          |     |
| 4.3.5 | A DES-SUBJETIVAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO: CASO DOS OPERADORES DE REDE NO RIO DE JANEIRO _____            | 252 |
|       | André Diogo Resende (IP-UFRJ)                                                                                |     |
|       | Fernando Gстал de Castro (IP-UFRJ)                                                                           |     |
|       | Rayssa Soares Izidoro (IP-UFRJ)                                                                              |     |
| 4.3.6 | A DESMEDICALIZAÇÃO DA VIDA NA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA _____                                   | 254 |
|       | Crisóstomo Lima do Nascimento (IFF/UENF)                                                                     |     |
|       | Flávio da Silva Chaves (UENF/FABERJ)                                                                         |     |
| 4.3.7 | A ESFEROLOGIA DE PETER SLOTERDIJK E A DEPRESSÃO COMO LUTO PELA PERDA DO NOBJETO _____                        | 255 |
|       | Lucca de Menezes Passos Barbosa (UFMG)                                                                       |     |
|       | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                             |     |
| 4.3.8 | A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO INTERDISCIPLINAR NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: RECORTE DE UM CASO _____               | 257 |
|       | Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima (PUC-SP)                                                                |     |



Henriette Tognetti Penha Morato (USP-SP)  
 Joyce Cristina de Oliveira Rezende (USP-SP)  
 Luana Maria Carrilho Segantini (USP-SP)

- 4.3.9 A MEDICALIZAÇÃO NO CONTEMPORÂNEO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA \_\_\_\_\_ 259  
 Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF/UENF)  
 Peterson Gonçalves Teixeira (UENF)
- 4.3.10 A PRÁTICA PSICOLÓGICA DA DASEINSANALYSE POR BILÊ TATIT SAPIENZA \_\_\_\_\_ 260  
 Gisleide da Costa Santos (UFMG)  
 Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)
- 4.3.11 A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL E SUAS POSSIBILIDADES NAS FORMULAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS \_ 262  
 Letícia de Lima Fernandes Azevedo (UNIP)  
 Reynaldo Thiago da Silva Rocha (UNIP)
- 4.3.12 A VIOLÊNCIA E AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DA MULHER CONTEMPORÂNEA: EMPODERAMENTO DO DIREITO DE ESCOLHA 264  
 Elder Matheus Fagundes Gonçalves (UNIP)  
 Profa. Dra. Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)
- 4.3.13 ANSIEDADE COM GRUPO DE IDOSOS EM PROJETO DE SAÚDE PSICOLÓGICA NO FORMATO ONLINE \_\_\_\_\_ 266  
 Laila Priscila Graf Ornellas (NETCOS/UFSC)  
 Mariana Lopes Olimecha de Carvalho (IDNP)
- 4.3.14 AVANÇOS TECNOLÓGICOS E A FINITUDE DA VIDA NO CTI: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA \_\_\_\_\_ 268  
 Caroline Ferreira dos Santos (UENF)  
 Nayara Manhães Chagas Cobuci (UCES)  
 Crisóstomo Lima do Nascimento (UENF)
- 4.3.15 BREVE REVISÃO SOBRE O “SETEMBRO AMARELO” NO ANO DE 2020 \_\_\_\_\_ 270  
 Carolina Esteves Alves (FAMATH)
- 4.3.16 CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: VERSÕES DE SENTIDO E SUPERVISÃO CLÍNICA \_\_\_\_\_ 271  
 Ligia Claudia Gomes de Souza (UVA)
- 4.3.17 CUIDADO AO CUIDADOR: PROMOÇÃO À SAÚDE DE FAMÍLIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA \_\_\_\_\_ 272  
 Elizandra Benedito De Carvalho (Uniceplac)  
 Evellyn Vitória Souto Neves (Uniceplac)  
 Izaías Dalton Silva (Uniceplac)  
 Juliana dos Santos Cardoso (Uniceplac)
- 4.3.18 DA ENTREVISTA PRESENCIAL À ENTREVISTA ON-LINE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA \_\_\_\_\_ 274  
 Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)  
 Déborah Adriana Sá Capozzoli (UNICAP)  
 Pedro Pereira Cavalcante Filho (UNICAP)
- 4.3.19 O DINHEIRO COMO MEIO DE PAGAMENTO DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: REFLEXÕES CRÍTICAS \_\_\_\_\_ 276  
 Guilherme da Silva Sant’Anna (UERJ)

|        |                                                                                                                                                                                                      |     |
|--------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3.20 | DO ENTE AO VIVENTE: QUEM CHEGA PARA O PSICOTERAPEUTA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL? _____                                                                                                               | 278 |
|        | Alisson de Oliveira Santos (REGT)<br>Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX)                                                                                                                              |     |
| 4.3.21 | DOENÇA COMO RESTRIÇÃO DE SENTIDO? UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM PERÍODO DE PANDEMIA _                                                                                                   | 280 |
|        | Renata Hilário Pereira de Macedo                                                                                                                                                                     |     |
| 4.3.22 | ENSINAR CUIDANDO E CUIDAR APRENDENDO!? RE-INVENTANDO A SUPERVISÃO DE ESTÁGIO DURANTE A PANDEMIA _____                                                                                                | 282 |
|        | Camilla Kelly Rodrigues dos Santos (UNIVASF)<br>Jéssica Pimentel (UNIVASF)<br>João Paulo Rodrigues Bezerra Tavares (UNIVASF)<br>Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)                             |     |
| 4.3.23 | FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO EM QUESTÃO: O PERCURSO DO ESTUDO EM PSICOLOGIA NO BRASIL _____                                                                                                                 | 284 |
|        | Roberto William Dantas da Silva (FACED Divinópolis)                                                                                                                                                  |     |
| 4.3.24 | FÉ E DESESPERO EM KIERKEGAARD: A CLÍNICA PSICOLÓGICA HOSPITALAR COMO ATO DE FÉ _____                                                                                                                 | 285 |
|        | Myriam Moreira Protasio (IFEN)<br>Renata Gomes da Costa De Marca (HUPE/UERJ)                                                                                                                         |     |
| 4.3.25 | MEDICAMENTALIZAÇÃO NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: UMA EXPRESSÃO DA ESSÊNCIA DA TÉCNICA. _____                                                                                                              | 287 |
|        | Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)<br>Lorena Léa Braga (UERJ)                                                                                                                                    |     |
| 4.3.26 | O CUIDADO AOS CUIDADORES: OS ATENDIMENTOS NA CLÍNICA ESCOLA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ____                                                                                           | 289 |
|        | Elizandra Benedito De Carvalho (Uniceplac)<br>Evellyn Vitória Souto Neves (Uniceplac)<br>Izaías Dalton Silva (Uniceplac)<br>Juliana dos Santos Cardoso (Uniceplac)                                   |     |
| 4.3.27 | O HOMEM TAMBÉM DESEJA COLO E PALAVRAS AMENAS: ACOLHIMENTO DE HOMENS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO _____                                                                                                     | 291 |
|        | Alisson de Oliveira Santos (REGT)<br>Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX)                                                                                                                              |     |
| 4.3.28 | O LUGAR DA PSICOTERAPIA NO AMBIENTE VIRTUAL: A EXPERIÊNCIA VIVIDA _____                                                                                                                              | 292 |
|        | Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)<br>Camila Leão Gadelha (Rede Existências)<br>Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)<br>Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências) |     |
| 4.3.29 | O LUTO MATERNO A PARTIR DA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SERIADO “THIS IS US”: LEVARAM TRÊS OU QUATRO BEBÊS PARA CASA? _____                                                             | 294 |
|        | Caroline Corrêa de Freitas (UNAERP)<br>Juliana Vendruscolo (UNAERP)<br>Maria Laura do Amaral Baldassari (UNAERP)<br>Marina Bó Miranda (UNAERP)                                                       |     |

|        |                                                                                                                                              |     |
|--------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3.30 | O PLANTÃO PSICOLÓGICO E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: INTERCESSÕES POSSÍVEIS _____                                                   | 296 |
|        | Ligia Claudia Gomes de Souza (UVA)                                                                                                           |     |
| 4.3.31 | O PODER-SER DA MULHER: CRISTALIZADA NA SOCIEDADE E SER-AÍ NA FENOMENOLOGIA. _____                                                            | 298 |
|        | Débora Soares Barbosa (UFF)                                                                                                                  |     |
|        | Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF/UENF)                                                                                                     |     |
| 4.3.32 | O ROLEPLAY COMO PRÁTICA DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA A CLÍNICA HUMANISTA E EXISTENCIAL _____                                                  | 300 |
|        | Lucia Marques Stenzel (UFCSPA)                                                                                                               |     |
| 4.3.33 | O SUICÍDIO ENQUANTO POSSIBILIDADE PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: TECENDO REFLEXÕES ____                                   | 302 |
|        | Luana Bilro Pereira de Araújo (HUAB)                                                                                                         |     |
|        | Melina Séfora Souza Rebouças (Poiesis)                                                                                                       |     |
| 4.3.34 | O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE E A LIBERDADE DE ESCOLHA _____                           | 304 |
|        | Ana Paula Gasparotto Paleari (UNOESTE-Jaú e Instituto Dasein-SP)                                                                             |     |
|        | Ellen Cristina Fabri (CTL-Jaú)                                                                                                               |     |
|        | Felipe Carvalho de Castro (UNIP-Bauru)                                                                                                       |     |
|        | Silvia Regina Cassan Bonome Vanzelli (UNESP-Bauru)                                                                                           |     |
| 4.3.35 | PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL EM TEMPOS DE CRISE _____                                                                | 306 |
|        | Breno Dias                                                                                                                                   |     |
|        | Camuller Lopes                                                                                                                               |     |
|        | Celina Maria Aragão Ximenes                                                                                                                  |     |
|        | Nadma Santos                                                                                                                                 |     |
| 4.3.36 | POR DENTRO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO DO SPA FAFICH UFMG _____                                                                                   | 308 |
|        | Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)                                                                                                            |     |
|        | Joana Buschini Brentano (UFMG)                                                                                                               |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Evangelista (UFMG)                                                                                                   |     |
| 4.3.37 | POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DE EXPATRIADOS BRASILEIROS NO ATENDIMENTO ON-LINE: ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE SITUAÇÃO CLÍNICA _____ | 310 |
|        | Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)                                                                                                 |     |
|        | Camila Leão Gadelha (Rede Existências)                                                                                                       |     |
|        | Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)                                                                                                |     |
|        | Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)                                                                                    |     |
| 4.3.38 | PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: AS REPERCUSSÕES DAS TIC'S E O SETEMBRO AMARELO _____                                              | 312 |
|        | Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)                                                                                                   |     |
|        | Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)                                                                                                  |     |
|        | Déborah Adriana Sá Capozzoli (UNICAP)                                                                                                        |     |
| 4.3.39 | PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA _____                                                             | 314 |
|        | Iza Souza de Oliveira (UFF)                                                                                                                  |     |
| 4.3.40 | PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UMA PRÁTICA DE ACOLHIMENTO, ESCUTA E RESPEITO _____                                                 | 315 |

|        |                                                                                                              |     |
|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
|        | Bianca Pessoa Costa (Unileste)                                                                               |     |
|        | Malu Egídio da Silveira Jabour (Unileste)                                                                    |     |
| 4.3.41 | PSICÓLOGOS CLÍNICOS EM TRANS-FORMAÇÃO: EXPERIMENTAÇÕES E REINVENÇÕES EM TEMPOS DE CRISE. _____               | 317 |
|        | Amanda Fernandes Rocha (UNIVASF)                                                                             |     |
|        | Mirela Guimarães Cavalcanti (UNIVASF)                                                                        |     |
|        | Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)                                                                     |     |
| 4.3.42 | QUAL O OBJETIVO DA PSICOTERAPIA? _____                                                                       | 319 |
|        | Alexandra Wojdyslawski Nigri (PUC-SP)                                                                        |     |
| 4.3.43 | RELATO DE EXPERIÊNCIA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA BREVE EM GRUPOS TERAPÊUTICOS SOBRE LUTO _____ | 321 |
|        | Roberto William Dantas da Silva (FACED Divinópolis)                                                          |     |
|        | Michele Mileib de Vasconcelos (UNA Divinópolis)                                                              |     |
| 4.3.44 | RELAÇÃO ENTRE ANSIEDADE E ANGÚSTIA EXISTENCIAL: UM ESTUDO DE CASO BASEADO EM JEAN-PAUL SARTRE _____          | 322 |
|        | Gabrielle Pereira Zacarias                                                                                   |     |
|        | Thaís de Sá Oliveira                                                                                         |     |
| 4.3.45 | SENTIDO E SUA FALTA: UMA REVISÃO NA LITERATURA DA ANÁLISE EXISTENCIAL DE ALFRIED LANGLE _____                | 324 |
|        | João Marcos de Sousa Teixeira (UFMG)                                                                         |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                             |     |
| 4.3.46 | SER-CRIANÇA COM TDAH NA CONTEMPORANEIDADE: COMPREENSÕES NA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA-HEIDEGGERIANA _____    | 326 |
|        | Ana Karina da Silva Azevedo (UFRN)                                                                           |     |
|        | Débora Cristina Guerra de Araújo Vale (UFRN)                                                                 |     |
| 4.3.47 | SETEMBRO AMARELO E OS ENLUTADOS POR SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA _____                                 | 328 |
|        | Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)                                                                   |     |
|        | Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)                                                                  |     |
|        | Glaucia Fernanda Soares Cabral (UNICAP)                                                                      |     |
|        | Pedro Pereira Cavalcante Filho (UNICAP)                                                                      |     |
| 4.3.48 | SETEMBRO AMARELO NA PANDEMIA DA COVID 19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. _____                                    | 330 |
|        | Adriana Raquel Negrão Duarte (UFRN)                                                                          |     |
|        | Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UFRN)                                                                     |     |
|        | Mariane Araújo Dantas (UFRN)                                                                                 |     |
| 4.3.49 | SOBRE O LUTO MATERNO: QUANDO A MÃE IDOSA PERDE O FILHO ADULTO _____                                          | 332 |
|        | Julia Figueiredo Moura (UNAERP)                                                                              |     |
|        | Micaela Mendiondo (UNAERP)                                                                                   |     |
| 4.3.50 | UM OLHAR FENOMENOLÓGICO PARA USUÁRIOS DE CENTRO DE ACOLHIDA DA CIDADE SÃO PAULO _____                        | 333 |
|        | Felipe Silva Figueredo de Almada (PUC-SP)                                                                    |     |
| 4.3.51 | UMA INTERPRETAÇÃO DASEINSANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE PÂNICO E SOLIDÃO: QUESTÕES ÔNTICAS E ONTOLÓGICAS _____  | 334 |
|        | Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)                                                                 |     |
|        | Camila Leão Gadelha (Rede Existências)                                                                       |     |

|        |                                                                                                                   |     |
|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
|        | Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)                                                                     |     |
|        | Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)                                                         |     |
| 4.3.52 | UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DAS CRISES DE ANSIEDADE E PÂNICO NA CONTEMPORANEIDADE _____                | 336 |
|        | André Sendra de Assis (Instituto Dasein)                                                                          |     |
|        | Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)                                                         |     |
| 4.4    | INVESTIGAÇÕES FENOMENOLÓGICAS EM PSICOLOGIA _____                                                                 | 338 |
| 4.4.1  | A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA _____   | 339 |
|        | Lucia Marques Stenzel (UFCSPA)                                                                                    |     |
| 4.4.2  | A PRÁTICA DA ESCALADA E O EXISTIR COTIDIANO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICA _____                    | 341 |
|        | Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima (PUC-SP)                                                                     |     |
|        | Luis Eduardo França Jardim (PUC-SP)                                                                               |     |
| 4.4.3  | ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS PROJETOS DE VIDA DE CONDENADOS DO MÉTODO DE EXECUÇÃO PENAL APAC _____                  | 343 |
|        | Dener Luiz da Silva (UFSJ)                                                                                        |     |
|        | Luiz Felipe Viana Cardoso (UNA)                                                                                   |     |
| 4.4.4  | COVID-19 E SAÚDE MENTAL: REFLEXÕES SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL À LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL _____ | 345 |
|        | Ana Paula Gasparotto Paleari (UNOESTE-Jaú e Instituto Dasein-SP)                                                  |     |
|        | Ellen Cristina Fabri (CTL-Jaú)                                                                                    |     |
|        | Felipe Carvalho de Castro (UNIP-Bauru)                                                                            |     |
|        | Silvia Regina Cassan Bonome Vanzelli (UNESP-Bauru)                                                                |     |
| 4.4.5  | ENSAIO SOBRE O DETERMINISMO GENÉTICO E A HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER _____                                          | 347 |
|        | Aguinaldo José da Silva Gomes (UNIP)                                                                              |     |
|        | Poliana Alves Sidol (UNIP)                                                                                        |     |
| 4.4.6  | ENTRE TER O CORPO E SER O CORPO: LEITURA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DO MOVIMENTO BODY POSITIVE _____              | 349 |
|        | Gabriel César Silva Rodrigues (UFMG)                                                                              |     |
|        | Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)                                                                                 |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                                  |     |
| 4.4.7  | ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E A SOCIEDADE DO CANSAÇO ____                                                             | 351 |
|        | Gabriel César Silva Rodrigues (UFMG)                                                                              |     |
|        | Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)                                                                                 |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                                  |     |
| 4.4.8  | FENOMENOLOGIA E GÊNERO: TECENDO CONHECIMENTOS SITUADOS E CORPORIFICADOS _____                                     | 353 |
|        | Giovana Fagundes Luczinski (UFPEL)                                                                                |     |
| 4.4.9  | MEANDROS DA HOMOFOBIA NO BRASIL: INCURSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A ERA DA TÉCNICA E SEXUALIDADE _____             | 354 |
|        | Ana Beatriz Gomes Fontenele (UNIFOR)                                                                              |     |
|        | Angela Cardoso Andrade (UNICAP)                                                                                   |     |
|        | Cecília Sernache de Castro Neves (UNIFOR)                                                                         |     |

|        |                                                                                                            |     |
|--------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.4.10 | NÚCLEO DE PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS EM PSICOLOGIA PARA ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU... _____ | 356 |
|        | Ana Cláudia Alexandre Carneiro da Costa (LACLIFPE – UNICAP)                                                |     |
|        | Ana Lúcia Francisco (LACLIFPE – UNICAP)                                                                    |     |
| 4.4.11 | O QUE FALAM DE BOSS QUANDO O CITAM? UMA REVISÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS _____                               | 358 |
|        | Gabriel Henrique de Souza Carvalho (UFMG)                                                                  |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                           |     |
| 4.4.12 | REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA IDEIAÇÃO SUICÍDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA INFÂNCIA _____ | 360 |
|        | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                            |     |
|        | Manuella Bila de Melo (UFRN)                                                                               |     |
| 4.4.13 | TENTATIVA DE SUICÍDIO ENTRE JOVENS LGBTI+, UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA _____ | 362 |
|        | Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)                                                                            |     |
|        | Maria Vanessa Moraes da Silva (UFRN)                                                                       |     |
| 4.4.14 | TRANSTORNO NO ESPECTRO AUTISTA E FENOMENOLOGIA: UM DISTANCIAMENTO BASEADO EM MITOS _____                   | 364 |
|        | Marcos Vinicius Lourenço Nunes                                                                             |     |
| 4.4.15 | UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL PARA AS NARRATIVAS A PARTIR DO FILME NARRADORES DE JAVÉ _____          | 365 |
|        | Maria Clara Rabelo Ferreira Silva (UFMG)                                                                   |     |
|        | Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)                                                           |     |

## **1 CONFERÊNCIAS**

## **1.1 A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA EM TEMPOS DE CRISE**

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)**

O presente ensaio parte da situação de crise que assola o mundo, decorrente da situação provocada pela pandemia do novo Coronavírus, e busca refletir sobre a clínica fenomenológica hermenêutica em tal contexto. A análise se inicia por uma breve contextualização sobre o momento atual. Parte de reflexões desenvolvidas por pensadores contemporâneos que buscam trazer à luz as implicações do projeto da modernidade, suas determinações e seus desdobramentos éticos, estéticos e políticos. Para tanto, realçam a soberania normatizada pela democracia centrada na razão como verdade do sujeito e questionam tal fundamento. Em um segundo momento, para questionar tal fundamento, traz a possibilidade de um outro começo do pensamento, indicado pelo Heidegger tardio, que aponta para outra iniciação do pensamento sobre o que há. Tal modo de pensar possibilita questionar a soberania do saber moderno, como um saber de dominação presente na ciência moderna, originado no poder das raízes gregas da filosofia, isto é, da metafísica. Poder este presente nos fundamentos da Psicologia e nas práticas psicológicas que foram se construindo. Em um terceiro momento, questiona se o saber psicológico, construído na tradição da ciência moderna, é suficiente para acolher o sofrimento existencial desvelado na situação de crise, decorrente da pandemia do novo Coronavírus. Tal questionamento parte do pressuposto que a clínica fenomenológica hermenêutica, compreendida como “situação hermenêutica”, ao realçar a importância de atentar para o horizonte histórico e temporal que constitui o presente momento, considera o ponto de vista, a perspectiva e o horizonte do paciente e do terapeuta. Nessa direção, ressalta a relevância de assumir uma ação clínica, pautada pelo encontro e diálogo, na intenção de possibilitar que a “verdade” encontre seu caminho fenomenológico de aparecer, desvelando o sentido singular de cada fenômeno, de modo a encaminhar para outro horizonte compreensivo: acompanhar aquele que procura ajuda para cuidar de seu sofrer na direção de apropriar-se do que já sabe pré-reflexivamente, tematizando as experiências que vão desvelando-se no existir. À guisa de contribuição para o tema proposto, considera que a clínica com pressupostos fenomenológicos hermenêuticos, com realce para a “situação hermenêutica”, pode apresentar-se como um modo de “recepção” do mostrar-se do paciente, cuidando com “fidelidade” do sofrimento que se mostra em seu contexto histórico e temporal.

**Palavras-chave:** Fenomenologia hermenêutica; coronavírus; ação clínica; situação hermenêutica.

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga. Mestrado e Doutorado em Psicologia. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Professora da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em "Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial - LACLIFEP".



## 1.2 A CLÍNICA PSICOLÓGICA: "SEI QUE É DIFÍCIL MAS VOU FALAR MESMO ASSIM"

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

Há alguns anos estamos tentando esclarecer algo que nos toma no âmbito da experiência clínica, e que, no entanto, por mais que nos esforcemos, não conseguimos falar sobre isso de modo a ser compreendidos. Trata-se da relação clínica, ou melhor, sobre o elemento essencial dessa relação. Há aproximadamente três anos procuramos diferentes caminhos de esclarecimento. Viajamos para o passado remoto e procuramos esse esclarecimento nos gregos homéricos e trágicos e com eles descobrimos que teria que pensar na questão da *hybris* e do *métron*. Buscamos dialogar com o pensamento de Heidegger, e com isso chegamos à conclusão que a relação clínica consiste em um aventurar-se no próprio aberto. O como desse aventurar-se é o que pretendemos investigar. Com isso dois acenos com relação àquilo que queremos esclarecer e que, no entanto, se retrai a sua mostra são a medida tal como discorrida pelos gregos e esse aberto do qual nos fala Heidegger, a relação clínica se mostra como a possibilidade para a possibilidade da conquista da medida existencial. Sabemos que a medida na atualidade é compreendida em termos de cálculos que antecipam por meio ao numérico e as normas de procedimentos. E é justo esse modo de medir que se estabeleceu e ganhou força em nosso tempo. A medida, tomada como algo da ordem da objetividade e, portanto, posicionada pela subjetividade, dificulta ver outros modos de aparecimento da medida. Por fim, a questão é: o quanto estamos dispostos a nos entregar à luta para não esquecermos daquilo que é constitutivo da relação clínica e no qual a medida existencial aparece? Heidegger nos dá um caminho: o apelo à linguagem que significa desobstruir hábitos arcaicos do pensamento. É esse o caminho que pretendemos seguir. E no caminhar desse caminho poder nos entregar ao mistério das relações humanas que encontram a sua dimensão entre o céu e a terra; o homem e deus. Por fim fomos a literatura e encontramos algo que Clarice Lispector diz em um de seus textos “Sei que é difícil, mas eu vou falar assim mesmo”. Isso quando ela tentava falar desse *entre*. Sabemos que a relação no encontro psicoterapêutico sempre foi um tema privilegiado das perspectivas humanistas e existenciais em psicologia. Os estudiosos com essas orientações intuía que era nesse elemento que se encontrava a questão fundamental – ou seja – que promovia a mudança ou a cura naquele que se encontrava em conflito ou em sofrimento. Sem dúvida, esse aspecto do encontro clínico também não deixou de ser tema da psicanálise freudiana. Freud deu muita ênfase a importância da transferência para o início propriamente dito da análise psicanalítica. Afinal, o que podemos dizer sobre relação psicoterapêutica, encontro clínico, transferência? O que e de que modo cada um desses estudiosos da clínica psicológica disseram a esse respeito? E por fim, tentarei falar sobre o tema mesmo sabendo da dificuldade que é falar dele.

**Palavras-chaves:** Clínica psicológica; Medida existencial; Heidegger; Clarice Lispector.

### Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

### **1.3 CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E HISTORICIDADE EXISTENCIAL NA PSICOTERAPIA**

**Roberto Novaes de Sá (UFF)**

Esta comunicação discute o modo de compreensão e, portanto, de escuta da história de vida dos analisandos em uma perspectiva clínica fenomenológico-hermenêutica. A narrativa da história de vida tem um lugar central na maioria das práticas psicoterapêuticas modernas. Apesar de suas diferentes perspectivas e recortes de compreensão, qual seria o sentido desse consenso sobre a sua importância clínica? Também nas práticas psicoterapêuticas de perspectiva fenomenológico-existencial, a história de vida tem uma presença destacada. Qual seria, neste caso, o fundamento de tal importância? E, qual a relação entre os sentidos usuais de história de vida e a sua compreensão fenomenológico-hermenêutica? Para empreender uma reflexão sobre essas questões, partimos da relação entre história e causalidade que está na origem da anamnese médica moderna e tentamos acompanhar a hibridização deste sentido no campo das práticas psicoterapêuticas, que, apesar de se constituírem inicialmente no horizonte de hegemonia do modelo científico natural, buscaram cada vez mais seus fundamentos nas ciências do espírito. De um lado, a ideia de buscar na história de vida as determinações causais do sofrimento, de outro, a ideia de que a história pode ser ressignificada e revalorada pelo sujeito do sofrimento. Suposições que podem estabelecer entre si diferentes relações, desde a proximidade e complementaridade até a oposição e exclusão. Sob a perspectiva da analítica existencial de Heidegger, a compreensão fenomenológica da existência se dá necessariamente como elaboração apropriativa de uma abertura histórica de mundo, já que a existência humana tem a historicidade como sua dimensão ontológica constitutiva. A existência não é, portanto, histórica no sentido usual de algo que subsiste no interior da história. A historicidade não é, para a analítica existencial, uma propriedade ou atributo da existência, mas o seu próprio ser, como mero poder-ser historicamente lançado. O ser da existência como ser-no-mundo se constitui, portanto, de historicidade. A escuta clínica da história de vida não se prende, sob essa ótica, nem aos fatos da história e nem às suas vivências subjetivas, mas ao modo como a existência, enquanto abertura histórica de sentido, corresponde a tudo que lhe vem ao encontro no mundo, à sua compreensão do ser. Despertar o horizonte histórico da existência cotidiana não resulta no resgate da liberdade do sujeito frente à história e, sim, na apropriação do nexos ontológico entre existência e temporalidade, e, pois, na apropriação da existência como temporalização originária que fornece as condições ontológicas de possibilidade para a história de vida tomada, ordinariamente, como história intratemporal. Se, essa apropriação não liberta o sujeito frente às determinações históricas, ela torna mais livre, no sentido de mais aberto e rico em possibilidades de correspondência, o existir humano como temporalização histórica de sentido.

**Palavras-chave:** história de vida; historicidade; fenomenologia hermenêutica; psicoterapia.

**Roberto Novaes de Sá**

Graduado em Psicologia (PUC/RJ), Mestre em Psicologia (UFRJ), Doutor em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ), Professor Titular do Instituto de Psicologia da UFF.

## 1.4 CRÍTICA E CLÍNICA: DO CARÁTER TERAPÊUTICO DO PENSAMENTO

**Marco Antonio Casanova (UERJ)**

Heidegger explicitou na década de 1920 o caráter indicativo formal de todos os conceitos filosóficos. Por tal expressão, indicação formal, o que ele tinha em vista era precisamente o fato de que nenhum conceito filosófico jamais se restringe à dimensão formal da análise de seus conteúdos, mas sempre contém ao mesmo tempo uma dimensão de indicação de uma dimensão possível de transformação da existência. Por um lado, quando nos deparamos com um conceito em geral, esse encontro mesmo traz consigo a necessidade de uma análise de seus traços estruturais. Por meio de tal análise, porém, o conceito permanece pura e simplesmente forma. Por outro lado, então, é preciso que alguma dimensão propicie a concretização mesma daquilo que se analisa no conceito. Essa concretização, é o que Heidegger procura pensar a princípio, só se dá por meio de uma transformação existencial, que precisa acontecer na direção que conquistamos a partir da análise. Não há, assim, transformação sem indicação prévia, da mesma maneira em que não há indicação prévia sem análise formal. Bem, mas o que nos importa aqui não é apenas o elemento filosófico da noção de indicação formal, mas o que ela traz consigo em termos de repercussões para o diálogo entre filosofia e psicologia. Retomando um fio condutor que já estava presente nas obras de Kierkegaard e Nietzsche, o acento incondicional na existência como o lugar de toda e qualquer decisão propriamente dita sobre o ser do ente humano, Heidegger acentua antes de tudo com as indicações formais o compromisso originário da filosofia e do pensamento em geral com a transformação radical do existir. Com isso, a filosofia aparece aqui para ele em seu traço terapêutico fundamental, se é que toda terapia precisa ser pensada como mais do que um mero exercício de reparo de problemas ônticos específicos, isto é, como uma lida precisamente destrutiva com tal modo de consideração. Exatamente esse traço será objeto inicialmente de minha conferência. A partir da conquista desse primeiro elemento, o que procuraremos mostrar é em que medida a terapia, por mais que se deixe matizar em sua relação com o caráter transformador do pensamento filosófico, possui uma peculiaridade específica, que não pode ser desconsiderada: a ligação humana com o sofrimento. Nesse contexto, contudo, o que estará em questão para nós constantemente é justamente escapar da ideia de que o sofrimento poderia ser associado diretamente com causas externas específicas e nos movimentar na direção de uma compreensão do sentido ontológico mesmo do sofrimento humano: a relação originária do ser humano com o seu próprio ser, com a sua nadaidade estrutural.

**Palavras-chave:** Crítica; Indicação formal; Transformação; Crise; Existência.

### **Marco Antonio Casanova**

Graduado em Letras (português) e Licenciado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), pós-doutor pela Universität Freiburg (2006) e pós-doutor pela Universität Freiburg (2006). Sócio-fundador do Instituto Dasein de Psicologia hermenêutico-fenomenológica.

## 1.5 CUIDADO E SINGULARIZAÇÃO: PSICOLOGIA ENTRE O INDIVÍDUO E A MULTIDÃO

Myriam Moreira Protasio

Esse trabalho é um ensaio, um escrito experimentante que, com Kierkegaard, insiste em pensar o lugar reservado para a psicologia enquanto ciência existencial e enquanto fazer clínico, uma clínica que se dirige ao indivíduo, que tem simpatia pelo que mobiliza aquele que a procura e que não se ilude sobre seu próprio poder. A questão do indivíduo, da singularidade e da singularização é central no projeto kierkegaardiano de escritura. Em *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* ele afirma que só há um objetivo para toda sua obra, tirar o homem da ilusão de ser o que em ato não é. E mais, que nós temos preferência por ilusão, por engano. Essa questão, de um eu que se ilude; e a questão de que Kierkegaard tenha articulado um método de comunicação como caminho para tirar o outro da ilusão implica, de um lado, uma compreensão muito específica do que significa ser um indivíduo, um eu; e por outro lado, uma compreensão sobre relação dialógica que perpassa um modo de comunicação que, a nosso ver, tem raízes fortes na psicologia. É nessa rede, ou melhor, nesse enredamento que foi pensado o título deste trabalho: *Cuidado e singularização: psicologia entre o indivíduo e a multidão*. O objetivo do trabalho é ir ao encontro do modo como Kierkegaard se interessa pelo indivíduo singular (*den Enkelte*) e de seu interesse em ajudar este indivíduo a sair da ilusão em que se encontra. Entendemos que só se pode estar na existência individualmente, embora o indivíduo não seja nada fora da relação que ele é. No seio desta compreensão, acreditamos que pode nascer um tipo de apelo ao indivíduo que não o tome como um sujeito encapsulado. Apostamos neste caminho interpretativo, que consideramos ser o caminho da psicologia tal qual levantada por Haufniensis – uma psicologia que tem angústia como seu objeto. Como mostrado magistralmente por este pseudônimo, angústia deve ser entendida como a atmosfera ou tonalidade mais própria da existência singular, pois é para o singular que aparece o apelo de realizar a existência que é sua. E é para o singular (o indivíduo) que a existência importa. O indivíduo vai surgindo, então, como cuidado, sofrimento, tarefa – sempre na tensão que a existência é. Existir singularmente não significa existir apartado do mundo. Existir é já existir no mundo e apenas enquanto essa tensão faz sentido pensar em apropriação e singularização. Porque não se trata de sair da multidão, do geral, mas de conquistar, de apropriar-se dos fundamentos na relação que se é. Nessa apropriação pode dar-se a entrega e escuta a isso que apela a cada vez, de forma a se poder retomar a relação que se é sem perder-se no múltiplo. É neste sentido que a clínica psicológica está sendo pensada, como relação e como diálogo consigo próprio e com o outro, sabendo que esse acontecimento guarda a possibilidade de apropriação e de transformação.

**Palavras-chave:** psicologia clínica; Sören Kierkegaard; apropriação; ciência existencial.

### Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Realizou Pós-doutorado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ, com bolsa FAPERJ (2016-2019). Pesquisadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN.

## 1.6 DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE COMO MODELO PARA UMA DISCUSSÃO DO DIAGNÓSTICO NA SAÚDE MENTAL

Dimitri Marques Abramov (FIOCRUZ)

No campo dos saberes biomédicos, a ética das relações clínicas se baseia em constructos chamados “diagnósticos”. Na Saúde Mental, porém, o sistema nosológico é um consenso teórico de expertises baseado em uma taxionomia fenomenológica intangível (de fato), e sem uma base etiopatogênica ou fisiopatológica que fundamente os diagnósticos. A História nos mostra que esse sistema de longe é definitivo e pode ser vulnerável aos constructos sociais e políticos contemporâneos a ele. Em contraponto a taxionomia da patologia mental e todas as suas consequências, aparecem os conceitos de “neurotipicidade” e “neurodiversidade”. O autismo de alto desempenho foi a tipologia humana que deu visibilidade universal a este movimento para uma nova episteme. Pois os autistas de alto desempenho são funcionais e adaptáveis no eixo produtivo da sociedade apesar das limitações afetivas e sociais. Limitações, quem não as tem? E quem não sofre com elas? A margem da lógica da neurodiversidade, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é o epicentro de questionamentos no meio técnico-acadêmico e no senso-comum. Por um lado, sobram evidências de que há um cérebro atípico correlacionado a fenômenos mentais particulares. Diferente do autismo de alto desempenho, a limitação no TDAH estaria no controle executivo por uma maturação mais lenta dos circuitos pre-frontais, sendo a impulsividade, comportamentos imotivados e a desatenção corolários de uma baixa eficiência executiva. Em nosso laboratório, estudamos parâmetros neurofisiológicos e cognitivos de crianças típicas e diagnosticadas como TDAH pelo DSM-IV, com o objetivo de corroborar a correspondência entre as evidências biológicas e a classificação diagnóstica. Encontramos uma acurácia de 82%, que corrobora a existência de uma tipologia fenomenológica mental bem descrita no DSM que se relaciona a uma base biológica específica. Mas até que ponto podemos considerar esta tipologia mental diferente, com prevalência de 5% na população, como uma patologia é a próxima questão. Diferente do autismo de alto desempenho, a baixa performance acadêmica evidencia o comprometimento da adaptabilidade/funcionalidade no TDAH (afinal, as dificuldades escolares que produzem a demanda clínica, na maioria das vezes). Contudo, escola e performance acadêmica são constructos culturais e, ainda, contemporâneos. Podemos estar diante de um viés de observação: a disfuncionalidade/disadaptabilidade no TDAH poderiam não ser primárias e sim secundárias ao estresse social produzido pelas demandas da sociedade contemporânea. Em 2018 iniciamos um projeto para verificar se existe um nicho social onde a prevalência de TDAH seja maior e se nele essas pessoas podem ser mais funcionais e adaptáveis. Como a profissão é um dos eixos da vida social (senão o mais significativo), buscamos resolver esta hipótese em nichos profissionais. A primeira etapa foi uma pesquisa online com objetivos de um rastreio preliminar da nossa hipótese. Utilizamos a ADHD self-report scale (short version), da OMS, questões sobre performance acadêmica/financeira e satisfação subjetiva em relação a vida profissional. Encontramos na Publicidade uma prevalência maior de TDAH que de típicos, com maior satisfação, menor sofrimento mental e uma tendência estatística a uma performance financeira superior à de pessoas típicas. Nossa próxima etapa será ratificar esses achados através de uma pesquisa presencial, colocando em evidência a discussão do caráter patológico do TDAH. E, mais, contribuindo para a constante e necessária reflexão a respeito da ética clínica em relação à diversidade e seu legítimo sofrimento mental.

**Palavras-chave:** neurodiversidade; TDAH; psicopatologia; ética clínica; cultura e sociedade.

**Dimitri Marques Abramov**

Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Ciências do programa de pós-graduação do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, UFRJ (2009). Tecnologista em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz, atuando em pesquisa e desenvolvimento tecnológico no Lab. Neurobiologia e Neurofisiologia Clínica, Inst. Fernandes Figueira/Fiocruz.

## 1.7 ENTRE A CIÊNCIA E O PENSAMENTO: O LUGAR HÍBRIDO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

A Psicologia Fenomenológico-Existencial frequentemente é questionada com relação ao lugar que ocupa na psicologia como disciplina científica. Isso acontece uma vez que os estudiosos dessa perspectiva assumem uma postura crítica com relação à caracterização do psiquismo como algo da ordem de uma objetividade, e como tal passível de controle, mensuração e previsão, seja por meio de teorias ou procedimentos empíricos. Esses estudiosos acabam encontrando o seu saber sobre a existência do homem em um lugar híbrido, ou seja, entre a ciência, a filosofia e a literatura. Lugar estranho para aquele que pensa desde a ciência, lugar impossível para aquele que pensa desde a filosofia e lugar que não é lugar nenhum para quem pensa desde a poesia. A nossa tarefa consiste em resguardar esse lugar, ou seja, o entre, como recitado por Guimarães Rosa em *A terceira margem do rio*. Para endereçar a psicologia para esse lugar, primeiramente, trouxe os diferentes embates entre essas vozes: Filosofia e Poesia; Filosofia e Ciência. E por esse caminho, junto aos esclarecimentos de Heidegger, buscamos saber sobre o abismo entre a ciência e o pensamento. Nietzsche nos diz sobre a irmandade entre filosofia e poesia. E com Krenan, respondemos as críticas no que diz respeito à inutilidade da psicologia. Para esclarecer esse lugar que não é lugar positivado como quer a ciência, travamos diálogos com a poesia de Manoel de Barros. Ele nos dirá com a presença do sabiá que a ciência pode nos mostrar toda a fisiologia do pássaro, mas nada pode decifrar com relação ao seu canto. Rubem Alves também com maestria nos diz que um piano é construído pela ação técnica oriunda da ciência, mas apenas o pianista poderá atuar com arte. Clarice Lispector responde a nossa questão, qual seja, é a psicologia fenomenológico-existencial algo da ordem do charlatanismo, ou seja, um embuste? Nesse caminho por meio do pensamento meditante, ou seja, que já desvencilhou de pensar por um único modo – pensamento calculante, defendemos uma proposta inovadora em psicologia, inaugurando assim uma psicologia que no embate entre ciência e pensamento dá a conhecer o seu lugar com a ajuda da poesia. Lugar esse que só alcançamos por um movimento epifânico, ou seja, pelo salto, pela transformação. Assim, apontamos para um lugar que é lugar nenhum, pois se encontra na travessia, na experiência, na vida como fruição. Lugar estranho, mas que pela sua estranheza aponta para outra possibilidade. No caso da psicologia, isso consiste em pensar, como nos orienta Manoel de Barros, pensar como cuidar as feridas que a vida abriu. Por fim, esse lugar híbrido da Psicologia fenomenológico-existencial sustenta que esse psicólogo, não se quer identidade como a contada por Machado de Assis, que aquele ao se olhar no espelho só se reconhece com a roupagem de alferes; ao contrário, se quer como aquele que nos mostra Guimarães Rosa, que ao se olhar no espelho, vê a criança que em meio a uma névoa recupera a jovialidade da vida.

**Palavras-chaves:** Psicologia Fenomenológico-Existencial; Filosofia da existência; Literatura; Poesia.

**Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.



## 1.8 ESTADOS DA ALMA, CONFLITOS DO SER NO MUNDO: A DIALÉTICA DA EXISTÊNCIA EM GOETHE

Magali dos Santos Moura (UERJ)

Em um dos versos do poema “Anelo abençoado” (*Selige Sehnsucht*), Goethe expressa um paradoxal imperativo que instiga todos aqueles que se perguntam acerca de seu sentido. De forma categórica, o eu lírico destina uma difícil missão à mariposa que, atraída para a luz da vela, acaba por sucumbir a seu desejo fatal: “morre e te transforma!” (*stirb und werde*). De forma enigmática e contundente, se requer a ultrapassagem do maior dos limites, estimulando o leitor, assim como o fizeram diversos críticos literários e filósofos, a refletir acerca do tema da possibilidade ou interdição da transcendência, pois no poema se alude a uma possibilidade de perpetuação do existir para além dos limites da matéria, ou até mais, ali se cristaliza o processo de realização do ser pela afirmação de uma existência puramente metafísica. A insinuação de que a ultrapassagem do limite da vida possibilita o alcance do ilimitado da existência nos leva a tecer algumas considerações sobre a própria complexidade do pensamento goetheano. O processo de transformação do indivíduo sintetizado nesse poema se dá em meio a considerações mítico-religiosas, assim como eróticas, espelhando a ampla teia que envolve a produção poética de Goethe que está em sintonia com intensas observações do mundo de caráter tanto natural-científicas como do âmbito da psicologia, da sociologia e da antropologia. Sabidamente, seus estudos sobre as cores se tornaram fundamento para o desenvolvimento da cromoterapia, especialmente pelo estudo acerca do “Efeito sensível-moral das cores”, inserido em seu livro *Doutrina das cores*. Distante de qualquer transcendência metafísica, o poeta-cientista propõe, com base em uma peculiar fenomenologia, uma relação das cores com a subjetividade, determinando o efeito delas sobre o psiquismo humano. Também nesta obra a complexidade dialética se instaura ao se determinar que a cor surge pela interação polar entre luz e sombra. Também os estudos botânicos sobre a forma (*Gestalt*) e o olhar serão caros aos fundamentos da teoria da Gestalt, sobretudo pela correlação entre a dinâmica interior-exterior, expressa pela distinção dos conceitos de forma e formação (*Bildung*). Essa complexa fórmula do poeta da dinâmica entre o ser e o devir está em estreita conexão com um de seus mais caros temas que é o da metamorfose. A observação do processo de transformação não é o norte apenas para estudos das plantas, ele vale também como diretriz na observação de formações rochosas, de esqueletos de animais, das nuvens e, como não poderia deixar de ser, do próprio ser humano. O homem e suas mudanças, expressas por meio de seus processos interiores que, por sua vez, estão em estreita relação com acontecimentos exteriores, são o mote para vários de suas obras literárias, sendo exemplos mais destacados seus romances *Werther* e *Wilhelm Meister*. O propósito desta apresentação é também um convite para um ato reflexivo por meio dessas obras, tendo como tema o papel do desenvolvimento do processo de autoconsciência construído em íntima relação com o processo de tomada de consciência do mundo: ao construir uma ideia de mundo, pode-se construir uma ideia de si e vice-versa. Aqui se retorna à questão proposta pelo verso-enigma: a formação do eu através daquilo que dele se distingue gera uma metamorfose pela contraparte, da criação da vida pela morte.

**Palavras-chave:** Goethe; fenomenologia; morfologia; literatura.

### Magali Moura

Doutora em Literatura Alemã pela USP, atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo projetos de pesquisa relacionados à temática do

pactário na literatura mundial e também sobre o discurso do maravilhoso em narrativas do romantismo alemão. Além disso, desenvolve projeto de extensão voltado para práticas tradutórias e elaboração de edições críticas, em especial das *Lendas Alemãs*, conforme coletadas pelos Irmãos Grimm. E-mail: [magali.moura@uol.com.br](mailto:magali.moura@uol.com.br)

## 1.9 O AMOR DA ANGÚSTIA

Eduardo da Silveira Campos (IPUB/UFRJ)

Sob a máscara de Vigilius Haufniensis, Kierkegaard diz que na *inocência* o espírito está sonhando. Esse espírito – o fôlego vital que anima a existência – está sonhando, apesar de ser *inocência*, de ser não saber. Mas esse não saber já sabe – sem saber – no instante do sonho que o embala para a pulsão decisiva. Sonhar é querer, e nesse querer já se revela o gosto de algo ainda velado. Contudo, o querer que *quer* ser no sonho do espírito deseja acordar para a própria vida que se é. No sonho, a vida já se ama, já se *vela*, i.e., já se cuida naquilo que não sabe ainda ser. Não existe nessa dinâmica *erótica* qualquer possibilidade de hierarquização entre o amor e a angústia, pois a angústia é a própria vida se querendo. Angústia é a afinação do/no querer que deseja sem qualquer razão de ser; pois o interesse do querer é o ser de toda razão e também de toda desrazão. Por isso, Pessoa diz que Eros busca Psique sem tino, sem qualquer juízo, pelo processo divino que faz existir/aparecer o caminho. O amor é o querer que busca o que na angústia já se re-vela candente. Isso que se vela na angústia se insinua como uma *diferença* que implica a vida no enredo na própria história – da história consigo mesma e com os outros. A vida que se abre sem tino no amor encontra a si mesma no outro, mas esse outro vem a ser imediatamente, na dinâmica de *outrar-se*, apenas o outro do próprio amante, o amante refletido no amado. Nesse encontro que encontra eroticamente o outro, o outro ainda não é uma *diferença*, mas apenas uma referência desdobrada do autor do gesto amoroso. O gesto acolhe, na verdade, o próprio eu no outro sem ainda deixar que o outro seja *outro* na diafaneidade de sua própria alteridade. A angústia, mais que velar um segundo eu amoroso, cria a vida na relação que releva o outro como um primeiro tu. O amor que se dedica à *diferença* dessa alteridade encontra, ao mesmo tempo, a si mesmo como uma alteridade a ser amada, acolhendo-se, não como segundo eu, mas como um primeiro tu, o próximo do qual precisa aproximar-se: a única condição para ser próximo de todos os próximos.

**Palavras-chave:** Amor; angústia; vida.

**Eduardo da Silveira Campos**

Pós-doutorando, Doutor, Mestre e Licenciado em Filosofia pela UFRJ, Pesquisador do Laboratório LAPSO/IPUB/UFRJ, Professor Colaborador no IFEN. E-mail: [campos.es@uol.com.br](mailto:campos.es@uol.com.br)

## 1.10 PESQUISA E FENOMENOLOGIA

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo (UNESP)**

No âmbito da Filosofia Fenomenológica, conforme entendo, pesquisa e fenomenologia se entrelaçam. A Fenomenologia sempre se põe em busca da compreensão que o mundo faz para aquele que o indaga; portanto não parte de pressupostos sobre o mundo e o conhecimento. Mundo é entendido em um sentido amplo, dizendo da realidade – das ciências exatas, naturais, humanas, bem como da religião, das artes etc. - que se busca compreender. Destacam-se nessa afirmação: *buscar a compreensão e não a explicação*. De modo científico, pode-se explicar o crescimento de uma célula, ou de ocorrências atmosféricas ou mesmo econômicas. Porém compreender vai além do explicar. É uma busca pelo sentido subjacente às explicações. Não se trata, portanto, de opor o conhecimento produzido cientificamente a respeito dos aspectos naturais da realidade e conhecimento da vida, tal como vivenciada em suas muitas facetas. Trata-se de compreender do que os conhecimentos assim produzidos falam do mundo e da importância dos desdobramentos que incidem na ciência aplicada, olhando-os sempre de modo indagador. Sendo assim, esse movimento pela busca do sentido pode se dar no âmbito de qualquer área do conhecimento. É uma postura assumida de não se aceitar verdades objetivamente dadas, buscando esclarecer do que falam mediante explicações sucessivas. Porém, de realizar um pensar que visa à compreensão do que se mostra em seu modo de mostrar-se. De uma perspectiva mais específica, agora focando a própria fenomenologia, entendida como uma corrente filosófica, a pesquisa qualitativa encontra em seu modo de ver o mundo uma possibilidade de compreender a lógica que a subjaz. Essa afirmação solicita aprofundamento da compreensão, tanto da pesquisa qualitativa, quanto da fenomenologia.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Pesquisa Qualitativa; Filosofia.

### **Maria Aparecida Viggiani Bicudo**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista. Pesquisadora 1-A do CNPq. Presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos ([www.sepq.org.br](http://www.sepq.org.br)). Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Fenomenologia em Educação Matemática. Autora de livros, de capítulos de livros e de artigos em periódicos. Site: [www.mariabicudo.com.br](http://www.mariabicudo.com.br). E-mail: [mariabicudo@gmail.com](mailto:mariabicudo@gmail.com)

## 1.11 PSICANÁLISE EXISTENCIAL: A AUTÓPSIA SARTRIANA DO EREMITA DE CROISSET

Deise Quintiliano Pereira (UERJ)

Nas interlocuções da Psicologia com a Filosofia, interessa-nos lançar luz sobre o conceito sartriano de “psicanálise existencial” – método que tem por objetivo compreender a constituição psíquica de um indivíduo a partir da realidade socio-histórica na qual se encontra inserido. O caso concreto sobre o qual Sartre se debruça no minucioso esforço de demonstração do seu tratado é Gustave Flaubert, pedra angular a partir da qual, nas quase três mil páginas de análise escritural, o filósofo tentará responder à obsessiva pergunta: “o que podemos saber de um homem hoje?”. Tendo consumido mais de uma década de estudo, pode-se considerar que os três tomos de *O idiota da família* constituem a abordagem mais original e a análise mais monumental incidente sobre a vida e a obra de Flaubert. O método utilizado será o “progressivo-regressivo”, que visa a desentranhar os aspectos dialéticos entre o individual e o social, na compreensão dos indivíduos e de seus projetos ancorados na História. Regressivo, o método situa o indivíduo numa situação objetiva de partida; progressivo, tenta capturar o projeto ultrapassando essas condições em direção à finalidade que lhe concede sentido. Nesse contexto, compreenderemos a emergência do escritor Flaubert que, excluído do mundo das letras na infância, criará sua própria linguagem para se comunicar. O menino Gustave resiste a todas as incursões dos que se lançam no difícil propósito de lhe ensinar a ler. Apontado como incapacitado: “você será o idiota da família”, escolherá a passividade e a inércia como meio de se adaptar a um mundo que se lhe apresentava como execrável. Agindo como um ator, o menino mergulha no mundo imaginário da representação, tanto em sua vida quanto em seus projetos, e são as condições dessa neurose que determinarão a profunda crise que atravessará entre trinta e sete e quarenta e quatro anos. Sartre analisa minuciosamente os sintomas da histeria de Flaubert, como uma lenta construção, a partir da neurose, de uma resposta do indivíduo às tensões e opressões do mundo que Gustave julga insuportáveis. Assim sendo, Flaubert encarnará a máxima sartriana expressa no estudo de Jean Genet, numa comprovação explícita de que: “o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos daquilo que fizeram conosco”.

**Palavras-chave:** Sartre; Flaubert; Psicanálise Existencial.

### Deise Quintiliano Pereira

Profª Titular de Letras Francesas do ILE/UERJ. Doutorado em Letras Neolatinas pela UFRJ/EHESS. Pós-doutorado em Letras (UFRGS/2010) e (Université de Paris 8/2013). Bolsista do programa Capes-Sênior-Pós-Doutorado-Exterior. Professora/Pesquisadora do Programa Prociência e do PPGL (UERJ). Coordenadora do Projeto LETI/UnATI (Universidade Aberta da Terceira Idade). Membro do GES de Paris desde 2001. Líder do Gr-pesq (Grupo de Estudos Sartrianos) do CNPq. E-mail: [deisequintiliano@uol.com.br](mailto:deisequintiliano@uol.com.br)

## **1.12 REVISITANDO UM PAI FUNDADOR: ATUALIDADE DA NOÇÃO DE PROJETO-DE-MUNDO NA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL**

**Victor Amorim Rodrigues (ISPA – Portugal)**

Um dos pais fundadores da psicoterapia existencial – Ludwig Binswanger – foi justamente criticado por Martin Heidegger por excesso de formalismo e má compreensão da analítica existencial. Apesar destes reparos algumas contribuições de Binswanger, por estarem baseadas na sua experiência clínica, são, ainda hoje profícuas para uma interpretação do sofrimento apresentados pelos nossos pacientes na clínica psicoterapêutica. É precisamente o caso da psicopatologia tanto neurótica como psicótica em que a noção de projeto-de-mundo, apresenta um elevado valor heurístico e permite o des-velamento do modo de ser-no-mundo do paciente, a partir do qual se torna clara a origem da estrutura essencial da experiência psicopatológica. Retomando o já celebre caso apresentado por Binswanger da menina que quebrou o tacão enquanto patinava, também comentado por Heidegger, apresenta-se uma interpretação alternativa, rigorosamente respeitadora do método fenomenológico, que permite iluminar o seu projeto-de-mundo e identificar, como acontece com toda a Psicopatologia, quais os dados da existência, negados, escamoteados ou escotomizados e que consequências daí advêm. É também apresentada uma via psicoterapêutica, nestes casos, a partir do questionamento dos pressupostos do projeto-de-mundo, uma vez identificados pela análise existencial.

**Palavras-chave:** Binswanger, projeto-de-mundo, análise existencial.

### **Victor Amorim Rodrigues**

Médico psiquiatra, professor universitário e psicoterapeuta. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, Pós-Graduado em Psiquiatria e Psicologia Forenses pelo Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Mestre em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa e Doutor em Psicologia pela Universidad de Extremadura. Docente no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA) desde 1991, onde ensina Psicopatologia e Psicologia Fenomenológica. Tem a Especialidade de Psiquiatria, Subespecialidade de Psiquiatria Forense e Competência em Avaliação do Dano pela Ordem dos Médicos. Foi Presidente do Conselho Científico e é o atual Presidente da Federação Portuguesa de Psicoterapia (FEPPSI) e Presidente do Conselho de Ensino da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE).

## **2 PALESTRAS**

## 2.1 A ANTROPOFAGIA DE OSWALD DE ANDRADE COMO BASE PARA UMA FENOMENOLOGIA DECOLONIAL BRASILEIRA

**Maíra Mendes Clini (USCS/Sedes Sapientiae)**

A psicologia de perspectiva fenomenológica, hermenêutica e existencial parte de estudos da filosofia fenomenológica para fundamentar sua prática clínica. Sabemos, porém, que esses estudos se mostram mais desconstrutivos do que propositivos, uma vez que a fenomenologia, em todas as suas vertentes, não oferece uma teoria para ser aplicada, e nos ensina, incessantemente, a suspender os conceitos prévios para que possamos abrir espaço para o fenômeno se mostrar, a partir de si próprio. No gesto profissional da psicóloga e do psicólogo, há sempre uma ação de situar a fenomenologia a partir do horizonte de significados que se mostra em cada contexto existencial. Esse gesto, tão cotidiano para os/as profissionais da psicologia, deve ser validado como uma fenomenologia que parte do nosso território, e que já não é uma fenomenologia genérica ou mesmo européia. Para construir uma fenomenologia decolonial brasileira, situada em nosso solo e em nossa realidade fática, é preciso desconstruir uma série de cacoetes que a metafísica ocidental, de origem eurocentrada, nos delegou. Os precursores da fenomenologia, como Husserl e Heidegger, abrem caminho para essa desconstrução, mas o movimento precisa ser completado, a cada vez, por cada uma e cada um de nós. Para nos ajudar nessa tarefa, conclamo a antropofagia de Oswald de Andrade, filósofo brasileiro que fundamenta o ato de transformar todos os saberes que vem de fora em nossos, através do gesto antropofágico. O gesto clínico dos/as profissionais ligados à área de atuação da psicologia faz esse movimento, a cada encontro profissional, mesmo sem assim o nomear. A antropofagia nunca é apenas um pensamento conceitual, ela carece de virar ação para se consagrar. O pensamento de Oswald de Andrade nos ajuda a legitimar esse movimento. A antropofagia de Oswald se inspira na antropofagia dos povos originários, como os Tupinambás por exemplo, que devoravam, em forma de grandes rituais, seus inimigos apresados em combate. Esse ato visava incorporar a braveza e as características admiráveis do inimigo na própria carne. A antropofagia de Oswald nasce dentro do movimento modernista brasileiro, mas extrapola-o, abrindo espaço para muitas outras desconstruções e assimilações. Essa comunicação visa apresentar os principais pontos da filosofia antropofágica oswaldiana, articulando-a com o gesto que a psicologia de perspectiva fenomenológica gesta na clínica.

**Palavras-chave:** fenomenologia existencial; fenomenologia hermenêutica; antropofagia; psicologia clínica; decolonialismo.

### **Maíra Mendes Clini**

Psicóloga graduada pela PUC-SP, mestre e doutora pela USP. Pós-doutoranda em filosofia pela UERJ. Professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e coordenadora do curso Fenomenologia Crítica do Sedes Sapientiae. Atua como psicóloga clínica e supervisora, sob a perspectiva fenomenológica e hermenêutica. E-mail: [mairamc@yahoo.com](mailto:mairamc@yahoo.com)



## **2.2 A INTERPRETAÇÃO DE SONHOS NA TERAPIA DASEINSANALÍTICA – A ANÁLISE DE SONHO DE UMA MOÇA SENDO PERSEGUIDA**

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)**

Este estudo objetiva apresentar a proposta de Medard Boss para o uso da interpretação de sonhos na terapia. O daseinsanalista propõe aos sonhos também um papel central no processo psicoterápico: são a possibilidade de aproximação na clareira de mundo de entes e possibilidades existenciais que não estão podendo aparecer em vigília. Ou seja, o mundo onírico possibilita a aproximação de relações-de-mundo ainda não apropriadas em vigília. Esta concepção está articulada com o entendimento de *ek-sistência*, o *ai*, clareira de mundo aberta e estendida na qual o que é pode mostrar-se. Começo narrando o sonho de uma paciente. Trata-se de uma mulher de quase 30 anos, com histórico de medo de homens e que traz para a terapia um sonho no qual homens a perseguiam para roubar-lhe o dinheiro que usaria para comprar óculos e que carregava na sua bolsa. Para contextualizar o sonho como parte de sua biografia, preciso contextualizar a história de vida e da terapia na qual o sonho é analisado. A seguir, apresento minha interpretação fundamentada na Daseinsanalyse de Boss dos fenômenos oníricos. Para o autor, a análise fenomenológica deve se ater estritamente aos entes que aparecem no sonho, pois eles são tal como se apresentam. Enquanto estava no mundo onírico, aquela era sua vivência. Desperta, ganha a possibilidade de desdobrar as significações dos entes oníricos. A comunicação segue explicando as intervenções sugeridas por Boss na terapia daseinsanalítica. 1) pode-se indagar o que a paciente entende de seu sonho; 2) pode-se perguntar se agora que está desperto consegue entender melhor do que no sonho as significações vistas lá; 3) pode-se narrar outra vez o sonho ao sonhador, de modo que ouça a experiência que acabou de contar e possa ganhar clareza quanto ao seu comportamento nas relações de mundo onírico; 4) pode-se perguntar se começa a perceber em si aspectos análogos aos do mundo onírico; 5) pode-se indagar o paciente até quando resistirá a deixar serem os entes de outros modos e a experimentar outros modos de relação com eles. Discute-se o caminho efetivamente percorrido na terapia que ilustra esta comunicação e explora-se, hipoteticamente, as outras possibilidades. Por fim, conclui mostrando como as experiências oníricas formam uma continuidade existencial com aquelas em vigília.

**Palavras-chave:** Daseinsanalyse; sonho; Medard Boss.

### **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Professor do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sub-coordenador do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da UFMG. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela PUC-SP. E-mail: [pauloevangelista@ufmg.br](mailto:pauloevangelista@ufmg.br)

## 2.3 A CLÍNICA COMO SABEDORIA PRÁTICA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA *PHRÓNESIS*

Alessandro de Magalhães Gemino (UERJ)

O objetivo deste trabalho consiste em propor uma reflexão sobre a possibilidade de pensar a atenção clínica como um convite contemporâneo ao que os gregos chamaram de “*phrónesis*”. Autores como Pierre Aubenque, Pierre Hadot, Michel Foucault, Hans-Georg Gadamer, Hans Jonas e Martin Heidegger são vistos aqui como fontes importantes do campo filosófico, de modo a permitir uma articulação proveitosa com as práticas clínicas, especialmente por oferecerem diferentes interpretações ao termo original grego. A partir desse horizonte, considera-se que a atenção clínica se dá em diferentes cenários que tornam a formação um tema de debates constantes entre aqueles que experienciam a escuta como um fenômeno a ser considerado fundamental. Se o “setting” e/ou consultório ainda persistem no imaginário como território privilegiado de atuação para futuros profissionais, a realidade do campo profissional, particularmente nos últimos vinte anos, mostra que a atenção clínica psicológica é importante em distintos contextos no campo da saúde pública. Ambulatórios, enfermarias, unidades de tratamento intensivo, cuidados paliativos, além de convites à atuação em dispositivos primariamente interdisciplinares como interconsultas e matriciamento, por exemplo, apresentam à formação um convite incessante para a reinvenção. Neste sentido, investigar os múltiplos sentidos do termo “*phrónesis*” apresenta-se aqui como um caminho hermenêutico potente de modo a ampliar os debates tanto sobre a formação quanto a atuação dos profissionais de psicologia em distintos contextos. Pensar a atenção clínica como um exercício contemporâneo da “*phrónesis*” pode auxiliar nas reflexões sobre a formação e atuação clínica. Prudência, sabedoria prática, *know-how*, conhecimento tácito, *expertise*, termos apresentados como possíveis traduções para o termo original grego são apresentados como possibilidades de aberturas de sentido de mundo em relação ao cuidado em saúde. Desse modo, como objetivo específico, o que se busca desenvolver é uma leitura crítica sobre as possibilidades e limites da atuação clínica em diferentes contextos de práticas, de modo a contemplar perspectivas de discussões sobre a formação levando-se em conta exigências mais específicas como interprofissionalidade, conhecimento sobre as articulações políticas da saúde pública no SUS, pré-requisitos para a formação clínica e o próprio modo de relação com a produção de conhecimento no campo da saúde visando a transversalidade.

**Palavras-chave:** clínica; sabedoria; formação.

### Alessandro de Magalhães Gemino

Apresentação: Graduação e mestrado pela UFRJ, doutorado pela UFF e professor adjunto do departamento de psicologia clínica da UERJ. É supervisor de equipe no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA/UERJ), atua nos programas de especialização/modalidade residência vinculados ao Instituto de Psicologia/UERJ, além de participar como professor/tutor do PET-SUS/Interprofissionalidade. E-mail: [alessandrogemino@gmail.com](mailto:alessandrogemino@gmail.com)

## 2.4 A COMPREENSÃO DO AMOR SEGUNDO BINSWANGER E WINNICOTT

**José Paulo Giovanetti (UFMG/FAJE)**

Ludwig Binswanger (1881-1966), fundador da Daseinsanalyse, foi amigo de Freud e teve nos pensadores Husserl e Heidegger dois pilares na construção de sua psiquiatria fenomenológica. Ele apresenta as formas fundamentais do Dasein, acrescentando a compreensão do amor (Liebe) como um modo de existência mais específico do cuidado (Sorge) de Heidegger. A abordagem antropológica do Dasein, diferente da compreensão ontológica do Ser de Heidegger, serviu como uma fundamentação filosófica para o seu trabalho na psiquiatria. Esse modo de ser evoca a co-existência do “Mitsein” desenvolvida por Heidegger. Nossa reflexão se debruçará sobre a estruturação *espacial e temporal* da presença humana do “modus amoris”, onde a relação eu-tu se funda no “nós”, o modo mais profundo da existência, modalidade fundamental do ser humano. Aqui, se realiza a autêntica relação Eu-Tu, na qual o modo de ser do amor se experiencia no “dois em um”, a vivência mais radical da existência humana. Abordaremos também a reflexão de Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra inglês com formação em psicanálise e influenciado pelo existencialismo, que nos oferece uma abordagem do existir humano onde desvela os primórdios da complexa trama humana sobre o amor, a qual nos mostra o desenvolvimento da experiência amorosa no dia a dia, isto é, o jogo de forças implicados no encontro amoroso. O autor analisa as raízes da experiência amorosa que terá seus desdobramentos na vida adulta. Destacamos dois momentos específicos: vivência do amor primário na fase da dependência absoluta e as modalidades da experiência do amor na fase da dependência relativa. As duas reflexões nos possibilitam uma compreensão filosófico-psicológica de uma das experiências mais ricas da vida humana, que é o encontro amoroso.

**Palavras chaves:** Binswanger; Winnicott; fenomenologia; amor.

### **Jose Paulo Giovanetti**

Filósofo e psicólogo, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em psicologia pela Univerité Catholique de Louvain, Professor aposentado da UFMG e professor titular da FAJE (Faculdade dos Jesuítas), autor de vários artigos e livros. E-mail: [jpgiovanetti@terra.com.br](mailto:jpgiovanetti@terra.com.br)

## 2.5 A DASEINSANALYSE E A PSICOTERAPIA

Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP)

Na presente apresentação pretendemos expor e problematizar alguns aspectos que costumam caracterizar a psicoterapia daseinsanalítica como a compreensão do paciente pelo terapeuta, o objetivo da psicoterapia e a relação terapêutica, utilizando pequenos relatos de casos clínicos. Lembramos, inicialmente, que o uso do termo *Daseinsanalyse* para a psicoterapia é uma indicação do próprio filósofo Martin Heidegger nos Seminários de Zollikon conforme podemos verificar nos Seminários de 26 de novembro de 1965. Assim, a psicoterapia daseinsanalítica baseia-se na explicitação heideggeriana do existir humano como *Dasein* e *ser-no-mundo*, descritos no livro *Ser e Tempo* (1927), para a compreensão do existir do paciente. Segundo Heidegger, a *Daseinsanalyse Clínica* refere-se à análise dos fenômenos fatuais, que se mostram em cada caso na relação analista e analisando. Ela é a descrição dos fenômenos que se mostram em um *Dasein* particular, no âmbito da atuação clínica. O filósofo destaca que cada fenômeno que surge no contexto terapêutico deve ser discutido em sua pertinência ao *paciente concreto* em questão, e não ser simplesmente subordinado e subsumido aos existenciais. Isto significa que os fenômenos concretos e singulares são experienciados e tratados à luz do ser-homem como *Dasein*, mas eles são compreendidos a partir do paciente específico em questão que também está situado num contexto específico da existência histórica do homem contemporâneo. Em resumo, a experiência do paciente é compreendida à luz do projeto do ser-homem como *Dasein*, mas essa compreensão sempre se refere, em cada caso, ao paciente específico e singular no contexto terapêutico. O objetivo principal do trabalho psicoterápico é favorecer a aproximação e a compreensão do paciente de sua própria experiência. Para isto, muitas vezes, é necessário ajudar o paciente, inicialmente, a aceitar o modo como está podendo viver neste momento de sua vida, dado que a compreensão de si mesmo se apresenta, com muita frequência, de modo confusa, encoberta e ameaçadora. Desse modo, a atitude terapêutica deve favorecer que o paciente possa ser na situação terapêutica do modo que ele está podendo ser neste momento da sua vida: imaturo, dependente ou distanciado dele mesmo. A relação terapêutica é pensada com base na explicitação heideggeriana dos modos de ser-com-o-outro, que Medard Boss denomina como um cuidar antecipativo em oposição ao modo substitutivo, pois o analista não deve substituir o paciente em seus encargos, mas procurar devolver-lhe o que tem que ser cuidado. Esse modo de cuidar favorece que o paciente se torne transparente para si mesmo e livre para sua existência.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Daseinsanalyse; Martin Heidegger.

### Ida Elizabeth Cardinalli

Psicóloga clínica, Professora do Curso de Graduação em Psicologia e do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP. Atualmente, diretora da Clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic", PUC/SP. Membro efetivo da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD). Autora dos livros: "Daseinsanalyse e esquizofrenia" e "Transtorno de estresse pós-traumático - uma compreensão fenomenológico-existencial da violência urbana". E-mail: [icardinalli@pucsp.br](mailto:icardinalli@pucsp.br)

## 2.6 A DESPERSONALIZAÇÃO DE G.H.

**Eduardo da Silveira Campos (IPUB/UFRJ)**

Em *A Paixão segundo G. H.* há o tentame de um espanto. A autora, Clarice Lispector, é um nome que desfalece sob os vestígios de um nome que assina sem assinar, subscrevendo a própria *paixão* com iniciais que marcam apenas um finado. O índice do nome que revela a identidade do espantado são as iniciais G. H.: iniciais de um tentame, procurando dizer o próprio nome, como o balbuciar daquele que não consegue mais dizer quem se é, porque não encontra mais para si um nome que possa definir a liberdade de sua *angústia*. O G. e o H. são vestígios de alguém que está perdendo o nome de uma impostura, porque está sendo iniciado fatalmente no mundo, no mistério do mundo como o mistério da própria existência. O que há, então, é o sentido da própria vida sendo, vindo a ser, antes que qualquer eu pretenda assumir a farsa de uma pessoa, reivindicando o próprio nascimento sob a fixação de uma *persona*. Se há apenas o desfazimento de um nome, desconstruindo-se, deixando vestígios de suas iniciais como espólios de um morto, o que pode haver da pessoa e de sua *persona* na obra *A paixão segundo G. H.*? Não há nada, ou melhor, há o *nada* de alguém, sentido pela autora como a flagrante presença de uma ausência, como uma *água vida* que nos escoia como o instante-já fugidio que somos; e é por isso que toda a obra se mostra como o exercício daquilo que G. H. chama de “despersonalização”, o único gesto do qual o autor/criador é capaz. Despersonalizando-se, a autora Clarice torna-se a co-autora e personagem G. H., desfazendo-se em sua paixão, refazendo-se sob ação da própria poética. G. H. vive, por sua vez, de maneira aguda e vibrante, a mesma dramática da despersonalização que se inicia com a impossibilidade de um nome, a impossibilidade da primazia de um eu. A impossibilidade da fixação de um eu engendra toda obra, desprendendo-se, inclusive, da máscara afivelada como iniciais de um vestígio. Iniciais que, ao fim e ao cabo, sem rosto e voz, pode apenas *adorar*.

**Palavras-chave:** Despersonalização; angústia; criação.

**Eduardo da Silveira Campos**

Pós-doutorando, Doutor, Mestre e Licenciado em Filosofia pela UFRJ, Pesquisador do Laboratório LAPSO/IPUB/UFRJ, Professor Colaborador no IFEN. E-mail: [campos.es@uol.com.br](mailto:campos.es@uol.com.br)

## 2.7 A EXPERIÊNCIA CLÍNICA COM CLARICE OU... UM LISPECTAR CLÍNICO

**Renata Ferreira de Azeredo**

A partir de uma perspectiva existencial, percebemos o homem como ser que é sempre abertura pré-compreensiva. As interpretações que ele faz do mundo já são tematizações do que lhe é pré-compreendido. Nesse sentido entendemos o homem como o ente que acolhe o sentido das, com as e pelas, coisas. Ocorre que em nosso horizonte epocal, que é marcado por uma forma de pensar, na qual o homem vê a si mesmo como condutor das manifestações do ser dos entes, vemos como reinante um destinar imperativo para o ser das coisas. Esse posicionamento finalístico pode formatar uma lida existencial que oculta outras possibilidades de co-habitar mundo. Ao se articular existencialmente ao modo da técnica moderna, não velando pelo deixar vir à presença o ser dos entes, o homem oculta o experienciar enquanto abertura do ser e reforça um único modo de desvelamento, marcadamente utilitarista. Isto traz desdobramentos para seu modo de estar e de se relacionar com mundo, um deles é o esquecimento, pelo homem, do caráter de abertura de seu ser. E é - dentre outras possibilidades-, pela literatura, que acenamos para um caminhar meditativo, tonalizado por uma outra forma de relação com o ser dos entes, não mais dominado pela visão utilitária. O encontro com a obra de Clarice Lispector pode convidar o(a) leitor(a) a abrir uma outra janela, num contínuo vir à luz de possibilidades de relação com a vida. Reaproximando-o(a) do vigor de experienciar a manifestação do que se oculta, sem um para quê definido, mas em conexão com a *poiesis*, em sua arte de deixar vir à presença a verdade (*aletheia*) do ser. Por isso vemos a literatura como amiga da clínica psicoterapêutica, neste cuidado (*therapéia*) de alma (*psyché*). E, especialmente aqui, por entre trechos de textos de Clarice Lispector-, poder passear e, eventualmente, fazer uma paragem sobre algumas das reflexões desta autora, como forma de contribuir para a retomada de um modo de ser afinado à *poiesis*, à experiência de deixar que algo apareça. Um des-velar-se que não é intromissivo ou conduzido por uma finalidade objetivada, mas um deixar-vir à manifestação do ser de algo em sua verdade (*aletheia*) e liberdade. Ao oportunizar que vida brote sob outra atmosfera, fazendo nascer um novo olhar, abrindo olhos que só viam um único sentido, Clarice se aproxima da clínica em uma experiência de nascimento, de abertura, de ganhar um ver, que pode também ser psicoterapêutico, como um cuidado da alma.

**Palavras-chave:** Clínica Existencial; Clarice Lispector; Experienciar;

**Renata Ferreira de Azeredo**

Psicóloga, Mestra em Saúde Coletiva e Doutoranda em Psicologia Social, UERJ.

## 2.8 PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: DO NASCIMENTO AOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Tommy Akira Goto (UFU)

Desde o nascimento da psicologia científica surgiram diversas teorias que descrevem o desenvolvimento psicológico humano, principalmente o infantil. Embora essas teorias tenham sido bem recebidas nas práticas psicológicas e até estabelecidas na compreensão geral de outras áreas, elas têm também gerado debates acirrados e disputas entre si, principalmente pelas suas diferenças conceituais, epistêmicas e metodológicas, muitas vezes discrepantes, mas que paradoxalmente se referem a um mesmo ser humano. Na tentativa de superar as contradições em que se encontram essas teorias, pensa-se aqui em recomençar por uma outra psicologia do desenvolvimento infantil, pela análise originária do psiquismo humano, porém a partir da Psicologia Fenomenológica, elaborada por Edmund Husserl (1859-1938), que visa esclarecer a natureza da vida psíquica desde o método fenomenológico, descrevendo suas estruturas subjetivas psíquicas e os modos de consciência psíquica (vivências intencionais). Pensa-se ainda em desenvolvê-la, não apenas como uma psicologia do desenvolvimento teórico-empírica, como são as psicologias modernas com suas leis naturais e gerais, diferentemente o que se almeja é uma psicologia pura, ou seja, uma psicologia científica *a priori* do subjetivo psíquico, uma ciência universal da subjetividade psíquica que, como elaborou Husserl (1925/2001), pode alcançar generalidade eidética das estruturas vivenciais intencionais psíquicas. Procedendo assim, a presente exposição tem por objetivo evidenciar, a partir das iniciais descrições fenomenológicas de Husserl (1935/2017) da “criança originária”, a possibilidade de uma “psicologia fenomenológica do desenvolvimento infantil”, onde são descritas genética e eideticamente características da vivência psíquica infantil, que vão das estruturas fundantes passivas, instintivas, inconscientes da “primeira infância” (eu originário, horizonte originário, protointencionalidade, protocinestesias, protosentimentos, protohylética, protointintos) às estruturas fundadas ativas, conscientes, motivadas da “segunda infância” (eu, horizonte de mundo, hyléticas, cinestesias, intencionalidades, sentimentos, primeira empatia, comunicação). Ademais, com essa Psicologia Fenomenológica, baseada na “orientação personalista”, poder-se-á explorar empiricamente como o desenvolvimento psicológico inicial da vida humana significa, sobretudo, um despertar da vida de sentido, onde toda a vida desperta (consciente) é vida de motivação e ação (passiva e ativa). O desenvolvimento psicológico originário, infantil, por assim dizer, não se reduz apenas aos processos psico-orgânicos e comportamentais, mas fundamentalmente se orienta aberta e livremente em direção a uma outra ordem, a de uma “ideia-fim”, ou seja, com metas intersubjetivas, relacionais-amorosas, comunitárias, culturais, éticas religiosas e etc. A criança originária desperta com os outros viventes, deixa de estar abandonada passiva e não-livremente aos seus impulsos e tendências, assumindo cada vez mais o seu modo peculiar de ser que é agir, pensar, valorar, julgar, intervir no mundo a partir do seu eu-centro, como pessoa livre.

**Palavras-chave:** infância, método fenomenológico, Edmund Husserl, inconsciente.

### Tommy Akira Goto

Brasileiro. Professor da Pós-graduação em Psicologia e da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Psicologia (PUC-Campinas, 2007), Mestre em Filosofia e Ciências da Religião (UMESP, 2002), Presidente e membro-fundador da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE); Membro-colaborador do Círculo Latino-americano de Fenomenologia

(CLAFEN); Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH). E-mail: [prof-tommy@hotmail.com](mailto:prof-tommy@hotmail.com)



## 2.9 A PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA NA ORIENTAÇÃO HUSSERLIANA: REFLEXÕES E RETORNO AOS FUNDAMENTOS

Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA)

As intenções centrais são apresentar e ratificar a relevância dos fundamentos da Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica elaboradas por Edmund Husserl ratificando a importância destes fundamentos na atuação do psicólogo clínico no exercício da psicoterapia. A atitude e o método fenomenológico voltados para a compreensão dos fundamentos husserlianos nas obras originais foi o caminho escolhido. A Psicoterapia enquanto uma das modalidades de Psicologia Clínica, tem sua importância maior enquanto relação de ajuda quando a intropatia, a escuta suspensiva, a intersubjetividade, a temporalidade, o cuidado, o respeito ao tempo da pessoa atendida em acessar suas vivências e permitir o acesso ao seu mundo da vida são elementos centrais para o (des) cobrimento dos fenômenos que emergem no *setting terapêutico*. A suspensão de *a priori* teóricos, técnicos, visões de mundo, realidade e sociedade é o primeiro passo para que o campo fenomenológico do agora se torne evidente para ambos. Se perceber percebendo a coisa percebida no momento em que se percebe, sendo capaz de, por meio da clarificação dos sentidos encobertos na vivência uma intenção primordial da psicoterapia na orientação husserliana. A consciência das intenções, o reconhecimento do outro como semelhante, mas não idêntico são condições essenciais que o psicoterapeuta de orientação fenomenológica husserliana segue numa atenção concentrada daquilo que emerge, como emerge e para quem emerge, preservando a pureza da manifestação fenomênica. Para efeito deste trabalho, não é relevante e nem central a manutenção do preconceito dirigido a Edmund Husserl sobre sua não atuação clínica, mas é imprescindível considerar e acentuar que suas contribuições foram e ainda são essenciais para conversão fenomenológica e para o exercício clínico. Husserl se debruçou e dirigiu à Psicologia com grande dedicação, deixando um projeto de Psicologia Fenomenológica. Cabe hoje aos psicólogos, no exercício das diferentes modalidades de Psicologia Clínica, dentre elas a Psicoterapia, dar continuidade e atualização ao projeto de uma psicologia pura, intencional, ou seja, pautada no fenômeno em sua pureza, sem aportes apriorísticos de qualquer ordem e sendo capaz de investigar e evidenciar a verdade tal como ela emerge na relação intersubjetiva. Em suas obras *A ideia da Fenomenologia*, *A Filosofia como ciência de rigor*, *Meditações Cartesianas*, *Ideias I*, *Lições para um Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo*, *Psicologia Fenomenológica* e *Sobre a Intersubjetividade* são apresentados fundamentos desconhecidos pela maioria dos psicólogos e que são essenciais para conversão da atitude natural para atitude clínica fenomenológica. Considerar, os ensinamentos husserlianos de voltar às coisas mesmas e de ter consciência que tem consciência de algo no tempo são pedras angulares da fenomenologia enquanto atitude intelectual e método de rigor. Por fim, o psicoterapeuta na orientação fenomenológica husserliana, munido da atenção concentrada, da escuta suspensiva, do ato empático e do retorno aos fenômenos puros será capaz de investigar clinicamente o quê, como, quando e qual sentido tem um ou mais fenômenos para a pessoa atendida. A releitura das husserliana e a auto avaliação e psicoterapia capacitam o psicoterapeuta ao exercício coerente, ético e comprometido com a análise intencional pura dos fenômenos em questão.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Fenomenologia; Husserl; conversão; Psicologia Clínica.

**Jean Marlos Pinheiro Borba**

Psicólogo CRP 22/009994, Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMA na linha Clínica e Avaliação Psicológica. Pós-doutor em Filosofia (IFCS/UFRJ), Doutor em Psicologia Social (UERJ). Líder dos Grupos de Estudos e Pesquisas em: a) Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica e b) Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais – GEPPSIAA's e, c) Círculo de Estudos Husserlianos – CEH. E-mail: [jean.marlos@ufma.br](mailto:jean.marlos@ufma.br); [profjeanmarlos@gmail.com](mailto:profjeanmarlos@gmail.com)

## 2.10 A TENSÃO ENTRE A FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA E A APLICAÇÃO NÃO-FILOSÓFICA: O CASO DA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Adriano Furtado Holanda (UFPR)

Victor Luís Portugal Clavisso (Georg-August Universität Göttingen, Alemanha)

Husserl e outros autores da preocuparam-se em oferecer uma ciência transcendental que buscasse rigorosamente identificar as estruturas da experiência subjetiva bem como a natureza do conhecimento; não surpreende que também outras disciplinas se interessassem em conhecer e aplicar suas propostas e resultados, desenvolvendo assim caminhos metodológicos de investigação e perspectivas epistemológicas. Este debate, que desde os primórdios da Fenomenologia já toma forma, é atualizado em discussões tanto na psicopatologia fenomenológica contemporânea como na pesquisa qualitativa. O presente trabalho busca primeiramente apresentar a tensão existente ao longo do movimento fenomenológico acerca da possibilidade, validade e utilidade da fenomenologia fora da filosofia fenomenológica. Em seguida, argumentamos, a partir dos exemplos de Jaspers, que é possível oferecer razões suficientes para justificar tanto a possibilidade de uma aplicação não-filosófica da fenomenologia bem como sua proficuidade. Não cremos que os propósitos da filosofia fenomenológica sejam os de estabelecer e fornecer um *framework* para outras disciplinas. Reconhecemos as particularidades e peculiaridades dos projetos filosóficos de autores como Husserl e Heidegger e, a despeito das aproximações, não se pode constituir linearidades entre o pensamento fenomenológico e as diversas apropriações deste. Uma concepção mais compreensiva da ciência fenomenológica e de seu debatido histórico mostram que seus resultados e possibilidades apresentam-se frutíferos para as ciências, as quais hoje contrapõem-se à diversas formas de reducionismo em diversos campos dentro e fora da filosofia. Embora o principal objetivo da fenomenologia de fato seja marcado por seu caráter transcendental, anti-naturalista e anti-psicologista, o qual apenas com um método específico poderia atingir um novo campo de investigação que possibilitasse uma fundação apodítica da filosofia, e embora isso seja verdadeiro para a filosofia, cremos que tal cenário se torna bastante questionável se tal método (aquele utilizado na filosofia fenomenológica) deveria necessariamente ser utilizado no contexto não-filosófico. Jaspers, de forma alguma, fez um uso ortodoxo do método fenomenológico; mesmo assim, fez uso profícuo deste como apreciação das descrições internas da experiência. Por fim, não cremos numa “redução” da fenomenologia à ciência, nem entendemos que o objetivo da fenomenologia enquanto filosofia fenomenológica não é exatamente aquele para o qual foi originalmente pensada, qual seja, estabelecer uma contraposição epistemológica crítica a partir de um retorno transcendental à consciência em relação com o mundo: isso permanece verdadeiro para uma filosofia transcendental, que deve ser elevada apenas enquanto Fenomenologia. Entretanto, em favor da riqueza e das várias consequências da fenomenologia para as demais ciências, ela toca temas que podem oferecer grandes contribuições às disciplinas não-filosóficas. Finalmente, no esteio do que foi previamente argumentado, cremos que o retorno ao rico histórico da relação entre fenomenologia e psicopatologia e psiquiatria, em conjunto com a atualização acerca da pesquisa contemporânea em fenomenologia aplicada, pode oferecer modos de contrapor-se, hoje, aos diferentes tipos de reducionismo da consciência e da existência humana, bem como oferecer proposições que façam um uso diverso (porém correto) da ciência fenomenológica, inspirando-se no rigor e no cuidado para com aquilo que faz.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Psicopatologia Fenomenológica; Karl Jaspers.

**Adriano Furtado Holanda**

Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia, Professor dos Programas de Pós-Graduação de Psicologia e de Educação na Universidade Federal do Paraná. Membro Colaborador do Circulo Latino Americano de Fenomenologia, Coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade e do Grupo de Trabalho Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos na ANPEPP. Editor-Chefe da revista Phenomenology, Humanities and Sciences e da Revista da Abordagem Gestáltica. E-mail: [aholanda@yahoo.com](mailto:aholanda@yahoo.com)

## 2.11 ANÁLISE DE VIVÊNCIAS COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

**Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA)**

A interação homem-animal destacou-se no meio científico e profissional com a emergência das Intervenções Assistidas com Animais – IAA's, em especial na atualidade da pandemia mundial que impõe distanciamento físico e isolamento social. A literatura científica ratifica a relevância e os cuidados desta interação como afeto catalisador e efeito terapêutico. A intenção central foi conhecer como ocorria a Interação entre pessoas e seus animais de estimação em tempos de isolamento social devido a Pandemia do COVID19. Originou-se do projeto Terapia Assistida com Animais – TAA – uma alternativa para a formação em Psicologia: um estudo fenomenológico. A metodologia basilar foram a atitude e o método fenomenológico husserliano para compreensão, descrição e análise das vivências. As vivências foram obtidas por meio de um formulário eletrônico enviado por redes sociais com perguntas mistas (abertas, em sua maioria e fechadas), a fim de identificar o significado que a interação e a companhia de animais de estimação possibilitaram aos respondentes durante o período de isolamento. O questionário foi respondido após o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A primeira parte solicitava informações gerais, tais como: nome, estado civil, formação profissional, atividade profissional durante e presença de animal. A segunda, composta de 11 perguntas que buscaram conhecer a interação homem-animal durante o isolamento social. Foram obtidas e validadas 367 respostas, lidas e organizadas e feita a redução eidética das vivências de interação. As perguntas pediam a maior riqueza de detalhes possível durante a descrição de modo a saber: a) quais e quantos animais de estimação estavam sob a responsabilidade dos respondentes, seguindo-se da manifestação da relação antes e durante a pandemia; o que percebiam nos comportamentos de ambos, pedindo posição sobre o que ocorria ao pensar na relação com eles. Houve significativo interesse para contribuir e divulgar a pesquisa, bem como da comunicação dos resultados finais. O estado solteiro com formação superior completa e/ou incompleta predomina na interação, poucos, com pós-graduação. Em essência o afeto e vínculo predominante são com cães e gatos sendo em sua maioria adotados. O significado dos animais evidenciou-se como parte da família. As evidências apodíticas analisadas como essência da interação humano-animal durante a pandemia foram: empatia, amizade, amor, respeito, afeto e responsabilidade.

**Palavras-chave:** interação humano-animal; pandemia; vínculo.

### **Jean Marlos Pinheiro Borba**

Psicólogo CRP 22/009994, Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMA na linha Clínica e Avaliação Psicológica. Pós-doutor em Filosofia (IFCS/UFRJ), Doutor em Psicologia Social (UERJ). Líder dos Grupos de Estudos e Pesquisas em: a) Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica e b) Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais – GEPPSIAA's e, c) Círculo de Estudos Husserlianos – CEH. E-mail: [jean.marlos@ufma.br](mailto:jean.marlos@ufma.br); [profjeanmarlos@gmail.com](mailto:profjeanmarlos@gmail.com)

## 2.12 ANÁLISE EXISTENCIAL HOJE

**Maria Madalena Magnabosco (FUMEC)**

O objetivo do presente artigo é discutir as questões inerentes ao contexto da pandemia e suas discontinuidades no tempo vivido e como a Análise Existencial pode contribuir com uma compreensão deste momento. Compreensão esta que irá se acerrar principalmente das consequências manifestadas no modo de lidar com o tempo e a técnica, onde o silêncio para a construção de uma intimidade tem se dado apenas pelo cessar dos aparelhos do computador e celular. Para compreender o desvelar dos fenômenos dos modos de estar-se no tempo dos trabalhos remotos e dos ruídos da técnica interditando o silêncio buscou-se a referência de autores como Le Breton, Manoel de Barros, Byung Chul-Han, Emmy Van Deurzen, Bachelard, Gilberto Safra, os quais sustentaram as argumentações sobre as interdições ao silêncio e ao tempo compartilhado e suas consequentes manifestações sintomáticas expressas pela Síndrome de Ansiedade Generalizada, o Burnout, o Stress, a Depressão. Tais manifestações se apresentam principalmente pela justaposição de significados entre ansiedade e imediatividade; justaposição esta que na sociedade da positividade confunde energia de ativação para a realização de algo importante ao sujeito com imediatividade reativa de resposta, a qual interdita a escolha e o silêncio enquanto possibilidade de ressignificação e cuidado para com o coexistir em um tempo compartilhado. Neste sentido, a Análise Existencial hoje auxilia, pelo cuidar do silêncio para ser, a ressignificação de uma delicadeza para ouvirmos os desejos de silêncio onde se acumulam ruídos das dores expressas em síndromes, desorganizações rítmicas, cansaços, e principalmente, no temor de sermos íntimos das palavras que ainda estão por nascer.

**Palavras chave:** Pandemia; Tempo; Técnica; Silêncio; Análise Existencial.

### **Maria Madalena Magnabosco**

Formação em Psicologia Clínica pela UFMG; Mestre e Doutora pelo Programa de Pós Graduação da UFMG na interdisciplinaridade Psicologia-Literatura; PhD em Estudos Culturais pela UFRJ; Professora de Graduação do curso de Psicologia – FUMEC; Professora de Pós Graduação em Análise Existencial e Gestalt – UFMG; Professora de Pós Graduação em Psicopatologia Fenomenológica – Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais; Universidade Presidente Antônio Carlos – Barbacena; Nepsi – Ipatinga. E-mail: [madalena.magnabosco@gmail.com](mailto:madalena.magnabosco@gmail.com)

## **2.13 AS MANIFESTAÇÕES DE UM MESMO FENÔMENO: OS MODOS DE APRESENTAÇÃO DA ANGÚSTIA NO CONTEMPORÂNEO**

**Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)**

Queixas de mal-estar e sofrimento são dominantes na clínica. Na tradição do pensamento psicológico inaugurado por Freud, o fenômeno da angústia tem um papel de centralidade, o que nos parece ocorrer também na clínica de base fenomenológico-hermenêutica. Ainda assim, o termo angústia foi abandonado pelas classificações psiquiátricas atualmente existentes, tendo o seu correlato mais próximo, na expressão ansiedade. O presente trabalho objetiva ampliar a compreensão do fenômeno da angústia, especialmente o modo como se dá a sua apresentação na experiência clínica no contemporâneo, buscando compreender o quanto ela se faz manifesta ainda hoje, mesmo que acobertada por outras queixas e expressões. Utilizando-nos do método fenomenológico-hermenêutico, conforme descrito por Heidegger, partimos dos modos como o desconforto psíquico se manifesta na cotidianidade, não necessariamente qualificado através de um sistema diagnóstico. Tendo como elemento central os referenciais teóricos desenvolvidos por Heidegger, que pensa a angústia como uma abertura mais originária à nossa condição mais própria, passamos a investigar o quanto a angústia, conforme por ele descrita, estaria presente nessa experiência manifesta no cotidiano, assim como nas queixas dos pacientes que se sentem psiquicamente doentes e que recebem um diagnóstico psiquiátrico. Fizemos, desse modo, uma análise dos três quadros mais prevalentes em nossa experiência clínica – a depressão, os transtornos de ansiedade e as compulsões –, quadros em que a queixa da angústia se faz vigorosamente presente. A nossa intenção foi a de avaliar se estaríamos lidando com manifestações de um mesmo fenômeno, que assumiria expressões diversas, ou se teríamos apenas um mesmo nome para quadros sem parentesco fenomenal. Concluímos tratar-se de um mesmo fenômeno, que ganha expressões diferentes, dependendo do modo como com ele nos confrontamos.

**Palavras-chave:** angústia; sofrimento psíquico; fenomenologia-hermenêutica.

### **Joelson Tavares Rodrigues**

Médico com título de especialista em psiquiatria (residência em psiquiatria pela UFRJ), Mestre em psicologia (UFF), Doutor em psicologia (UFRJ), professor adjunto de Psiquiatria e Psicologia Médica do curso de medicina da UFRJ/campus Macaé. E-mail: [joelsonrodrigues@hotmail.com](mailto:joelsonrodrigues@hotmail.com)

## **2.14 COMPREENDENDO A ANSIEDADE CONTEMPORÂNEA EM RELAÇÃO A ANGÚSTIA EXISTENCIAL EM JEAN-PAUL SARTRE**

**Thaís de Sá Oliveira**

Vivemos tempos extremamente acelerados, em que o mundo nos demanda respostas o tempo todo, fazendo com que nos sintamos ansiosos por satisfazer as expectativas. Nesses “tempos de controle”, temos a necessidade e a vontade de controlar tudo. Espera-se que sejamos capazes de responder às demandas sociais, que sejamos saudáveis e eficientes, tenhamos um bom emprego, uma família perfeita e uma vida equilibrada. Com a urgência pela eficiência, o homem busca soluções rápidas para evitar sentimentos incômodos. Nossa cultura considera a ansiedade como algo que não é natural, fazendo com que os indivíduos evitem situações que a provoquem e se frustrem por não serem capazes de responder às demandas. Com o aumento de pessoas sendo diagnosticadas com transtornos de ansiedade, observa-se a tentativa de se livrar da ansiedade ou criar situações em que esta permaneça em um nível mínimo por meio do uso de medicamentos ou fazendo com que tudo seja óbvio, perceptível e evidente para que não existam razões para ficar ansioso. Buscando desmitificar a ansiedade e refletir sobre o homem em uma relação inseparável com o mundo, surge a necessidade de compreender esse fenômeno na contemporaneidade, relacionando-o com a angústia existencial segundo a perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre. Para tal compreensão, o presente estudo busca discutir a angústia como uma condição mais originária ao homem, distinguindo-a da ansiedade que se manifesta na forma do homem se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo. A partir de uma pesquisa bibliográfica, busca-se diferenciar a ansiedade contemporânea da angústia, começando pela distinção entre angústia e medo realizada por Sartre. Enquanto o medo aparece frente a um perigo concreto e relacionado com o dano que a realidade possa nos causar, a angústia não tem motivo concreto ou objeto externo, apresentando-se como o medo de nós mesmos, de nossas decisões e das consequências de nossas decisões. Ontologicamente, a angústia sempre acompanha o homem, porém ela surge com a consciência inevitável de sua liberdade, quando ele se dá conta de que é o único responsável pela sua existência. A ansiedade se relaciona com o medo diante de alguma coisa, oriunda de uma relação com o mundo. No mundo contemporâneo, a ansiedade está relacionada com a tentativa de dar conta das incessantes demandas do mundo e a consciência da impossibilidade de controle. Ela surge, portanto, quando o homem imerso no mundo apresenta um desdobramento objetivo da angústia. A distinção entre angústia e ansiedade é importante para uma prática clínica que busque compreender o homem em relação ao mundo contemporâneo. Finalmente, são discutidas as consequências da medicalização da ansiedade, considerando que, embora a causa manifesta se apresente com diferentes máscaras, o que gera a ansiedade não deixa de ser a angústia como constitutiva da existência. Como indicadora de que algo precisa ser abordado e não evitado ou eliminado, a angústia tem a função de resgatar o homem de se perder, já que é por meio dela que ele reconhece a sua liberdade e se responsabiliza pelo seu projeto.

**Palavras-chave:** Angústia; medo; ansiedade; contemporaneidade; Sartre.

**Thaís de Sá Oliveira**

Psicóloga clínica com mestrado em Reabilitação Psicossocial em Saúde Mental pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Fenomenológico-Existencial pelo Instituto Fenomenológico Existencial do Rio de



Janeiro (IFEN). Diretora do Instituto Exsistentialis. Membro da Associação Latino-Americana de Psicologia Existencial (ALPE) e da World Confederation for Existential Therapy (WCET).  
E-mail: [psicothaty00@gmail.com](mailto:psicothaty00@gmail.com)

## **2.15 CONJUGALIDADE E GENERATIVIDADE: PESQUISA PSICOLÓGICO-FENOMENOLÓGICA SOBRE TRANSMISSÃO PSÍQUICA NA PRÁXIS PSICOTERAPÊUTICA DO MÉTODO ADI-TIP**

**Eunides Almeida (FUNDASINUM e FELUMA)**

Tommy Akira Goto (UFU)

A conjugalidade demonstra ser matriz de compartilhamento da herança psicocultural; a qual serve de referência para a formação psíquica dos descendentes. O fenômeno generativo, conforme a Fenomenologia elaborada por E. Husserl, se inicia desde a vida intrauterina e segue até a vida adulta em diferentes modos de apropriações, exibindo o nexo entre natureza e cultura e a transmissão psíquica entre gerações no desenvolvimento da vida psíquica e no processo de constituição da pessoa. A Fenomenologia e sua relação com a Psicologia é um dos temas mais abordados por Edmund Husserl. A partir de suas críticas às ciências da natureza, à psicologia experimental e positivista, ao psicologismo e subjetivismo; o filósofo inaugura a Fenomenologia e partindo do Método Fenomenológico estabelece simultaneamente o projeto de uma Psicologia Fenomenológica/pura como fundamento para a constituição de uma psicologia empírica cientificamente rigorosa. Neste sentido caberia à Psicologia Fenomenológica voltar-se para a análise e descrição da estrutura psíquica do ser humano, da universalidade das vivências psíquicas, das características próprias da subjetividade psíquica, diferenciando-as das vivências transcendentais ou da subjetividade transcendental, considerando a unidade entre as duas esferas na totalidade da vivência e do eu. Realizamos uma pesquisa psicológico-empírico, a partir da Psicologia Fenomenológica, sobre o fenômeno da herança psicocultural, tal como este se manifesta na prática psicoterapêutica do Método ADI/TIP. Esta investigação teve como objetivo, a partir da análise da experiência e de seus significados, alcançar as vivências psíquicas específicas relacionadas à transmissibilidade e aos modos de apropriação dos conteúdos psíquicos na rede intrafamiliar. Dentre as vivências psíquicas específicas do fenômeno generativo, destacam-se as vivências do “eu psíquico” e do “eu transcendental”, com suas características específicas e regidos leis distintas, a vivência da intersubjetividade como exigência para a constituição da vida psíquica e a vivência de uma memória não consciente e pré-flexiva correlacionada ao legado. A análise psicológico-fenomenológica e a fundamentação teórica da Fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein elucidam este fenômeno na constituição pessoa; destacando, sobretudo, a possibilidade da ação do Eu espiritual, especialmente do núcleo da pessoa humana; o Eu pessoal - realidade auto constituinte, constitutiva de liberdade, intelecto e vontade -, de posicionar-se em relação a realidade psíquica e seu legado, tanto no processo da identificação e repetição dos conteúdos psíquicos quanto como probabilidade para transformá-los. Esta pesquisa demonstra igualmente, as contribuições das intervenções do Método ADI/TIP como possibilitador de acesso direto às vivências originárias ou acontecimentos e de seus conteúdos psíquicos, em sentido fenomenológico, permitindo distinguir os horizontes de sentidos compartilhados e inseridos na autoformação, bem como as propriedades psíquicas e espirituais que autorizam a mudança.

**Palavras-chave:** Generatividade; Transmissão Psíquica; Psicologia Fenomenológica; Método fenomenológico; Método ADI/TIP.

**Eunides Almeida**

Pós-doutoranda em Filosofia/Fenomenologia (UFU) em parceria com Universidade Beira Interior/Portugal, Pós-doutorado em psicologia (UFU), Doutorado em psicologia (PUC/MG),

sanduíche (Université Paris Descartes), Mestrado e Graduada em psicologia (PUC/MG), Especialização psicologia Fenomenológico Existencial (FEAD), afiliação (Fundasinum & Feluma). E-mail: [eunidesalmeida@gmail.com](mailto:eunidesalmeida@gmail.com)

**Tommy Akira Goto**

Prof. Adjunto III Pós-Graduação Filosofia e Psicologia (UFU), Doutorado Psicologia (PUC-Campinas), Mestre Filosofia e Ciências da Religião (Universidade Metodista/SP), Graduado Psicologia (Universidade São Marcos). Membro do GT de Fenomenologia (ANPOF); Membro do GT (ANPEPP). Vice-presidente fundador da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica, Membro-colaborador (CLAFEN), Membro-assistente(SIEH) e membro (ALPE).Afiliação (UFU).E-mail: [proftommy@hotmail.com](mailto:proftommy@hotmail.com)

## **2.16 CONSIDERAÇÕES HUMANISTAS, EXISTENCIAIS E ÉTICAS SOBRE EMPATIA E ALTERIDADE NO CONTEXTO DO MUNDO ATUAL**

**Luiz José Veríssimo (UVA)**

Atualmente, muito se fala, na mídia, nas redes sociais, em rodas de conversas, sobre empatia, e até um pouco mais sobre a falta de empatia nos tempos atuais, sobretudo, no quadro de emergência da pandemia da COVID-19. Esse nos pareceu um aspecto interessante para agregar aos nossos estudos sistemáticos sobre afetividade e relações humanas que temos realizado há alguns anos. O nosso horizonte epistemológico para a compreensão da afetividade e das relações humanas no contexto da existência tem sido orientado por três eixos principais. O primeiro concerne às apreciações acerca da existência, especialmente às de Sartre, Heidegger e Kierkegaard. O segundo eixo repousa na hermenêutica dialógica de Martin Buber. Cabe, também, uma atenção, no campo da ética, às considerações sobre a pessoa (Olinto Pegoraro), a inserção da temática do cuidado na ética (Leonardo Boff) e a proposta humanista calçada na alteridade (Emmanuel Levinas). Desta feita, provocados pelos motivos expostos acima (no primeiro parágrafo), sentimo-nos apelados a ampliar os nossos estudos para tecer algumas considerações sobre a empatia e tentar elaborar alguma compreensão sobre o esforço de posicionar-se numa espécie de ausculta muito próxima do outro. Se já é tarefa desafiadora essa hermenêutica, ela não nos parece, ainda, suficiente para uma exposição abrangente da situação do ser humano no mundo no que toca ao campo das suas relações. Sem tirar o fôlego da empatia como componente fundamental do existir humano, enquanto expressão concreta das possibilidades relacionais humanas, desejamos dar mais alguns passos na direção da pesquisa acerca da alteridade. Pensar a empatia nos remete ao problema da alteridade. Para sabermos o que significa uma proximidade com o outro, precisamos também compreender algo sobre a natureza mais própria dessa noção – o outro, que se radica na vivência da alteridade. Fartos são os autores, nos diversos campos do conhecimento e da cultura, que têm se debruçado sobre esse tema. Heidegger (o ser-no-mundo como um ser-com), Sartre (o ser-para-outro), Kierkegaard (os âmbitos estético, ético e religioso da existência); Paul Ricoeur (a famoso mote que assina o si-mesmo como outro); Emmanuel Levinas (o humanismo do outro homem); Jacques Derrida (o tema da hospitalidade); Leonardo Boff (saber cuidar); o personalismo de Emmanuel Mounier; a dialogicidade que atravessa o pensamento de Buber, de ponta a ponta, são apenas alguns autores de uma extensa lista que ora evocamos. Vale considerar que a empatia, quando não incorre numa pura e simples identificação de si mesmo como se fosse o outro, envolve um sair-de-si-para-o-mundo, e, desse modo, marca nitidamente, o caráter extático da existência. Por outro lado, ao compreendermos o outro, podemos ser devolvidos à compreensão de ninguém menos que nós próprios, como diferença e como compartilhamento do habitar no mundo.

**Palavras-chave:** empatia; alteridade; psicologia fenomenológico-existencial; humanismo; ética.

### **Luiz José Veríssimo**

Psicólogo clínico (PUC-RJ), graduado, mestre, doutor e pós-doutor em Filosofia (UERJ). Professor adjunto e supervisor clínico na abordagem Existencial e Humanista na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professor do Curso de Especialização em Psicologia Fenomenológico-Existencial da UNIPAR. Professor do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Psicologia Junguiana, Arte e Imaginário na PUC-RJ. E-mail: [verissimofilos@gmail.com](mailto:verissimofilos@gmail.com)

## 2.17 CONTRIBUIÇÕES DA POÉTICA DE DOSTOIÉVSKI AO PENSAMENTO EXISTENCIAL

**Victor Portavales Silva (UERJ/IFEN)**

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski é um dos mais consagrados autores da literatura universal. Chamado de escritor-filósofo por abordar questões fundamentais do pensamento ocidental e por levar as ideias aos seus limites práticos, o escritor é considerado também um grande conhecedor da alma humana, dada a densidade psicológica de suas personagens. Não à toa influenciou Sigmund Freud no desenvolvimento da psicanálise, e foi tido por Nietzsche como o único psicólogo capaz de ensiná-lo algo novo. As contribuições de Dostoiévski à literatura e sua influência na psicanálise já foram alvo de diversos estudos, de modo que já são amplamente conhecidas. Suas contribuições à tradição de pensamento existencial, no entanto, ainda permanecem obscuras e alimentam dúvidas em relação à sua real influência. As influências em Sartre e Camus são também conhecidas, porém pouco abordadas. Liev Chestov, existencialista russo, foi um dos primeiros autores a abordar a obra de Dostoiévski e sua relação com o pensamento existencial, embora os trabalhos de Chestov tenham permanecido pouco influentes. O objetivo da presente comunicação é resgatar mas também extrapolar as indicações de Chestov para repensar o papel de Dostoiévski na corrente existencial, e delinear possíveis contribuições sobretudo à psicologia fenomenológico-existencial. Para isso, se baseia na ideia de que um dos motes centrais da obra de Dostoiévski é denunciar a falência do projeto filosófico da razão na tradição existencial. O primado da lógica e da razão é combatido já em Memórias do Subsolo, onde o amargurado narrador-personagem anuncia seu  $2+2=5$ . É retomado em Crime e Castigo, onde o autor revela os perigos e os horrores de uma supremacia do pensamento racional, capaz de criar homens de ação que se consideram verdadeiros Napoleões, acima dos insetos que preenchem nossa sociedade. Mas o mote permanece relevante até a última obra do autor, Irmãos Karamazov, onde Ivan Karamazov anuncia que se a alma não é imortal e que se Deus não existe, então tudo é permitido. O niilismo presente em tal afirmação foi central para o desenvolvimento da tese de que Deus está morto, por Nietzsche posteriormente. Em suma, seguindo essa trilha de pensamento é possível afirmar que Dostoiévski, assim como Kierkegaard, e posteriormente Nietzsche, Heidegger, entre outros, percebeu a falência histórica do projeto filosófico iluminista de progresso pelo avanço da razão. Em suas obras literárias, somos apresentados a cenas insólitas, a diálogos de grandeza filosófica e às consequências de um pensamento acentuatadamente racional. A saída seria perceber e aceitar a irrazoabilidade da vida, o absurdo da existência. O projeto de um esclarecimento ou iluminação, para incredulidade de Kant, estaria fadado ao fracasso.

**Palavras-chave:** Dostoiévski, Existencialismo, Literatura, Psicologia Fenomenológico-Existencial.

### **Victor Portavales Silva**

Psicólogo formado pela UERJ, especialista em psicologia clínica pelo IFEN, mestre em psicologia social pelo PPGPS/UERJ e atualmente cursando doutorado na mesma instituição.

## 2.18 DA FILOSOFIA A PRÁTICA CLÍNICA COMO ANÁLISE FENOMENAL-HERMENÊUTICA DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

Este trabalho apresentará aspectos de um projeto maior de discussão de questões instituídas a partir de minha impossibilidade de seguir o paradigma metafísico aprendido na graduação em Psicologia e, também, da natureza de meu trabalho como psicoterapeuta (desde 1980) em seu início. Percebi que, a impossibilidade de seguir o paradigma metafísico e as dúvidas sobre a condução de meus atendimentos, fiquei em uma situação angustiante. Tal situação também dizia respeito à história de minha formação pessoal e acadêmica, porque, formada previamente em Filosofia, aprendi fundamentalmente duas coisas: pensar filosoficamente e a leitura sobre o ser do homem como existência com a qual me identifiquei, irremediavelmente. Desse contexto e da angústia, deparei-me com algo bastante perturbador: não se trata de reestruturar o âmbito paradigmático da Psicologia, mas de elaborar um setor novo de ciência, a ciência da existência. Retornar à Filosofia para procurar construtos teóricos e métodos (fundamentos epistemológicos) para a ciência da existência e uma prática clínica dirigida especificamente ao existir cotidiano, foi irrevogável. Acabei por denominar tal clínica de Análise da Relação Existenciária - ARE. Estudei vários filósofos, mas, foram condição '*si ne qua non*', aspectos da fenomenologia de Husserl e da analítica e fenomenologia hermenêutica da facticidade heideggerianas. Também foi necessário obter clareza sobre a natureza de meus atendimentos e estudar psiquiatria e psicopatologia antropológicas. Gravei meus atendimentos terapêuticos e fiz cuidadosas análises de minha performance que, aliás, agregaram outras questões, necessidades e mais estudos e investigações. A psiquiatria antropológica contribuiu porque vários autores introduziram a fenomenologia na psicopatologia. Fincar o pé na Filosofia principalmente na analítica fenomenológica hermenêutica do *Dasein* de Heidegger para encontrar o precisava, foi e ainda é, difícil, complexo, delicado, demorado, mas, também, desafiador, excitante, apaixonante e inovador porque permitiu estruturar a base da Ciência da Existência e de minha nova forma de terapia, a Análise Fenomenológica Hermenêutica da Relação Existenciária - ARE. A ARE analisa as formas afetivo-compreensivas de respondência de cada pessoa, a cada vez ser-aí-no-mundo junto à objetos, situações, consigo mesma e com as outras pessoas que, do mundo, a interpelam. Ela recolocou muitas questões em discussão como: personalidade; significado de teoria, tipos de metodologia viáveis; relação analista-analisado, isenção e objetividade, formas adequadas de apreender e elaborar o que é trazido pelo analisado; uso do método fenomenológico e fenomenal hermenêutico; validade, pertinência e limites das descrições fenomenológicas; uso de interpretações fenomenais hermenêuticas na mostraçã do cliente a ele mesmo; relações entre psicopatologia e transtorno da existência, etc. Como ilustração, apresento a análise da forma estressada-ansiosa de constituir relações, a partir da validade, pertinência e limites das descrições fenomenológicas.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Hermenêutica; Análise do Existir.

**Josefina Daniel Piccino**

Filosofia pela PUCSP. Psicologia Clínica pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Práticas Clínicas pela PUC/SP. Presidente da Sociedade Brasileira de Fenomenologia Hermenêutica e ARE. Diretora do Instituto Sobraphe de Ensino e Formação em ARE. E-mail: [josefina@sobraphe.org.br](mailto:josefina@sobraphe.org.br)

## **2.19 DA SUPERAÇÃO DA MÁ-FÉ À SUSTENTAÇÃO DA AMBIGUIDADE: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A CLÍNICA DE BASE SARTRIANA.**

**Carolina Freire de Araújo Dhein (IFEN)**

O presente trabalho tem como proposta pensar um caminho outro para a clínica psicológica em diálogo com a ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre, que não pela via sustentada na superação da má-fé. A experiência da má-fé é descrita por Sartre como uma conduta de nadificação da condição inexorável da liberdade existencial. Negando a si mesma como liberdade, a existência humana pode eleger-se como determinada por inúmeros processos de identificação a partir dos quais lhe confere algum tipo de justificativa, em prol da fuga da angústia existencial. Como conduta de fuga, a má-fé realiza-se como uma experiência sustentada na radicalização da própria negatividade existencial, que por ter seu ser distante de si, existe como projeto de alcance da coincidência consigo mesmo. Nas páginas conclusivas de *O ser e o nada*, a respeito dos indicativos morais de seu pensamento, Sartre anuncia como o principal objetivo de sua psicanálise existencial a superação da má-fé pela assunção da liberdade existencial. O filósofo se pergunta, no entanto, se tal assunção seria possível para a existência humana, uma vez que a mesma se caracteriza pela impossibilidade última de adequação a si mesma. Pode-se compreender com isso que seja pela via da má-fé, seja pela assunção da liberdade, a existência humana fracassa na sua tentativa de coincidir radicalmente com seu ser. Ademais, podemos considerar que as condutas de má-fé caracterizam-se como próprias à existência humana, uma vez que expressam a tentativa da existência coincidir consigo mesma. Por outro lado, a condenação à liberdade recoloca a existência como eterno projeto da tentativa fracassada deste alcance. Essa ambiguidade – de sustentar-se na tensão entre a perseguição e o fracasso de constituição de si – pode ser considerada a tessitura da existência, caracterizada por sua precariedade ontológica. Quando passamos da discussão do âmbito teórico ao campo da práxis clínica, procuramos problematizar o alcance da superação da má-fé como uma conquista ideal. Estando a existência sustentada na indeterminação de si, tal alcance torna-se impossível, uma vez que a existência humana não comporta ideais resolutivos. Outrossim, quando o alcance de superação da má-fé é esboçado como ideal, pode-se recair em um manejo clínico prescritivo, indo na contramão do gesto fenomenológico de suspensão, não somente dos juízos como também dos encaminhamentos normativos. Dessa forma, propomos como tarefa clínica a sustentação da ambiguidade existencial, na qual a tensão entre má-fé e assunção da liberdade se constituem como possibilidades em constante movimento. Acreditamos, portanto, em uma proposta clínica que leve em conta a experiência da má-fé não como um fenômeno a ser superado, mas uma experiência própria da existência, que em sua fragilidade ontológica, aponta ela mesma para a possibilidade constante de assunção da liberdade existencial.

**Palavras-chave:** Sartre; liberdade; má-fé; clínica.

### **Carolina Freire de Araújo Dhein**

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Psicologia Social pela mesma universidade. Especialista em Psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atua como psicoterapeuta, supervisora clínica e professora associada ao Instituto de Psicologia fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro. E-mail: [carolinadhein@hotmail.com](mailto:carolinadhein@hotmail.com)

## 2.20 DASEINSANALISE: REFLEXÕES SOBRE O "SABER-FAZER" NO DIÁLOGO ENTRE PSICOTERAPIA E ONTOLOGIA.

**Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF)**

Seja pelas suas embrionárias elocubrações com o médico psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1881-1966), influenciado pela leitura da obra de Edmund Husserl (1859-1938 e pela ontologia hermenêutica descrita pelo filósofo Martin Heidegger (1889-1976), procurando refundar a metapsicologia freudiana em bases existenciais desenvolvidas a partir da década de 1930 e apresentada como nova metodologia terapêutica em 1950 no primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria ocorrido em Paris, seja pela sua apropriação pelo também psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990) referendado nas tonalidades afetivas elaboradas em “Ser e tempo” por Heidegger, a *Daseinsanalyse* é reconhecida como uma clínica psicológica que se propõe a subverter uma ótica tradicional de terapêutica estruturada a partir de uma compreensão de homem vigorante na psicologia positivista no final do Século XIX que inspira uma compreensão interventiva corretiva em uma dinâmica psíquica adulterada. Ao contrário, sob o preceito de legitimação da alteridade através de uma escuta sensível ao vivido que anuncia o horizonte hermenêutico que o torna possível, a *Daseinsanalyse* assume posições significativamente diversas da psicanálise, campo originário de formação tanto de Binswanger quanto de Boss, uma vez que refuta o seu vigor científico na tendência de edificar e se sustentar em pressupostos e conceitos especulativos aos fenômenos concernentes à psiquiatria e à prática clínica de sua época. “Seminários de Zollikon”, obra seminal para a elucidação rigorosa da *Daseinsanalyse*, é constituída pelos registros dos encontros entre Heidegger, Boss e profissionais da psiquiatria e da psicologia, e resgata a importância da diferenciação entre as noções de “analítica” ( *analytic* ) e “análise” ( *analyse* ), empreendidas em “Ser e tempo”, para a proposição de uma terapêutica que estabelece outra relação com o “saber-fazer” que circunscreve a práxis daseinsanalítica. Neste sentido, este trabalho se propõe a subsidiar elementos para contribuir a uma maior elucidação desta prática, compreendida como um exercício ôntico da analítica ontológica desenvolvida na obra de 1927, num comprometimento estrutural com a alteridade do sofrente que chega a partir da elaboração temática de sua vida factual que descerra as estruturas ontológicas constitutivas deste *ser-aí*. Num horizonte histórico que cada vez mais converte a polissemia indeterminativa do existir às reduções essencializantes do dado, a psicoterapia se anuncia como um importante locus anunciativo de novas égides relacionais com o real pautadas por um exercício de maior hesitação às correspondências tácitas e naturalizadas a este que possam propiciar eventuais outras experiências num âmbito de maior índice de pessoalidade e apropriação.

**Palavras-chave:** *Daseinsanalyse*, fenomenologia, psicoterapia.

### **Crisóstomo Lima do Nascimento**

Psicólogo Clínico, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em estudos da subjetividade pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduação em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao Programa de pós graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF. E-mail: [crisostomoln@gmail.com](mailto:crisostomoln@gmail.com)



## 2.21 DASEINSANÁLISE COMO CRIAÇÃO POÉTICA: O ENCONTRO CLÍNICO COMO DEIXAR-SER DA LINGUAGEM

Paulo Victor Rodrigues da Costa (UERJ/IFEN)

A presente apresentação contemplará aspectos do pensamento tardio de Martin Heidegger, principalmente aqueles relacionados à noção de linguagem como o apelo do ser no aí do ente em devir. O objetivo da exposição é o de indicar a convergência entre o tema da linguagem no pensamento heideggeriano e a prática clínica daseinsanalítica. É notório que a Daseinsanálise – seja em suas bases binswangerianas, seja em seu desenvolvimento posterior – se estabelece principalmente a partir das ideias centrais mobilizadas em *Ser e Tempo*. No entanto, mesmo a par da magnitude da obra citada e de sua importância para a filosofia e para a psicologia, há aspectos de seu pensamento tardio – de suma importância para o desenvolvimento da daseinsanálise – que não recebem o destaque apropriado, uma vez que permanecem sombreados pela analítica do *Dasein*, de 1927. Um desses aspectos olvidados é a noção de linguagem (*Sprache*). Mobilizar o tema da linguagem no pensamento tardio de Heidegger significa romper com a compreensão corrente do termo no ambiente da psicologia clínica. Comumente se relaciona linguagem e clínica por meio de uma alocação da figura do psicólogo como alguém que cura pela fala em um processo dialético. Todavia a compreensão de linguagem aqui é um tanto mais profunda do que um simples dizer que busca a promoção de um resultado. É sabido que, no escopo do pensamento heideggeriano, a compreensão de linguagem tem a ver muito mais com a eleição do ser-aí humano como clareira (*Lichtung*) que resguarda o que se faz ver. É na existência humana, e por meio dela, que tudo que é ganha testemunho. O ser-aí humano é a ocasião onde tudo ganha expressão. A par disso, torna-se fundamental pensar a relação da prática clínica com tal fato ontológico. Na medida em que a existência humana é marcada pelo abrigo do ser como linguagem, é necessário a partir daí meditar o encontro clínico como o gesto de acolhimento do apelo da linguagem. Tal acolhimento não se confunde com o entendimento da linguagem como língua falada, que sagazmente busca contradições ou aporias na relação clínica com o fim de resolver questões e encontrar sentido. Pelo contrário, ela é o acolhimento que deixa ser a expressão de cada dilema, de cada dizer, de cada silêncio na paciência atenta para que o apelo ali em questão desague pelas sendas que pode desaguar.

**Palavras-chave:** Daseinsanálise; Linguagem; Martin Heidegger.

### Paulo Victor Rodrigues da Costa

Psicólogo Clínico. Graduado em Psicologia UERJ, graduado em Filosofia pela UFRJ, especialista em Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo IFEN, mestre em Psicologia Social pela UERJ, doutor em Filosofia pela UFRJ. Atualmente é professor substituto do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor assistente da Universidade Estácio de Sá. É professor do curso de Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial do IFEN. E-mail: [pvrcoستا@gmail.com](mailto:pvrcoستا@gmail.com)

## **2.22 DE APRENDIZ DE ARTESÃO À MAQUINAÇÃO DA MERITOCRACIA: A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA**

**Elina Eunice Montechiari Pietrani (UVA/UNIFASE)**

A capacitação para o trabalho, de algum modo, sempre se fez presente na relação do homem com seu trabalho, uma vez que o exercício da tarefa laboral, seja em seus primórdios, no processo de produção artesanal, seja no atual contexto, dominado pela técnica, requer que o homem se volte para o saber-fazer da sua atividade. Ocorre que, desde a era moderna, o contexto do trabalho vem ganhando matizes, baseados numa lógica de resultados sem precedentes, em que o processo de se qualificar para a tarefa se tornou um grande sistema, baseado também em uma disposição produtiva. Nessa lógica, a narrativa propagada é que o sujeito possa se ocupar, de modo direto, de sua formação profissional e, por conseguinte, possa garantir sua inserção e permanência no campo laboral. Tal narrativa parte de uma concepção humanista e meritocrática acerca do homem. Humanista porque se baseia em uma visão de homem como um ser racional, capaz, dotado da vontade e do querer; meritocrática porque utiliza como fundamento a concepção de esforço e recompensa, em que basta o sujeito ser diligente consigo mesmo, para, assim, assumir o controle da sua carreira profissional. A fenomenologia-hermenêutica em Martin Heidegger, por sua vez, implica uma compreensão do ser ao modo como este se apresenta, dentro de um horizonte histórico e temporal em que a existência sempre se coloca em jogo. Nesse sentido, esse pensador nos alerta acerca das determinações de mundo da era moderna, em que todas as coisas passaram a ser concebidas apenas ao modo do cálculo e da utilidade, incluindo o próprio homem. Ou seja, o homem seria tomado também como um ente calculável e passível de ser modelado, visando atingir resultados. Além disso, com o alvorecer dessa era, o homem, sustentado pelo pensar científico, passou a ser reverenciado como um ente capaz de dominar todas as coisas, inclusive a própria existência. Tendo como método a fenomenologia-hermenêutica, o objetivo deste estudo, portanto, é compreender a relação que se estabelece entre o homem e o seu aperfeiçoamento laboral, considerando a retórica meritocrática propagada hoje no campo social. Nesse sentido, procederemos uma análise sobre como o homem se situa nesse contexto, regido pela lógica e pela racionalidade, em que o seu querer parece se sobrepor às contingências dadas. Ao pensar junto a essa perspectiva, verifica-se que o processo de formação do homem é tomado como um processo que também se encontra profundamente calcado nas determinações desse tempo apontado por Heidegger. Trata-se de um tempo que apenas calcula e quantifica, e, assim também, ocorre com o pensar sobre a formação do homem. Num horizonte em que querer é poder, o homem aparece como um ente que desafia as forças do campo. Ele acaba, com isso, colocando no esquecimento a existência tal como ela é, da ordem do imprevisível, do que sempre pode nos escapar. Ao compreender-se sob essa perspectiva, é possível ao homem conquistar a si mesmo, e, então, conquistar outros modos de estar junto ao seu fazer laboral, articulando-se com eles.

**Palavras-chave:** trabalho; capacitação; fenomenologia-hermenêutica.

**Elina Eunice Montechiari Pietrani**

Graduada em Psicologia pela PUC-Goiás, pós-graduada em Gestão Empresarial pela UFRJ, mestre em Psicologia Social pela UERJ, especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN (Rio de Janeiro). É docente na Universidade Veiga de Almeida (UVA, Rio de Janeiro) e no Centro

Universitário Arthur de Sá Earp Neto (UNIFASE, Petrópolis, RJ) e é psicóloga clínica na abordagem existencial. E-mail: [elinapietrani@gmail.com](mailto:elinapietrani@gmail.com)

## 2.23 ELECTRA E A CORAGEM EM *AS MOSCAS*: UMA LEITURA SARTRIANA DA CONDIÇÃO HUMANA

Marcelo da Silva Norberto (CCE/PUC-RIO)

Na peça *As moscas*, de 1943, Sartre busca, na mitologia grega, uma expressão para a liberdade humana. Resgatando a tragédia de Orestes, Sartre irá discutir a paralisia de um povo tomado pelo arrependimento e pelo remorso. Em uma clara alusão à França ocupada pelos alemães durante a II Guerra Mundial, o autor recupera a história de Orestes, filho de Agamêmnon, que retorna a sua cidade natal, Argos, para vingar a morte de seu pai, assassinado por sua mulher, Clitemnestra, e por Egisto, amante de Clitemnestra e primo de Agamêmnon. Na trama, Orestes encarna a ação humana e a necessidade de assumir a responsabilidade pelos atos praticados. Contudo, a figura de Electra, sua irmã, tida unicamente como personificação da má-fé sartriana, também participa, de forma decisiva, na visibilidade da angústia diante da liberdade, na demonstração do vir-a-ser que caracteriza a realidade humana e nas desventuras do humano em fuga de seu perpétuo iniciar. Em sua existência trôpega (ora se revolta com o absurdo da situação vigente, ora quer se livrar das consequências de sua ação), Electra passará a peça entre a assunção de sua liberdade e a fuga de sua responsabilidade. Sartre apresentará essa dimensão de “projeto”, que caracteriza a condição humana em Electra, a partir de uma exigência de coragem. Coragem esta que no existencialismo se afastará de uma instrumentalidade e se aproximará de uma força criativa. Sob o signo da noção de coragem, em Electra, será possível entrever o dilema instaurador entre coragem e ação, que definirá a noção sartriana de liberdade e participará da elucidação do drama humano. Tendo como conceitos norteadores as noções de engajamento (tanto em seu espectro ontológico quanto em sua perspectiva ética) e de situação (meio pelo qual o autor pensa a relação entre indivíduo e coletivo), Sartre converterá a tragédia clássica, que orbita em torno da fatalidade, em uma experiência dramática da liberdade. Extrapolando a situação original da peça para as circunstâncias atuais, em termos tanto da filosofia quanto da psicologia, Electra contribui para uma recolocação do problema da constituição do sujeito, para além dos preceitos de normalidade e de eficácia, rumo a uma incorporação da ambiguidade humana.

**Palavras-chave:** Sartre; liberdade; ação; Electra, coragem.

### Marcelo da Silva Norberto

Advogado (Bacharel em Direito pela PUC-Rio), Bacharel, Mestre e Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é professor e pesquisador (CCE/PUC-Rio). Tem trabalhos publicados sobre Filosofia Francesa Contemporânea, com ênfase em Ética e Filosofia Política. Autor de “O drama da ambiguidade - a questão da moral em O ser e o nada” (Edições Loyola/2017), é co-organizador de “Sartre Hoje - 2Vol” (Editora Fi/2017) e “Sartre e a política” (Editora PUC-Rio e Via Verita/2019). E-mail: [msnorberto@gmail.com](mailto:msnorberto@gmail.com)

## **2.24 EXISTENCIALISMO E REDUÇÃO DE DANOS: DIÁLOGOS EM CLÍNICA AMPLIADA E NARRATIVAS DE VIDA**

**Daniela Ribeiro Schneider (PSICLIN/UFSC)**

O uso problemático de drogas reflete os paradoxos da cultura contemporânea e suas exigências pautada em uma sociedade do consumo, com seus valores como descartabilidade, instantaneidade, volatilidade, entre outros. Ao mesmo tempo, deve ser compreendido, em sua dimensão micro, como mais uma das relações possíveis do sujeito com o mundo e sua inteligibilidade deve estar está na história de cada um, nos contextos em que esta história se desenrola e em seus sentidos existenciais. Dessa forma, a depender desse conjunto de determinantes de diferentes níveis, consolidam-se diferentes relações com as drogas e sua problemática psicossocial. O Existencialismo oferece, a partir de sua fundamentação fenomenológica e dialética, importantes contribuições para o entendimento da subjetividade humana como um vir-a-ser e aponta para a superação de vários reducionismos, sejam eles de ordem biologicista, subjetivista ou sociologista. Por isso mesmo, soma-se a outros olhares que buscam o entendimento do uso de drogas como fenômeno complexo, sustentado na compreensão do sujeito como ser integral, colocando-se como fundamento epistemológico para uma visão ampliada sobre o fenômeno. Nesta direção dialoga com a proposta da Redução de Danos, que tem como princípio o respeito à autonomia e à liberdade das pessoas, sejam elas usuárias de drogas ou não. Nessa abordagem, o foco não é a redução ou eliminação do consumo, mas sim a redução das consequências negativas que o consumo de substâncias psicoativas possa causar, a partir de ações de acolhimento, inclusão nos dispositivos de cuidado, intervenções de caráter informativo e preventivo. Por isso mesmo, é possível estabelecer um diálogo entre o existencialismo e a redução de danos, tendo como horizonte a clínica em sua perspectiva ampliada, que desfoca da perspectiva puramente curativa, centrada na doença ou no problema e acolhe o sujeito integral, numa abordagem sistêmica de ações em saúde. Por isso, a clínica ampliada concretiza em termo de ações em saúde a estruturação do trabalho interdisciplinar. Trata-se de uma relação dialógica entre os diversos conhecimentos voltados para o processo saúde-doença a fim de compreendê-lo em sua complexidade e na corresponsabilização entre profissionais e usuários nas ações terapêuticas. A partir de um estudo narrativo será realizada a compreensão da trajetória de um usuário de droga que fez seu processo de cuidado em uma ONG que atuava com redução de danos, buscando compreender sua história de vida e sua trajetória de uso e cuidado, em suas múltiplas determinações, com base na fundamentação existencialista e no método progressivo-regressivo.

**Palavras-Chaves:** Psicologia existencialista; Sartre; Redução de Danos; Narrativas; Clínica Ampliada.

**Daniela Ribeiro Schneider (PSICLIN/UFSC)**

Profª. Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (mestrado e doutorado) e Mestrado profissionalizante em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Tem graduação em Psicologia (UFSC, 1987), Mestrado em Educação (UFSC, 1993), Doutorado em Psicologia (PUC/SP, 2002), Pós-Doutorado em Ciência da Prevenção (Universidad de Valencia - España, 2012 e University of Miami - USA, 2019).

## 2.25 FENOMENOLOGIA DA VIDA E DO SUICÍDIO NA CLÍNICA

Andrés Eduardo Aguirre Antunes (USP)

Este trabalho trata de uma pesquisa qualitativa sobre o suicídio em estudantes universitários. A ideia é discutir a interdisciplinaridade entre a psicologia clínica e a fenomenologia da vida a partir da fenomenalidade afetiva, incidindo esta nos fenômenos da relação e na prática clínica, visto considerarmos, a partir da fenomenalidade, a pessoa como ser constituído de e no afeto. O diálogo com a fenomenologia da vida de Michel Henry nos oferta uma possibilidade de compreensão não-reducionista das diferentes formas de sofrimento humano. Uma vez que, a contribuição de Michel Henry no campo da Psicologia Clínica, na abordagem do humano, responde às necessidades clínica e ética, de forma que nos permite acolher a complexidade das problemáticas envolvidas no sofrimento contemporâneo. A vida é o que diferencia a fenomenologia de Henry da fenomenologia tradicional e constitui-se uma outra fenomenalidade, a da impressão, que procura dar conta das leis de revelação da vida invisível, porém concreta, que é a afetividade. Para Michel Henry (1963) o eu é a relação a si posta por um outro, relação essa da qual não podemos escapar, fugir ou desfazer-se, já que é posta por um outro, a partir da qual o eu desespera, sofre ou frui. Henry faz referência à ideia de desespero presente na obra de Kierkegaard: o desespero de não poder destruir-se a si mesmo, pois se pudesse, o desespero desapareceria e, assim, aquele que desespera, desespera por não poder tornar-se qualquer outra coisa que não si mesmo. Para Kierkegaard, o desespero em seu violento experienciar-se é inerente à fenomenalidade da relação do eu consigo – sendo ininteligível sem uma fenomenalidade da ipseidade. Assim, o projeto de vida de cada indivíduo implica fazer referência a uma ipseidade irreduzível apenas à projeção de si, num horizonte no qual se joga a autenticidade do eu. A autenticidade do eu se joga não apenas na projeção do seu desejo, mas na transformação de seu próprio viver. Uma transformação que passa pela aceitação de si que, antes de ser projeto, é relação consigo posta por um outro, uma *relação com*. O lugar do outro na ipseidade é tão primordial como o meu lugar nela. Ocultar o outro é querer desfazer-se de si ao fazer esse outro em si. Henry faz uma articulação entre a violência do desespero e sua passagem ao ato que destrói – seja os valores, a cultura ou até a própria vida. O desespero consiste justamente no eu querer se desfazer de si mesmo, não querer ser mais si mesmo. O fenômeno do suicídio nos traz uma reflexão profunda da vida dos jovens em nossa sociedade. Refletir essas problemáticas de saúde mental a partir da fenomenologia de Michel Henry em interdisciplinaridade tem sido útil para ampliar a compreensão e ação clínica. Dada a impossibilidade de pensar sobre o suicídio apenas do ponto de vista suicida partimos para a fenomenalidade da comunidade em Michel Henry, na qual reveremos como são reversíveis os fenômenos suicidas / homicidas e, assim procuramos adicionar vida à terapia das ideias suicidas.

**Palavras-chave:** Suicídio; Universidade; Fenomenologia da vida.

**Andrés Eduardo Aguirre Antunes (USP)**

Formado em Psicologia/UNIP, especialização, mestrado e pós-doutorado pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina/UNIFESP; Livre-docência pelo Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP; Professor do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP; Coordenador do Escritório de Saúde Mental da Pró-Reitoria de Graduação da USP; Professor subsidiário do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. Pesquisador da FAPESP e Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. E-mail: [antunez@usp.br](mailto:antunez@usp.br)

## **2.26 FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA: ANÁLISE DA HIPER-REFLEXIVIDADE**

Danilo Saretta Veríssimo (UNESP)

**Flávia Neves Ferreira (UNESP)**

Temos como objetivo apresentar e discutir o papel que a reflexividade aumentada, o excesso de atenção ou autoconsciência, desempenha nos estados psicopatológicos. Tomamos como base a Psicopatologia Fenomenológica do psiquiatra e filósofo Thomas Fuchs. Trata-se de investigar, mais especificamente, como a hiper-reflexividade pode desencadear um círculo vicioso entre desordens na operação corporal/somática ou mental/psíquica. O estudo em questão se configura como uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo, na qual se pretende apontar alguns dos conceitos fundamentais para a psicopatologia fenomenológica contemporânea que possam contribuir em análises clínicas e em intervenções no referido campo. Para compreensão das formas das aparições psicopatológicas da hiper-reflexividade se faz necessário, em primeiro lugar, identificar e distinguir duas modulações fundamentais da vivência do Self ou da autoconsciência: o Self básico, pré-reflexivo ou corporal, e o Self pessoal, narrativo ou reflexivo. Estes aspectos caracterizam, de um lado, o sujeito vivencial em um mundo circundante, que se constitui, em geral, na interação sensório motora com o mundo através da intercorporeidade; de outro lado, sua capacidade intersubjetiva, que possibilita olhar o outro e acompanhar suas perspectivas como agentes intencionais. Esta estrutura do Self é complexa e dialética, e, nas situações psicopatológicas, pode ser afetada de maneiras distintas. No caso da esquizofrenia, estudos fenomenológicos recentes a consideram como uma perturbação fundamental do Self básico, pré-reflexivo, ou da ipseidade. Todavia, a hiper-reflexividade pode ocorrer em outras perturbações, por exemplo, nos distúrbios do sono, onde o próprio auto monitoramento requer uma atitude alerta que atrapalha o relaxamento e, por conseguinte, as chances de relaxar e adormecer. Destaca-se ainda a hipocondria, na qual ocorre uma frequente auto-observação desconfiada sobre o corpo vivido enquanto corpo físico; e ainda, a dismorfobia associada a auto alienação ou dissociação do Self corporal. O que ocorre é uma perturbação da espontaneidade que acarreta uma intensificação da atividade reflexiva, sob a forma exacerbada da atenção consciente. Os fundamentos para uma psicopatologia fenomenológica não têm pretensão de referirem-se às patologias como uma variação de ‘normalidade’, tampouco, reduzir as manifestações sem levar em conta a subjetividade e a heterogeneidade dos sinais e sintomas. O que está em questão é pensar o sujeito como ser-no-mundo através de uma existência corporificada; portanto, as perturbações do Self são perturbações no ser-no-mundo e no-ser-com-outros, da existência corporal e intercorporal, respectivamente.

**Palavras-chave:** Hiper-reflexividade; Self; Psicopatologia; Fenomenologia.

### **Danilo Saretta Veríssimo**

Possui formação em psicologia (2000), mestrado em psicologia (2005), doutorado em psicologia (2009/USP) e em filosofia pela Université Jean Moulin - Lyon III, França (2009). Livre-docente em História e Filosofia da Psicologia (2019) na UNESP.

**Flávia Neves Ferreira**

Possui formação em psicologia (2014), especialização em Logoterapia e Análise Existencial (2015), mestrado em filosofia (2018), doutoranda em psicologia pela UNESP. E-mail: [flavia.neves@unesp.br](mailto:flavia.neves@unesp.br)

O estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



## **2.27 INTERLOCUÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E FILOSOFIA SOBRE ÉTICA: CONTRIBUTOS HEDEGGERIANOS NA COMPREENSÃO DA CONDIÇÃO HUMANA**

**Danielle de Gois Santos Caldeira (UFRN/UÉvora/UPorto)**

Elza Dutra (UFRN)

Irene Borges Duarte (UÉvora)

Nesta apresentação a ética foi admitida como companhia aos modos como humanamente nos relacionamos e contextualizada acompanhando o desenvolvimento e a formalização de ciências como a Psicologia. Neste ínterim, propomos evidenciar diálogos entre a Psicologia e a Filosofia quanto a ética suportados no exercício compreensivo, a partir da perspectiva Fenomenológica existencial, a respeito da condição humana. Ética não é um assunto ou tema cujas impressões sejam consensuais. Antecipadamente, salientamos que apenas a Filosofia faz distinções entre ética e moral, os demais saberes lidam com ambas como se tratassem de sinônimos. Deste modo, há diferenças nas leituras quanto a ética para a Psicologia e para Filosofia, especificamente para a perspectiva Fenomenológica de Martin Heidegger. Na Psicologia, usualmente, ética se refere a uma indistinção quanto aos assuntos de fórum moral e quando referida, na formação profissional e na prática profissional, é aludida ao código deontológico que legisla a profissão. Na Filosofia, na perspectiva da Fenomenologia Heideggeriana, ética pode ser lida como constitutiva de modos de ser, por exemplo, uma vez apoiada nos existenciais heideggerianos cuidado, liberdade e responsabilidade. Heidegger, em *A caminho do campo*, se referiu ao ethos grego enquanto moradia uma conjugação de desabrigar-habitar alusiva de *aletheia*. Nesta apresentação, expomos ética como oportunidade de desvelamento que é ao mesmo tempo nossa moradia e desabrigamento. Assim, nesta presente leitura de ética inspirada em Heidegger e nos raros episódios em que o filósofo se refere a ética em seus escritos, fomentamos ética como uma possibilidade de compreensão a condição humana que, por exemplo, ao lidarmos com a finitude elucidamos as possibilidades para construir o cultivo de nossas singularidades e alargamento de sanidade nos modos como nos relacionamos uns-com-os-outros. Admite-se o método fenomenológico como oportunidade de percorrermos caminhos na construção de interpretar/compreender, semelhante exercitamos nas análises aos escritos heideggerianos, estendendo o caminho fenomenológico às interlocuções psicólogo/psicoterapeuta e paciente/cliente na exposição dos sofrimentos emocionais e existenciais que chegam ao consultório. Em destaque, no círculo hermenêutico exercita-se a indistinção entre ser-com, ser-no-mundo, pois na medida em que na condição de psicólogos/as nos relacionamos/compreendemos com nossas indeterminações e às indeterminações dos pacientes a ética se destaca como o convergir entre sermos cuidado, livres e responsáveis de maneira implicada e atualizadora do sentido ontológico. Desta forma, esta apresentação explicita contínuo diálogo entre Psicologia e Filosofia de modo a apontar outros modos de refletir sobre a ética, a fim de podermos habitar eticamente nossas experiências e contribuir para nos aproximarmos de uma ética compreensiva do cotidiano.

**Palavras-chave:** ética; Martin Heidegger; Psicologia; círculo hermenêutico, interlocuções;

**Danielle de Gois Santos Caldeira**

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil) e doutora em Filosofia pela Universidade de Évora (UÉvora/Portugal). Profissionalmente dedica-se a clínica psicológica e a psicoterapia Fenomenológica Existencial em consultório particular, bem como, a pesquisa em Psicologia com interesse na articulação Psicologia e Filosofia. Investigadora de pós-doutoramento na Universidade do Porto (U. Porto/Portugal) na Faculdade de Medicina. E-mail: [danielledegois.psi@gmail.com](mailto:danielledegois.psi@gmail.com)

## 2.28 INTERVENÇÃO EM CRISE PELA LENTE DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

Cintia Guedes Bezerra (UFRN)

Características do mundo contemporâneo têm contribuído para o desencadeamento de manifestações sintomáticas, como ansiedade e humor deprimido. Verificam-se também pouca tolerância à frustração e aumento nas taxas de suicídio e no número de pessoas enfrentando crises psíquicas, exigindo do profissional de Psicologia atualização em relação às possibilidades de intervenção. Crises são caracterizadas pelo inesperado, não havendo como se programar antecipadamente, no entanto é fundamental estar disponível e preparado tecnicamente, no sentido de um fazer que pressupõe um saber que não se limita a noções generalistas e categóricas, de modo a garantir uma conduta mais adequada em cada caso. Buscou-se investigar o que há de produção científica acerca desta temática com enfoque na perspectiva fenomenológico-existencial, uma vez que esta abordagem pressupõe uma abstenção de conhecimentos prévios e propõe a aproximação ao fenômeno da maneira mais genuína possível, deixando vir ao encontro o que precisa ser desvelado, ao invés de se deter à conceituação e enquadres psicopatológicos. Realizou-se pesquisa bibliográfica nas seguintes bases de dados eletrônicas: Portal de periódicos da CAPES, Scielo e Google acadêmico. Foram utilizados descritores isoladamente e combinados entre si: crise psíquica; psicose; intervenção em crise; fenomenologia. Delimitou-se o período dos últimos dez anos para a seleção das pesquisas e alguns critérios de exclusão, a saber: artigos de outras abordagens psicológicas, estudos voltados para espiritualidade e religiosidade, específicos de alguma área médica ou da enfermagem e os que tinham mais de dez anos de publicação. Em seguida, procedeu-se com a leitura dos resumos para seleção dos artigos que estavam com estreita relação ao tema pesquisado. A pesquisa resultou num total de 17 artigos, os quais foram lidos na íntegra e configuraram matéria de discussão e análise. Foram elencadas as principais apreciações encontradas e as orientações propostas para uma eficiente e eficaz conduta clínica diante da crise. Destacaram-se como resultados a escassez de estudos sobre o tema e, sobretudo, de equipes preparadas para atuar nesses casos; dificuldades dos(as) psicólogos(as) em lidar com crises; necessidade de coerência entre o manejo e a compreensão ontológica do sujeito em crise; a importância de se dar ênfase ao significado individual existencial da crise; o imperativo de negar qualquer predeterminação, devendo-se manter em suspenso a atitude natural frente aos fenômenos humanos; conceitos como ressonância afetiva e terceiridade dual como colaboradores para o entendimento do *modus operandi* necessário para o estar-com o outro em crise; o cuidado substitutivo e antepositivo como elementos necessariamente presentes nesse tipo de intervenção; o reconhecimento de que toda crise é também abertura a possibilidades; a imprescindível modéstia do profissional de saúde mental em relação ao saber sempre limitado, incerto e provisório sobre o humano; e a necessidade de maiores pesquisas e qualificação profissional para a lida com a crise, de maneira que se consolidem alternativas eficazes às práticas fundamentadas na lógica tutelar e estigmatizante, a fim de que com a lente da fenomenologia-existencial possamos ampliar o olhar, evitando ofuscar e limitar previamente a forma de ver o que se apresenta na crise.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; Psicopatologia; Intervenção na Crise; Atenção Integral à Saúde; Cuidado.

**Cíntia Guedes Bezerra**

Graduação em Psicologia (UFRN, 2008), Mestrado em Psicologia Social (UFRN, 2010) e Doutorado em Psicologia Clínica (UFRN, 2016). Especialização em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica (FAVENI, 2020). Servidora pública federal, no cargo de psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE/UFRN). Pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN/CNPq). E-mail: [cintiaguedesbezerra@gmail.com](mailto:cintiaguedesbezerra@gmail.com)

## **2.29 LOUCURA, ARTE e CLÍNICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA**

**Ana Izabel Oliveira Lima (Universidade Potiguar)**

Melina Séfora Souza Rebouças (POIESIS)

Propomos tematizar como a interseção entre loucura (como modo de existir), arte (como expressão de quem somos) e clínica (como um modo de estar junto a alguém) pode abrir caminhos para o desenvolvimento de intervenções em saúde mental que sejam promotores de liberdade. Não é de hoje que vem se alastrando as estimativas de pessoas em sofrimento mental em todo o mundo. Em 2019, a Organização Mundial da Saúde apontou que existem aproximadamente 23 milhões de pessoas com esquizofrenia no planeta, 300 milhões com depressão e 60 milhões com transtorno bipolar. A transformação de pessoas em números torna-se reflexo da predominância de uma forma fragmentada de ver o sofrimento humano, incessantemente reduzido ao âmbito biológico, que ao invés de ser olhado, é medicado. Esse cenário acaba gestando ações e profissionais de saúde com atuação também reduzida e excludente, visando adequar o sujeito a um padrão ideal de bem-estar, enquadrando seu paciente em comportamentos dóceis, definidores, normativos. A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, buscamos uma alternativa para questionar a concepção de verdade sedimentada na clínica psicológica/psiquiátrica enquanto ciência. Tal concepção busca a objetificação do sofrimento e enclausuramento da existência em códigos diagnósticos para classificar comportamentos, impondo que devemos todos seguir o que é normal, ou seja, personificar um padrão de comportamento aceitável - abafando tudo o que ameace a perspectiva técnica (ciência médica). Qual a alternativa então para essa vida de enclausuramento? Como podemos pensar em alternativas que não nos violem? Para que possamos desenhar possibilidades de intervenções, propomos nos aproximarmos da ideia de cuidado. Não como um procedimento, nem um momento de atenção para com uma pessoa, mas, a partir da analítica da existência de Heidegger, o “cuidado” é considerado como parte fundamental da existência do homem e norteia a reflexão sobre relação cuidado e clínica, como também da forma como nos relacionamos com o mundo, as coisas e os outros. Podemos, então, perceber que lançar esse olhar de atenção para o outro não pode basear-se na busca de uma verdade, a clínica não pode ser lugar de engessamentos, definições inalienáveis de caminhos prescritos. A partir das considerações aqui delineadas, vislumbramos possibilidades que abram caminho para a liberdade do existir. A arte aqui é apontada como uma dessas possibilidades de expressão e contemplação da existência diante do fenômeno da loucura, por muito tempo silenciada e tirada de circulação, dando lugar a um monólogo da razão. As reflexões heideggerianas sobre a arte seriam um oásis em meio à técnica, que nos ajudariam a sobreviver para além do que está constantemente instituído. Ou seja, o investimento na arte como intervenção é uma forma de se aproximar da loucura, do estranho, daquilo que o discurso racional não acessa. Inclinar-se com atenção em direção as pessoas em sofrimento abrindo espaço para a emergência da voz, do discurso, da expressão é uma forma de estimular a autonomia e protagonismo social, promovendo a possibilidade de habitar o mundo de forma diferente e libertadora.

**Palavras-chave:** cuidado; arte; autonomia; fenomenologia.

**Ana Izabel Oliveira Lima**

Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFRN, Formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pela Poiesis (Núcleo de Psicologia Fenomenológica). E-mail: [anaizabel.psi@gmail.com](mailto:anaizabel.psi@gmail.com)

**Melina Séfora Souza Rebouças**

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica pela UFRN, Poiesis - Núcleo de Psicologia Fenomenológica. E-mail: [melina\\_sefora@yahoo.com.br](mailto:melina_sefora@yahoo.com.br)

## 2.30 MEDITAÇÃO E CLÍNICA: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E PSICOLOGIA

Fernando da Rocha Magliano (UFRJ/UERJ/IFEN)

Estabelecemos nosso fio condutor na questão do ser e no problema da diferença ontológica (*ontologische Differenz*) formulado pelo filósofo Martin Heidegger, a fim de postular um posicionamento crítico concernente às tendências técnicas e objetivistas oriundas da tradição metafísica e presentes na razão científica contemporânea, da qual a Psicologia é debitária. Com a meditação (*Besinnung*) encetada pelo pensador, somos solicitados a revelar o impensado da metafísica – a diferença ontológica –, desvelando, concomitantemente, os limites das modernas ciências da natureza, que constituem a expressão mais recente da tradição. O dissenso entre ser e ente, contudo, não se deixa simplesmente transmitir ou comunicar por meio de um conteúdo conceitual, na medida em que possui caráter existencial e necessita, sobretudo, ser apropriado em uma experiência. Esta é a raiz do entendimento no qual nos apoiamos para identificar na meditação o aceno para um outro pensar emancipado da ciência contemporânea e filosofia tradicional. Para nós, portanto, meditar implica poder inaugurar um pensar não plenamente arbitrado pela razão técnico-científica corrente, apresentando outra compreensão e disponibilidade à escuta psicoterapêutica. Defenderemos, no decurso de nossa exposição, uma aproximação entre a meditação aventada por Heidegger e a dinâmica terapêutica das práticas clínicas psicológicas pautadas na fenomenologia e hermenêutica. Como resultado, procuramos obter elementos suficientes para pensar a atividade clínica para além de sua competência técnica e científica, no sentido de um exercício de interpretação e experimentação acerca dos modos de ser do homem. Em consonância com isto, entendemos que o emprego de recursos técnicos e científicos no cuidado clínico psicológico não suprime a necessidade de cultivarmos uma meditação consoante ao sentido dos fenômenos. Não trataremos, todavia, da gênese de uma nova técnica terapêutica, mas, antes, procuraremos suscitar outros modos de experimentar as propensões tecnicistas presentes na clínica psicológica. Pretende-se, assim, identificar a meditação com um pensar capaz de nos apontar um caminho rumo à uma compreensão diferenciada sobre a clínica psicológica. Com efeito, a meditação será tomada como convite e ensejo ao estabelecimento de uma nova postura com relação às práticas clínicas, em que a dinâmica psicoterapêutica pode se manifestar na condição de um esforço de compreensão e apropriação de sentido fomentador e ampliador da liberdade existencial humana. Acreditamos que este caminho possa ser libertador, portanto, caso nos conduza para além de nossa absorção inicial ao mundo técnico ao nos convidar a um exercício de experimentação e interpretação capaz de deflagrar os limites e possibilidades do espírito de nosso tempo.

**Palavras-chave:** Heidegger; Meditação (*Besinnung*); Psicologia clínica; Psicoterapia; Liberdade.

**Fernando da Rocha Magliano**

Psicólogo (UFF), Mestre em Estudos da Subjetividade (UFF), Doutor em Psicologia Social (UERJ), Sócio-Colaborador (IFEN), Professor Instituto de Psicologia (UFRJ), Pós-Doutorando em Psicologia Social (UERJ). E-mail: [fernandomagliano@hotmail.com](mailto:fernandomagliano@hotmail.com)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

## 2.31 MEMÓRIA E COTIDIANO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

**Luis Eduardo França Jardim (PUC-SP)**

O objetivo desta apresentação é discutir um caminho metodológico de pesquisa qualitativa com memória, fundada na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Para o filósofo, a memória não é apenas um reter, mas a memória de algo significa uma presença constante como aquilo que co-determina meu existir. Na medida em que o existir é histórico, a memória está ligada à consolidação de significações de experiências anteriores que permanecem determinando o cotidiano, ao mesmo tempo em que abrem uma compreensão de si mesmo e de mundo. O recurso da entrevista pode permitir acesso à narrativa da experiência mesma com a riqueza e profundidade tal como foi significada no existir do depoente. A narrativa da memória é tonalizada, desde o início, pelos sentidos que emergem da experiência passada, os sentimentos, ideias e valores que os dados e relatórios de época não podem transmitir. Ao mesmo tempo em que a experiência é narrada, os momentos anteriores, durante e posteriores à entrevista podem abrir a possibilidade de importantes reflexões e elaborações singulares e/ou coletivas para os depoentes. A pesquisa com memória não almeja uma proposta de amostragem, tampouco busca apurar o caráter de veracidade das informações fornecidas, mas se propõe como uma escuta fenomenológica atenta a vozes, muitas vezes silenciadas no decurso dos eventos públicos, que busca ter acesso à experiência mesma de uma existência diante de um determinado acontecimento ou período histórico. Deste modo, além do impacto no que diz respeito à singularidade do depoente, a pesquisa com memória pode ser também um importante instrumento para voltar o olhar para uma pluralidade silenciada, bem como à politização da compreensão relativa a um determinado evento histórico. A preparação da entrevista é uma etapa fundamental para alcançar maior riqueza e aprofundamento na narrativa. Mais frequentemente nas pesquisas em fenomenologia encontramos tanto a prática da entrevista livre, a partir de uma pergunta única disparadora do discurso; quanto a entrevista semi-aberta com roteiro. Para esta, o cuidado e rigor com a elaboração do roteiro são essenciais. Com base em um rigoroso levantamento bibliográfico é possível acessar aspectos pertinentes ao tema pesquisado de modo a desvelar e convocar no encontro, mais ampla e profundamente, a singularidade e pluralidade de cada experiência narrada. A transcrição da entrevista e o ato de se debruçar em sua leitura e releitura exaustivas são modos de *demorar-se junto a...*, de permanência junto ao fenômeno para que se revele em suas possibilidades. Por fim, o recurso à hermenêutica é fundamental para que na análise se amplie o desvelamento e compreensão de sentidos singulares presentes na experiência do depoente, abrindo a possibilidade de discussão de determinantes plurais do cotidiano de muitos.

**Palavras-chave:** memória; cotidiano; pesquisa; fenomenologia hermenêutica; Martin Heidegger.

### **Luis Eduardo França Jardim**

Doutor em psicologia pela USP-SP com tese sobre os impactos da Ditadura Civil-Militar no cotidiano dos brasileiros. Fez graduação e mestrado em psicologia clínica na PUC-SP, dissertando sobre a prática clínica com base no pensamento de Martin Heidegger. É docente do curso de Psicologia da PUC-SP e do curso de Fenomenologia Crítica no Instituto Sedes Sapientiae. Continua seus estudos fenomenológicos sobre clínica, violência, dominação e colonialidade. E-mail [luisfjardim@yahoo.com.br](mailto:luisfjardim@yahoo.com.br)



## 2.32 NECESSÁRIOS E POSSÍVEIS: NOVOS FORMATOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Guilherme Mareca de Oliveira

Juliana Nunes de Barros (UEMG/Divinópolis)

Marcelo Rufino Ferreira (UEMG/Divinópolis)

Eis que de repente, não mais que de repente, o mundo que reconhecíamos nos impôs mudanças. Modificações em nosso modo de viver se fizeram necessárias. Mudamos o agir frente as urgências. Os necessários e possíveis passaram a ter novos formatos. A correria do dia-a-dia, a busca desenfreada por conquista de bens e materiais, algo que o mundo moderno trazia como convite, pelo distanciamento de si e pelo exercício constante do que Heidegger chamou de pensamento calculante, não era respondido mais tão rapidamente. Aprender a lidar com o novo normal e suas restrições, passou a ser um desafio. Restritos ao lar, ambiente que nem sempre era frequentado em exaustão, agora detém a presença do ser. Lar, habitat, lugar de reconhecimento, de pertencimento, de prazer, descanso e bem-estar, passou a sugerir novos olhares, podendo ser, lugar de gratidão e aconchego, mas também, lugar de tormento e reclusão. O despertar de uma crise existencial diante da imposição ao direito à liberdade do ir e vir, ao medo da finitude, do desconhecido, provocaram mudanças no comportamento das pessoas. O mundo permanecia o nosso mundo, só que agora era visto pelas janelas, pela internet, pelo distanciamento entre pessoas. Uma contaminação globalizante assolou o mundo de forma avassaladora, índices de contaminação e morte pelo Covid-19, anunciados em crescimento diariamente, ainda amedrontam a humanidade. Para pensar as implicações desta pandemia para o ser de presença e seus contextos, buscar-se-á suporte teórico nas leituras de Heidegger, Feijoo, Casanova, Cabral e Giacóia Jr, dentre outros, como forma de compreensão de uma clínica que pelo viés da fenomenologia existencial, promove uma escuta das possibilidades existenciais dissonantes, propiciando espaço ao pensamento que medita, que resiste. As transformações no modo de viver, provocaram mudanças que na compreensão do mundo, horizonte histórico de acontecimentos, revela o projeto existencial do *Dasein* como espaço de significados. Dar sentido a estes novos significados e aceitação do incontornável têm na serenidade um alento. Serenidade não como vontade, mas como um aguardar o caminho, tal como proposto por Heidegger. A Psicologia fortaleceu o seu fazer pelos acolhimentos virtuais, através de grupos ou individualmente, profissionais se organizaram em oferta de serviços on-line. Fazer este que engatinhava em suas técnicas, com práticas ainda questionáveis, mas que passaram a ser o novo normal dos atendimentos psicoterápicos. Apropriar-se desse novo modo de fazer passou a ser um desafio. Foi justamente a suspensão de orientações e determinações que permitiu a abertura a outras possibilidades ao saber-fazer psi. Assim, objetiva-se apresentar uma leitura pela perspectiva fenomenológica-existencial, de uma clínica que se dispõe a escuta das diferenças, do inevitável num mundo que nos convida a constantes transformações no nosso modo de se relacionar. A importância do cuidado de si frente às diversidades e a serenidade como recurso para compreensão da questão do ser e seu sentido. Discutir a questão da técnica, a constituição do *Dasein*, o despertar da clínica fenomenológica, a serenidade como postura e recurso ao modo como o homem se relaciona consigo, intercedido pelos atravessamentos é algo que fundamentará os estudos desta proposta.

**Palavras-chave:** Questão da técnica; crise existencial; clínica; serenidade.

**Guilherme Mareca de Oliveira**

Graduado pela UEMG/Divinópolis. E-mail: [gmareca@gmail.com](mailto:gmareca@gmail.com)

**Juliana Nunes de Barros**

Mestre em Psicologia pela PUCMINAS, especialista em Psicologia clínica Fenomenológica Existencial pelo IFEN, graduada em Psicologia pela FUMEC BH, professora no curso de Psicologia pela UEMG/Divinópolis. E-mail: [jununesbarros@yahoo.com.br](mailto:jununesbarros@yahoo.com.br)

**Marcelo Rufino Ferreira**

Graduando pela UEMG/Divinópolis. E-mail: [mrfpsi@hotmail.com](mailto:mrfpsi@hotmail.com)

## 2.33 O PRINCIPAL COMPROMISSO DA DASEINSANALYSE

**Carlos Eduardo Carvalho Freire (PUC-SP/ABD)**

Nos últimos 20, talvez 30 anos, presenciamos no Brasil, uma expansão do pensamento fenomenológico e da analítica existencial para dentro da psicologia e da psiquiatria. Diante desse crescimento acentuado da abordagem fenomenológica e existencial no campo da psicologia, creio ser tarefa necessária esclarecer o que entendemos por Daseinsanalyse, enquanto prática psicoterapêutica. Assim, parece-nos importante destacar o que caracteriza esta proposta de modo que seja possível entendermos diferenças presentes no interior do próprio movimento fenomenológico. Nessa medida, torna-se essencial esclarecer o lugar e o papel da ontologia fundamental de Martin Heidegger, Ser e Tempo, no trabalho de um psicoterapeuta vinculado à Daseinsanalyse. Este papel não é de modo algum nos dizer o que devemos fazer, enquanto daseinsanalistas, com nosso paciente. A ontologia heideggeriana, sabemos, não possui nenhum caráter prescritivo, não propõe qualquer forma de ação, não tendo tampouco qualquer talento para apresentar-se como uma “filosofia da cultura”. Ser e Tempo, simplesmente, irá com seu rigor característico nos colocar diante daquele que nos procura, mostrando o que determina esse ente, sua dor fundamental e como, “de início e na maior parte das vezes”, essa dor é enfrentada: fuga de si mesmo e queda no mundo. Sem dúvida, aí nos defrontaremos com o desmanche do sujeito e suas faculdades psicológicas, o que levará o filósofo a propor que a hipotética dramaturgia intrapsíquica seja trocada pela dramaturgia ontológica, pois esta não é hipotética e sim demonstrável fenomenologicamente. Mas ainda não será aí que teremos o caminho em direção à prática psicoterapêutica. A resposta à pergunta sobre o que fazemos, enquanto psicoterapeutas, não será encontrada em nenhuma das análises de Ser e Tempo. Será no método empregado nesta obra, a fenomenologia hermenêutica, que o daseinsanalista encontrará o caminho de seu trabalho. Portanto, nossa proposta é que o psicoterapeuta extraia da ontologia fundamental pelo menos dois elementos fundamentais: o entendimento do ser humano como ser-no-mundo e a familiaridade compreensiva com proceder fenomenológico-hermenêutico. Finalizando queremos salientar que o emprego do termo Daseinsanalyse para nos referirmos à psicoterapia, deixa claro que nos encontramos e procuramos dar continuidade à proposta iniciada por Medard Boss a partir dos Seminários de Zollikon.

**Palavras-chave:** Daseinsanalyse; Fenomenologia; ser-no-mundo; psicoterapia; dor.

**Carlos Eduardo Carvalho Freire**

Psicólogo clínico pela PUCSP – 1976. Formação psicoterapêutica na Associação Brasileira de Daseinsanalyse – 1983. Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – desde 1976. E-mail: [edufreire10@gmail.com](mailto:edufreire10@gmail.com)

## 2.34 O SOFRIMENTO E O AMOR-DO-SILÊNCIO EDIFICANTE

Marcos da Silva e Silva (ESPM)

Kierkegaard por meio de seus pseudônimos nos permite acessar narrativas que edificam a existência enquanto ao mesmo tempo aponta para as possibilidades do sofrimento. O sofrimento é o que aprendemos com os lírios do campo e as aves do céu? É o que aprendemos no Evangelho do sofrimento? Será o pathos da vida trágica moderna o caminho para edificação da existência por meio do sofrimento? Seriam *As obras do amor* na ação do amar a resignação do homem que sofre? O sofrimento para este autor é uma condição existencial, está para além das palavras, é o sofrimento do *Cavaleiro da Fé*, é o sofrimento da escolha. O caminho que aqui faremos será com o sofrimento por meio do amor-do-silêncio-edificante que permite alcançar um modo de ser da experiência do existir em sofrimento ou no silêncio do sofrimento. O sofrimento é um fenômeno que tem um sentido para si mesmo e para o homem que sofre. Aquele que sofre; sofre! Não é necessário um objeto, um porque se sofre, o sofrimento-É. Quem sofre *com algo*, ao invés de sofrer esse algo, se recusa a escolher simplesmente o sofrido, e ele sofre, então, por tanto tempo quanto durar e rejeição à exigência de escolher o sofrido e for requisitada veladamente uma visão do acontecido. Todos os atributos que são dados ao sofrimento estão para o sentido do sofrer, nem antecede e nem antecipa naquele que sofre, está ali manifestando-se “como espinho na carne”, desvela-se e revela-se de maneira paradoxal, em suas mais variadas formas, mas mantém-se como um segredo a ser dito. Pode-se dizer que há habitação do sofrimento no silêncio, a verdade do sofrimento se reduz a ‘ouvir’ em silêncio existencial, em outras palavras: o silêncio se edifica como amor naquele que ouve de quem fala. O ouvir terapêutico não objetifica o sofrimento, o ouvir em silêncio edifica o amor. Se pensássemos em um “objeto” para apontar: “aquele é o amor do silêncio”, que nome daríamos? Por enquanto, só é possível dizer que o silêncio tem como amado o próprio silêncio daquele que fala e daquele que ouve. É neste sentido que a análise existencial se configura como papel do *ajudante*, em outras palavras é possível uma clínica psicológica de caráter fenomenológico que nos ajuda a compreender o sofrimento enquanto condição existencial.

**Palavras-Chave:** amor-edificante; existência; sofrimento.

### Marcos da Silva e Silva

Doutor em Educação: currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP)  
Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP) Pós-Graduação em Ensino de Filosofia (UNESP). Graduação em Filosofia e Pedagogia. Licenciatura em Filosofia, História, Sociologia e Psicologia. Professor no Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing - (ESPM). Professor efetivo de Filosofia, Sociologia e História no Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: [freemarcos1@yahoo.com.br](mailto:freemarcos1@yahoo.com.br)

## **2.35 PELE COLONIAL, MÁSCARAS FENOMENOLÓGICAS: QUANDO O FENOMENÓLOGO NÃO VÊ O FENÔMENO**

**Alexandre Trzan Ávila (USU)**

A psicologia clínica fenomenológica existencial pressupõe a superação de compreensões do existente humano como algo substancializado, positivado, dotado de essência e natureza prévia, assim como, a partir da visada fenomenológica e sua suspensão de preconceitos e teorias, também presume um modo de acesso privilegiado e mais originário aos fenômenos a partir deles mesmos. Com isso, poderíamos supor que as(os) psicólogas(os) que fundamentam seu fazer clínico por estes pressupostos teriam acesso à essência dos fenômenos em sua fenomenalidade própria, e assim não teríamos esse texto. Contudo, nos cabe perguntar: quanto que de fato os fenômenos dizem e mostram a si mesmos, levando em consideração um horizonte histórico que incessantemente naturalizou estruturas binárias, hierárquicas e de invisibilidade em meio a colonialidade de saberes, poderes e ontologias? É possível que as(os) psicólogas(os) fenomenológicas(os) acessem a radicalidade de alguns fenômenos historicamente invisibilizados, por exemplo, aqueles encarnados nas existências concretas de mulheres negras, gays ou transsexuais? Ignorar o racismo, a lgbtfobia e a misoginia no Brasil é apoiar indiretamente as estruturas de violência e opressão contra as existências de pretas(os), da população lgbtqi+ e de mulheres, além de reforçar o universal absoluto encarnado no homem branco cisheterossexual. Considerando que as orientações de modos de ser universalizados são estratégias de dominação e submissão ontológica, hoje nos parece apropriado afirmar que a(o) psicóloga(o) que desqualifica estas discussões e a necessidade de rever seu saber-fazer, inevitavelmente produz sofrimento e exclusão em sua prática clínica. Porque simplesmente dizer “não sou racista em minha clínica” (apelo à evidência) parece recusar um exame mais cuidadoso das evidências. Portanto, atentar à realidade brasileira fortemente marcada por racismo, misoginia, lgbtfobia, patriarcalismo, bem como, combater a violência identitária na clínica e buscar superar as estruturas coloniais que fundamentam o nosso olhar são ações que visam afirmar a descolonização de saberes e práticas. Em outras palavras: retomar o compromisso com os fenômenos e não com os autores e seus escritos, pois se um saber impede de “ver” certos fenômenos, estaremos então negando o fundamento primeiro da fenomenologia, “deixar que o fenômeno se mostre por ele mesmo”, ou seja, devemos reconhecer o quanto os sofrimentos produzidos cotidianamente são debitários dos preconceitos de nossa tradição colonizada, branca, europeia, que também impactam decisivamente no nosso fazer clínico. Por último, buscamos garantir que zonas esquecidas nas discussões fenomenológicas possam aparecer, tal como a crítica à dominação epistemológica na esfera do conhecimento e do existir. Uma estratégia de combate a perpetuação da lógica colonialista não deve recair em uma inversão binária de polos, mas sim, em uma aposta na pluralidade como estratégia de desconstrução das lógicas coloniais que habitam os campos epistemológicos e ontológicos, os quais fundamentam nosso olhar sobre os fenômenos e produzem campos de visibilidade ou invisibilidade fenomenológica.

**Palavras-chave:** clínica; fenomenologia; pensamento decolonial.

**Alexandre Trzan-Ávila**

Psicólogo (CRP: 05/35809). Doutor e Mestre em Psicologia Social (PPGPS/UERJ). Doutorando em Design (PPDESDI/UERJ). Especialista em Psicologia Clínica. Docente e supervisor na USU e Coordenador de Pós na Unyleya. Sócio-Diretor do Núcleo de Clínica

Ampliada Fenomenológico Existencial (NUCAFE). Pesquisador no campo do pensamento fenomenológico existencial, gênero e decolonialidade. Conselheiro do CRP-RJ. Autor: Identidade de gênero. RJ: Edições IFEN. 2019. E-mail: [atrzan@gmail.com](mailto:atrzan@gmail.com)

## 2.36 PODE A TEORIA E A EPISTEMOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SER CONGRUENTE COM SISTEMATIZAÇÕES E/OU INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA?

Edgar Agrela Correia (SPPE – Portugal)

Na última década, os prós e contras da investigação empírica e das sistematizações sobre a teoria e a prática da psicologia e psicoterapia existencial têm sido amplamente discutidos. Sejam a favor ou contra, todos concordam que a teoria fenomenológico-existencial comporta uma tensão natural com qualquer empreendimento que possa conduzir a uma visão abstrata, determinista e definitiva do homem. A presente comunicação procurará ir além do debate circunstancial dos prós e contras para questionar, a partir de fundamentos teóricos e epistemológicos, se alguma congruência pode ser possível na tarefa de encetar investigação e sistematizações empíricas a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. Procuraremos demonstrar que a teoria existencial não é, *de facto*, congruente com afirmações positivistas/apodíticas acerca do conhecimento produzido, mas que as suas bases teóricas não comportam incompatibilidades epistemológicas com a investigação empírica ou com sistematizações de conhecimento, *per se*.

**Palavras Chaves:** Fenomenológico-existencial, epistemologia, investigação, sistematizações.

**Edgar A. Correia (PhD, AdvD, Post-MA, MA, PgD)**

Psicólogo Clínico e da Saúde e Psicoterapeuta Existencial Certificado pelo WCP, pela EAP e pela OPP. Membro fundador, formador e supervisor da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE) e professor convidado do ISPA. E-mail: [edgar.agrela@gmail.com](mailto:edgar.agrela@gmail.com) URL: [www.psi-consulta.com](http://www.psi-consulta.com)

## 2.37 PROCESSOS PSÍQUICOS DE ADOECIMENTO E MUDANÇA E O MÉTODO ADI/TIP: UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICO-FENOMENOLÓGICA

Maria Clara Jost (FUNDASINUM/FCMMG).

Tommy Akira Goto (UFU)

Os processos psíquicos de adoecimento e mudança, em sua multidimensionalidade, revelam vivências psicocorporais e psicoespirituais vinculadas a configurações subjetivas/ intersubjetivas compostas na relação que o eu psicológico estabelece com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*). O eu psicológico, centro das afeições, é constituidor da subjetividade e intersubjetividade, podendo conformar ou distorções de sentido e modos de ser não correspondentes ao si mesmo ou reconfigurar-se, evidenciando-se também como condição de possibilidade de mudança, compreensão necessária para a Psicologia clínica. Edmund Husserl, em seu contexto histórico, contrapõe-se à opacidade dos conceitos utilizados pela nascente Psicologia científica e à redução do humano às leis psicofísicas, crítica ainda pertinente e atual, propondo um método fenomenológico distinguido pelo duplo movimento de retorno “às coisas mesmas”, a redução eidética, do qual decorre a redução transcendental, denotando vivências fundantes do humano apreendidas em sua universalidade. Demarcou, outrossim, uma Psicologia Fenomenológica, propendendo delinear uma ciência psicológica, pura, racional, *a priori* e não experimental abalizando a estrutura psíquica do humano na totalidade da vivência do “eu” e dando os fundamentos para uma psicologia empírica cientificamente rigorosa. Esse trabalho, recorte da pesquisa de pós-doutoramento, objetivou compreender e analisar as vivências psicológico-fenomenológicas fundantes de experiências que sustentam movimentos de adoecimento e mudança psicoossomática em contexto psicológico-clínico, utilizando-se o processo psicoterapêutico do Método ADI/TIP. O Método ADI/TIP é uma metodologia psicoterápica de curta duração (10-15 sessões), criada e desenvolvida pela psicóloga Jost de Moraes (1936-2013), a partir de 1975, baseada em sua prática clínico-empírica experiencial (139 mil pacientes atendidos) encontrando, posteriormente, seus fundamentos antropológico-psicológicos na Psicologia Fenomenológica. Seus recursos específicos possibilitam o trabalho diagnóstico-terapêutico direto, sem interpretações ou análises, sobre conteúdos psíquicos inconscientes (ADI), estes que emergem vinculados a vivências afetivo-emocionais primevas, cunhados como acontecimentos e seus correspondentes significados/sentidos, desde a fase intrauterina, que implicam em autoformação. Sua aplicação clínico-psicológica ocorre pela Terapia de Integração Pessoal (TIP), apresentando resultados longitudinais de 81,4% para diversas sintomatologias. Considerando a dupla composição da *psique*, psicológico e transcendental, exige-se uma pesquisa psicológico-empírica que não se restrinja ao significado da experiência (hermenêutica), ao invés, que a partir dela, alcance a redução eidético-fenomenológica, como proposto por Goto e Feijoo. A pesquisa clínico-empírica quantitativa (PBEP), utilizou o BDI e a escala de Indicadores Genéricos de Mudança (GCIs) com sujeitos depressivos. Os resultados demonstraram mudanças subjetivas/ intersubjetivas, psicofísicas, psicossociais e existenciais. Em seguida, baseando-se na concretude das experiências vividas, analisaram-se as vivências psicológico-fenomenológicas mobilizadoras tanto de sofrimento psíquico quanto de sua superação, caminhando para além da experiência subjetiva, a partir dos fundamentos do fenômeno em sua transcendentalidade. Evidenciaram-se as vivências da temporalidade, da afetividade, generativas (familiares) e rememorativas, destacando-se as características da memória inconsciente, tal como descrita por Husserl. Compreende-se que o esclarecimento das vivências psíquicas presentes em processos de fechamento/adoecimento ou abertura/mudança de si, pode colaborar para o desenvolvimento da psicologia científica, para a investigação psicológico-fenomenológica da práxis psicológico-



clínica e para a apreensão das especificidades de processos psicoterapêuticos cientificamente fundamentados, demonstrando que a pessoa, apesar do seu sofrimento ou mesmo mobilizado por ele, é sempre capacitada à transformação de si mesmo.

**Palavras-chave:** Método fenomenológico-empírico; Pesquisa clínico-empírica; Vivências psíquicas; Intervenção psicológico-clínica; Psicoterapia.

**Maria Clara Jost**

Brasileira. Psicóloga clínica. Pós-doutora (UFU, 2018). Doutora em Psicologia (PUCMG, 2014) (Bolsista CAPES). Mestre em Psicologia (UFMG, 2004). *Lato sensu* em Filosofia (UFMG, 1997) e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial (FEAD, 2012). Musicista (Escola Superior de Música de Lisboa, 1991). Psicóloga (UFMG, 1987). Docente e diretora do curso *Lato sensu* da FUNDASINUM/ FCMMG. Membro do World Council for Psychotherapy (WCP). Conferencista, escritora. Finalista-prêmio CAPES- Teses de Doutorado (2015). E-mail: [mariacclarajost@gmail.com](mailto:mariacclarajost@gmail.com)

**Tommy Akira Goto**

Brasileiro. Professor Pós-Graduação em Filosofia e Psicologia (UFU). Doutor em Psicologia (PUC-Campinas, 2007), Mestre em Filosofia e Ciências da Religião (UMSP, 2002), Vice-presidente da ABRAPFE; Membro-colaborador CLAFEN; Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos. Membro da Asociacion Latinoamericana de Psicologia Existencial (ALPE). Docente em Psicologia e Filosofia, Epistemologia, Fenomenologia e Ciências Cognitivas, Psicologia e Educação, Psicologia Fenomenológica de E. Husserl e E. Stein. Autor de diversos livros e artigos. E-mail: [prof-tommy@hotmail.com](mailto:prof-tommy@hotmail.com)

## 2.38 O POSITIVISMO E A SAÚDE MENTAL: REFLEXÕES A PARTIR DA *KRISIS* DE HUSSERL

Mariana Cardoso Puchivailo (FAE)

Esse trabalho tem como objetivo propor uma reflexão a respeito do campo da saúde mental a partir da obra “*A crise das ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental*”, ou *Krisis*, de Husserl. Para tanto iremos utilizar algumas partes desta obra: a Primeira Parte – “*A crise das ciências como expressão da crise radical da vida da humanidade europeia*” e a Segunda Parte – “*Elucidação da origem da oposição moderna entre objetivismo fisicalista e subjetivismo transcendental*”, ambas correspondentes ao texto publicado em 1936 em Belgrado; e o tratado - “*A crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*”, referente a conferência de Viena de 1935. Esses textos foram selecionados por realizarem uma retrospectiva histórico-teleológica a respeito da ciência e da humanidade europeia, nos fornecendo meios para uma reflexão sobre a construção da concepção de ciência positivista e seus impactos na Saúde Mental atualmente. O modelo de Atenção à Saúde Mental é construído e debatido no Brasil há pelo menos quatro décadas, a partir de diversas perspectivas, que, em partes, propõe escapar à lógica positivista de ciência. Porém, historicamente, a construção do conceito de Saúde Mental remete a constituição de uma disciplina que se propõe a se debruçar sobre a “doença mental” e a ofertar tratamento, a psiquiatria. Esta pode ser caracterizada como um produto cultural advindos das ciências naturais e da proposta positivista, que ganha força na Europa na segunda metade do século XIX. Apesar das novas concepções que surgem a partir do século XX ainda percebemos a hegemonia do pensamento positivista do campo da Saúde Mental. Somos ainda devedores da mesma lógica ingênua e tecnicizada de ciência, apontada por Husserl. Para o filósofo, as ciências da natureza buscam em última instância uma explicação físico-química, uma matematização da natureza, e em relação à subjetividade, buscam a causalidade psicofísica, recaindo no mesmo naturalismo e objetivismo. Husserl irá apontar que a constituição da humanidade europeia remete a uma concepção de ciência e propõe uma retrospectiva histórico-teleológica sobre seu significado e as finalidades de seus usos, para onde nos conduz, ou mesmo suas limitações e riscos. A perspectiva de compreensão de uma “humanidade europeia” se refere a forma espiritual da Europa, constituída por uma unidade de viver, do agir e do criar, envoltos por suas finalidades e interesses. A partir de Husserl podemos compreender que não se trata apenas de uma opção epistemológica racional, mas uma concepção de ciência que acaba por habitar a vida intencional dos indivíduos, um outro estilo de existência pessoal e de nova comunidade. Desta forma, deixar de pensar dentro desse modelo, seria deixar de ser quem é, segundo o autor, e portanto, a “conversão” a outro tipo de uso da razão só poderia durar por um lapso de tempo, e que só teria validade continuada na forma de uma vontade de reassumir, em lapsos de tempo periódicos, a mesma atitude e interesses. Podemos assim entender a partir de Husserl a complexidade da conversão a outras formas de pensar que escapem do modelo de ciências naturais exposto por Husserl.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; *Krisis*; Saúde Mental; Positivismo.

### Mariana Cardoso Puchivailo

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (2018). Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2014). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2011). Professora da FAE Centro Universitário. Editora chefe da Revista Psicofae: Pluralidades em Saúde Mental. Líder do Grupo de Pesquisa: Estudos Fenomenológicos em Primeiras Crises do Tipo Psicóticas. Membro do corpo diretivo da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica. E-mail: [puchivailomariana@yahoo.com.br](mailto:puchivailomariana@yahoo.com.br)

## 2.39 SARTRE À MODA DA CASA: USOS POLÍTICOS DO PENSAMENTO DE SARTRE NO BRASIL (1955-69)

Rodolfo Rodrigues de Souza (PPGPS/UERJ, UCL)

A apresentação evidencia as diferentes apropriações do pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre no Brasil entre os anos de 1955 e 1969. Trata-se de um período duplamente relevante: em termos nacionais, é uma época de intensa polarização política e de profundos debates sobre os (des)caminhos da nação, culminando com a instauração da Ditadura Civil-Militar brasileira; em termos de uma periodização do pensamento de Sartre, é uma época marcada por intensa produção e ação política do filósofo, sobretudo voltada para o chamado Terceiro Mundo. A hipótese é de que as possibilidades de diálogo com qualquer pensamento são atravessadas pelo modo como este foi e é percebido em um dado contexto, que, de alguma forma, estabelece as condições para *diversos endereçamentos* daquele pensar. Para a realização do estudo que agora se apresenta, parte-se da ideia de uma *psicologia social fenomenológica*, reafirmando a indissociabilidade entre homem e mundo. Assim, toda a ação humana participa da construção ativa de mundo. Desta construção, importantes indícios são os produtos culturais, que emergem como via de acesso a uma época, viabilizando que se perceba as circulações de ideias e a construção de mundos possíveis. Especificamente, considera-se aqui o jornal como um desses produtos que permite acessar uma época. As publicações do jornal *O Globo* dentre os anos de 1955 e 1969 servem, então, como ponto de partida para as investigações fenomenológicas dos diferentes usos feitos de Sartre. As apropriações revelam um *uso político* da imagem do filósofo para sustentar pautas morais, de costumes, econômicas, políticas, dentre outras. Sartre, tal qual um prato à moda da casa, foi deglutido de maneiras diversas, ao gosto do momento. Por fim, evidencia-se que tais *usos políticos* não são característicos apenas do tempo de outrora, mas fundam uma recepção problemática de sua obra que colhe frutos até os dias atuais. Isso se dá, seja no modo como seu pensamento é apressadamente considerado, inclusive por certas práticas psicológicas, seja no mundo da política, onde o existencialismo segue sendo apontado como responsável por certa *decadência moral nacional*. A apresentação é desdobramento dos resultados de pesquisa de doutoramento em fase de conclusão no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ), sob orientação do professor Ronald Arendt.

**Palavras-chave:** Psicologia Social Fenomenológica; Jean-Paul Sartre; jornalismo; recepção.

### Rodolfo Rodrigues de Souza

Psicólogo (CRP 05/39201). Doutorando e mestre em Psicologia Social (PPGPS-UERJ). Especialista em Psicologia Clínica na Abordagem Fenomenológico-Existencial (IFEN-RJ). Professor de graduação e supervisor de estágio no Centro Universitário Celso Lisboa (UCL). Psicoterapeuta em consultório particular. E-mail: [rodolforsouza@gmail.com](mailto:rodolforsouza@gmail.com)

## 2.40 AS ETAPAS INICIAIS DA VIDA E A CONCEPÇÃO DE MORTE PARA A CRIANÇA SOB O VIÉS DA PSICOLOGIA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

Maíra Prieto Bento Dourado (UFSB)

Esta proposta de trabalho visa apresentar os resultados iniciais da minha pesquisa de doutorado, cujo objetivo é analisar a concepção da morte pela criança à luz da noção de desenvolvimento infantil para a psicologia fenomenológico-existencial. Compreender a morte e o morrer através do prisma da criança provoca – em quem presencia – experiências geradoras de distintos sentidos. A investigação, de caráter qualitativo e exploratório, inspirada na pesquisa de mestrado sobre a morte da criança, na qual compreendi como a criança percebia seu próprio morrer para além do que é proposto pelas teorias psicológicas do desenvolvimento sobre a concepção de morte pela criança. Em análise bibliográfica preliminar dos estudos sobre a concepção da morte pela criança, aponto, por um lado, que a literatura têm demonstrado que as crianças revelam, desde muito cedo, uma representação da morte. Por outro, que consideram majoritariamente esta representação gradual e diretamente ligada às etapas do desenvolvimento cognitivo, que, por sua vez, determinam processos de aprendizagem mediados por capacidades intelectuais e emocionais. Heidegger nos diz que o homem é o ente que se sabe mortal, aquele que pode se debruçar sobre a sua existência e sobre a possibilidade de não ser mais vivo. A pré-compreensão da morte é possível por sermos, enquanto *Dasein*, originariamente abertos à compreensão. O modo como a compreensão se concretiza é atravessado pelas determinações históricas para cada experiência do *Dasein*, em sua medianidade cotidiana. Essa abordagem se baseia no pressuposto de que as etapas iniciais da vida humana são concebidas por Heidegger como o ser-aí criança e não apresenta nenhuma distinção ontológica do ser-aí adulto. Ademais, Merleau-Ponty, partindo também da fenomenologia de Husserl, ao analisar e criticar as teorias do desenvolvimento infantil, contribuiu para formular os primeiros questionamentos sobre a psicologia do desenvolvimento hegemônica em sua época. Aqui nos interessa, primeiramente, como o filósofo francês refuta a concepção de que o pensamento da criança funcione do mesmo modo que o do adulto apenas em um grau diferente e diminuto, apontando para uma fragilidade da visão adultocêntrica sobre a natureza infantil que coloca às crianças interrogações que só fazem sentido no mundo do adulto. Na esteira das investigações fenomenológico-existenciais em Psicologia, minha pesquisa visa fundamentar uma desconstrução deste caráter de determinação do humano por sua capacidade intelectual e trazer à cena a criança ao modo da abertura, como um ente que constitui sua existência no mundo, revelando desse modo sua compreensão da experiência concernentes as situações de morte.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil; Fenomenologia-Existencial; Heidegger; Merleau-Ponty; Morte.

### Maíra Prieto Bento Dourado

Doutoranda e Mestra em Estado e Sociedade – UFSB. Especialista em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial – IFEN. Especialista em psicopatologia. Formada em psicoterapia com Crianças e Adolescentes. Psicóloga – UERJ. Psicoterapeuta há 15 anos com experiência em atendimento de crianças e adolescentes. Sócia-fundadora do Grupo Conhe-Ser: estudos em psicologia e formação do psicólogo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8968504435843764>

## 2.41 SOBRE ROMANCE DE FORMAÇÃO E SEU INTERESSE PARA A CLÍNICA EXISTENCIAL

Elisabete Marques de Sousa (CFL/UL – Portugal)

De acordo com Frank Moretti (1943-2013), o grande estudioso do romance de formação, enquanto género literário, o *Bildungsroman* constitui como que um “milagre simbólico ou miragem, entre 1789 e 1848: um bonito equilíbrio entre os constrangimentos da socialização moderna e os seus benefícios, entre o sentido que se perderá na prosa do mundo, e o sentido que será encontrado”. Segundo Moretti, na trama romanesca deste sub-género literário, não há acontecimentos sem sentido; há antes sentidos que se geram através de acontecimentos. Estes ‘acontecimentos’ estão marcados pela mobilidade, implicando deslocação de espaços rurais para espaços urbanos e consequente abandono da família de origem, e por uma interioridade caracterizada por insatisfação e inquietude, e que decorre do confronto do indivíduo jovem que se dispõe a explorar novos espaços sociais. O próprio Moretti considera que estas características que no *Bildungsroman* se tornam visíveis no percurso do protagonista são afinal os sintomas típicos da modernidade. Após um primeiro momento em que se explora esta teoria do romance, daremos alguns exemplos e contra-exemplos de novelas e romances que cabem ou ficam fora deste subgénero, chamando a atenção para alguns critérios que permitem distinguir esta sub-género de outros sub-géneros da forma ‘romance’, tais como o romance de desenvolvimento (*Entwicklungsroman*) e o romance de educação (*Erziehungsroman*). Neste passo, será dada relevância ao contexto epistemológico da época do surgimento do romance de formação, na filosofia e nos primórdios da psicologia, designadamente ao contributo de Kant, Goethe, Schiller. Será igualmente sublinhada a diferença entre romances de formação em sentido estrito, subordinados ao princípio da classificação, e romances de formação em sentido lato, subordinados ao princípio da transformação. No âmbito das relações com a História, e partindo da afirmação de Moretti que defende a impossibilidade de haver romances de formação após 1914, será igualmente sublinhado a diferença entre romances cujo contexto é uma estória e aqueles cujo contexto é a História e aquilo que se entende pela designação do romance de formação como ‘conforto de civilização’. Por fim, apresentamos uma síntese de elementos de interesse deste sub-género literário para a clínica existencial, quer como veículo ou exemplo da possibilidade de narrativização de vida(s), quer como ferramenta de distanciação do sujeito analisado passível de ser criada através da diferença de focalização induzida pelas estratégias diagéticas.

**Palavras-chave:** Romance de formação; estória; História; herói; narrador.

### Elisabete M. de Sousa

Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Mestre em 2000 e Doutor em 2006 (Univ. de Lisboa) em Teoria da Literatura. Pós-doutorado centrado na tradução e edição crítica de *Ou-Ou. Um Fragmento de Vida*, de Søren Kierkegaard, 2008-2015, em dois volumes (Relógio de Água 2013; 2017). Tradutora de *Temor e Tremor* (2009) e de Mary Wollstonecraft *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher* (Antígona, 2017). Publicou *Formas de Arte. A Prática Crítica de Berlioz, Kierkegaard, Liszt e Schumann* em 2008.

### **3 MESAS REDONDAS**

### **3.1 MESAS REDONDAS INSTITUCIONAIS**

### **3.1.1 MESA REDONDA ALPE I**

#### **3.1.1.1 PALAVRA POÉTICA E SOLIDÃO. EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA PSICOTERAPIA**

**Ramiro Gómez Salas (ALPE – Peru)**

A saudade como experiência intransitiva e inevitável no existir humano. A palavra poética como expressão da experiência da saudade e como possibilidade de sua compreensão e abordagem; entendidas a partir da prática da psicoterapia. Se reflete a partir do pensamento de Gabriel Marcel, María Zambrano e Emmanuel Lévinas.



### **3.1.1.2 PARA UMA ORIENTAÇÃO EXPLORATÓRIA, ABRANGENTE E ESTÉTICA DA TERAPIA EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA**

**Yaqui Andrés Martínez-Robles (CIR-EX – México)**

A terapia existencial-fenomenológica apresenta uma série de desafios às formas tradicionais de conceituar terapia. Durante esta apresentação, seremos convidados a refletir sobre três diferentes formas (Orientações) de abordar o trabalho terapêutico, cada uma com objetivos distintos, embora seja possível que partilhem do mesmo âmbito. As três orientações que iremos propor estão presentes inclusive nos modelos e práticas terapêuticas ditas "existenciais". Essas formas de abordagem da terapia baseiam-se em diferentes visões de mundo e valores por parte do profissional. Sublinharemos o que pode ser constitutivo de uma terapêutica fenomenológica existencial por excelência, situando-a como um trabalho exploratório, com objetivos abrangentes e estéticos: um trabalho que tenta sair do “foco no psiquismo”, para ir à contemplação da existência; que busca ir além da clínica, para promover um “acompanhamento cuidadoso”; que promove um olhar horizontal e equalizado, diante das quatro diferentes linguagens com que o consultor pode expressar sua experiência. Posicionar o trabalho terapêutico a partir desta linha, coloca a relação e o encontro terapêutico no primeiro plano. Outra consequência desse estilo de abordagem consiste em um movimento que pode nos levar, desde conceber a existência como um problema a ser resolvido, a nos mantermos em suspense (epojé) diante de seu mistério. Essas características da perspectiva fenomenológica existencial da terapia, convida-nos a considerá-la como uma abordagem estética, próxima dos nossos sentidos e da experiência do belo.

**Palavras-chave:** Terapia Existencial-Fenomenológica; Orientação; Exploratório; Compreensão; Estético.

#### **Yaqui Andrés Martínez-Robles**

Psicólogo. Mestrado e Doutorado em Psicoterapia Humanística, Doutorando em Filosofia. Especialidades em: Gestalt Terapia; Terapia de Grupo; Terapia Narrativa e Socioconstrucionismo; Terapia musical; Psicologia Transpessoal e Respiração Holotrófica; Sexualidade. Autor de 5 livros na especialidade. Presidente Honorário da Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial. Diretor do Círculo de Estudios en Terapia Existencial. [www.circuloexistencial.org](http://www.circuloexistencial.org) [www.yaquiandresmartinez.com](http://www.yaquiandresmartinez.com)

### 3.1.1.3 PROCESSO EXPERIENCIAL IMPLICADO NO DESENVOLVIMENTO DO BEM-ESTAR E DO SOFRIMENTO

Alberto Mario de Castro Correa (UNINORTE – Colômbia)

De acordo com a perspectiva humanista existencial, os psicólogos devem compreender a denominada psicopatologia desde uma perspectiva que lhe permita atender às intenções e significados que os consultantes desenvolvem em e por meio dos seus sintomas. Acreditamos que é mais apropriado referir-se aos transtornos psicológicos como *experiências disfuncionais*, já que os transtornos são a expressão ou resultado final de um processo experiencial destrutivo matizado pelo sofrimento que persiste cronicamente ao longo do tempo e se torna cada vez mais generalizado nas distintas áreas da vida cotidiana. Assim, quando nos referimos a experiências disfuncionais atendemos tanto ao sofrimento crônico gerado pelo desenvolvimento e manutenção de um *processo experiencial* caracterizado pela confrontação destrutiva das distintas situações da vida cotidiana como ao resultado desse sofrimento destrutivo crônico, que são os transtornos psicológicos e seus quadros sintomáticos. Estas *experiências disfuncionais* surgem e se desenvolvem quando as pessoas não são capazes de confrontar construtivamente de forma constante e consciente distintos dilemas existenciais da vida cotidiana e a ansiedade que surge a partir da relação com o paradoxo entre liberdade (ou possibilidades humanas) e determinismos (ou fatores limitantes). O possível resultado disso é a incapacidade das pessoas de desenvolverem conscientemente um projeto de vida construtivo, caracterizado por uma orientação para a afirmação de valores saudáveis e de significados e ações coerentes. Assim, a pessoa gradativamente vai gerando pouco contato consciente com a liberdade e a ansiedade envolvida nessa liberdade. Se isso se repete cronicamente ou se mantém ao longo do tempo na maioria das situações da vida cotidiana, é muito possível que a pessoa não possa obter uma experiência de sentido plena ou satisfatória, diante do que logo aparecem experiências vazias caracterizadas por sensações crônicas de insignificância, apatia, impotência, vazio, insatisfação, desespero, incapacidade, desesperança, desvalorização, desamparo, vulnerabilidade, frustração e/o de sentir-se assediado e indefeso. A vivência crônica e intensa dessas sensações em muitas (ou na maioria) das situações da vida cotidiana é o que dá origem, psicologicamente falando, ao sofrimento e à doença mental propriamente dita. Nesse sentido, *experiencialmente* falando, ainda que não se prolongue racionalmente, a pessoa pouco a pouco pode começar a converter o sofrimento gerado pelos padrões de comportamento destrutivo em comportamentos disfuncionais e patológicos. Esses transtornos ajudam *implicitamente* a pessoa a obter algum tipo de ganho experiencial, embora patológico, que compensa as sensações crônicas de insignificância, apatia, impotência, vazio, insatisfação, desespero, incapacidade, desesperança, desvalorização, desamparo, vulnerabilidade e frustração e/o de sentir-se assediado e indefeso.

**Palavras-chave:** processo experiencial; bem-estar; sofrimento; psicopatologia.

**Alberto Mario de Castro Correa**

Doutorado em Psicologia, Saybrook University. Mestrado em Psicologia com concentração na clínica, University of Dallas. Psicólogo com mais de 20 anos de experiência na área da psicologia clínica com ênfase no tratamento de adultos e adolescentes com dependência de substâncias psicoativas y dificuldades no manejo da ansiedade por meio da terapia humanista existencial. Reitor da Divisão de Humanidades e Ciências Sociais e professor do mestrado em aprofundamento clínico da Universidad del Norte. Investiga sobre “Experiência de ansiedade e saúde mental” através de uma abordagem fenomenológica-hermenêutica.

### **3.1.2 MESA REDONDA ALPE II**

#### **3.1.2.1 A RELAÇÃO TERAPÊUTICA OU CO-CONSTRUINDO O BINÔMIO TERAPÊUTICO**

**Juan Manuel Castellanos Hernández (ALPE – México)**

Uma das questões mais discutidas entre os diferentes modelos psicoterapêuticos é a ideia da relação terapêutica e se ela pode ou não ser utilizada como uma das ferramentas que o terapeuta possui no trabalho analítico. Para a abordagem existencial, a relação terapêutica não é apenas uma ferramenta, mas um pilar sobre o qual se baseia a prática fenomenológica existencial. A relação terapêutica não é algo que ocorre pelo simples fato de começar a trabalhar com alguém, é algo que se constrói como uma ponte para poder viajar por ele. É imprescindível mencionar que a relação terapêutica é extremamente frágil e daí a importância de o analista existencial estar atento às formas de co-criá-la, bem como das possíveis formas de fraturá-la. O binômio terapeuta-paciente é algo que surge da coconstrução de uma boa relação terapêutica e é o principal aspecto pelo qual o paciente pode violar, confiar, realizar um processo de análise, buscar novas possibilidades ou reafirmar possibilidades anteriores. . Assim, o binômio terapeuta-paciente é algo a que todo analista existencial deve dar atenção especial. Proponho pensar que o tão importante binômio terapeuta-paciente pode ser co-criado de três maneiras diferentes: imposição do binômio, uso de ferramentas psicológicas para a co-criação do binômio e co-criação do binômio de forma natural. Dessas possibilidades, é a cocriação do binômio de forma natural que gera uma aliança terapêutica mais sólida e que dá ao analista existencial a possibilidade de cruzar essa ponte e gerar um trabalho muito mais profundo e sólido.

**Palavras-chave:** relação terapêutica; binômio terapêutico; análise fenomenológico-existencial.

#### **Juan Manuel Castellanos**

Mestre em Análise Existencial Fenomenológica pelo Círculo de Estudos em Psicoterapia Existencial, Mestre em Gestalt pelo Instituto Humanista de Psicoterapia Gestalt, Bacharel em Psicologia pela Universidade Ibero-Americana. E-mail: [juanpsic1@gmail.com](mailto:juanpsic1@gmail.com)

### **3.1.2.2 ABORDAGEM EXISTENCIAL À VIOLÊNCIA DE GÊNERO – A HISTÓRIA DE MARI**

**Ana Maria León Tapia (ALPE/UCE – Equador)**

A violência contra a mulher é uma realidade vivida na sociedade equatoriana, muitas vezes normalizada pela tradicional visão machista de homens e mulheres. Porém, com a presença feminista nas redes sociais, nas ações do governo e de ONGs, as mulheres vão se conscientizando de que podem mudar sua situação e decidem procurar atendimento psicológico. Torna-se muito mais complexo quando se considera a situação econômica da mulher que vivencia a violência, visto que na maioria das circunstâncias ela se encontra sem recursos próprios. Soma-se a isso a influência do parceiro, que controla suas ações, minimiza o auxílio que poderia receber da psicologia e restringe ou dificulta o acesso à consulta psicológica. Apesar de tudo isso, algumas mulheres conseguiram comparecer à consulta e permanecer no seu processo pessoal, buscando uma segunda chance para si mesmas. Este trabalho apresenta a história de Mari (nome protegido), para compartilhar a experiência do processo de aconselhamento psicológico com abordagem existencial. Podem-se observar os dilemas com os quais vem a consulta e como ao longo do tempo, ao solucionar seus dilemas, toma decisões quanto à situação de violência em que vive. Ênfase especial será dada à falta de contato consigo mesma, uma espécie de separação de seu corpo e de suas emoções; Em seguida, será explicado como passar pelo processo psicológico permitiu que ele se redescobrisse e se encontrasse. Inclui-se na análise uma fase de acompanhamento onde fica evidente a concretização das decisões tomadas na consulta, onde se evidencia o seu exercício da liberdade e a manutenção das conquistas alcançadas no seu processo pessoal ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** consulta psicológica, violência, mulher.

#### **Ana Maria León Tapia**

Título de terceiro nível: Psicólogo clínico. Título de quarto nível: Mestre em Ciências Psicológicas com menção em Neuropsicologia. Vínculo institucional: Professor da Faculdade de Ciências Psicológicas da Universidade Central do Equador. Psicóloga Clínica do Centro de Prevenção Psicológica. Membro da ALPE (Associação Latino-Americana de Psicoterapia Existencial).

### 3.1.2.3 INVESTIGAR NA PANDEMIA

**Susana Signorelle (FUNCAPAC/ALPE – Argentina)**

Pesquisar em pandemia é uma proposta para tentar entender a grande comoção que vivemos atualmente. Nossa existência se transformou de forma quase abrupta, não sabíamos nada sobre o vírus, nada sabíamos sobre as consequências psicológicas e sociais que ele trazia. De repente, a morte estava à nossa espera, a incerteza nos envolveu e, como terapeutas existenciais, passamos a viver essas alternativas ao mesmo tempo que nossos pacientes e ao mesmo tempo que a humanidade como um todo, sem que ninguém pudesse nos dar certezas. Até a terapia foi transformada de face a face para virtual. As telas, antes muito criticadas, tornaram-se nossas queridas companheiras. Tempo e espaço foram alterados. Vivemos em uma incerteza permanente e isso não é tolerado pelo ser humano há muito tempo, ele quer certezas e como não as tem, entra em conflito. Essas mudanças mostram perdas e a rápida necessidade de adaptação traz estresse. O tempo decorrido desde o início da pandemia até hoje nos transformou muito rapidamente como humanidade. Tivemos que enfrentar situações inesperadas e ainda menos projetadas. Ninguém teve em seu projeto de vida viver uma pandemia. As mortes passaram a ser um número para a mídia, mas ninguém falou das consequências psicológicas que isso traria para as famílias. Cada morte é um luto por uma família. Mas não houve apenas mortes reais, mas também micro mortes e micro duelos, perda de trabalho, perda de privacidade, perda de hábitos, enfim, perda do projeto. Também trouxe outras mortes, silenciosas e silenciosas. Nosso compromisso como terapeutas não é apenas assumir as circunstâncias atuais, mas antecipar o que ainda está por vir. A investigação abre as portas para que possamos lançar luz sobre o que nos está acontecendo e, assim, ter uma dimensão plena de toda a complexidade em que estamos imersos. Essa mesma situação que nos parece um limite, como nos diria Jaspers, é aquela que nos chama a investigar o que nos acontece e o que acontece com os nossos semelhantes. Neste trabalho apresento os resultados de algumas pesquisas e minhas próprias conclusões sobre as mudanças que temos vivido. É um convite para questionarmos como queremos construir o mundo, o nosso mundo, não só com ideias, mas com ações criativas.

**Palavras-chave:** pandemia; incerteza; pesquisa.

#### **Susana Signorelle**

Graduado em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Presidente da Fundação CAPAC na Argentina. Presidente Honorário da ALPE (Associação Latino-Americana de Psicoterapia Existencial. Presidente da Delegação Argentina da ALPE. Membro honorário de várias instituições e congressos nacionais e internacionais. E-mail: [funcapac@fibertel.com.ar](mailto:funcapac@fibertel.com.ar)

### 3.1.3 MESA REDONDA APHETO

#### 3.1.3.1 PESQUISAS EM FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

**Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)**

A mesa redonda *Pesquisas em Fenomenologia Existencial* se propõe a apresentar algumas das pesquisas que vêm sendo realizadas no Núcleo de Fenomenologia Existencial - NUFEX, orientadas pelo professor Georges Daniel Janja Bloc Boris, um dos coordenadores do Laboratório de Clínica e Psicopatologia Humanista Fenomenológica – APHETO, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP, da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, no Ceará, Nordeste do Brasil. Num primeiro momento, João Felipe Leite Costa apresenta, em *Liberdade, Projeto de Ser, Angústia e Má-Fé: Contribuições Sartreanas à Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*, a partir de seu projeto de iniciação científica como aluno voluntário, suas principais considerações sobre a liberdade, a angústia e a má-fé como temas existenciais significativamente presentes nos processos de elaboração do projeto de ser de pessoas que buscam a psicoterapia, especialmente na sua vertente fenomenológico-existencial. Em seguida, Dácio Pinheiro Carvalho descreve seu projeto de dissertação de mestrado ainda em andamento, *Os Sentidos da Arte na Psicoterapia: A Experiência de Gestalt-Terapeutas*, partindo das raízes históricas e culturais da gestalt-terapia, vinculadas às expressões artísticas, para investigar fenomenologicamente a experiência vivida de gestalt-terapeutas brasileiros atuais com o uso da arte nos processos psicoterapêuticos que acompanham. Apesar de, até o momento, o pesquisador ainda não ter dado início às entrevistas com os gestalt-terapeutas do Brasil de hoje, todavia, acredita que sua pesquisa tem o potencial de aprofundar a discussão sobre a articulação entre arte e gestalt-terapia, uma vez que pode alcançar e dar voz a uma diversidade de compreensões sobre tal articulação, na medida em que pretende ouvir gestalt-terapeutas brasileiros atuais, ou seja, que vivenciam processos psicoterápicos num contexto histórico e cultural diferente do vivido pelos fundadores da gestalt-terapia. Finalmente, em *Contribuições de Simone de Beauvoir a uma Concepção Feminista da Maternidade*, Carolina Trinta Moreira e Lopes, também a partir de seu projeto de dissertação de mestrado, discute as contribuições mais relevantes do pensamento feminista de Simone de Beauvoir aos estudos científicos sobre a maternidade, destacando seu pioneirismo na sua compreensão não mais apenas como uma condição biológica, mas, fundamentalmente, como uma construção social que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade. As suas ideias sobre liberdade sexual e liberação das práticas da concepção e do aborto são consideradas, ainda hoje, passados mais de 70 anos da publicação de *O Segundo Sexo*, marcos históricos da passagem de um feminismo igualitarista para um feminismo centrado na mulher como sujeito.

**Palavras-chave:** pesquisa fenomenológica; psicoterapia fenomenológico-existencial; arte; maternidade; feminismo.

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

### **3.1.3.2 LIBERDADE, PROJETO DE SER, ANGÚSTIA E MÁ-FÉ: CONTRIBUIÇÕES SARTREANAS À PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

**João Felipe Leite da Costa (APHETO/UNIFOR)**

Maria Clara de Vasconcelos Romero (APHETO/UNIFOR)

Este projeto de pesquisa de iniciação científica discute as implicações das concepções de liberdade, de projeto de ser, de angústia e de má-fé na clínica psicoterápica de orientação fenomenológico-existencial, estabelecendo um diálogo entre o pensamento sartreano e o fazer clínico inspirado nele. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir da qual foram analisadas obras de Jean-Paul Sartre e textos de seus comentadores. Baseada nas ideias sartreanas, a pesquisa partiu da compreensão da condição de liberdade do homem, ou seja, da sua responsabilidade de se fazer no mundo, o que gera angústia e, com frequência, de atitudes de má-fé. Tal condição ontológica do ser humano se expressa não apenas na vida cotidiana, mas também na psicoterapia, na qual alguém busca dar atenção, escutar, compreender e cuidar do outro. A má-fé é uma atitude de negação dessa condição, uma tentativa de evitar a responsabilidade inerente às escolhas do homem, dado o caráter de transitoriedade e de indeterminação da sua existência. Na psicoterapia, tal situação ambígua e angustiante – isto é, a condição de ser livre e, ao mesmo tempo, de evitar o exercício de sua liberdade –, é frequentemente confrontada, de modo que a pessoa que consulta o psicoterapeuta assuma a sua responsabilidade por seu próprio projeto de ser. A partir das ideias de Sartre, compreendemos que a angústia e a má-fé, tanto na vida quanto na psicoterapia, são polaridades sensíveis de uma mesma totalidade, que evidenciam a particularidade e o reconhecimento da liberdade humana de se fazer na construção de seu projeto de ser. Neste sentido, a existência, mesmo em suas diversas possibilidades, não pode superar a angústia, pois ela, tal qual as atitudes de má-fé, mostram-se como reveladoras da liberdade e da ambiguidade da vida, que caracteriza a constante tensão da busca do equilíbrio entre escolhas e consequências. Compreendemos, então, que a angústia e a má-fé, no processo psicoterapêutico, são expressões constituintes do caráter sensível da existência humana, e, portanto, é de suma importância que sejam consideradas e trabalhadas, acompanhando e compreendendo a experiência concreta da liberdade das pessoas que o buscam, estimulando a abertura à sua própria trama existencial e ao seu campo de possibilidades de se fazer ser.

**Palavras-chave:** liberdade; projeto de ser; angústia; má-fé; psicoterapia fenomenológico-existencial.

#### **Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

#### **João Felipe Leite Costa**

Aluno do Curso de Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza - UNIFOR - bolsista

de iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [joaofelipelc@yahoo.com](mailto:joaofelipelc@yahoo.com)

**Maria Clara de Vasconcelos Romero**

Aluna voluntária de iniciação científica do Curso de Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [mariacclaravromero@hotmail.com](mailto:mariacclaravromero@hotmail.com)



### **3.1.3.3 OS SENTIDOS DA ARTE NA PSICOTERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE GESTALT-TERAPEUTAS**

**Dácio Pinheiro Carvão Filho (APHETO/UNIFOR)**

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

Monalisa de Fátima Rodrigues Pimenta Teles (APHETO/UNIFOR)

Com o intuito de compreender a relação entre arte e gestalt-terapia, analisamos a construção histórica da abordagem gestáltica com um olhar voltado às manifestações artísticas e culturais da primeira metade do século XX, em especial, na Alemanha, na década de 1920, e à contracultura norte-americana, nas décadas de 1940 e 1950. É notório que os fundadores da gestalt-terapia foram influenciados e experimentaram diferentes manifestações artísticas: Fritz Perls, no teatro expressionista de Max Reinhardt; Laura Perls, na música, desde a infância, e na dança moderna, em sua juventude; e Paul Goodman, na produção crítica e literária, bem como na dramaturgia. Por conseguinte, os criadores da gestalt-terapia deram origem a uma proposta psicoterapêutica com claras inspirações artísticas. Baseado nestes dados históricos e culturais acerca do surgimento e do desenvolvimento da abordagem gestáltica e visando a compreender os sentidos da arte na gestalt-terapia, o pesquisador se propõe a realizar entrevistas fenomenológicas com gestalt-terapeutas brasileiros contemporâneos sobre sua experiência vivida de uso de atividades ou de recursos artísticos nos processos psicoterapêuticos que acompanham. A apresentação realizada neste evento pretende descrever os próximos passos da referida pesquisa. Assim, após sua realização, cada entrevista será transcrita e lida diversas vezes, buscando o pesquisador o sentido geral dos depoimentos. Em seguida, o pesquisador buscará discriminar “unidades de significados” nos diversos depoimentos, numa perspectiva psicológica sobre as experiências vividas de uso de atividades e de recursos artísticos nos processos psicoterapêuticos acompanhados pelos gestalt-terapeutas brasileiros atuais entrevistados. O passo seguinte do pesquisador será expressar suas compreensões psicológicas a respeito das “unidades de significados” relativas às experiências vividas dos gestalt-terapeutas mencionados. Ao final, o pesquisador sintetizará as “unidades de significado” detectadas nos diversos depoimentos dos gestalt-terapeutas entrevistados, transformando-as em afirmações consistentes a respeito dos sentidos atribuídos por eles às suas experiências de uso de atividades artísticas nos processos psicoterapêuticos que acompanham. Apesar de, até o momento, o pesquisador ainda não ter dado início às entrevistas com os gestalt-terapeutas do Brasil de hoje, todavia, acredita que sua pesquisa tem o potencial de aprofundar a discussão sobre a articulação entre arte e gestalt-terapia, uma vez que pode alcançar e dar voz a uma diversidade de compreensões sobre tal articulação, na medida em que pretende ouvir gestalt-terapeutas brasileiros atuais, ou seja, que vivenciam processos psicoterápicos num contexto histórico e cultural diferente do vivido pelos fundadores da gestalt-terapia.

**Palavras-chave:** arte; gestalt-terapia; experiência vivida; pesquisa fenomenológica.

**Dácio Pinheiro Carvalho Filho**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [daciocarvalhopsicologo@gmail.com](mailto:daciocarvalhopsicologo@gmail.com)

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

**Monalisa de Fátima Rodrigues Pimenta Teles**

Aluna voluntária de iniciação científica do Curso de Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [mteles1@outlook.com](mailto:mteles1@outlook.com)

### 3.1.3.4 CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR A UMA CONCEPÇÃO FEMINISTA DA MATERNIDADE

**Carolina Trinta Moreira e Lopes (APHETO/UNIFOR)**

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

Maria Clara de Vasconcelos Romero (APHETO/UNIFOR)

Este ensaio se propõe a refletir sobre as contribuições mais relevantes das ideias da filósofa existencialista francesa Simone de Beauvoir ao feminismo e aos estudos científicos sobre a maternidade, especialmente a partir da sua obra *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949, na qual é discutido, de maneira fenomenológica, a situação da mulher no mundo. Esta obra lançou as matrizes teóricas do feminismo contemporâneo, retomando a perspectiva dialética hegeliana do senhor e do escravo, que analisa criticamente o posicionamento do homem como o Um, o essencial e universal, e a mulher como um Outro *inessencial* perante adiante dele. Assim, o homem é o Sujeito, o absoluto, enquanto a mulher é o Outro. Simone de Beauvoir contesta, nesta sua obra, tanto o determinismo biológico quanto a concepção do “divino feminino”, que negam à mulher a noção mais básica do existencialismo, ou seja, a máxima de que a existência precede a essência, limitando, portanto, a mulher ao seu corpo ou mesmo ao metafísico. Desta forma, a partir da crítica desses princípios, a maternidade passou, então, a ser compreendida não apenas na sua condição biológica, mas, fundamentalmente, como uma construção social que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, confinando-a na esfera privada, considerada como um lugar não essencial. As teses dessa obra sobre a liberdade sexual, sobre a liberação das práticas de anticoncepção e sobre o direito ao aborto são consideradas marcos históricos da passagem da primeira onda do feminismo para a segunda onda, ou seja, de um feminismo da igualdade de direitos para um feminismo centrado na mulher como sujeito. Simone de Beauvoir é reconhecida por tirar o feminismo do plano ideal e focá-lo no mundo vivido. Os movimentos feministas, que em grande parte se desenvolveram a partir das suas ideias no contexto do pós-guerra, tinham na concepção da maternidade um eixo central de explicação da desigualdade entre os sexos, que submetia as mulheres à dominação masculina, pois determinava a sua ausência nos espaços de poder. A partir de *O Segundo Sexo* e da consequente desvinculação do corpo da fêmea à *mulheridade*, marcada por sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, houve uma crescente desconstrução da maternidade compulsória na medida em que se passou a perceber outras condições de possibilidade para além de seu destino, até então, surgindo um movimento de negação do lugar de subalternidade dos corpos femininos.

**Palavras-chave:** Simone de Beauvoir; feminismo; mulher; corpo; maternidade.

**Carolina Trinta Moreira e Lopes**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [carolinapsidoula@gmail.com](mailto:carolinapsidoula@gmail.com)

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-

Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

**Maria Clara de Vasconcelos Romero**

Aluna voluntária de iniciação científica do Curso de Psicologia – participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO – da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [mariacclaravromero@hotmail.com](mailto:mariacclaravromero@hotmail.com)

### 3.1.4 MESA REDONDA IFEN

#### 3.1.4.1 CRIAÇÃO DO IFEN

##### **Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (IFEN)**

A proposta desta apresentação é mostrar os elementos presentes na criação do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Há 25 anos, a professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, idealizadora deste Instituto, reuniu psicólogos que tivessem interesse em aprofundar os estudos sobre a perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia. Até então pouco se escrevia e se falava sobre o tema. Feijoo sabia que era preciso buscar os fundamentos desse modo de pensar a psicologia que ainda se confundia com a perspectiva existencial humanista. Surgiu então, a proposta de estudar mais detalhadamente as filosofias da existência em seus principais autores: Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Sartre. E um grupo de 11 psicólogos se reuniu para dar início a esta empreitada. A fim de avaliarem se o grupo estava preparado para um trabalho em equipe, combinaram traduzir o livro *Psicoterapia* de Irvin Yalom. O trabalho de tradução foi desenvolvido pelo grupo e levado a cabo. Assim dez dos onze psicólogos sob a coordenação de Ana Maria Feijoo formalizaram a criação do IFEN. No dia oito de dezembro de 1995 a Ata de Fundação do instituto foi assinada pelos seguintes psicólogos: Ábia da S. Mesquita, Ana Maria L. C. Feijoo, Celeste M<sup>a</sup> M. Aydelkop, Edith Starling do R. Monteiro, Ivan Samel, Leila M. G. Afonso, M<sup>a</sup> Bernadete M. F. Lessa, Marinete V. Julianelli, Myriam M. Protasio e Simone de B. Antonio, que constam em seu Estatuto como sócios fundadores. O IFEN nasceu e permanece como uma instituição sem fins lucrativos que, desde sua criação tem uma vocação acadêmica. Até hoje o Instituto forma psicólogos clínicos na perspectiva fenomenológico-existencial, tendo passado pela instituição mais de 700 psicólogos. A primeira turma de Especialização do IFEN foi composta por Cristine M. Mattar, Elaine L. Feijoo, Julio Cesar Roriz, Roberto N. de Sá e Ruth S. Escudero, profissionais que hoje são reconhecidos como estudiosos do tema, muitos deles são professores universitários e outros grandes clínicos. O IFEN vem em seu percurso, concretizando seu projeto original ministrando cursos e palestras, produzindo informativos, artigos em revistas científicas e publicando livros que versam sobre a temática, por meio das Edições IFEN. Desse modo leva a público os últimos estudos e pesquisas desenvolvidos por seus pesquisadores na perspectiva fenomenológico-existencial. A história do IFEN revela similitudes com a trajetória da mentora do projeto, a sócia fundadora Benemerita Ana Maria Feijoo por não se aquietar diante dos conhecimentos sedimentados em Psicologia e nem esmorecer ao se deparar com as dificuldades encontradas no decorrer de sua carreira acadêmica. O IFEN diante dos percalços que tem encontrado em sua trajetória, como a perda da concessão para ministrar o Curso de Especialização e a paralização de suas atividades presenciais em consequência da pandemia, vem se mantendo vivo. E em sua vivacidade, com luta e persistência, abre novos espaços, atua ativamente nos estudos e pesquisas e, acima de tudo, aperfeiçoa e amplia as diferentes práticas em psicologia.

**Palavras-chave:** Psicologia Clínica; fenomenológico-existencial, IFEN.

##### **Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa**

Psicóloga Clínica. Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN. Sócia fundadora, professora, supervisora do Curso de Formação para profissionais de Psicologia e áreas afins para atuação clínica em situações de suicídio e presidente do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. É Coordenadora Editorial da Edições IFEN. E-mail: [bernadete@ifen.com.br](mailto:bernadete@ifen.com.br) / [bernadete.lessa@gmail.com](mailto:bernadete.lessa@gmail.com)

### 3.1.4.2 IFEN: PROJETO DE ESPECIALIZAÇÃO

**Flávia Moreira Protasio (IFEN)**

Desde o início de sua trajetória, em 1996, o IFEN imprime esforços para levar a termo os objetivos estabelecidos pelas fundadoras e fundadores em seu estatuto, dentre eles, congregar profissionais com interesse em pesquisar e desenvolver conhecimento com base na Psicologia Fenomenológico-Existencial e formar profissionais e professores nesta perspectiva. Neste trabalho pretende-se apresentar o Projeto de Especialização do IFEN. Tendo iniciado em 1997 sua primeira turma de Formação com grande reconhecimento dos alunos e do meio acadêmico, o desejo de aprofundamento encontra espaço na Resolução 007/01 de 04 de junho de 2001 do Conselho Federal de Psicologia, a partir da qual o CFP passa dar aval a cursos de Especialização credenciados. O IFEN então muda-se para uma casa capaz de comportar o projeto e as exigências da Resolução, com salas para atendimentos clínicos, biblioteca com recursos de mídia e uma grande sala de aula. Desenvolve-se uma ampla programação de disciplinas que deveriam ser cumpridas pelos alunos em dois anos de Curso com carga horária de 500 horas. É formado um corpo docente incluindo doutores em Psicologia e Filosofia. Ao final do curso o aluno deveria apresentar sua monografia para uma banca avaliadora formada pelo orientador do trabalho e dois outros professores. Esta monografia deveria conter um desenvolvimento teórico, exigência do Conselho, e a análise de uma situação clínica trazida pelo aluno, requisito incluído pelo IFEN. As defesas públicas de monografias vão consolidando-se como uma atividade de grande importância não só como finalização de uma etapa da trajetória de um profissional, mas, também, como momento de aprofundamento do estudo e afinação de todo o corpo docente e discente do IFEN com a proposta da clínica psicológica na perspectiva Fenomenológico-Existencial. O aprofundamento dos estudos e a pesquisa rigorosa continuam firmando-se como a marca do Instituto de forma que a Especialização vai se transformando a partir desses estudos, trazendo novas temáticas e olhares de acordo com as pesquisas em andamento e temas atuais. O IFEN começa a ter seus ex-alunos aprovados em programas de mestrado e no corpo docente de universidades, cumprindo sua vocação do ensino e divulgação da Perspectiva Fenomenológico-Existencial. Em 2006 Ana Maria Feijoo torna-se professora adjunta da UERJ e passa a ministrar disciplinas e coordenar pesquisas. Em 2012 a professora cria o LAFEPE/UERJ, Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial e vai se consolidando uma parceria de estudos entre o IFEN e o Laboratório. Desta parceria resultam pesquisas e a preparação de psicólogos em temáticas tais como o suicídio e luto que foram integralizadas como disciplinas do IFEN. Em 2015 uma Ação Civil Pública em trâmite em Minas Gerais suspende a possibilidade da certificação a Cursos de Especialização por parte do CFP e o Instituto adapta-se voltando a oferecer o Curso de Formação, reduzindo a programação de disciplinas. Permanece na busca de possibilidades para retomar a Especialização por entender que esta permite maior aprofundamento dos estudos e reconhecimento público da trajetória de seus alunos.

**Palavras-chave:** IFEN; Formação; Especialização; Ensino; Psicologia Fenomenológico-Existencial.

#### **Flávia Protasio**

Psicóloga. Formada em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Sócia mantenedora do IFEN.

### 3.1.4.3 MOMENTO ATUAL

**Elaine Lopez Feijoo (IFEN)**

No Estatuto de fundação do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial consta que essa Instituição é sem fins lucrativos e tem como objetivo divulgar o pensamento fenomenológico-existencial em Psicologia e se dedicará a publicar os estudos e pesquisas realizados no interior do próprio Instituto. Essas publicações tiveram início com a elaboração de material didático, com objetivo de facilitar o processo de aprendizagem daqueles que participavam da formação. O conteúdo desses cadernos versava sobre algumas das aulas ministradas na época: *Psicodiagnóstico, Psicoterapia, Psicopatologia, Método de Pesquisa Fenomenológica, Filosofia e Epistemologia*. Começávamos aqui, a plantar as sementes da Edições IFEN, que cresceria aos poucos. Em 1997 foi publicada a revista *Fenômeno Psi* nº 1, versando sobre *Ludoterapia* e, em 2004, sai o segundo número da Revista *Fenômeno Psi*, com o título *Seminários de Zollikon*, resultado de estudo que reuniam professores de diferentes universidades do estado do Rio de Janeiro. Esses encontros receberam a denominação de Encontros Acadêmicos. Em dezembro de 2007, foi publicado o livro *Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade*, organizado pela Doutora Ana Maria Feijoo, foi o primeiro título da Série *Existência e Pensamento*, inaugurando a Edições IFEN. Com o advento da Edições IFEN, a autora traz para essa editora o seu livro *A Escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*, que foi publicado em sua primeira edição em 2000 pela Editora Vetor. Em sua segunda edição em 2010, coube a Edições IFEN sua publicação. Esse livro organiza todo o conteúdo que havia sido desenvolvido até então nos estudos e pesquisa do Instituto. Nessa publicação, Feijoo nos traz o diálogo entre a psicologia clínica e o pensamento de Kierkegaard. Relação essa que aparece pela primeira vez nos estudos de psicologia no Brasil. Em 2011, a publicação de *Existência para além do sujeito*, a noção de eu desenvolvida por Feijoo aparece marcando a diferença com as psicologias da subjetividade. Nesta publicação, o pensamento de Heidegger foi a base para poder pensar para além da noção de sujeito. E por fim, em 2017, *Psicoterapia e Existência em que a força se encontra no diálogo com a literatura*, onde há uma descrição da experiência humana, em que as verdades tomadas como atemporais e universais caem por terra. Já na Psicologia, a experiência aparece em ato, na relação propriamente dita. Além das publicações de Feijoo que sem dúvida deram destaque a Edições IFEN, muitas outras publicações se deram. Myriam Protasio publicou um livro intitulado que foi resultado de sua tese de doutorado em Filosofia. Fernando Magliano, Alexandre Trzan e Carolina Dhein também publicaram nessa Editora suas teses de doutorado. Para além das edições de um único autor, o IFEN dedicou-se a publicar coletâneas das quais vários estudiosos do tema participam. Nestes últimos anos, o GT Psicologia&Fenomenologia da ANPEPP confia a Edições IFEN a publicação de seus estudos. Vale ressaltar que tudo que foi contado acima diz respeito a algo que se encontra na memória do IFEN, mas que encontra-se na recordação como Edições IFEN que ao dedicar-se a publicações que contemplam a sua linha de pensamento, ou seja, a perspectiva fenomenológica e existencial em psicologia não deixa esquecer todo o empenho e contribuição que esta Instituição traz aos estudos de Psicologia.

**Palavras-chave:** Edições IFEN; IFEN; percurso histórico.

#### **Elaine Lopez Feijoo**

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro. Sócia mantenedora, professora e supervisora do Curso de Formação em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial. Atualmente vice-presidente, coordenadora acadêmica e de comunicação do IFEN. Email: [elaine@ifen.com.br](mailto:elaine@ifen.com.br)



### 3.1.5 MESA REDONDA INSTITUTO DASEIN

#### 3.1.5.1 CONFRONTAÇÃO E TERNURA: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO TARDIO DE HEIDEGGER PARA A CLÍNICA

André Sendra de Assis (ID)

No campo da Psicologia clínica de abordagem fenomenológica são muito debatidas as contribuições do filósofo Martin Heidegger a partir da sua obra fundamental, *Ser e Tempo* (1927), na qual a analítica do ser-aí (*Dasein*) propõe considerarmos o ser do ente humano a partir da ideia de uma abertura intencional radical. Essa posição permite pensar a clínica psicológica para além de suas bases tradicionais. De modo a ampliar o diálogo da filosofia heideggeriana com a Psicologia, é importante pensar de que modo o trabalho do autor após os anos 30 (pensamento tardio) possui elementos que possibilitam caminhar nessa direção. Considerando a variedade de noções apresentadas por Heidegger nesta fase da sua obra, este trabalho visa pensar o conceito de História do Ser – discussão sobre a mobilidade histórica do mundo ancorada em paradigmas de verdade epocais – como medida analógica para tratar da existência e da sua historicidade, suas possibilidades de sedimentação e mudança. Partindo deste ponto será apresentada uma discussão sobre a atuação do terapeuta utilizando o conceito de “confronto” (*Auseinandersetzung*) como a possibilidade de conquistar um espaço em meio ao qual os elementos relacionados podem vir a manifestar-se como são. Ou seja, abrir um lugar mediante o qual é possível visualizar a relação entre determinadas posições fundamentais e a especificidade da historicidade sedimentada que sustenta e possibilita tais posições. Ao mesmo tempo, uma posição terapêutica que sustente o espaço de tensão confrontativa é marcada por uma hospitalidade de base que possibilita que uma historicidade pessoal seja colocada em jogo. Nesse caso, atuação do terapeuta não é pautada por um fazer ativo, mas por uma ação do modo de uma inação. Heidegger trata de uma ação desse modo como “ternura”. Ela é terna devido ao fato de se dar sem nenhuma exigência material, ela é completamente essencial ao ser-aí e se dá pelo fato de o ser-aí ser o ente filosofante por excelência. Articulando estes conceitos, busca-se ampliar a discussão a respeito da postura do terapeuta na atuação clínica pensada a partir de elementos fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica, fenomenologia hermenêutica, Martin Heidegger, confrontação, ternura.

**André Sendra de Assis**

Graduado em Psicologia e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Sócio-fundador do Instituto Dasein de Psicologia hermenêutico-fenomenológica. E-mail: [andre\\_sendra@hotmail.com](mailto:andre_sendra@hotmail.com)



### **3.1.5.2 O GIRO HERMENÊUTICO DA FENOMENOLOGIA: PERTENCIMENTO E COMPETIÇÃO.**

**Paulo Roberto Reimão Machado (ID)**

A necessidade de discutir a branquitude como uma questão estrutural na reflexão acerca do método clínico nada mais é do que a reafirmação do compromisso primeiro da fenomenologia com o desvelamento do sentido mais originário dos fenômenos. O presente trabalho se alinha com as perspectivas que consideram o branqueamento como um projeto que ultrapassa as meras configurações históricas situacionais, ocupando o status de ontologia regional na tradição eurocêntrica. A questão do pertencimento e da competição nos permite contrapor criticamente o modelo hierárquico e classificador da branquitude, com modos mais inclusivos e diversos.

**Palavra-chave:** Clínica; Adensamento; Branquitude; Condições históricas; Pertencimento e competição.

#### **Paulo Roberto Reimão Machado**

Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Doutor em Filosofia pela Universidade de Évora, Portugal (CAPES 2018), sob orientação de Irene Borges-Duarte e Marco Casanova. Sócio-fundador do Instituto Dasein de Psicologia hermenêutico-fenomenológica. Atua como psicoterapeuta, supervisor clínico e professor.

### **3.1.5.3 O EXÍLIO E O REINO: MUNDOS HISTÓRICOS - EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS**

**Marco Antonio Casanova (ID/UERJ)**

Exílio é um termo central para pensar a condição contemporânea. Não apenas porque há muitos exilados no mundo, muitas pessoas existindo em condições de precariedade em meio a campos de refugiados e a modos subalternos de vida no estrangeiro, mas também e principalmente porque a contemporaneidade revelou a nossa condição originariamente estrangeira, a ausência de todo e qualquer pertencimento pátrio. O reino, por outro lado, como ele aparece de maneira paradigmática em um romance como O castelo de Kafka, revela o aceno de um campo político retrógrado, que nasce da negação de nosso caráter exilado e da transformação violenta do exílio em exceção. Analisar a tensão entre exílio e reino, portanto, é se aproximar da doença contemporânea e das linhas de fuga que se abrem a partir daí. Essa análise é o tema central da presente palestra.

**Palavras-chave:** Exílio; Reino; Desterro; Sofrimento e transformação.

#### **Marco Antonio Casanova**

Graduado em Letras (português) e Licenciado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), pós-doutor pela Universität Freiburg (2006) e pós-doutor pela Universität Freiburg (2006). Sócio-fundador do Instituto Dasein de Psicologia hermenêutico-fenomenológica.

### 3.1.6 MESA REDONDA POIESIS

#### 3.1.6.1 DE AMEDEO GIORGI A HEIDEGGER: PROPOSIÇÕES PARA UM MÉTODO HERMENÊUTICO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA

Elza Dutra (PPgPsi/UFRN/POIESIS)

Nos últimos vinte anos a pesquisa fenomenológica vem ganhando espaços no desenvolvimento da investigação científica no âmbito da psicologia. O princípio da intencionalidade da consciência bem como a redução fenomenológica, têm sido aplicados no método de pesquisa fenomenológico, mantendo, assim, as ideias primordiais do pensamento de Edmund Husserl. Um dos principais responsáveis pelo método de pesquisa fenomenológico empírico é Amedeo Giorgi, da Universidade de Duquesne, EUA, embora possamos reconhecer na atualidade a presença de inúmeros outros estudiosos do método fenomenológico. A nossa participação nessa mesa tem o propósito de dar a conhecer como os estudos produzidos no contexto do GESDH-Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano-UFRN/CNPq alcançaram, nos anos recentes, a construção de um método de pesquisa em psicologia inspirado pelas ideias do filósofo Martin Heidegger, após percorrer um caminho que se iniciou orientado pelo método proposto por Amedeo Giorgi. Em 2005, ano de criação do GESDH, as pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa ainda seguiam o método fenomenológico para interpretar as entrevistas realizadas nos estudos, de acordo com as etapas sugeridas por Giorgi, que compreendiam quatro passos e que culminavam nas unidades de sentido das falas que se sobressaíam nas entrevistas. Porém, à medida que adentrávamos nas ideias da analítica da existência pensada por Heidegger, percebíamos que a ideia dos existenciais, pensados pelo filósofo, tais como compreensão e disposição afetiva (*Befindlichkeit*), principalmente, mantinham-se ainda distantes de tal procedimento. Embora o método empírico criado por Giorgi se sustentasse nas ideias primeiras da fenomenologia, como intencionalidade, redução fenomenológica e “ir às coisas mesmas”, o que em resumo significa valorizar o mundo vivido e a vivência do entrevistado e de certa forma, também a vivência do entrevistador, percebíamos que tal método não contemplava, de forma satisfatória, as ideias contidas na fenomenologia hermenêutica. Considerávamos, assim como Merleau-Ponty, que uma redução fenomenológica completa seria impossível de ocorrer. Ao trazer a ideia de *Befindlichkeit* ou disposição afetiva, entendíamos que o pesquisador estaria afetado pela experiência, do mesmo modo que em todas as situações da sua existência. Portanto, tal modo de estar no mundo deveria ser integrado, formalmente, ao método de pesquisa, uma vez que o pensamento heideggeriano embasava os nossos estudos. Com esse horizonte em vista, passamos a voltar a nossa atenção para um método mais compatível com a fenomenologia heideggeriana, de modo que chegamos ao círculo hermenêutico, agora pensado e proposto na pesquisa fenomenológica na psicologia. O método baseado no círculo hermenêutico considera a posição prévia, visão prévia e concepção prévia, tal como pensadas pelo filósofo. Esse método, podemos afirmar, vem se consolidando nos últimos anos por meio de defesas de mestrado e doutorado, bem como pelas publicações advindas da utilização e teorização dessa forma de fazer pesquisa. Com essa narrativa esperamos contribuir para o campo da pesquisa em psicologia, ao trazer um método mais coerente com os estudos fundamentados na fenomenologia hermenêutica.

**Palavras-chave:** Método Fenomenológico; Amedeo Giorgi; Pesquisa Fenomenológica; Círculo hermenêutico.

**Elza Dutra**

Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica do PPgPsi da UFRN. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Coordenadora do GT- Psicologia & Fenomenologia-ANPEPP. Líder do GESDH- Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano-UFRN/CNPq. Idealizadora e Coordenadora do Núcleo de Psicologia Fenomenológica-POIESIS. E-mail: [elzadutra.rn@gmail.com](mailto:elzadutra.rn@gmail.com)

### **3.1.6.2 O CÍRCULO HERMENÊUTICO DESCRITO NUMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA**

**Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX/POIESIS)**

Produzir ciência a partir da compreensão fenomenológica é movimentar-se antinaturalmente, abrindo espaço para que os fenômenos possam aparecer para além do que se mostra na maior parte das vezes, a partir das verdades sedimentadas pelo horizonte histórico ao qual pertence. Fazer pesquisa em Psicologia a partir de uma perspectiva fenomenológica requer um movimento de reaprender sobre a construção científica, inclusive no que diz respeito ao papel do pesquisador, cuja participação ativa imprime uma das mais relevantes características dessa possibilidade de pesquisa. A partir da descrição dos passos metodológicos construídos durante a feitura de uma pesquisa, pretendo apresentar um exemplo prático que permita visualizarmos a ideia de circularidade hermenêutica apresentada pelo filósofo Martin Heidegger e que utilizamos como inspiração para a construção de um método de pesquisa. Pretendo favorecer uma aproximação dos ouvintes com a prática de pesquisa hermenêutica em Psicologia. O estudo que servirá como exemplo foi desenvolvido por ocasião do meu doutorado, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e teve como título “Masculinidade à prova: um estudo de inspiração fenomenológico-hermenêutica sobre a infertilidade masculina”. O objetivo geral do estudo foi a compreensão dos impactos que a infertilidade produz na existência do homem que recebe tal diagnóstico. Participaram da pesquisa sete homens heterossexuais, casados e inférteis e foram realizadas duas entrevistas individuais com cada um deles. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. O método, entendido como o caminho percorrido pelo pesquisador durante toda a pesquisa, já iniciou desde o delineamento do tema, apontando para a participação ativa da pesquisadora em todas as etapas. A análise do material compreendeu tanto as narrativas gravadas quanto o diário de afetações da pesquisadora, construído durante todo o desenvolvimento da pesquisa. A proposta da apresentação nesta mesa é descrever didaticamente como a posição prévia, a visão prévia e a concepção prévia se deram na prática da pesquisa. Por fim, apresentarei as reflexões e atualizações que já vimos desenvolvendo desde aquela experiência, apontando para o caráter de provisoriedade da verdade e do contínuo e inesgotável processo de compreensão e interpretação que caracterizam o existir humano.

**Palavras-chave:** Pesquisa Fenomenológica; Círculo Hermenêutico; Método de Pesquisa.

**Ana Andréa Barbosa**

Psicóloga do TJ/RN e professora da Unifacex. Doutora em Psicologia (UFRN). E-mail: [anabmaux@gmail.com](mailto:anabmaux@gmail.com)

### **3.1.6.3 A CIRCULARIDADE HERMENÊUTICA NO PROCESSO INTERPRETATIVO EM UMA PESQUISA COM UNIVERSITÁRIOS**

**Cintia Guedes Bezerra (UFRN/POIESIS)**

O aumento na incidência de sofrimento em estudantes e a intensificação na procura por atendimento psicológico nas universidades foi o que nos motivou a realizar esta pesquisa de doutorado. Consideramos o sofrimento intrínseco à existência e correspondente às solicitações mundanas. Objetivamos problematizá-lo, buscando explicitar os sentidos presentes na vivência de sofrimento de estudantes de Ciências e Tecnologia (C&T) da UFRN e discutir sobre a atenção dispensada ao universitário. Nesta ocasião, detalharemos o método qualitativo utilizado, enfatizando a circularidade hermenêutica no processo interpretativo das entrevistas realizadas. Baseamo-nos na analítica da existência heideggeriana, ontologia que prima pela compreensão da existência humana através dos sentidos que o ser atribui à sua experiência e os desvela pela linguagem no contato com o outro. Apresentamos um recorte de visada da realidade, sem esgotar outros olhares, circunscrevendo-se, portanto, limites e possibilidades na pesquisa. Ponderamos a transitoriedade daquilo que interpretamos, dado o movimento contínuo da interpretação que aprecia o tempo e momento histórico do encontro e a contínua transformação característica de ser-no-mundo. Utilizamos como instrumento de pesquisa a técnica da entrevista que se configurou muito mais como um encontro, do que uma técnica de investigação, por apresentar características peculiares como o inclinar-se ao outro que nos dirige a fala, implicando-nos no processo. É o ser que é no mundo e existe com o outro, evidenciando dessa maneira o caráter participativo da pesquisadora e a ausência de neutralidade. A pesquisa nos mostrou que a lógica da ideologia contemporânea perpassa a experiência de sofrimento dos estudantes e que o curso de C&T tem particularidades que podem acirrar o mal-estar tão comum na atualidade; ao mesmo tempo, constatamos o quanto a experiência de sofrimento é singular e depende dos sentidos que cada um atribui à sua vivência. Vimos ser decisivo implicar a própria universidade para que seja possível promover ações e ofertar medidas pedagógicas que tributem para o êxito no nível superior e, sobretudo, provocar o questionamento do estudante acerca do seu modo de existir no mundo contemporâneo, convocando-o para o caminho de uma construção pensante. Destacamos, portanto, a importância da criação de espaços que possibilitem e estimulem o pensar, rompendo com o círculo vicioso do ritmo acelerado em que vivemos e de ocupações desviantes, como estratégias para uma melhor atenção ao estudante universitário. Considerando que o sentido metodológico da descrição fenomenológica é a explicitação, sendo esta o compartilhar da interpretação, a qual é possibilitada pela compreensão, pretendemos compreender, interpretar e explicitar a experiência humana em questão – o sofrimento em estudantes da UFRN. A proposta então foi fazer uso da circularidade compreensiva da hermenêutica heideggeriana, a qual considera a compreensão um constituinte ontológico do Dasein e enfatiza o caráter provisório e dinâmico do ato de compreender e interpretar, configurando-se como uma abordagem que é ao mesmo tempo uma Filosofia, pois é um modo de ver a existência do homem e um Método, pois amplia a visão do que se interroga.

**Palavras-chave:** Círculo Hermenêutico; Entrevista; Analítica da Existência; Pesquisa Qualitativa; Ensino Superior.

**Cíntia Guedes Bezerra**

Graduação em Psicologia (UFRN, 2008), Mestrado em Psicologia Social (UFRN, 2010) e Doutorado em Psicologia Clínica (UFRN, 2016). Especialização em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica (FAVENI, 2020). Servidora pública federal, no cargo de psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE/UFRN). Pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN/CNPq). E-mail: [cintiaguedesbezerra@gmail.com](mailto:cintiaguedesbezerra@gmail.com)

### 3.1.6.4 O ACESSO À EXPERIÊNCIA COMO UM RECURSO HERMENÊUTICO NUMA PESQUISA SOBRE ABORTO: ALGUMAS PROPOSIÇÕES

Elza Dutra (UFRN/POIESIS)

Melina Séfora Souza Rebouças (POIESIS)

O trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado da autora sobre uma experiência de plantão psicológico numa maternidade-escola para mulheres em situação de abortamento. Objetiva refletir sobre os recursos metodológicos utilizados nessa pesquisa, compreendendo-os como facilitadores do acesso a experiência. Na pesquisa de inspiração fenomenológico-hermenêutica buscamos um determinado aspecto da realidade que se pretende conhecer/compreender, acompanhando o próprio movimento do homem em sua existência. Não propomos uma descrição de um passo a passo metodológico, conforme empregado nas pesquisas tradicionais, mas de recursos que facilitam o acesso à experiência e que nos aproximam do ser/estar com o outro em seu cotidiano. Elegemos a cartografia e o diário de bordo escrito em forma de narrativa como recursos que podem nos aproximar dessa experiência. A cartografia se apresenta como uma atitude, um modo de conhecer. Refere-se à forma do pesquisador se colocar no campo de pesquisa e na relação com o pesquisado. Consiste em um modo de conhecer espaços institucionais marcados pela atitude e atenção clínicas de abertura e disponibilidade para ver, ouvir e ser afetado pelos acontecimentos tais como eles se mostram na própria experiência, levando em conta os atores institucionais envolvidos. Nesse percurso faz-se necessário o registro dessa experiência, um lugar onde o pesquisador possa narrar os sentimentos, sensações e estranhamentos do que ele viveu, bem como as intervenções e mudanças provocados por sua presença. O diário, considerado usualmente como caderno onde se escreve sobre o cotidiano pessoal, apresenta-se como o recurso capaz de comunicar o vivido, rememorar a experiência. A cartografia e o diário de bordo, caracterizam-se como um colocar-se diante de, aproximando-se da experiência de modo mais fluido, podendo mudar a partir do que acontece no encontro, não apresentando a fixidez de um procedimento. Tais recursos possibilitam uma maior aproximação da singularidade e da historicidade em que pesquisador/pesquisado estão envolvidos. Desse modo, a cartografia proporcionou-me o contato com o espaço físico, a cultura e o funcionamento da maternidade, ou seja, o contato com o horizonte fático em questão. Tal contato me trouxe visões prévias a respeito desse espaço. Essas visões foram expressas na forma de narrativas, permitindo o contar da minha experiência como plantonista. Ao contar essa experiência e rememorar-la nos diários, sentidos puderam ser desvelados. Ressaltando que a compreensão da experiência é guiada pela própria analítica da existência: a explicitação das estruturas existenciais do *Dasein*, a qual é sempre hermenêutica, na medida em que envolve interpretação e elaboração de sentido. Ao adentrar no cotidiano da maternidade, foi possível conhecer os modos de ser ali presentes, como também vivenciar o meu próprio modo de ser enquanto pesquisadora/plantonista. Tais modos de ser, o contexto, e as relações ali estabelecidas constituíram a trama existencial desta pesquisa. A partir dessa abertura compreensiva, a qual me constitui enquanto ser-no-mundo, debrucei-me na maternidade como psicóloga/pesquisadora na busca de compreender uma prática psicológica, ao mesmo tempo que a disponibilizava. O plantão se pôs a escutar o sofrimento de mulheres que passaram por um aborto, buscando os limites e possibilidades dessa prática na própria ação.

**Palavras-chave:** Pesquisa fenomenológico-hermenêutica; Plantão Psicológico; Cartografia; Diário de bordo; Narrativa.



**Elza Dutra**

Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica do PPgPsi da UFRN. Orientadora de Mestrado e Doutorado. Coordenadora do GT- Psicologia & Fenomenologia-ANPEPP. Líder do GESDH- Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano-UFRN/CNPq. Idealizadora e Coordenadora do Núcleo de Psicologia Fenomenológica-POIESIS. E-mail: [elzadutra.rn@gmail.com](mailto:elzadutra.rn@gmail.com)

**Melina Séfora Souza Rebouças**

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica pela UFRN, Pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH/UFRN, Membro da Poiesis – Núcleo de Psicologia Fenomenológica. E-mail: [melina\\_sefora@yahoo.com.br](mailto:melina_sefora@yahoo.com.br)

### 3.1.7 MESA REDONDA SOB RAPHE

#### 3.1.7.1 ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA

**Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)**

Desde os anos de 1990, tenho me empenhado na tarefa de estruturação de guias paradigmáticos que sustentem de maneira rigorosa e válida tanto investigações quanto intervenções clínicas com a existência humana. Denominei tal clínica de Análise da Relação Existenciária ou Análise do Existir. Do ano 2000 para cá, tal projeto vem se tornando consistente o suficiente para ser tornado público à comunidade de profissionais que entendem e lidam com o ente humano como existência. Atualmente seu paradigma tem sido muito propício para outras áreas das Humanidades. Ele envolve: 1) explicitação de momentos fundamentais da constituição da ARE e suas relações com a Analítica do *Dasein* (ser-aí, mundanidade do mundo, modos de habitar mundo - existenciaridade; 2) discussão sobre o uso das descrições fenomenológicas da psicopatologia na ARE e demonstração de como o método fenomenal-hermenêutico para com os modos de existir dos clientes junto a entes, com eles mesmos e com outros *Daseins* é usado; 3) correlação entre modelos vigentes na Psiquiatria e Psicopatologia e a ARE; 4) explicitação de como a ARE pode contribuir clinicamente frente a patologias graves, ou melhor, do quanto tem mostrado eficiência nas discussões e investigações sobre as origens das psicopatologias, transtornos existenciários e em intervenções clínicas. A ARE, por seguir ‘indicativos formais’ da Analítica Existencial e método hermenêutico de Martin Heidegger, constitui conhecimentos fenomenais-hermenêuticos ‘deixando surgir’ o campo de sentido e elaborando conceituações perfeitamente condizentes com o que se passa com o cliente; segue essas formas para analisar as formas do ‘ocupar-se de’ e ‘preocupar-se com’ das pessoas - a cotidianidade. As pesquisas e práticas comandadas pelo ‘ser sempre modos afetivo-compreensivos de respondência ao que interpela o *Dasein*’ trouxeram métodos de investigações e intervenções condizentes com esses modos e conceituações específicas sobre saúde, doença e ação clínica. A ARE analisa as relações ‘pondo em aberto e respondendo aos acenos’ do que se mostra para estruturar o dizer hermenêutico; analisa os modos cotidianos particulares da abertura originária do *Dasein* - existenciários - para vê-los como fenômenos, torná-los presentes de modo que possam ser explicitados, constatáveis e avaliáveis quanto à sua estrutura e campo de sentido. Daí, eles podem ser pensados como normais, patológicos ou saudáveis e tratados a partir deles mesmos. Ao ver como fenômeno e agir hermeneuticamente contempla as psicopatologias e patologias existenciárias como momentos constitutivos de uma só unidade, a existenciaridade. A ARE põe às claras a estrutura do ser “junto a” e “com” que *Dasein* sempre é e o campo de sentido integrado em cada relação ‘deixando’ aparecer a unidade patologias-psíquicas e transtornos da facticidade.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Hermenêutica; Terapia Existencial; Psicopatologia; Transtornos Existenciários.

**Josefina Daniel Piccino**

Filosofia pela PUCSP. Psicologia Clínica pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Práticas Clínicas pela PUC/SP. Presidente da Sociedade Brasileira de Fenomenologia Hermenêutica e ARE. Diretora do Instituto Sobraphe de Ensino e Formação em ARE. E-mail: [josefina@sobraphe.org.br](mailto:josefina@sobraphe.org.br)

### **3.1.7.2 FUNDAMENTOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA: IMPORTÂNCIA NA PRÁTICA CLÍNICA**

**Milene L. Lamanauskas (SOBRAPHE)**

A mensuração, comparação, padronização, experimentação, a formulação de teorias até hoje, em ciências naturais, se apresentam como o caminho para a explicação sobre o que se passa com a vida humana. Contudo, quando se trata de compreender como se dá a experiência vivida nos seus mais diversos aspectos da sua cotidianidade, principalmente no que tange os transtornos existenciais, inclusive as psicopatologias, estes métodos positivistas parecem revelar, ou seja, encobrir os fenômenos. Para uma prática clínica, não empírica e explicativa, mas que se propõe a realizar um processo terapêutico analítico, suas bases fundamentais exigem um caminho rigoroso, de mesma seriedade das outras ciências e concernente à compreensão do é ser humano existente no mundo. Entendendo a Fenomenologia de Husserl como método de conhecimento verdadeiro que alcança a evidência, esse trabalho apresentará alguns de seus fundamentos, a saber: consciência intencional, a doação do ente, como ir à coisa mesma e as reduções fenomenológicas e eidética. Os objetivos desta discussão são primeiramente, apontar como a Fenomenologia de Husserl contribui com a Psicologia por intermédio da descrição fenomenológica de acordo com fundamentos metodológicos expostos. Conjuntamente, a importância da descrição das experiências como acesso cognoscível, possibilidade de conhecimento, ao mundo-vida daquele que ali se apresenta no processo terapêutico. Por fim, a partir das descrições fenomenológicas na literatura psiquiátrica e nos atendimentos clínicos, discute-se qual o caminho para a tratativa clínica. Em considerações finais, são levantadas algumas questões sobre a Fenomenologia Husserliana no entrelaçamento com a prática clínica - que surgiram no processo de estudo, atendimentos a clientes e reflexões com colegas da área – como os limites e alcances da metodologia fenomenológica nos caminhos construídos junto aos clientes para a compreensão de seus modos de ser, significar e viver suas relações que os levaram ao momento no qual se encontram.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Psicologia; Descrição Fenomenológica; Prática Clínica.

**Milene L. Lamanauskas**

Vice-Presidente e professora SOBRAPHE. Psicóloga formada pela PUC-SP. Aprimoramento Clínico pela PUC-SP. Formação clínica pela SOBRAPHE. MBA em Gestão de Pessoas pela FACAMP. E-mail: [milenelamanauskas@live.com](mailto:milenelamanauskas@live.com)

### 3.1.7.3 O LUGAR DO VITIMIZADOR NO ABUSO SEXUAL – UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

**Bernadete Almeida Pereira de (SOBRAPHE)**

Trata-se de uma pesquisa que teve origem na experiência de implantação do *Programa Sentinela* em Poços de Caldas/MG. Na busca de embasamento teórico para delinearmos a melhor prática que atendesse a demanda em suas especificidades deparamo-nos com uma literatura vasta partindo da pessoa abusada e a rede de relacionamentos em que está inserida. Ocorre que muitas vezes o vitimizador fica a cargo da esfera judicial, uma vez que seu ato é crime passível de reclusão. A ausência do vitimizador dificulta a compreensão do fenômeno abuso sexual em sua totalidade e revela a dificuldade em nos deslocarmos do lugar de abusador passível das penas da lei, como punição, coerção naturalizado pela sociedade. Esta percepção norteou essa pesquisa que buscou ouvir o vitimizador para além de qualquer julgamento conceitual ou de valor, ou seja, através do suspender as teorias e experiências. Nos atendimentos das vítimas, para ouvir os relatos dos abusos praticados a partir dos abusadores, fomos ao encontro do abuso sexual como fenômeno para ver essa ocorrência a partir dela mesma. Para o desenvolvimento da pesquisa, elegemos o método fenomenológico que possibilitou olhar para o fenômeno abuso sexual por meio do ator faltante, o vitimizador. Utilizamos uma questão norteadora: “Como é ser considerado um abusador?” o que possibilitou que os colaboradores falassem de suas experiências. Entrevistamos seis pessoas que estavam presas, sendo cinco homens e uma mulher, todos em regime fechado sem acesso aos demais presidiários e banhos de sol. Utilizamos o método proposto por Amedeo Giorgi, para identificar as unidades de sentidos, agrupadas em invariantes e variantes. Este método propiciou a abertura para ouvir os colaboradores sem as premissas dos julgamentos implícitos do ato por eles praticados. Um dado evidenciado no decorrer das entrevistas, foi quando um dos entrevistados nos alertou da reação dos demais presidiários revoltados por ouvirmos a escória da cadeia - os Jacks estupradores - e que foi corroborado pela carceragem que solicitou nossa atenção para questões pessoais da vida cotidiana. Isto conferiu a esta experiência um lugar de início para a possibilidade de acessar novos paradigmas para fazer leituras de ações difíceis de compartilhar. A pesquisa indicou a necessidade de busca por uma prática clínica que lide com a cotidianidade a partir dela mesma, do “ir às coisas mesmas” (E. Husserl); e, no percurso, de afinar o olhar e a escuta. O encontro com Josefina Daniel Piccino da Sobraphe propiciou compreender vários aspectos que na época da pesquisa ainda não tínhamos compreensão, como o quanto o relato dos abusadores era marcado pelo “impessoal”, a não visão do campo de sentido e o lugar de vítima assumido pelos vitimizadores, como o mundo que lhes vinha ao encontro era considerado vilão, ou seja, descolado, como se eles não fossem seres-em-um-mundo com os outros. Assim, a prática da clínica dentro da compreensão da Análise da Relação Existencial – ARE, sustentada pelo pensamento heideggeriano possibilita uma vida que vê o outro em suas relações e contribui para uma compreensão mais ampliada das questões da cotidianidade transtornada.

**Palavras-chave:** fenomenologia; vitimizador; descrição fenomenológica; análise do existir; violência.

**Bernadete Pereira de Almeida**

Psicóloga Clínica CRP 04/27.787. Especialista em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. Conselheira da Sobraphe. E-mail: [bernadete.p.almeida@hotmail.com](mailto:bernadete.p.almeida@hotmail.com)

### **3.1.7.4 ERA UMA VEZ UMA SOLDADINHO: AÇÃO CLÍNICA A PARTIR DA ANÁLISE DO EXISTIR - A.R.E.**

**Vanessa Resende de Abreu (SOBRAPHE)**

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar uma ação clínica a partir da terapêutica denominada Análise da Relação Existencial (ARE). Tal modelo paradigmático clínico foi desenvolvido pela Profa. Ma. Josefina Daniel Piccino, que se deparou com a necessidade de estruturar paradigmas para investigações e intervenções clínicas sustentadas pela Fenomenologia, pela Hermenêutica e pela Analítica existencial de Martin Heidegger. Serão desenvolvidos os seguintes aspectos: ilustrar o fazer clínico de uma terapeuta analista da existência e apontar como a terapeuta mostrou a estrutura dos modos de ser da cliente por meio do ver fenomenal e pela fala hermenêutica. O caminho terapêutico da analisada inicia-se a partir seu incômodo com seu modo ingênuo e infantil de estar no mundo. A ARE ao permitir conhecer aquilo que se quer conhecer perguntando a ele mesmo o que ele é, ao analisar as relações ‘pondo em aberto’ e falando hermenêuticamente, abre campo de sentido. Assim, o ver fenomenal e a fala hermenêutica da terapeuta abriu um modo mais fundamental de ser-com: o ser-soldadinho-no-mundo. Tal fenômeno guiou o caminho terapêutico que consistiu em visitar o espaço de jogo da convivência familiar - contexto hermenêutico. Heidegger em *Ser e Tempo* indica como características ontológicas da convivência o afastamento, a medianidade, o nivelamento e o desencargo de ser como modos de ser do impessoal. Numa primeira aproximação, o impessoal toma o seu ser, controla e domina, mantém na superficialidade e facilita, retirando a responsabilidade de cada Dasein em sua cotidianidade. Como pôde-se notar, o espaço da convivência mediana da família da cliente se encontrava afinada a uma obediência ao comandante (pai e policial militar), como uma forma de servidão “voluntária” de todos os integrantes da família (mãe e irmãos) em busca de asseguramento. O peso da responsabilidade por ser si mesmo como poder-ser foi assumido e ao mesmo tempo dado a este pai que tomou para si a tutela e domínio sobre os membros da família que, em algum nível, se dissolveram no nivelamento. A convivência estava transpassada por uma atmosfera de medo, que onticamente se anunciava pela vigilância em não quebrar o pacto da servidão ao comandante. O pai, ao assumir esta responsabilidade, permitia que todos pudessem viver encobertos na ingenuidade infantil sem sentir o encargo de ter de ser e formar a si mesmo. A ARE, por seguir o método fenomenal hermenêutico cumpre exatamente a tarefa de elucidar esses modos cotidianos de ser “com” outras pessoas (preocupar-se com). Assim, se des-encobriu mediante a atitude clínica, que ser-soldado-no-mundo não se tratava de uma lutadora do pelotão de frente, mas sim da defesa, da proteção da armadura que mantinha a menina amedrontada escondida/aprisionada na invisibilidade segura da medianidade niveladora. Tal medianidade se constituiu como pano de fundo de uma disposição afetiva mais fundamental: a angústia como insegurança de ser.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Hermenêutica; Análise do Existir.

**Vanessa Resende de Abreu**

Psicóloga formada pela FMU. Especialista em Psicologia Hospitalar pelo NÊMETON. Formação em Prática Clínica e Análise Hermenêutica do Existir pelo SOBRAPHE. E-mail: [resendeabreu@gmail.com](mailto:resendeabreu@gmail.com)

### 3.1.8 MESA REDONDA SPPE

#### 3.1.8.1 FAZER PSICOTERAPIA É FAZER POLÍTICA: UMA PERSPETIVA EXISTENCIALISTA SARTREANA

**José A. Carvalho Teixeira (ISPA/SPPE - Portugal)**

Psicoterapeutas e psicoterapia não existem fora do mundo. Situam-se num contexto antropológico, temporal e histórico, que envolve os aspetos ideológicos, económicos, sociais e culturais que caracterizam a contemporaneidade. A partir de uma perspetiva inspirada no existencialismo de Sartre, nesta comunicação pretende-se refletir e promover reflexão sobre o que pode ser psicoterapeuta existencial hoje. *Numa primeira parte* abordam-se algumas tendências da contemporaneidade que, desejavelmente, não poderão ser ignoradas pelos psicoterapeutas, nomeadamente: o individualismo crescente, a invasão tecnológica de espaços de trabalho e relações sociais, as desigualdades sociais, a psiquiatrização do existir, a opressão e a falta de empatia e insensibilidade em relação ao outro. Tendências que, no cenário das políticas económicas neoliberais, nos planos ideológico e psicológico vão implantando a conceção dum ser humano auto-empresendedor, cada vez mais retirado para uma existência privada e para um imaginário virtual, desinteressado de encontros intersubjetivos concretos. *Seguidamente*, será abordado o trabalho terapêutico como trabalho político. Particularmente como a psicoterapia existencialista com inspiração Sartreana se compromete com um trabalho terapêutico que é também político em 2 dimensões: numa dimensão privada e pessoal do cliente, relacionada com o poder escolher-se mais livremente e agir em situação e, simultaneamente, numa dimensão pública e social/comunitária associada à clarificação de como se relaciona com a estrutura de poder nos grupos, organizações ou instituições em que desenvolve a sua existência (família, trabalho, comunidade). E como isso implica um encontro terapêutico comprometido igualmente com a responsabilidade existencial (liberdade de escolha/projeto) do cliente e com a sua responsabilidade social e comunitária. Para vir-a-ser transformadora do mundo pessoal, a compreensão do existente terá que ser contextualizada na sua situação sócio-histórica, facilitando-lhe consciencialização e compreensão do modo como a opressão afeta a sua existência e a identificação das ações individuais e sociais/comunitárias que poderá escolher para a superar, comprometendo-se também com participação na vida coletiva. *Finalmente*, propõe-se uma reflexão sobre o que é ser psicoterapeuta existencialista na contemporaneidade. Ancorada na aceitação da responsabilidade pelas implicações políticas do trabalho terapêutico, que são deliberadamente escolhidas e constituem a versão política da sua autenticidade psicoterapêutica. Só a compreensão do processo de singularização individual na sua facticidade social própria e nas condições materiais da sua liberdade permitirá ao cliente redefinir o seu projeto de ser.

**Palavras-chave:** contemporaneidade; dimensão política em psicoterapia existencial; psicoterapeuta existencialista

#### **José A. Carvalho Teixeira**

Psiquiatra. É professor no ISPA-Instituto Universitário desde 1983, leccionando nas áreas de psicopatologia, psicologia da saúde, psicogerontologia e intervenção fenomenológico-existencial. É diretor do ISPA-Formação Avançada, departamento responsável pela formação profissional contínua e pós-graduada. É associado fundador, formador e psicoterapeuta

existencial titular da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE). E-mail: [teixeira@ispa.pt](mailto:teixeira@ispa.pt)

### 3.1.8.2 SER PSICOTERAPEUTA EXISTENCIALISTA: UMA CIDADANIA ATIVA

Ana Silvestre Daun (SPPE - Portugal)

Partindo dos conceitos e características gerais da psicoterapia existencialista de influência Sartreana procuramos perceber como é ser psicoterapeuta existencialista e como esta abordagem pode ser praticada em contextos reais da nossa contemporaneidade. A psicoterapia existencialista conceptualiza o indivíduo com base em assunções do existencialismo de Sartre. A partir do nada, o sujeito cria o seu destino, com base numa liberdade situada e autonomia de escolhas. Assim, o objetivo da psicoterapia é facilitar ao sujeito a redefinição do seu projeto de vir-a-ser. O psicoterapeuta existencialista na sua atitude ética de liberdade, facilita no sujeito a transformação do seu-mundo numa maior abertura à práxis livre e dialética, o que só pode ter lugar na-sua-situação existencial com o mundo-dos-outros. Partirá de situações singulares para compreender o universal e das situações universais para compreender o singular. Quando se escolhe uma possibilidade diferente da realidade é como se agíssemos em prol de um futuro, que ainda é inexistente. Os limites que nos determinam são também as possibilidades de transgredirmos e transformarmos o nosso mundo e o dos outros. A noção fundamental do *ser-em-situação*, a situação singular do ser no meio do mundo, inclui a facticidade do lugar, do passado, dos arredores e do próximo, implicadas no projeto do sujeito num mundo onde os outros existem. Ser-com-o-outro é compartilhar projetos, dividir situações, tomar decisões conjuntas. É o estabelecimento de uma transcendência comum e dirigida a um fim único – o projeto que somos em grupo. Na perspetiva da intervenção, Franco Basaglia, também inspirado em Sartre, referiu que mais do que intervenção técnica, o relevante seria a noção de '*reprodução social do paciente*', associando-a à cidadania ativa, ao reconhecimento dos seus direitos e à necessidade de os fazer valer, construindo um mundo melhor para o si-próprio e para os outros. A psicoterapia existencialista não se foca na ideologia individualizante e psicologizante, mas integra os factos sociais, muitas vezes associados a sofrimento como opressão, trabalho precário e outros motivos que levam o sujeito à procura de ajuda. A ação do psicoterapeuta existencialista tem desta forma uma implicação política comprometida que contém em si o conceito de *engagement* de que Sartre definiu como o processo de aceitação da responsabilização das ações políticas de alguém. Este conceito é a versão política de autenticidade existencial, que exige a afirmação de liberdade dentro do contexto social. O sujeito no reconhecimento da sua liberdade situada, responsabiliza-se pelas suas escolhas de forma ativa e colaborante. Podemos assim sublinhar que a cidadania ativa é uma práxis do psicoterapeuta existencialista ao se comprometer com as implicações que o seu trabalho terapêutico tem no reconhecimento dos direitos individuais e nas possibilidades que esses podem abrir na transformação de um mundo melhor para si e para os outros. Concluimos que esta perspetiva abre novas possibilidades na forma como a psicoterapia existencialista poderá ser praticada em contextos reais.

**Palavras-chave:** Ser-em-situação; liberdade e facticidade ; engagement.

**Ana Silvestre Daun**

Psicomotricista e psicoterapeuta corporal. Psicoterapeuta existencial em formação (Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial). E-mail: [anahsilvestre@hotmail.com](mailto:anahsilvestre@hotmail.com)



### 3.1.8.3 A PROCURA DO SER NO SEU TEMPO: DESAFIOS PARA A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

**Paula Cortes (SPPE – Portugal)**

A presente comunicação parte do olhar sobre o Homem enquanto Dasein, proposto por Heidegger, da existência que precede a essência, à medida sartreana, bem como do homem integral, tal como preconizado por Paul Ricoeur. O que significa ser-no-mundo? De que falamos nós quando falamos de existência? Trazemos para a clareira o Homem situado no mundo, em relação com ele, enquanto abertura co-originária. Se somos ser-no-mundo, como se constitui o tempo histórico em que estamos inseridos? Partimos da tese de que estamos incessantemente à procura do nosso tempo, de nos relacionarmos com o horizonte histórico e podermos ser autenticamente nele, sabendo-nos indeterminação. Pretende-se auscultar a terra por onde caminha o Homem, interrogar e compreender o mundo em que nos inserimos. Nesse sentido, como é que se caracteriza a modernidade tardia? De que forma a actual pandemia nos interpela, revela e convoca a uma descoberta do que nos é mais próprio? Quais os modos de existir da contemporaneidade? Convocaram-se ideias oriundas da Filosofia, da Sociologia e da Psicologia, através de Hartmut Rosa, Byung-Chul Han, Gilles Lipovetsky, Slavoj Žižek, Zygmunt Bauman, André Barata, Ana Maria Feijoo, entre outros, por forma a descrever e compreender o horizonte do nosso tempo. Desde o século XVIII que, para alguns autores, existe a ideia de que a sociedade, o nosso viver e a história, estão a acelerar com o passar do tempo. O processo de modernização, quando lido a partir da sua dimensão temporal, é de aceleração social. O mal-estar da contemporaneidade aparece sob que tonalidades afectivas? Quais são aquelas que caracterizam a nossa época? Quais os desafios que podemos encontrar face ao horizonte onde nos situamos? Pretende-se analisar alguns dos pressupostos da mudança social acelerada e em que medida a psicoterapia existencial deve ter em consideração na compreensão do existente o seu contexto socio-histórico. Iremos (1) reflectir sobre as implicações do fenómeno (social) da aceleração para o nosso modo de estar-no-mundo, em particular no que respeita à temporalidade, mas também espacialidade, intersubjectividade e materialidade; (2) Refletir em que medida esses novos modos de existir podem associar-se a experiências de sofrimento/novos problemas com o existir; (3) Quais as implicações para a abordagem existencial em psicoterapia? A modernidade tardia caracteriza-se por um modo de estar acelerado, do ponto de vista da tecnologia e da técnica, da mudança social e do ritmo de vida. A vivência é de escassez temporal e necessidade de se realizarem experiências em menos tempo. A aceleração social pode levar a modos de existir alienados. Será apresentada uma integração dos pensamentos de vários autores, caracterizando as dimensões da existência em relação ao nosso tempo actual. A psicoterapia poderá resituar a pessoa a experimentar a sua existência como liberdade, ou seja, ao poder escolher-se livremente, apesar das contingências inerentes ao seu tempo.

**Palavras-chave:** ser-no-mundo; tempo; aceleração; horizonte histórico; contemporaneidade.

**Paula Cortes**

Psicóloga Clínica (ISPA-IU). Psicoterapeuta Existencial em formação (SPPE). E-mail: [paulalealcortes@hotmail.com](mailto:paulalealcortes@hotmail.com)

### 3.1.8.4 O ENCONTRO: SOBRE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA EM E. SPINELLI

Ana Cristina Martins (ISPA – Portugal)

Esta comunicação versa sobre um dos elementos centrais da terapia – a relação terapêutica – e, mais especificamente, sobre o significativo contributo de Ernesto Spinelli - figura que, no âmbito da Psicoterapia Existencial, representa a corrente inspirada, predominantemente, na fenomenologia de Husserl, integra o conjunto dos autores internacionalmente mais influentes em termos da *praxis* e de textos produzidos e se tornou num dos principais intervenientes da escola inglesa - para a sua conceptualização e entendimento. O percurso delineado tem, como objetivo, confrontar, de forma crítica, aquelas que são algumas das propostas do autor com os dados empíricos, iluminando o papel fulcral dos fatores inerentes à singularidade do terapeuta-enquanto-outro no encontro com o cliente, enquanto alteridade dual que se dispõe a *estar-com* e a *estar-para* o cliente, enquanto elemento cuja interação entre o seu ‘estar’ e os modelos teóricos é particular e de difícil operacionalização metodológica em termos de mensuração. Começa-se com uma incursão na obra de Spinelli, abordando questões centrais para a compreensão do modo como este perspetiva a relação terapêutica, designadamente, (1) a visão do mundo enquanto estratégia ôntica de cada pessoa para lidar com as condições ontológicas da existência humana e (2) os quatro domínios interrelacionais ou de encontro por si estabelecidos, com referência à cocriação e coabitação, por terapeuta e cliente, do ‘mundo da terapia’. Posteriormente, apresenta-se uma reflexão ancorada nalgumas atitudes terapêuticas - abertura, aceitação, *un-knowing* - e nas noções do ‘estar’ *versus* do ‘fazer’ do terapeuta. Para esta reflexão, são trazidos, num segundo momento, os resultados de meta-análises e de estudos empíricos recentes acerca da eficácia da psicoterapia. Conclui-se que a evidência empírica oferece suporte à importância que Spinelli confere ao encontro terapêutico e ao modo como o perspetiva. Um encontro em que o ‘*estar no mundo alargado*’ e o ‘*estar no mundo da terapia*’ que caracterizam, tanto o terapeuta, como o cliente, parecem constituir os fatores-chave da qualidade da relação estabelecida, e cujas características ímpares, a par do imediatismo e da intersubjetividade do encontro, bem como da interação entre o ‘estar’ do terapeuta e os modelos teóricos, se apresentam como um enorme desafio para a investigação de natureza predominantemente quantitativa. Termina-se destacando a bilateralidade da relação terapêutica e a circunstância de esta encerrar desafios e oportunidades par(a) dois, cliente e terapeuta. Conforme o terapeuta se escolher enquanto projeto existencial, assim abraçará, ou não, desafios, assim aproveitará, ou não, oportunidades... de encontro em encontro.

**Palavras-chave:** Relação terapêutica; Encontro terapêutico; Eficácia da psicoterapia

#### Ana Cristina Martins

Doutorada em Psicologia social, Mestre em Comportamento organizacional e Licenciada em Psicologia social e das organizações pelo ISPA – Instituto Universitário. É Professora auxiliar no ISPA, desde 1992, e investigadora integrada no APPsyCI (Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion). Tem, como interesses de investigação, as representações acerca violação e o pensamento contrafactual. É psicoterapeuta existencial em formação na SPPE. E-mail: [amartins@ispa.pt](mailto:amartins@ispa.pt)

### 3.1.9 MESA REDONDA ISPA

#### 3.1.9.1 PRÁTICA DELIBERADA: TREINO DE MELHORIA DE COMPETÊNCIAS CLÍNICAS PARA ESTUDANTES E PSICOTERAPEUTAS

**Daniel Sousa (ISPA – Portugal)**

**Matilde Barata (ISPA – Portugal)**

Alexandre Vaz (ISPA – Portugal)

Contrariamente a outras profissões, os psicoterapeutas não melhoram a sua performance apenas com anos de experiência. A aplicação de treinos de Prática Deliberada na formação de psicoterapeutas tem sido uma ferramenta proposta para melhorar a performance dos mesmos. Nos estudos apresentados pretende-se: Estudo 1: comparar o impacto de uma formação de Prática Deliberada com uma Formação Teórica (sem feedback individualizado), na qualidade empática de respostas terapêuticas de estudantes de licenciatura em Psicologia. Estudo 2: comparar o impacto de uma formação de Prática Deliberada com uma Formação Teórica, na qualidade empática de respostas terapêuticas de psicoterapeutas em formação com experiência clínica prévia, controlando efeitos de prática e de feedback. Estudo 1: Estudantes de licenciatura ( $N = 36$ ) foram alocados, aleatoriamente, à condição de Prática Deliberada ou Formação Teórica e filmaram respostas empáticas a dois vídeos em 3 momentos diferentes (Uma vez antes de qualquer intervenção e duas vezes após a formação de Prática Deliberada ou Teórica). Estudo 2: segue o mesmo procedimento do estudo 1 com uma amostra constituída por terapeutas com experiência clínica ( $N = 11$ ) que respondem a 6 vídeos diferentes, em que ambas as condições recebem feedback individualizado. Avaliadores independentes cegos às condições dos participantes, cotaram a qualidade das respostas dadas através da *Measure of Expressed Empathy*, em ambos os estudos. Os resultados do estudo 1 sugerem que treinos de Prática Deliberada podem ter um impacto positivo na formação de estudantes de psicologia. No entanto, os resultados do estudo 2 não corroboram esta afirmação com uma amostra de psicoterapeutas em formação. Tendo em consideração os resultados de ambos o estudo é possível afirmar que é necessário replicar estes estudos com amostras maiores e em diferentes estágios do desenvolvimento profissional. Apesar dos resultados contraditórios, os presentes estudos têm os seguintes pontos fortes: a) controlam o viés de autoavaliação, uma vez que o desempenho dos participantes é abordado por avaliadores independentes em vez da própria perspectiva dos participantes; b) são quase experimentais ao invés de correlacionais, o que é uma condição necessária para inferir causalidade; c) são os primeiros estudos a considerar o impacto do feedback sozinho.

**Palavras-chave:** Prática Deliberada; Ensaio Clínico Aleatório; Empatia; Formação de psicoterapeutas; Expertise.

#### **Daniel Sousa**

Psicólogo Clínico, psicoterapeuta, com doutoramento em psicoterapia pela Wales University. Exerce funções de Director na Clínica Universitária de Psicologia do ISPA. Presidente da SPPE - Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Membro da European Association of Psychotherapy e da Society for Existential Analysis. Exerce psicologia clínica e psicoterapia em consultório privado. Os seus interesses de investigação centram-se actualmente: nos processos de mudança em psicoterapia; monitorização dos processos e dos resultados das

intervenções psicológicas; os factores do psicoterapeuta; a implementação da prática deliberada no treino de psicoterapeutas. E-mail: [daniel@ispa.pt](mailto:daniel@ispa.pt)

**Matilde Barata**

Mestre em Psicologia Clínica pelo ISPA-Instituto Universitário. Os seus interesses de investigação centram-se nas temáticas de formação de terapeutas e processos cognitivos associados a estereótipos sociais. E-mail: [matildetaveirasoares@gmail.com](mailto:matildetaveirasoares@gmail.com)

### 3.1.9.2 PRESENÇA TERAPÊUTICA E INTERVENÇÕES ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Daniel Sousa (ISPA – Portugal)**

**Sara Rathenau (ISPA – Portugal)**

Alexandre Vaz (ISPA – Portugal)

A pandemia COVID-19 traz mudanças para todas as esferas da nossa vida. Vários psicólogos e psicoterapeutas têm sido forçados a realizar terapia online como alternativa à terapia face-a-face. A terapia online poderá trazer dificuldades e também oportunidades de aprendizagem para os terapeutas. Entende-se por presença terapêutica quando o técnico está a nível físico, emocional, cognitivo e espiritual completamente presente no momento durante a sessão. A literatura demonstra que a presença terapêutica é um factor comum e é uma variável importante na eficácia e na mudança terapêutica. Uma variável que poderá ter impacto na presença terapêutica em terapia online é as atitudes em relação às intervenções online. Esta última variável parece ter influência na aceitação e na adopção de intervenções pela Internet. No presente estudo procurou-se compreender qual é a relação entre as dificuldades percebidas pelos terapeutas em terapia online e a presença terapêutica. Um segundo objectivo foi compreender se as atitudes em relação à terapia online poderia ser uma variável mediadora da relação referida anteriormente. Por fim, procurou-se compreender quais são as diferenças referidas pelos terapeutas entre terapia online e face-a-face. Inicialmente foi realizado um pré-teste com uma amostra de 48 terapeutas portuguesas com o objectivo de verificar a validade da adaptação do instrumento “Dificuldades Percebidas”. Após validação, foi conduzido um estudo de design transversal. Foram testados os objectivos referidos anteriormente e o modelo de mediação. Da amostra recolhida (N=445), 63,8% são pessoas residentes em Portugal (N = 284), 10,8% residem no Brasil (N = 48) e os restantes participantes são de outros países (N = 113). Os dados indicam que a relação entre as dificuldades percebidas e a presença terapêutica é significativa e negativa ( $\beta = -.25$ ;  $p < .001$ ). As atitudes em relação às intervenções online é um mediador parcial positivo ( $\beta = .25$ ;  $p < .001$ ). A análise de dados mostra-nos 7 categorias de diferenças relatadas pelos terapeutas entre terapia online e terapia face-a-face. Os dados da presente investigação têm implicações práticas importantes para os tempos actuais: é possível que na presença de dificuldades, um terapeuta apresente valores mais elevados de presença terapêutica se as suas atitudes face à terapia online forem mais positivas. Tendo em conta a pandemia global surge a necessidade de procurar novas formas de melhorar o serviço de psicologia e psicoterapia online. Espera-se que no futuro o presente tema de estudo continue a ser alvo de investigação e também de intervenção.

**Palavras-chave:** Terapia Online; COVID-19; Presença Terapêutica; Dificuldades Percebidas; Atitudes em relação às Intervenções Online.

#### **Daniel Sousa**

Psicólogo Clínico, psicoterapeuta, com doutoramento em psicoterapia pela Wales University. Exerce funções de Director na Clínica Universitária de Psicologia do ISPA. Presidente da SPPE - Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Membro da European Association of Psychotherapy e da Society for Existential Analysis. Exerce psicologia clínica e psicoterapia em consultório privado. Os seus interesses de investigação centram-se actualmente: nos processos de mudança em psicoterapia; monitorização dos processos e dos resultados das

intervenções psicológicas; os factores do psicoterapeuta; a implementação da prática deliberada no treino de psicoterapeutas. E-mail: [daniel@ispa.pt](mailto:daniel@ispa.pt)

**Sara Rathenau**

Mestre em Psicologia Clínica pelo ISPA- Instituto Universitário. Psicóloga Júnior, membro candidato à Ordem dos Psicólogos Portugueses. Acompanhamento psicológico da criança, adolescente e adulto. Investigação na área da eficácia em Psicoterapia e em Ciências Sociais.

### **3.2 MESAS REDONDAS DE PESQUISA**

### **3.2.1 A RELAÇÃO DE PESQUISA NO CAMPO DO DESENVOLVIMENTO: DOIS PRINCÍPIOS E TRÊS CASOS**

Orientador: Prof. Josemar de Campos Maciel (UCDB)

#### **3.2.1.1 A RELAÇÃO DE PESQUISA NO CAMPO DO DESENVOLVIMENTO: DOIS PRINCÍPIOS**

**Josemar de Campos Maciel (UCDB)**

A metodologia é a teoria que regula passos e elementos teóricos do processo de se construir a investigação. Às vezes ela substitui uma epistemologia, como no pós-fundacionalismo; outras vezes, a epistemologia a devora, dobrando a discussão sobre si mesma, quando a pesquisa se transforma em exegese de autores ou causas exteriores a si mesma. Neste caso, apresentamos uma certa circularidade entre a discussão metodológica e a epistemologia da construção do campo do conhecimento, tomando como pressuposto fundamental o fato da relação como constitutiva das pesquisas na área de Ciências Humanas. A relação entre humanos é um dado fundante, possui suas regras e a potência de conformar todo o processo de pesquisa. Nem todos os modelos de investigação, porém, levam este fato até algumas consequências que pretendemos explorar. Especialmente no Brasil, por pressão de uma história positivista e de um mercado subalterno e necessitado de soluções rápidas, existe dificuldade em entender a relação presente nos processos tradicionais de investigação como sendo úteis para a construção de ciência válida. Entretanto, é importante mostrar que o trabalho construído com e a partir do envolvimento real e sensível às vozes dos sujeitos, desenvolve uma característica de sensibilidade que é capaz de orientar para práticas, decisões e focos mais aderentes aos envolvidos. Mesmo que isso signifique a busca de linguagens e de soluções às quais a Academia não está muito acostumada – como o recurso à arte, à oratura e à escuta das redes sociais. Aqui apresentaremos dois princípios pelos quais fundamentamos o nosso trabalho há alguns anos, pesquisando as relações entre visões, práticas e problemas relacionados ao desenvolvimento, sempre posicionado a partir da sua franja e dos atingidos por grandes projetos, ou por dificuldades em relação a exigências de um mercado que é sempre construído, mas que se vê (e se projeta) como se fosse automático, autorregulado e autônomo. Buscamos um aprofundamento desses princípios, a saber: a docilidade ao objeto/sujeito da investigação; e a qualificação da escuta. São dois princípios que se evocam e corrigem mutuamente, e que podem ser ilustrados a partir de exemplos, para uma discussão interdisciplinar norteadas por uma concepção de filosofia da pesquisa que parte da interpelação do outro e se desenvolve como hospitalidade.

**Palavras-chave:** Pesquisa Fenomenológica. Campo. Problematização.

**Josemar de Campos Maciel**

Professor da Universidade Católica Dom Bosco, no curso de Bacharelado em Filosofia e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local.



### **3.2.1.2 QUANDO O SUJEITO DIMENSIONA A PESQUISA – UM CASO DE DOCILIDADE CONSTRUINDO O CAMPO**

**Yan Leite Chaparro (UCDB)**

Este relato apresenta uma tese de doutorado que começou como um estudo da perspectiva indígena (Guarani Ñandeva) acerca do desenvolvimento. A população Guarani, em diversas subetnias, ainda é muito comum, em todo o Centro-Oeste brasileiro, a Bolívia, o Paraguai e além. É uma população resiliente, com grande capacidade de resistência, negociação e adaptação a situações adversas. A sua própria sobrevivência, na América latina, é prova disso. Mas um ponto em que esses povos se destacam, é a sua maneira mística de ver a realidade. Chamamos de “mística” por não termos palavras melhores. Mas trata-se sobretudo da sua posição particular diante da problemática relação natureza-cultura, ou sujeito-objeto, que o Ocidente construiu e tentou impor ao longo dos séculos de construção da modernidade, mas não conseguiu completamente. O trabalho foi feito construindo um campo de interação e diálogo com diversos intelectuais Guarani, em caminho entre Campo Grande, MS, e Porto Lindo, MS, para tentar entender como líderes guarani pensavam todo o processo de desenvolvimento, que nós, de princípio, entendíamos como um desvelar de potencialidades, a partir de uma visão linear da história. Acontece que a dinâmica do desenvolvimento, como nós, ocidentais brancos e não indígenas a entendemos, é totalmente diferente da concepção da maioria esmagadora das populações indígenas. Um dos intelectuais nos sugeriu, em determinado momento, que ao invés de “de-senvolvimento”, falássemos em “en-volvimento”, que seria muito mais adequado ao entendimento indígena. Assim fizemos, e queremos explorar alguns aspectos dessa importante escolha, para uma tese defendida diante de uma banca acadêmica. Fomos obrigados a retomar atentamente a nossa concepção do tempo, que parece linear, mas que para os Guarani parece mais complexo, e determina-se a partir de diversos tipos de relacionamento entre os homens e os diversos outros habitantes do ambiente. Tivemos que recontar e retomar, por diversas vezes, as diferenças entre a nossa escrita sedentária e estruturada por paredes e para paredes, e as falas instáveis e ao mesmo tempo atentas a mudanças e deslocamentos, de nossos interlocutores. Sobretudo, precisamos descobrir que existe uma concepção da vida humana que é bem mais receptiva às sugestões do ambiente, e que podem regular um estilo de ação humana sobre o planeta que não é tão agressiva, mas mais interativa e respeitosa das diversas alteridades, mesmo as mais silenciosas.

**Palavras-chave:** Escuta etnográfica. Estudos Críticos do Desenvolvimento. Docilidade ao sujeito/objeto.

**Yan Leite Chaparro**

Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco.

### **3.2.1.3 DO DESCOLAMENTO DO IMAGINÁRIO À ESCUTA QUALIFICADA A PARTIR DA PERIFERIA**

**Flávia Palhares Machado (UCDB)**

Apresentamos neste trabalho uma articulação entre dois princípios metodológicos, a saber, a docilidade ao objeto/sujeito, e a qualificação da escuta. O ponto de partida do trabalho foi uma dissertação de Mestrado, em que partimos um pouco sem saber onde chegar, mas recusando profundamente o entendimento de que apenas o planejamento deveria resolver todos os problemas de articulação nas cidades. O âmbito em que construímos o campo do trabalho é sintomático, a localização disciplinar na Arquitetura. Trata-se de uma área em que a opção majoritária é pela intervenção de grande escala, a partir de padrões construídos fora dos centros de habitação da periferia. Considerando o Brasil como um país periférico, em relação às metrópoles que o formaram a partir das coordenadas da modernidade, podemos notar como a concepção da cidade segue padrões ora franceses, ora norte-americanos, ora alemães, holandeses ou poloneses, e assim por diante. Em outras palavras, há um vício de importação acrítica de padrões de construir, mas também de sentir e de fruir, movimentando-se uma cidade, que impacta diversos sistemas humanos e recursos ambientais. O Brasil é rico em madeiras, mas importa pedras para parecer mais italiano, em alguns lugares. É rico em bambus mas importa madeiras para parecer mais alemão, em outros. O espaço do habitar brasileiro, assim, caracteriza e ostenta uma série de desafios, tais como a segregação, a extrema diferença de distribuição de renda e de acesso a bens como transporte, coleta de resíduos e outras ancoragens institucionais. O geógrafo Henri Lefebvre descreveu esse processo com profundidade em seus escritos sobre a modernidade e o imaginário urbano, diagnosticando a alienação dos habitantes, em relação à cidade e ao seu próprio processo de habitar. A partir dessa inspiração teórica, estudamos a relação entre representações sobre o habitar uma cidade e as suas figurações em uma rede social. Encontramos e descrevemos um processo de descolamento do imaginário no que toca às representações da cidade, demonstrado com ampla documentação iconográfica. A partir daí, retomamos a interrogação teórica que nos conduz a perguntar pelas possibilidades e pela potência mesma de se interrogar a (re)construção da paisagem a partir do imaginário resistente e sobrevivente das periferias.

**Palavras-chave:** Pesquisa Fenomenológica. Cidade. Cidadania. Paisagem. Imagem.

**Flávia Palhares Machado**

Arquiteta. Doutoranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco.

### **3.2.1.4 A ESCUTA QUALIFICADA NA ESTRUTURAÇÃO DE UM CAMPO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE POLÍTICAS DE DISPOSIÇÃO DE RESÍDUOS**

**Lorene Almeida Tiburtino Silva (UCDB)**

Queremos compartilhar e discutir uma experiência em que precisávamos realizar uma análise socioeconômica de uma situação, a saber, a aplicação de uma política nacional, aprovada e parcialmente regulamentada em lei, por parte de um município brasileiro (Bonito-MS), comparando-o com a política nacional. O município foi escolhido por alguns motivos peculiares. Um deles é o seu enorme potencial turístico, elogiado e destacado por diversos meios especializados. Outro motivo que nos levou a essa escolha foi o tensionamento entre a prática exemplar de um turismo com atrativos “ecológicos” e, por outro lado, a pressão das grandes propriedades agroindustriais sobre o ambiente da cidade, que os proprietários de grandes extensões de terra entendem como “recursos”, a desmatar e explorar. A única forma de interessá-los pela conservação é usar o discurso ecoturístico para despertar o seu interesse na renda dos atrativos, como rios, cachoeiras e paisagem natural. Enquanto acontece esse embate institucional, a pequena cidade, de população que aumenta e diminui de acordo com as práticas turísticas sazonais, apresenta um grande problema de coleta e correta disposição de seus resíduos, entre o consumo turístico e o uso de defensivos fitossanitários. O elemento particular da discussão que desejamos ressaltar é a importância da escuta dos sujeitos envolvidos na prática direta da implementação da lei e das suas atuações. Foram necessários contatos diretos, entrevistas em profundidade e expedições de campo, ao longo de quatro anos, para entender o foco do problema para este “outro” que não estava na Academia mas precisava entender e aplicar leis. Ao longo dos contatos, encontramos uma importante iniciativa de ressignificação e reuso de vidro descartado. Ainda, o contato direto nos ensinou a calibrar, dimensionar e escolher ferramentas de pesquisa quantitativa que, sem esse exercício de escuta, não se aplicariam à situação, mesmo produzindo resultados aparentemente confiáveis. Assim, propusemos e executamos uma pesquisa atravessada pela escuta de matriz etnográfica, e mediada teoricamente pela economia circular, pelo etnodesign e pelos estudos da logística reversa. Em poucas palavras, um problema de grande escala pode ser estudado – ou, pelo menos, bem encaminhado - a partir de sua ponta mais frágil, o sujeito que lida diariamente com os seus efeitos.

**Palavras-Chave:** Pesquisa de método misto. Qualificação da Escuta. Política Nacional de Disposição de Resíduos.

**Lorene Almeida Tiburtino Silva**

Bióloga. Mestra e Doutora em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco.

### **3.2.2 DAS VÁRIAS MORTES E DAS FORMAS DE MORRER: COMPREENSÕES SARTREANAS**

Orientador: Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

Orientadora: Geórgia Sibeles Nogueira da Silva (UFRN)

#### **3.2.2.1 DAS VÁRIAS MORTES E DAS FORMAS DE MORRER: COMPREENSÕES SARTREANAS**

**Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)**

A mesa redonda *Das Várias Mortes e das Formas de Morrer: Compreensões Sartreanas*, coordenada por Georges Daniel Janja Bloc Boris, apresenta investigações sobre facetas a morte e o morrer numa perspectiva fenomenológico-existencial com inspiração sartreana. Inicialmente, Carlos Ming-Wau apresenta, em *Vivências de Angústia e Tentativas de Suicídio: Uma Perspectiva Sartreana*, resultados empíricos de sua dissertação de mestrado, discutindo vivências de angústia nas tentativas de suicídio. O suicídio, a cada ano, dizima cerca de oitocentas mil pessoas no mundo, sendo considerado importante problema de saúde pública. Compreendendo que o comportamento suicida é uma escolha fundamentada na vivência da liberdade, a pesquisa adotou a fenomenologia existencial de Sartre para compreender a experiência vivida de pessoas que tentaram o suicídio. Discute os depoimentos de duas pessoas entrevistadas a partir da seguinte questão: ‘como foi a sua experiência de tentar o suicídio?’ Em seguida, Antonia Nathalia Duarte de Moraes expõe *Travestilidades e Morte Social: À Noite, Todos os Gatos São Pardos*, um recorte de sua dissertação de mestrado, propondo-se a compreender a vivência de pessoas travestis na busca de cuidados de saúde no âmbito da atenção básica. As vulnerabilidades e os preconceitos enfrentados pelas pessoas travestis são marcas muito fortes, caracterizando um lugar de morte social devido à dificuldade ou mesmo à impossibilidade de se perceberem alvos de um cuidado humanizado. Passam por situações de desrespeito, tendo os seus direitos negligenciados. Discute a invisibilidade da mulher travesti no serviço básico de saúde, principalmente causada pelo desrespeito ao seu nome social, pela sua associação ao vírus HIV, e pela percepção preconceituosa dos profissionais de saúde, que não acolhem o “outro” que se apresenta com todas as suas angústias e medos. A visibilidade *trans* é uma das lutas do movimento de travestis e transexuais. Finalmente, Geórgia Sibeles Nogueira da Silva, a partir de seu estágio pós-doutoral, elabora, em *O Absurdo da Morte em Sartre: Implicações para a Clínica dos Cuidados Paliativos*, um diálogo entre a perspectiva de Sartre sobre a morte, a psicoterapia sob sua inspiração e a clínica dos cuidados paliativos, discutindo a angústia diante da iminência da morte. Considera que a tarefa da clínica psicológica sob inspiração sartreana, assentada na compreensão de que o homem constrói seu próprio projeto de ser ao lidar com sua liberdade de escolher e com os contextos que o alienam, é viabilizá-lo como sujeito desse processo. Assim, pergunta: a morte, encarada por Sartre como o fim dos seus projetos, poderia, em sua facticidade e absurdidade, impulsionar a pessoa a um (re)encontro com o seu projeto de ser? Compreende que as ideias de Sartre têm muito a contribuir na construção e na (re)descoberta de projetos de ser individuais e coletivos diante da morte e da vida por assumirem uma concepção de liberdade baseada numa perspectiva histórica, dialética e não subjetivista. Portanto, têm muito a oferecer para a superação dos impasses enfrentados numa clínica que intenta viabilizar o homem como sujeito de sua vida, e - por que não? - do seu morrer, última de suas obras.

**Palavras-chave:** tentativas de suicídio; travestilidades; morte social; cuidados paliativos; Jean-Paul Sartre.

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

### **3.2.2.2 VIVÊNCIAS DE ANGÚSTIA E TENTATIVAS DE SUICÍDIO: UMA PERSPECTIVA SARTREANA**

**Carlos Ming-Wau (UNIFOR)**

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

O suicídio, a cada ano, dizima cerca de oitocentas mil pessoas no mundo, sendo considerado um importante problema de saúde pública. Estima-se que, a cada quarenta segundos, alguém morra por suicídio, e que, a cada três segundos, ocorra uma tentativa de pôr fim à vida, em algum lugar do mundo. Compreendendo que o comportamento suicida é uma escolha humana fundamentada na sua vivência da liberdade, adotamos a fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre em busca de compreender a experiência vivida de pessoas que tentaram o suicídio. Apresentamos e discutimos os depoimentos de duas pessoas, cujos nomes são fictícios, que participaram de entrevistas norteadas pelo método fenomenológico e iniciadas com esta questão: ‘como foi a sua experiência de tentar o suicídio’? Raul declarou que a morte por suicídio seria a libertação dos infortúnios que atrapalhavam sua vida. Cristina, por sua vez, buscava nas tentativas de suicídio por intoxicação exógena adormecer e se libertar dos problemas cotidianos que a obrigavam a conviver com as outras pessoas. A análise destes depoimentos identifica o que está em jogo em seus atos: a recusa a lidar com situações de adversidade que solicitavam que decidissem o que fariam de suas existências. A busca de libertação a que Raul se referia dizia respeito a uma tentativa de aprisionamento imposto pelas pessoas com que convivia, se devendo, conforme seu depoimento, ao fato de que elas desejavam que ele tivesse um modo de vida que ele não desejava. No caso de Cristina, o sono seria uma fuga para não se confrontar com os dilemas decorrentes da escolha entre ficar do lado da sua mãe ou passar a viver com o seu namorado. Sartre destaca que o sono é um tipo de fuga frente a uma decisão que precisa ser tomada. Para ambos os entrevistados, a única possibilidade seria a morte, ou seja, o fim de seus projetos de ser. Baseados na perspectiva sartreana, compreendemos que esses depoimentos apontam para a vivência da angústia, pois estas pessoas se depararam com situações que, diante de seus horizontes de possibilidades, se impõe uma escolha entre a vida e a morte. Escolher implica sempre em mergulhar na angústia. Destacamos que, nestes depoimentos sobre tentativas de suicídio, há uma recusa a continuar a escolher. Então, como expressões da liberdade ontológica destas pessoas, a angústia e o sofrimento se manifestam, levando-as à escolha entre suportar seus malogros existenciais e decidir dar cabo de suas vidas, o que, em decorrência, finalizaria os seus projetos de ser.

**Palavras-chave:** angústia; projeto de ser; tentativas de suicídio; pesquisa fenomenológica; Jean-Paul Sartre.

**Carlos Ming-Wau**

Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [carlosmingwau@yahoo.com.br](mailto:carlosmingwau@yahoo.com.br)

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)

### 3.2.2.3 TRAVESTILIDADES E MORTE SOCIAL: À NOITE, TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

**Antonia Nathalia Duarte de Moraes (UFRN)**

Geórgia Sibebe Nogueira da Silva (UFRN)

Este escrito é um recorte de algumas das muitas reflexões sinalizadas ao término de uma dissertação que se propôs a compreender a vivência de pessoas travestis na busca de cuidados de saúde, no âmbito da atenção básica. O caminho teórico-metodológico foi a hermenêutica gadameriana, com a utilização de entrevistas em profundidade e o uso de “cenas” com sete participantes. As vulnerabilidades e os preconceitos enfrentados pelas pessoas travestis na sua busca de acesso à atenção básica de saúde são marcas muito fortes em suas vidas, que as levam a um lugar de morte social, promovida por conta da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de se perceberem alvos de um cuidado humanizado. Elas passam, diariamente, por situações de desrespeito, tendo os seus direitos negligenciados e vivenciando dor e sofrimento. Algumas das dificuldades apareceram no acesso e uso dos serviços de saúde pelas pessoas travestis, principalmente causadas pelo desrespeito ao nome social, a associação das pessoas travestis ao vírus HIV, e a percepção preconceituosa vinda dos profissionais. Há uma grande preocupação com a questão da técnica dos profissionais, mas não acolher o “outro” que se apresenta com todas as suas angústias e medos. Diante desse lugar, discutimos a invisibilidade da mulher travesti no serviço básico de saúde, sua relação com o cuidado humanizado, e o “outro” a partir da perspectiva sartreana. O medo de sair durante o dia acaba dificultando ou mesmo inviabilizando o acesso delas aos serviços de saúde. A visibilidade *trans* é uma das lutas do movimento de travestis e transexuais. Cada sujeito quer ser tomado pelo valor que assumiu para si mesmo e precisa lidar com as significações e as objetivações que lhes foram atribuídas por outrem. Adentrando na vivência de pessoas travestis, descobrimos que as pistas capazes de contribuir para a construção de um cuidado humanizado implicam, necessariamente, no seu reconhecimento pelo outro como sujeitos de direitos, bem como, na presença humanizada da pessoa do profissional de saúde diante da pessoa travesti em sofrimento, que possa ser cuidada à luz do dia quando procurar um serviço de saúde. Ou seja, trata-se de uma busca de um profissional cuidador capaz de acolher a diferença em nome do seu compromisso com a dor do outro. Neste sentido, as autoras deste trabalho acreditam numa fenomenologia que vá muito além da descrição dos fenômenos humanos, mas que possa transformá-los, transgredindo o que está posto e modificando sua realidade.

**Palavras-chave:** travestilidade; morte social; cuidado humanizado; Sartre; hermenêutica.

**Antonia Nathalia Duarte de Moraes**

Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [nathaliaduartem@hotmail.com](mailto:nathaliaduartem@hotmail.com)

**Geórgia Sibebe Nogueira da Silva**

Coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Família no Nordeste – MPSF/RENASF – Núcleo UFRN – e do Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das Práticas em Saúde – LETHS – UFRN – Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [gsibebe@gmail.com](mailto:gsibebe@gmail.com)

### 3.2.2.4 O ABSURDO DA MORTE EM SARTRE: IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA DOS CUIDADOS PALIATIVOS

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/UNIFOR)

Geórgia Sibeles Nogueira da Silva (UFRN)

A tarefa da clínica psicológica sob inspiração sartreana, assentada na compreensão de que o homem constrói seu próprio projeto de ser ao lidar com sua liberdade de escolher e com os contextos que o alienam, é viabilizá-lo como sujeito desse processo. Assim, perguntamos: a morte, encarada por Sartre como o fim dos seus projetos, poderia, em sua facticidade e absurdidade, impulsionar a pessoa a um (re)encontro com o seu projeto de ser? Nesse estudo, fruto de um estágio pós-doutoral, fizemos dialogar a perspectiva de Sartre sobre a morte, a clínica sob sua inspiração e a clínica dos cuidados paliativos. Os cuidados paliativos visam a proporcionar a melhoria da qualidade de vida de pacientes e de familiares que se deparam com uma doença ameaçadora da vida, promovendo atenção aos seus sintomas físicos, psíquicos, sociais e espirituais. É fato que, diante da cronicidade de uma doença e de sua terminalidade, a morte anuncia ao ser humano o fim dos seus projetos. No entanto, Sartre negava qualquer possibilidade de sentido à morte, como fora atribuído por Heidegger, considerando-a um absurdo. Inspirados por Sartre, podemos afirmar que o que morre, por conta da irreversibilidade das escolhas do homem enquanto ele ainda vive, é também o que determinou a sua existência até ali: “o que fiz de mim”? “Vivi meu projeto de ser”? “O que ainda posso fazer”? São dúvidas que dizem respeito a um projeto de ser que pode ser reconhecido e vivenciado em seu final, se tal encontro for favorecido, mas também ao longo da vida. São questões que emergem e que podem configurar parte da angústia diante da iminência da morte, mas não são responsáveis pelo sentido da vida. São as perdas na minha existência que me conferem sentido. Compreendemos que as ideias de Jean-Paul Sartre têm muito a contribuir na construção e na (re)descoberta de projetos de ser individuais e coletivos diante da morte e da vida por assumirem uma concepção de liberdade baseada numa perspectiva histórica, dialética e não subjetivista. Portanto, têm muito a oferecer para a superação dos impasses enfrentados numa clínica que intenta viabilizar o homem como sujeito de sua vida, e - por que não? - do seu morrer, última de suas obras. Elas nos convocam a olharmos de frente para esses processos e contribuirmos para que as escolhas e as decisões de quem está doente e/ou partindo possam ser reconhecidas e realizadas, desde o tratamento até depois da morte. *Poder escolher em todas as circunstâncias* é a máxima a ser perseguida também numa clínica dos cuidados paliativos sob inspiração sartreana. Ela implica em mudarmos as condições de morte e de vida de todos nós, em caminharmos em direção a uma existência mais solidária e justa ao vivermos e ao morreremos, o que será possível apenas *escolhendo a vida em todas as circunstâncias*, e se, de fato, nos importarmos e lutarmos juntos, sem esquecermos de que o amor pode ser mais forte do que o adeus.

**Palavras-chave:** morte; cuidados paliativos; Sartre; escolhas; projeto de ser.

**Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Doutor em Sociologia - Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO - professor titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR – Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [geoboris@uol.com.br](mailto:geoboris@uol.com.br)



**Geórgia Sibeles Nogueira da Silva**

Coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Família no Nordeste – MPSF/RENASF – Núcleo UFRN – e do Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das Práticas em Saúde – LETHS – UFRN – Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [gsibeles@gmail.com](mailto:gsibeles@gmail.com)

### **3.2.3 FENOMENOLOGIA, ARTE E GESTALT-TERAPIA EM DIÁLOGO**

Orientador: Mônica Botelho Alvim (UFRJ)

#### **3.2.3.1 O ENTRELAÇAMENTO ÉTICO-ESTÉTICO E POLÍTICO DA CLÍNICA E DA VIDA: UMA PERSPECTIVA INSPIRADA EM MERLEAU-PONTY**

**Mônica Botelho Alvim (UFRJ)**

Em nossas pesquisas, articulando filosofia, psicologia e arte, em torno das dimensões ética, estética e política da vida, buscamos o diálogo interdisciplinar e a atenção ao contemporâneo, com base na concepção de uma estreita relação entre processos de subjetivação, cultura, sociedade, história e política. Essa aproximação tem em vista o fato de que esses três campos de saber e fazer –filosofia, psicologia e arte - envolvem certa reação ao distanciamento do mundo provocado por modos de pensar racionalistas, mecanicistas e dicotômicos. Podem ser conotados como políticas da experiência que se fundam em uma perspectiva de campo ou situação para propor uma compreensão da existência como processo temporal, indissociável da experiência no mundo, uma concepção de nossa condição existencial como ser-no-mundo-com-o-outro. Nesse sentido, temporalidade, corporeidade, alteridade e expressão são dimensões fundamentais para pensar a existência e o modo como são produzidos sentidos e significados, como eles são comunicados e como estão implicados em nossos modos de perceber e agir. Dimensões envolvidas no trabalho de criação como transgressão e movimento de instituição e que nos permitem pensar na trama complexa entre o ético, o estético e o político. No fundo do meu olhar para tudo isso está a Gestalt-Terapia e o pensamento fenomenológico, especialmente matizado por Merleau-Ponty, que faz uma permanente interlocução com a arte. Nesta mesa temos como objetivo apresentar um conjunto de pesquisas realizadas nessa perspectiva reunidos em três eixos. O primeiro deles envolve questões de gênero, especificamente a experiência da mulher; o segundo envolve os fundamentos fenomenológicos da Gestalt-terapia, em torno de elementos fundantes da produção de sentidos no diálogo clínico, como a presença, o silêncio e a experiência estética. O terceiro relata experiências no trabalho com jovens e crianças em favelas. Os trabalhos são parte da linha de pesquisa Gestalt-Terapia, fenomenologia e arte: experimentação como proposta teórico-metodológica na clínica e na comunidade, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que tem como objetivo geral aprofundar a investigação crítica da clínica da Gestalt-terapia em torno da dimensão teórico-metodológica da experimentação. Busca aprofundar o diálogo interdisciplinar, colocando o corpo e a expressão, dimensões centrais em nosso método clínico, em diálogo com os campos da arte e da filosofia. Temos como objetivos específicos desenvolver três principais eixos de interlocução: 1- Com a fenomenologia-ontologia de Merleau-Ponty; 2- Com a arte contemporânea; 3- Com a fenomenologia crítica. Partimos da perspectiva da Clínica de Situações Contemporâneas, proposta por nosso Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas (NEIFeCS) e consideramos os fenômenos humanos como fenômenos complexos produzidos de modo situado, no campo de experiência onde sujeito, mundo e outro estão imbricados e onde as dimensões sócio-histórica e política são intrínsecas aos modos de sentir, perceber e agir. Mantendo-nos atentos aos fenômenos contemporâneos, temos buscado em nossos trabalhos enfatizar a experiência e o entrelaçamento das dimensões ética, estética e política da clínica e da vida.

**Palavras-chave:** Gestalt-Terapia; corpo; expressão; fenomenologia crítica.

**Mônica Botelho Alvim**

Gestalt-terapeuta, doutorado em psicologia, pós-doutorado em filosofia Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Docente no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [mbalvim@gmail.com](mailto:mbalvim@gmail.com)

### 3.2.3.2 O VISÍVEL E O INVISÍVEL EM GÊNERO: ESCRITAS SOBRE MULHERIDADE

**Flavia F. Silva (UFRJ)**

Isabella Lima (UFRJ)

Lis Simões da Silva (UFRJ)

Mariana Braune (UFRJ)

A proposta deste trabalho é a de unir quatro pesquisas que têm como eixo central a questão de gênero, especificamente: mulher. Flavia F Silva – a experiência de ser mulher, Isabella Lima – raça, gênero, classe e violência, Lis Simões da Silva – a experiência artística como expressão de resistência e Mariana de Lima Braune – a experiência estética das maternidades. Tendo como proposta o diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty e a fenomenologia crítica, ao pensar estas quatro pesquisas em busca dos pontos em comum, vimos que para além da questão da mulher, as quatro abordavam em algum grau a violência. Há, na violência em relação a mulher, camadas visíveis e invisíveis, uma espécie de silenciamento daquilo que é violento. Merleau-Ponty (2014) afirma que precisamos passar pela experiência da verdade para falarmos da falsidade, o que se aproxima do que pensamos em relação ao invisível a respeito das relações de gênero e violência, precisamos passar pela não violência para entender que até determinadas ações que são lidas como “brincadeiras ingênuas” são, sim, atos violentos. De acordo com Simone de Beauvoir (2016) o homem seria sujeito absoluto, a mulher se diferencia a partir do homem e não ao contrário, sendo ela o Outro, e, como outro, a mulher quase escapa de sua ontologia, uma vez que o Ser-mulher estaria sujeitado ao ser-no-mundo homem. Esse seria o ponto de encontro mais profundo de nossas pesquisas no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ: a experiência de ser mulher com uma sociabilização que naturaliza violências; as violências sofridas pelo corpo da mulher negra; a maternidade como destino inexorável e o recurso artístico como possibilidade de resistência frente a tantas naturalizações de opressão. Quando pensamos sobre questões estruturais de gênero e raça que sustentam o fenômeno da violência sexual, compreendemos que é preciso olhar para as forças, as relações de poder históricas, subjetivas e objetivas que são alicerce da sociedade atual. Entendemos que muito já tem sido desvelado e muitas tentativas são feitas no intuito de combater a violência. No entanto, não é uma questão apenas de legislar em favor da mulher, ou de propor tratativas objetivas. Em nossa sociedade é compreendido e difundido que a violência sexual é algo da ordem do inaceitável socialmente. Assim como o racismo é compreendido como algo nocivo. Entretanto essa compreensão racional não é suficiente para que esses fenômenos deixem de existir, eles permanecem numa zona de invisibilidade, agindo e informando nossos modos de sentir, perceber e agir.

**Palavras-chave:** corpo; violência; fenomenologia; experiência.

**Flavia F. Silva**

Psicóloga, mestre em psicologia (UFRJ) e doutoranda em psicologia UFRJ. E-mail: [flaviafsilva.psi@gmail.com](mailto:flaviafsilva.psi@gmail.com)

**Isabella Lima**

Psicóloga clínica, mestranda em psicologia pela UFRJ, terapeuta no Southland Help, Rape and Abuse Support Centre, NZ. E-mail: [isabella.acastanho@gmail.com](mailto:isabella.acastanho@gmail.com)

**Lis Simões da Silva**

Formada em Psicologia pela UFF, Mestranda em Psicologia pela UFRJ. E-mail: [ssimoeslis@gmail.com](mailto:ssimoeslis@gmail.com)

**Mariana Braune**

Psicóloga clínica, mestranda em psicologia pela UFRJ. E-mail: [psimarianabraune@gmail.com](mailto:psimarianabraune@gmail.com)

### 3.2.3.3 PARA UMA FENOMENOLOGIA DA PRESENÇA E DO SILÊNCIO POÉTICO NA GT

**Rebeca Ferreira Viana (UFRJ)**

Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto M. N. (UFRJ)

Eduardo de Sequeira Cremer (UFRJ)

Enquanto gestalt-terapeutas temos nos comprometido com o esforço em elucidar, no arcabouço teórico da Gestalt-terapia, a interlocução com a fenomenologia na construção dos conceitos e métodos da abordagem. Esta apresentação reúne a ‘alma’ de três pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo como orientadora de pesquisa a Profa. Dra. Mônica Alvim: a pesquisa de Rebeca Viana, em sua dissertação de mestrado, investigou, a partir dos métodos Estado da Arte e Revisão Sistemática, a noção de presença na literatura brasileira da Gestalt-terapia, estabelecendo diálogos com a fenomenologia na apropriação e construção dessa noção dentro da abordagem; a pesquisa de Pós-doutorado de Paulo-de-Tarso Peixoto versa sobre o Manual de Psicopatologia Estético e Biomusical: para uma Psicopatologia do Sentir; e a pesquisa de Mestrado de Eduardo Cremer discutiu o silêncio e a linguagem na clínica da Gestalt-terapia e suas relações com a fala e a expressão da fenomenologia de Merleau-Ponty. O próprio livro fundador da gestalt-terapia de Perls, Hefferline & Goodman (1971) apresenta, já no Prefácio, que o foco central da abordagem é a fenomenologia da *awareness*, descrita como um fluxo ou *continuum* da experiência aqui-agora, uma abertura ao que se apresenta a nossa volta, guiados por um processo consciente de integração harmoniosa e de completude com o mundo. Nesse sentido, o estudo fenomenológico da linguagem entendida também enquanto expressão e silêncio, e da presença, assumem importância para uma clínica baseada na experiência. O silêncio aqui é compreendido, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty como estofa da fala, fundo circundante que suporta toda expressão, o que traz a ideia de que a palavra atinge seu significado por meio da fala, não sendo a palavra o invólucro do pensamento. Já a presença, noção que compõe o corpo conceitual da gestalt-terapia, pode ser compreendida como parte fundamental das dimensões que caracterizam a postura terapêutica e que viabiliza o fluxo contínuo da *awareness*. Esse modo de estar (e ser) como presença permite ao terapeuta, na clínica, convidar o cliente para assumir uma postura semelhante, o que facilitaria a dimensão dialógica do encontro psicoterápico e a ampliação da *awareness* no processo de contato e na produção de sentidos existenciais. Apoiamo-nos, por sua vez, na epistême musical para pensar a dimensão dialógica do encontro terapêutico e a emergência do fluxo espontâneo de *awareness*. O encontro clínico é constituído por ritmos, cadências de emoções, pausas que movimentam a forma contatual do campo terapeuta-paciente. Assim como uma partitura musical, o encontro clínico é o espaço onde se inscrevem e se escrevem a história da relação paciente-terapeuta tecida em contrapontos. É deste campo de afetações feito por ritmicidades de gestos, acordes de ideias, silêncios-pausas que dão passagem para a emergência de outros fenômenos sensíveis, abrindo caminho para a experiência de presença e, com efeito, também para a emergência do fluxo espontâneo de *awareness*. A partitura da relação é um fenômeno sempre singular. Um fenômeno nascente que se desdobra das potências-capacidades da abertura, deste estado de presença de um para o outro.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia; Fenomenologia; Presença; Silêncio; Musicalidade.

**Rebeca Ferreira Viana**

Psicóloga formada pela Universidade Federal Fluminense, atuante na área clínica e Educacional, Gestalt-Terapeuta e mestre em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [rebeca.uff@gmail.com](mailto:rebeca.uff@gmail.com)

**Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto**

Graduado em Musicoterapia, em Filosofia , Mestre e Doutor em Psicologia - Universidade Federal Fluminense-; Pós-Doutor em Filosofia - (UFRJ-IFCS) e Université Paris Est-Créteil - Paris XII; Pós-doutorando em Psicologia – PPGP UFRJ. Coordenador da Universidade Livre Prefeitura Municipal de Macaé (RJ). E-mail: [paulo.tarso.peixoto@gmail.com](mailto:paulo.tarso.peixoto@gmail.com)

### **3.2.3.4 EXPERIMENTAÇÕES DE UMA CLÍNICA NA FRONTEIRA: FENOMENOLOGIA, ARTE E POLÍTICA NO TRABALHO COM JOVENS EM FAVELAS CARIOCAS**

**Alice Vignoli Reis (UFRJ)**

Brunara Batista dos Reis Savaris (UFRJ)

Jessé Guimarães da Silva (UFRJ)

Mariana Germano Maia (UFRJ)

Lis Simões da Silva (UFRJ)

Na presente comunicação pretendemos apresentar cenas de trabalhos de pesquisa – no âmbito de mestrado, doutorado e pós-doutorado - que se desdobraram da proposta de atuação de uma clínica na fronteira, extramuros, advindos dos projetos de extensão universitária vinculados ao Instituto de Psicologia da UFRJ e coordenados pela professora Mônica Botelho Alvim: Projeto “Expressão e Transformação: arte e subjetivação com adolescentes em comunidades”, em vigência entre os anos de 2010 e 2017 e o projeto “Adole-ser em Movimento” em vigência ao longo do ano de 2019 que se desenvolveram com jovens em territórios de favelas cariocas. Estes trabalhos foram desenvolvidos a partir de um eixo teórico e prático que articulava os campos da arte, da fenomenologia e da clínica, esta última orientada pelo referencial da Gestalt-terapia. Através de oficinas de experimentação artística, orientadas em torno da pergunta “Como é ser criança/adolescente na sua comunidade?”, trazer possibilidades de ampliação de seus processos de subjetivação e de compreensão de si e do mundo. Merleau-Ponty defende que conhecemos o mundo em relação com outros seres humanos. Sendo o encontro, uma experiência de reconhecimento do outro em toda sua alteridade, do mesmo modo que se reconhece a si mesmo. Mas ao mesmo tempo em que há um reconhecimento mútuo, de si e do outro, se estabelece, também, um estranhamento, que nasce no encontro com a diferença e que causa um descentramento dos sujeitos e um movimento em direção à criação e a uma potência transformadora. Em nossas pesquisas buscamos criar espaços de convivência e de criação, em que fosse possível estabelecer relações vivas de alteridade. Coexistir significa estabelecer relações intersubjetivas não excludentes, que implicam o problema do outro, uma dimensão de semelhança e outra de diferença, em que eu sou sujeito para o outro e o outro é sujeito para mim, criamos, ao mesmo tempo, uma dimensão comum e uma dimensão de diferença e estranhamento que pode movimentar a criação e ser transformadora da situação. A experiência criativa e a possibilidade de encontro com a alteridade são aqui defendidas enquanto experimentações importantes que poderão envolver processos de subjetivação e compreensão de si. O processo de produção subjetiva é um processo primordialmente estético: é como corpo no mundo, em contato com os outros, que vamos traçando sentidos para a nossa existência. Neste processo constante de produção de sentidos, alguns se sedimentam e passam a fazer parte do fundo anônimo da cultura, da dimensão visível atravessadas por linhas de forças invisíveis que moldam nossos modos de ser e perceber. A arte, aqui, aparece como instrumento de possibilidade, capaz de revelar o que está na dimensão silenciosa e invisível do mundo, criando, através do corpo, do gesto e dos sentidos possibilidade de reinvenção, de transformação, e também de enfrentamento e questionamento dos modos de ser enraizados na história, na política e na cultura.

**Palavras-chave:** alteridade; Merleau-Ponty; arte; clínica; processos de subjetivação



**Alice Vignoli Reis**

Graduada em psicologia pela USP, Mestre em psicologia pela UFRJ, Doutoranda em psicologia pela UFRJ. E-mail: [alice.v.reis@gmail.com](mailto:alice.v.reis@gmail.com)

**Brunara Batista dos Reis Savaris**

Formada em Psicologia pela UFPR, Mestre em Psicologia pela UFRJ, Gestalt-terapeuta, Pós-graduanda em Psicopedagogia (Uninter). Atualmente é psicóloga e sócia proprietária na Clínica de Psicologia Ser Autêntico - Curitiba/PR. E-mail: [brunarapsico@gmail.com](mailto:brunarapsico@gmail.com)

**Jessé Guimarães da Silva**

Formado em Psicologia pela UERJ, Mestre e Doutor em Psicologia pela PUC-Rio, Gestalt-terapeuta (IGT). Atualmente, atua como psicólogo clínico em consultório particular e docente em Cursos de Graduação em Psicologia (Estácio de Sá e USU) e de Pós-graduação em Gestalt-terapia (Celso Lisboa). E-mail: [psi.jsilva@gmail.com](mailto:psi.jsilva@gmail.com)

**Lis Simões da Silva**

Formada em Psicologia pela UFF, Mestranda em Psicologia pela UFRJ. E-mail: [ssimoeslis@gmail.com](mailto:ssimoeslis@gmail.com)

**Mariana Germano Maia**

Formada em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em psicologia pela UFRJ. Atualmente trabalha como mentora de jovens com altas habilidades acadêmicas no Instituto Ismart. E-mail: [marianagermano1@gmail.com](mailto:marianagermano1@gmail.com)

### **3.2.4 FENOMENOLOGIA CLÍNICA DE INSPIRAÇÃO NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY**

Orientadora: Prof. Dra. Virginia Moreira (UNIFOR)

#### **3.2.4.1 ESBOÇO DE UMA FENOMENOLOGIA CLÍNICA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA EPIDEMIA DO COVID-19 NO NORDESTE DO BRASIL**

**Virginia Moreira (UNIFOR)**

A fenomenologia clínica desenvolve uma prática clínica, seja ela psiquiátrica ou psicológica, com a inspiração filosófica que o clínico adota. No meu caso, vejo o mundo de forma ambígua, tendo a Merleau-Ponty como meu filósofo de inspiração. Essa é a lente com a qual enxergo o fenômeno que estudo como pesquisadora, ou a forma como me relaciono com o meu paciente como psicoterapeuta. É também a lente que me utilizo nesta comunicação, mais imaginando uma pintura um tanto quanto borrada ao seu final do que mesmo um texto acabado para descrever minha experiência vivida na pandemia do Covid-19. O vírus chega e nos desaloja. Coloca-nos em contato com nossa finitude, com nossa vulnerabilidade ontológica e existencial. No caso da experiência vivida da pandemia do Covid-19 no Nordeste do Brasil, o contato com a vulnerabilidade, em muitas situações, se confunde com a precariedade, que tem um caráter mais social. Outro elemento que vale a pena ser citado sobre a vulnerabilidade e a precariedade na situação específica brasileira diz respeito ao cenário político que acompanhou todo o primeiro semestre de 2020 no auge da pandemia. A quarentena imposta pela pandemia do Covid-19 exigiu que nos comunicássemos apenas por vídeo e áudio com nossas famílias e que trabalhássemos em casa em nossos computadores. Isso levou ao que eu estou chamando aqui de “crise das categorias fenomenológicas” onde meu espaço vivido se confunde com o da tela, o “corpo que eu tenho” e ao “corpo que eu sou” durante essa pandemia diz respeito a um corpo não tocado pelo outro, a um corpo isolado. Na interseção dessas experiências vividas de corpo e de espaço, nos deparamos com, talvez, a mais profunda delas nessa pandemia porque nos toca muito profundamente do ponto de vista do projeto existencial que nos sustenta como seres humanos, que é o tempo vivido. Nosso tempo vivido - que não é, certamente, o do relógio, pois, em tempos de pandemia, isso ficou muitas vezes evidente, com pacientes trocando horários das sessões, alunos perdendo a noção do dia da semana etc. – encontra-se afetado em seu cerne por conta da incerteza em que vivemos nos dias de hoje. Principalmente tendo em vista as tecnologias que nos davam pretensas certezas e ilusões de controle da vida e quase que da morte, o Covid-19 nos coloca cara a cara com a incerteza, o que talvez, seja uma das experiências mais difíceis de nos depararmos atualmente: o fato de que não sabemos. Não sabemos sobre a cura do vírus, não sabemos como será depois da pandemia, não sabemos. Finalmente, compartilho alguns pensamentos preliminares sobre uma lente fenomenológica para a psicoterapia on-line.

**Palavras-chave:** Fenomenologia clínica; COVID-19; Vulnerabilidade; Categorias fenomenológicas; Psicoterapia on-line

**Virginia Moreira**

Especialista em Psicoterapia (CRP-11/0141). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq - PQ1D. Pós-Doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School, Doutora em

Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, coordena o APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP. E-mail: [virginiamoreira@unifor.br](mailto:virginiamoreira@unifor.br)

### **3.2.4.2 DO CORPO À CARNE: A LENTE MERLEAU-PONTYANA PARA OS TRANSTORNOS ALIMENTARES**

**Lucas Bloc (UNIFOR)**

A filosofia de Merleau-Ponty se apresenta como um horizonte de possibilidades em um pensamento que ultrapassa seus limites e traz contribuições para a compreensão das experiências de adoecer. Comparada à inspiração em Husserl e Heidegger, pode-se dizer que a lente de Merleau-Ponty ainda é pouco convocada, ou de forma parcial, quando se trata de proposições no campo da psicopatologia fenomenológica, limitando-se, muitas vezes, à noção de corpo. O objetivo desta comunicação é apresentar as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a compreensão dos transtornos alimentares. Atravessando um caminho entre a hiperfagia (compulsão alimentar) e a anorexia nervosa, demonstramos a fecundidade desta lente em um percurso teórico que inicia com a fenomenologia do corpo e se estende na potencialidade do conceito de carne. Inicialmente, discutimos a perturbação da dinâmica do corpo habitual e do corpo atual nos transtornos alimentares. Em seguida, acenamos para o desequilíbrio entre corpo sujeito e corpo objeto presente nos transtornos alimentares. Na hiperfagia, assinalamos para uma espécie de curto-circuito no desequilíbrio entre ser e ter um corpo. Já na experiência anoréxica, apontamos para uma ênfase no corpo objeto e no sofrimento que decorre desta objetificação, além do massacrante olhar de si e do outro sobre esse corpo em cena. Por último, utilizamos o conceito de carne, sem esquecer o de esquema corporal, como via para desvendar o vivido corporal na hiperfagia e na anorexia. Denotando a radicalidade de nossa coexistência e nossa ligação indissociável com o mundo, o conceito de carne permite ampliar o olhar para os transtornos alimentares ao descentrar o olhar puramente sobre o sujeito e permitir o reconhecimento de uma experiência de adoecer que é tecida em seu entrelaçamento com o mundo e no caráter (in)visível do corpo. A hiperfagia e a anorexia nervosa vão muito além de comer demais ou restringir os alimentos. Elas revelam um sujeito vulnerável e, por vezes, perdido em seu modo de ser corpo e que carrega um sentido do ato de comer que deve ser revelado e compreendido em seu caráter mundano. Concluimos que a fenomenologia de Merleau-Ponty traz importantes contribuições para a compreensão dos transtornos alimentares e que pode ser utilizada como ferramenta ao incidir tanto sobre a experiência sensível quanto sobre o enraizamento no mundo que marca a experiência de adoecer.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Merleau-Ponty; Transtornos Alimentares; Hiperfagia; Anorexia.

#### **Lucas Bloc**

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII. Graduado e mestre em Psicologia pela UNIFOR. Professor efetivo do curso de Psicologia. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado (2019-2021) no APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR sob supervisão da Profa. Virginia Moreira. E-mail: [lucasbloc@yahoo.com.br](mailto:lucasbloc@yahoo.com.br)

### **3.2.4.3 O CORPO VIVIDO NA OBESIDADE: UM OLHAR A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**

**Márcia Helena Nogueira (UNIFOR)**

A obesidade é um fenômeno considerado como um dos maiores desafios na saúde pública mundial. Embora a definição de obesidade aponte como uma patologia multifatorial, com destaque importante para as condições orgânicas, a proposta de um olhar mais compreensivo sobre a doença considera que, para além de um corpo material, existe ali um sujeito da experiência, alguém que vive a obesidade como condição de possibilidade para estar no mundo. Desse modo, objetivamos nesse trabalho compreender a experiência de corpo vivido na obesidade sob o referencial fenomenológico de Merleau-Ponty, buscando conhecer uma dimensão mais ampliada sobre esse processo de adoecimento. A metodologia empregada foi de natureza qualitativa, utilizando a revisão narrativa como forma de acessar e problematizar as temáticas propostas nesse trabalho, a partir de levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais. Observamos que a fenomenologia poderá fornecer elementos para que nosso olhar no acompanhamento ao sujeito obeso, leve em consideração não só os aspectos físicos da doença, mas os sentidos em como essa experiência acontece para cada um em sua relação consigo, com os outros e com o mundo, compreendendo que o processo de adoecimento é atravessado pelos múltiplos contornos que fazem parte de nossa história de vida. A partir de um olhar fenomenológico, o peso corporal vai além de um número e tem um significado importante no corpo vivido do obeso que experiencia um formato corporal que reduz seu corpo a um objeto, a partir do olhar de um outro que constantemente ressalta esse corpo que é tido como inadequado. Desse modo, podemos pensar sobre a mudança de perspectiva em considerar o corpo apenas como "corpo objeto" (Merleau-Ponty, 1945/2006) pois a ênfase está nas maneiras pelas quais o corpo constitui, como se relaciona com o mundo e age nele. O obeso pode viver a experiência de não se considerar "normal", alienado de sua condição de sujeito encarnado no mundo, este que não apenas "possui", mas que também "é" o seu corpo, conforme postulado por Merleau-Ponty (1945/2006). Existimos a partir de nosso corpo e é por ele que temos um mundo vivido. Concluimos ser necessário compreender como se vivencia a obesidade para que se apresente a esse sujeito, possibilidades para além da experiência de objetificação e de alienação do próprio corpo, e então seja possível empreender mudanças na forma como o obeso lida com a realidade que faz parte de sua existência.

**Palavras-chave:** Obesidade; Fenomenologia; Corpo vivido; Merleau-Ponty.

#### **Márcia Helena Nogueira**

Psicóloga clínica (formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica / supervisão Prof. Virginia Moreira. Especialista em Transtornos Alimentares, Obesidade e Cirurgia Bariátrica (HC/FMUSP). Graduada em Psicologia (UNIFOR) e Nutrição (UECE). Mestre e Doutoranda em Psicologia pelo APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (PPG – UNIFOR). Bolsista (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: [mhelenans1@gmail.com](mailto:mhelenans1@gmail.com)

### **3.2.4.4 UMA LEITURA DA TEMPORALIDADE MANÍACA SOB A PERSPECTIVA DE MERLEAU-PONTY**

**Juliana Lima (UNIFOR)**

A partir da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty buscamos refletir sobre a temporalidade no funcionamento maníaco. A mania, enquanto sintoma, tem sido investigada em muitas patologias. Compreendemos possibilidades de funcionamentos maníacos como modos de ser em contato com o mundo que se aproximam em múltiplas experiências, para além de um diagnóstico. O estudo da temporalidade, assim, é um dos eixos para sua compreensão e será aqui discutido a partir de uma revisão teórica da obra Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. Há uma aproximação e maior compreensão da mundaneidade ao descrever nossa relação com o tempo. O tempo não existe fora de nós, como algo concreto e localizável, nós o habitamos. Não é uma sucessão causal desencadeada por acontecimentos que nos limitamos a registrar, com o presente sendo resultado do passado e o futuro uma consequência do presente. Esse porvir se lança à frente, não é anterior a experiência, o tempo emergindo da minha relação com o mundo, tecendo um tempo que é vivido. O tempo considerado é o tempo fenomenológico, do vivido do sujeito, para além do tempo cronológico. O tempo vivido é constituído a partir da subjetividade daquele que o habita, pelo espaço ocupado e pelas características peculiares de cada indivíduo, mas também é constituinte pois confunde-se com essa subjetividade, assumindo uma posição ativa em um movimento ambíguo de dar e receber. Para Merleau-Ponty, a subjetividade é constitutiva do ser, sendo condição do tempo, pois só há um tempo para quem o experiencia. Na mania o tempo é vivido em um contato momentâneo com o presente, limitando-se a um agora imediato. O futuro perde sua linha de continuidade e há maior dificuldade em organizá-lo, na medida em que está amparado em um presente fragmentado. Há um sentir desagregado, que perde a noção da totalidade do existir. Como Merleau-Ponty nos fala, o tempo se realiza em um desdobramento para cada existência, identificado com a subjetividade, que em um funcionamento maníaco não se realizaria de modo inteiro e genuíno. Concluimos, a partir de Merleau-Ponty, que o tempo é um campo de presença, é no mundo vivido que passado e futuro existem para um presente. O tempo não é uma representação da subjetividade ou propriedade das coisas, pois de tal modo abdicaríamos da experiência do tempo em detrimento de uma noção do tempo. É no fluxo temporal que se constrói o sentido do meu existir, que em um funcionamento maníaco se organiza, no contato com o mundo, pela rigidez, repetição e vivido como esvaziado, na medida em não encontra ancoragem no mundo. Na busca por compreender os modos de existência atravessados por um funcionamento maníaco, a dimensão do tempo deve ser olhada em sua totalidade, na medida em que há uma expressão unicamente no agora, o contato com o outro e o ambiente circundante se manifestando de modo passageiro e com pouca profundidade.

**Palavras-chave:** Temporalidade; Mania; Merleau-Ponty; Psicopatologia.

#### **Juliana Lima**

Psicóloga clínica com formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Especialista em Psicopedagogia (UniChristus). Graduada em Psicologia (UNIFOR) e Filosofia (UECE). Doutoranda e mestre em Psicologia pelo APHETO – Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (PPG – UNIFOR). Bolsista (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: [julianalimaaraujo11@gmail.com](mailto:julianalimaaraujo11@gmail.com)

### **3.2.5 FENOMENOLOGIA E SAÚDE: PRÁTICAS DE CUIDADO**

Orientadora: Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)

#### **3.2.5.1 ENTRE A FENOMENOLOGIA E A SAÚDE MENTAL: ALINHAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

**Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)**

A (pre)ocupação com a saúde mental é desde os tempos mais antigos com a discussão do que é saúde e doença, normal e patológico. Com os gregos, tem-se a saúde como um questionamento de si e a doença como um desequilíbrio dos humores, assinalando um dualismo entre razão e afetos. Na Idade Média, a loucura está associada à possessão, termo cunhado por uma ótica religiosa. No Iluminismo, a idade da razão, surge o termo desrazoados, retirando a loucura da sua condição de superstição, sendo a loucura entendida como uma desrazão. O século XIX traz a perspectiva médico-psiquiátrica, apontando a loucura como um objeto da medicina e, o modelo psiquiátrico enfatiza o controle social, a disciplina do corpo e a higienização social. Já no século XX, surge o movimento da antipsiquiatria, que faz críticas ao modelo manicomial da psiquiatria. A antipsiquiatria tinha como uma das influências, a fenomenologia e a filosofia existencial a partir dos teóricos Karl Jaspers e Jean-Paul Sartre. Essa nova proposta entende o adoecimento como uma questão ontológica e enfatiza a experiência vivida, compreendendo o sujeito na sua singularidade nas suas interrelações sociais em seu contexto cultural. A desospitalização, a humanização do serviço e o compromisso com a luta antimanicomial, em decorrência da antipsiquiatria, surgem como princípios. Em consequência, há uma mudança conceitual de serviço de psiquiatria para serviço de saúde mental. Trata-se de um estudo teórico a partir da literatura com o objetivo de articular a fenomenologia e a saúde mental em seus aspectos teóricos e metodológicos. O campo saúde mental aponta para três eixos de compreensão: eixo político, eixo da reforma e organização sanitária e o eixo psicopatológico. A literatura assinala que a Reforma psiquiátrica toma como conceito central, a desinstitucionalização, problematizando, constantemente, a noção de loucura, normal e patológico. A Reforma da Saúde Mental brasileira é influenciada pelo modelo de desinstitucionalização italiano, cuja principal influência é o pensamento e as experiências de Franco Basaglia. Este autor, possui influência da compreensão fenomenológica e de psiquiatras fenomenólogos. A perspectiva da reabilitação psicossocial, da reintegração do sujeito da saúde mental em seu contexto familiar, social, econômico e cultural, a ideia de território deve muito ao resgate da subjetividade contextualizada enfatizada por muitos pensadores da filosofia e da psiquiatria fenomenológicas. A noção de clínica no campo da saúde mental traz uma compreensão fenomenológica quando concebe a clínica como um instante de encontro eu-outro-mundo. Como o momento da possibilidade de descrever a experiência vivida do outrem, sem nunca a alcançar, sabendo que o outro não é separado do eu/nós, nem mesmo representação do que percebemos de sua experiência. A perspectiva fenomenológica possibilita ao campo da saúde mental reconhecer as dimensões e significados do sujeito que escapam tanto aos estudos epidemiológicos, quanto aos estudos ditos compreensivos, ou ainda, a imbricação entre a singularidade e a universalidade.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Fenomenologia. Clínica.

**Anna Karynne Melo**

Psicóloga. Doutora em Saúde Coletiva. Professora titular do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenadora do curso de graduação em Psicologia; Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; Coordenadora do Apheto - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [karynnemelo@unifor.br](mailto:karynnemelo@unifor.br)



### 3.2.5.2 PLANTÃO HUMANISTA FENOMENOLÓGICO EM UM SERVIÇO-ESCOLA

Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)

Igor Santos Cassiano (UNIFOR)

**Liliane Brandão Carvalho (UNIFOR)**

Virginia Moreira (UNIFOR)

Na última década, problemas de saúde mental têm emergido precocemente afetando consideravelmente os mais diversos públicos em todo o mundo, o que sugere uma ampliação das modalidades de atenção à saúde. O plantão psicológico tem se configurado como um locus de cuidado e acolhimento à saúde, destinado a pessoas que espontaneamente procuram o serviço a partir de uma demanda emergente ou quase emergente vivenciada. Este trabalho objetiva apresentar uma experiência de plantão psicológico, focando na experiência do inesperado e o tornar-se psicólogo nos atendimentos realizados por plantonistas da única equipe do serviço embasada pela lente humanista fenomenológica. Esta lente, compartilhada pela equipe do *Plantão com Apheto*, tem configurado um desdobramento contemporâneo da clínica humanista fenomenológica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento exploratório e descritivo, em que foram entrevistados 9 estagiários plantonistas (estudantes do curso de graduação em psicologia) de um serviço-escola, tendo como instrumento a entrevista fenomenológica e ancorado numa análise a partir do método fenomenológico crítico. Os plantonistas entrevistados discorrem sobre a experiência de serem plantonistas e desvelam o fenômeno do inesperado como o que marca a sua relação com as pessoas que buscam essa modalidade de atendimento e uma das características emergentes na fala dos participantes é a importância de se estar genuinamente disponível para o outro que procura o serviço do plantão. Nesse encontro com o não-planejado, que ocorre sem determinação prévia de tempo e num único atendimento, o plantonista busca privilegiar a pessoa em sua condição, adoecida ou em crise, de estar no mundo. A escuta embasada no acolhimento e no cuidar frente à diversidade de atendimentos e de experiências têm proporcionado para esses plantonistas significativas ampliações e aprendizados nos seus processos de se tornarem futuros psicólogos, seja na prática do plantão psicológico, da psicoterapia ou em outro contexto de prática futura. A atitude de abertura ao desconhecido impõe ao plantonista uma necessária e incondicional disponibilidade para o encontro. No serviço investigado, esse encontro é marcado por interrogações potencializadoras de novos modos de ser e estar no mundo, mais responsáveis e emancipatórios, proporcionando uma ampliação de outras possibilidades de aprendizado profissional.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico. Fenomenologia. Formação em Psicologia.

#### **Anna Karynne Melo**

Psicóloga. Doutora em Saúde Coletiva. Professora titular do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenadora do curso de graduação em Psicologia; Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; Coordenadora do Apheto - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [karynnemelo@unifor.br](mailto:karynnemelo@unifor.br)

**Igor Santos Cassiano**

Estudante de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [oisoucassiano@gmail.com](mailto:oisoucassiano@gmail.com)

**Liliane Brandão Carvalho**

Psicóloga. Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do curso de graduação em psicologia da Universidade de Fortaleza; Pesquisadora do Apheto - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [liliane@unifor.br](mailto:liliane@unifor.br)

**Virginia Moreira**

Psicóloga. Doutora em Psicologia. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq - PQ - 1D. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Coordenadora do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica ([www.apheto.net](http://www.apheto.net)). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [virginiamoreira@unifor.br](mailto:virginiamoreira@unifor.br)

### 3.2.5.3 CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O RISCO-AVENTURA

Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)

João Marcos de Araújo Leite (UNIFOR)

O *risco-aventura*, parte de autores clássicos como Aggleton, Davies e Harré, Ulrich Beck e Anthony Giddens, sendo caracterizado como a realização de práticas sabidamente arriscadas quanto às consequências. O conceito destaca que o sentido para a existência se encontra na abertura ao risco, elevando o imperativo da escolha frente às diversidades e aos processos de destradicionalização. A fenomenologia de Merleau-Ponty, nos possibilita compreender o *risco-aventura* a partir da intersubjetividade e da intencionalidade. O filósofo revela o caráter *mundano* da existência, ou seja, constituída de forma ambígua por aspectos, biológicos, culturais, políticos, históricos e ideológicos. Este trabalho tem como objetivo apresentar contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty ao conceito de *risco-aventura*. Trata-se de uma revisão de literatura de obras selecionadas que busca, por meio de literatura específica, discorrer teoricamente sobre um tema com o objetivo de gerar novos conhecimentos, informações ou dados para o avanço de pesquisas posteriores na área. No caso deste trabalho, buscou-se fazer uma intersecção entre o conceito de *risco-aventura* e as noções de esquema corporal, carne e invasão (*empietment*) de Merleau-Ponty. É importante salientar que, apesar do filósofo não trabalhar diretamente com o conceito de *risco-aventura*, entendemos que as noções mencionadas contribuem para uma compreensão fenomenológica de *risco-aventura*. Ao considerarmos o esquema corporal na obra merleau-pontyana, nos deparamos com o fato de que meu corpo existe em direção ao mundo em intencionalidade, não apenas no movimento físico executado, pois em qualquer gesto do meu corpo me direciono ao objeto que pretendo alcançar. Além disso, meu esquema corporal projeta-se nos outros e os introjeta, tem relações de ser com eles, procura a identificação, apresenta-se como indiviso com eles e deseja-os. No que tange ao *risco-aventura*, compreende-se a intencionalidade como o corpo que se move em direção a esse risco, que se constitui de forma intrinsecamente intersubjetiva. A noção de carne representa uma nova possibilidade de compreensão para esta relação, já que carne significa uma radicalização do que é relacional/intersubjetivo e ambíguo, segundo Merleau-Ponty. Com o conceito de carne, o risco já não é mais somente meu, mas é também do outro e do mundo. O conceito de invasão no contexto do *risco-aventura* exprime que, enquanto ser de carne, o homem é sempre atravessado (e atravessa), desde os primórdios da sua existência, pelo outro. Esta invasão do outro sobre mim e de mim sobre o outro não ocorre de forma intencional. Por este motivo, Merleau-Ponty salienta a impossível neutralidade do ser humano, sendo uma invasão existencial. Portanto, observando o *risco-aventura* sob a ótica da invasão, encontra-se que por mais que se busque ativamente evitá-lo, o caráter mundano (no sentido entrelaçamento ao mundo) do ser-humano faz com que o risco do outro e do mundo me *invada*. Considera-se que a filosofia de Merleau-Ponty possibilita compreender o conceito de *risco-aventura* tendo um caráter intencionalidade do risco, bem como da intersubjetividade que ele comporta.

**Palavras-chave:** risco-aventura; intersubjetividade; Merleau-Ponty.

**Anna Karynne Melo**

Psicóloga. Doutora em Saúde Coletiva. Professora titular do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenadora do curso de graduação em Psicologia; Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; Coordenadora do Apheto -

Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Fortaleza, Ceará, Brasil.  
E-mail: [karynnemelo@unifor.br](mailto:karynnemelo@unifor.br)

**João Marcos de Araújo Leite**

Psicólogo e psicoterapeuta com formação em psicoterapia humanista fenomenológica.  
Mestrando em Saúde Coletiva pela UNIFOR. E-mail: [joaomarcosleite09@gmail.com](mailto:joaomarcosleite09@gmail.com)

### **3.2.5.4 VULNERABILIDADE SOCIAL: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A COMPREENSÃO DO OUTRO NA RUA**

Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)

Joice Fabricio de Souza (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

Compreender a vulnerabilidade na perspectiva fenomenológica significa pensar o fenômeno a partir de duas dimensões, a saber: a vulnerabilidade antropológica, cuja fragilidade é intrínseca ao homem e a vulnerabilidade existencial que se relaciona ao âmbito da existência. Entende-se que “pessoas em situação de rua” relaciona-se diretamente com a noção de vulnerabilidade, visto que a condição de situação de rua transverte a vida do sujeito enquanto ser social e as mudanças ocorridas nas pessoas nessa condição é permeada pela forma como o outro o percebe como o próprio sujeito compreende a si mesmo a partir da mundaneidade. Este estudo tem como objetivo discutir o conceito de vulnerabilidade em uma perspectiva fenomenológica para a compreensão do fenômeno “pessoas em situação de rua”. Trata-se de um estudo de cunho teórico com base numa revisão de literatura. Optou-se por artigos que explorassem a temática da vulnerabilidade na perspectiva fenomenológica que possibilitassem a compreensão da experiência de pessoas em situação de rua. Com relação aos conceitos de vulnerabilidade, estes por sua vez não estavam inteiramente ligados aos autores clássicos da fenomenologia, mas a muitos da contemporaneidade. Verificou-se que, na literatura, a vulnerabilidade em uma perspectiva fenomenológica configura-se como um campo multifacetado, que traz significações entre a existência e suas relações vindouras. A vulnerabilidade antropológica e a existencial ao serem articuladas com o fenômeno pessoas em situação de rua, tem-se que os modos de vida influenciam na forma de compreender a si, o mundo e o outro. A própria condição de vida e vulnerabilidade impostas às pessoas em situação de rua tem uma atribuição de valor e sentido em suas vidas que as reprimem e ao mesmo tempo exprime a sua fragilidade tornando-as invisíveis e visíveis a uma sociedade excludente e cruel. Dessa forma, a questão de ser compreendido é desafiador, em razão dos aspectos abordados e do abandono social imposto diariamente, o que leva a uma anuência implícita do desejo de abreviatura de suas existências. Conclui-se a importância da discussão fenomenológica no que tange a vulnerabilidade sobre a compreensão do fenômeno de pessoas em situação de rua, o que permite por fim, esses aspectos como inerentes a vida humana mundana, entretanto o fomento a estudos nesse campo, favorece uma compreensão mais profunda dessa população específica e permite assim, a implementação e ampliação de políticas públicas para esse segmento.

**Palavras-chave:** Pessoas em situação de rua. Vulnerabilidade. Fenomenologia.

#### **Anna Karynne Melo**

Psicóloga. Doutora em Saúde Coletiva. Professora titular do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenadora do curso de graduação em Psicologia; Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; Coordenadora do Apheto - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [karynnemelo@unifor.br](mailto:karynnemelo@unifor.br)

**Joice Fabricio de Souza**

Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade de Fortaleza. E-mail: [fabricaojoyce@yahoo.com.br](mailto:fabricaojoyce@yahoo.com.br)

**Virginia Moreira**

Psicóloga. Doutora em Psicologia. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq - PQ - 1D. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Coordenadora do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica ([www.apheto.net](http://www.apheto.net)). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [virginiamoreira@unifor.br](mailto:virginiamoreira@unifor.br)

### **3.2.6 INVESTIGAÇÕES EM PSICOLOGIA: ARTICULAÇÕES COM A CLÍNICA E ÁREA DA SAÚDE**

#### **3.2.6.1 O MÉDICO E A MORTE – CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA**

**Candido Jeronimo Flauzino (USP)**

Esta apresentação propõe focar na formação médica no que diz respeito ao modo como se lida com a morte nela e na prática profissional do médico, considerado ainda um tema tabu que demanda cuidado que perpassa e transcende a formação acadêmica formal adentrando na formação pessoal do profissional. A investigação foi realizada no âmbito da Pesquisa Qualitativa Fenomenológica, que não teoriza sobre o fenômeno investigado, permitindo ir ao encontro do médico para refletir sobre sua formação no que diz respeito ao tema da morte. As entrevistas e grupos focais, gravados e transcritos, possibilitaram a compreensão do dito em direção à construção de categorias abrangentes, indicando invariantes do fenômeno através de um fio condutor dos relatos que perpassa a pergunta do pesquisador em diálogo com autores significativos a respeito do tema. Médico e morte trata-se de um encontro que se dá no desvelamento do cuidado permeado pela ética e pela moral que demanda um olhar para além da doença e seus desdobramentos no compartilhar da condição mais humana – sua finitude. Pensar na formação médica é pensar nos aspectos humanos envolvidos nela para transformá-los em aprendizagem significativa, que seria essa a contribuição da Psicologia Fenomenológica, para identificar, reconhecer e validar os sentimentos e emoções dos futuros profissionais. Olhar para a morte é se deparar com o ser humano finito e vivente, uma ambiguidade permeada de sentimentos e emoções de difícil nomeação em uma época que se prioriza o belo – atualidade. Diante da morte de um paciente, o médico recorre a sua formação pessoal recheada pela sua história de vida, de onde ele recorre às suas experiências de vida e morte para lidar com aquele morrendo na sua frente. Memória que merece ser transformada em manejo com aqueles que morrerão sob seus cuidados. Recorrer à própria história de vida é recuperar o modo como a pessoa significou suas experiências para ressignificá-las. Ao falarmos de mortes concretas e simbólicas, falamos da experiência de todos humanos e não validar é alimentar a dificuldade de se aproximar da condição humana.

**Palavras-chave:** fenomenologia; morte; formação médica; pesquisa qualitativa.

#### **Candido Jeronimo Flauzino**

Psicólogo clínico e supervisor de psicoterapia fenomenológica existencial na Liberté – Saúde Mental, onde também é diretor operacional. É doutor e mestre pelo IPUSP. Especialista em psicologia hospitalar e psico-oncologia pela UNISA. E membro da diretoria da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. <http://www.libertesaudemental.com.br/dr-candido-j-flauzino/>. E-mail: [candidoj.f@bol.com.br](mailto:candidoj.f@bol.com.br)

### 3.2.6.2 INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: UM MODELO COM MÉTODOS MISTOS

Debora Candido de Azevedo (SE&PQ/UNIFESP)

A pesquisa constitui um grande desafio para muitos psicólogos clínicos que se deparam com a dificuldade para firmar-se junto à comunidade científica pois grande parte de suas questões são subjetivas e, portanto, de difícil alcance através do método científico tradicional ou quantitativo consolidado na pesquisa com humanos através da biologia e medicina, com um modelo monocausal. A proposição de causa e efeito (etiologia) amplamente almejada na saúde dificilmente se aplica aos dramas mais intrínsecos do sujeito que sofre existencialmente, sendo esse o objeto da psicologia clínica. Os núcleos de pesquisa e pós-graduação *stricto sensu* na área da saúde, ainda têm uma restrição à pesquisa qualitativa, inclusive com dificuldade para publicação em revistas científicas bem pontuadas nesta área. A problematização dos métodos qualitativo e quantitativo não pode ser colocada como antagonismo excludente assim como pensa Minayo, outrossim, deve ser colocada do ponto de vista da ‘natureza’ do objeto de estudo em questão. Para tanto, a possibilidade de integrar métodos mistos em uma mesma pesquisa pode responder de modo mais assertivo à condição humana em suas múltiplas dimensões, como a biológica (possível de ser mensurada) e a existencial (possível de ser compreendida). Esta comunicação propõe-se a discutir a investigação científica em psicologia do ponto de vista das possibilidades dos métodos científicos mais adequados à sua pergunta. Para tal, apresentamos um modelo de um estudo experimental com método misto de avaliação: quantitativo e qualitativo. Trata-se de projeto para um ensaio clínico randomizado com adolescentes obesos acompanhados no Ambulatório de Obesidade da Disciplina de Nutrologia do Departamento de Pediatria da UNIFESP. Vinte adolescentes de 10 a 19 anos com obesidade exógena, acompanhados ambulatorialmente, recrutados e alocados randomicamente no grupo intervenção ou grupo controle. Serão excluídos aqueles com doenças que acarretam dificuldade de compreensão e raciocínio e aqueles que apresentarem patologias em que não seja recomendada a intervenção. O grupo intervenção receberá uma psicoterapia de base cerebral chamada brainspotting (criada por David Grand) que busca acessar a rede neural na qual algum evento dissociativo ou trauma pode ter se cristalizado ao longo do desenvolvimento ficando inscrito no corpo de modo desorganizado. Para análise quantitativa serão coletados os dados clínicos, epidemiológicos, antropométricos e laboratoriais dos adolescentes, antes da intervenção e seis meses após a intervenção. A análise desses dados será realizada através de um modelo estatístico de *Intention-To-Treat Analysis*. Para análise qualitativa, será feita uma entrevista aberta com os adolescentes que passaram pela intervenção buscando compreender o modo pelo qual o sujeito se percebe no que concerne ao corpo obeso e ao cuidado de si mesmo. A análise das entrevistas será feita com o método fenomenológico, seguindo os passos propostos por Bicudo. Será feita a mixagem (triangulação) dos dados quantitativos e qualitativos para explicitar convergências, diferenças e combinações. Espera-se que a intervenção leve à melhora dos índices antropométricos e dos resultados de exames clínicos e laboratoriais. De forma qualitativa, espera-se que haja alguma transformação no nível de autoconsciência, principalmente no que se refere ao próprio corpo e às práticas alimentares.

**Palavras-chave:** Pesquisa, métodos mistos, ensaio clínico, fenomenologia, brainspotting.



**Debora Candido de Azevedo**

Psicóloga clínica e Mestre em Educação. Formação em Psicologia Fenomenológica e Análise do Existir (Sobraphe). Membro da diretoria (2ª. tesoureira) da SE&PQ (Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos), do PEM (Núcleo de Pesquisas e Estudos MerleauPontianos) e da ALPE (Associação Latinoamericana de Psicoterapia Existencial). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Pediatria e Ciências Aplicadas à Pediatria da UNIFESP. Docente da UNIP. E-mail: [deborac.azevedo@gmail.com](mailto:deborac.azevedo@gmail.com)

### 3.2.6.3 A PROPRIEDADE DA PESQUISA QUALITATIVA SEGUNDO A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA INVESTIGAÇÃO DA PSICOLOGIA CLÍNICA

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo (UNESP)**

A proposta desta apresentação é focar na investigação e possíveis teorizações delas decorrentes, pois se entende que há uma mudança de direção entre os procedimentos do psicoterapeuta, cuja meta é cuidar do paciente, e do investigador, cujo alvo é compreender um fenômeno específico. A investigação realizada no âmbito da Psicologia Clínica, que toma como dados os relatos de pacientes e interferências dos psicoterapeutas, tem na abordagem fenomenológica um modo apropriado de ser realizada. À medida que a fenomenologia tem como princípio *ir-à-coisa-mesma* (Husserl, 2013) e não se baseia em pressupostos teóricos que teorizem sobre o fenômeno investigado permitindo previsões, ela vai ao encontro da concepção psicoterapêutica de ver cada paciente como um ser único, que *vivencia* as experiências no mundo-vida com os outros de modo singular. As vivências (Bicudo, 2018) tornam-se o foco do olhar psicoterapêutico, uma vez que são elas que são trazidas à lembrança e expressadas pelo paciente, mediante a linguagem. As palavras dizem, mas também escondem o que, muitas vezes, se torna difícil de ser trazido à fala, de modo que a pessoa se dê conta, ou seja, tome ciência, do ocorrido com todo o seu entorno: sentimentos, ambientes, circunstâncias. Nesse momento, há uma mudança de direção entre os procedimentos do psicoterapeuta, cuja meta é cuidar do paciente, e do investigador, cujo alvo é compreender um fenômeno específico. *A proposta desta apresentação é focar na investigação e possíveis teorizações decorrentes da investigação.* O investigador levanta e persegue uma pergunta sobre o fenômeno que busca compreender. Como exemplo de um fenômeno, pode-se pensar em: a dor de mães cujos filhos morreram por suicídio. Os sujeitos significativos são os que vivenciaram esse fenômeno. As sessões, gravadas, filmadas, etc., são transcritas, trazendo tanto o dito pelo paciente, como o dito pelo psicoterapeuta em suas diferentes linguagens. A compreensão do dito nos textos se faz de modo mais apropriado mediante a análise interpretativa hermenêutica. Dá-se então, a análise de *individuais* (Bicudo, 2011). Destes, caminha-se em direção à articulação de núcleos abrangentes, que indiquem invariantes do fenômeno. É importante avançar e realizar interpretação hermenêutica que traga um diálogo esclarecedor entre os relatos, as respectivas intervenções psicoterápicas, a pergunta do pesquisador, sua compreensão e autores significativos da literatura em que a investigação se aloca.

**Palavras-chave:** fenomenologia; hermenêutica; pesquisa qualitativa.

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, UNESP, campus de Rio Claro. Pesquisadora 1 A do CNPq. Presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (SE&PQ). E-mail: [mariabicudo@gmail.com](mailto:mariabicudo@gmail.com)

### 3.2.7 MORTE E LUTO EM DIFERENTES CONTEXTOS

Orientadora: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

#### 3.2.7.1 MORTE E LUTO EM DIFERENTES CONTEXTOS

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

A experiência de luto foi compreendida desde o DSM II como algo da ordem de uma patologia tendo como critério o tempo de duração do sofrimento. Na passagem do DSM IV para o DSM 5 houve uma alteração significativa: o luto foi excluído como diagnóstico de depressão maior. Com essa mudança, o luto deixa de ser necessariamente medicado. Sem dúvida, essa alteração trouxe uma profunda discussão sobre o tema. O grande impacto dessa nova versão foi que o luto passou a ser classificado como normal e com comprometimento. Em um posicionamento crítico com relação ao manual, defendemos que não há como, *a priori*, compreender a experiência como fora da normalidade. Os nossos estudos sobre o luto são fundamentais para que possamos compreender as suas especificidades, seja ele por suicídio, seja pelo Covid-19, a dor da perda vem acompanhada muitas vezes de sofrimento. Dor sendo compreendida como algo da qual não podemos escapar, principalmente, quando se trata da morte de alguém muito significativo. Já o sofrimento, compreendido como a dor porque se tem dor, e no luto aparece como revolta e ressentimento; ou ainda como culpa por carregar a ideia de que se poderia ter evitado caso se tivesse agido da forma correta. E ainda há relatos, nas duas situações, de uma experiência profunda de solidão. Assim, a nossa pesquisa sobre morte e luto tem como objetivo apontar para as especificidades de uma clínica psicológica em situações de dor pela perda de alguém significativo. Para o exercício dessa clínica é preciso colocar de lado todas as classificações diagnósticas acerca da experiência. E assim, nos aproximamos da dor do outro sem nenhuma preocupação em estabelecer um diagnóstico. A atenção se volta para ao modo como cada um experiencia a sua dor. Trata-se de uma pesquisa intervenção, ou seja, ao mesmo tempo em que se deixa aparecer a dinâmica presente em situações de luto, atuamos clinicamente. Com o andamento da pesquisa, pudemos dar relevo a uma atuação de posvenção. Nos encontros com os sobreviventes do suicídio como os que tiveram perda de pessoas significativas pela ação do Covid-19, constatamos em depoimentos dos participantes que o simples fato de os acolhermos em sua dor, em uma escuta atenta, foi significativo pelo fato de eles terem com quem falar.

**Palavras-chave:** Morte; Luto; Suicídio; Posvenção; Covid-19; Clínica psicológica.

#### Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

### 3.2.7.2 MORTE, LUTO, HORROR E PANDEMIA

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

**Jaynete de Sousa França (UERJ)**

A pesquisa se contextualiza e faz potente, em demanda do atual momento que vivemos. Durante a pandemia COVID-19 muitas incertezas e angústias acerca de nossa finitude emergem aos nossos olhos de forma pulsante e crua. Com isso, a partir dessa pesquisa, buscamos nos aproximar mais da experiência dos enlutados nesse período pandêmico. Nos aproximamos do outro em sua dor, sem amarras. Nosso lidar com a morte, aparece nas expressões de Luto, contudo, esse lidar, nem sempre possui espaço de acolhimento. Então, para compreendermos melhor tal relação, iniciamos um levantamento de revisão narrativa da literatura, acerca da morte; pandemias; e expressões de luto, pertinentemente, voltado ao olhar clínico psicológico sobre tais pontos. Utilizamos bases de dados virtuais, com artigos, livros e dissertações. E posteriormente, nos procedemos à realização de uma investigação hermenêutica. Dessa forma, com análises e discussões fenomenológicas hermenêuticas, buscamos nos afastar de certas determinações “epocais” a fim de nos permitirmos acompanhar, pacientes, a emergência das possibilidades. Pois, sabemos que muitas dessas expressões nas formas de ser, do homem moderno, são grandes influenciadoras de sofrimento no modo relacional do mesmo. E com isso, percebemos as indeterminações do ser, sua ambiguidade e complexidade, presente ao longo de sua história. Que a vida segue pulsante, mesmo diante da finitude. Características tão peculiares, que a ciência, instigada pela sua vontade de resolver enigmas, busca desvendar e dominar a qualquer custo.

**Palavras-chave:** pandemia; morte; luto.

#### **Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

#### **Jaynete de Sousa França**

Aluna do curso de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, integrante do *Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE)*, e bolsista de iniciação científica CNPQ na pesquisa: Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de Corona Vírus, orientada pela Dra. Ana Maria Feijoo. E-mail: [jay\\_nete@hotmail.com](mailto:jay_nete@hotmail.com)

### **3.2.7.3 MORTE, SUICÍDIO E LUTO: ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À COMUNIDADE ESCOLAR**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

**Rodrigo Dantas (UERJ)**

O trabalho *Morte, Suicídio e Luto: Atuação do Psicólogo Junto à comunidade escolar* se propõe a apresentar o projeto de extensão da Universidade do Estado Do Rio de Janeiro, no qual evidencia a experiência de práticas clínicas dentro de um ambiente escolar no qual houve um suicídio. Após estudos e pesquisas acerca da temática do suicídio feitos pelo grupo de pesquisa no qual os autores deste trabalho participam, foram feitos projetos no qual prepara alunos e psicólogos para atendimentos psicológicos de pessoas que pensam em pôr fim a vida, orientado pela vertente da psicologia fenomenológica-existencial. A partir disso, a prática ganhou espaço tanto no meio acadêmico quanto no jornalístico até chegar nas escolas, onde solicitavam a presença de psicólogos nesse âmbito para estar junto do corpo docente, corpo administrativo e principalmente dos alunos quando havia uma situação de suicídio naquele contexto. Depois, houve a solicitação de que o grupo de pesquisa atuasse de forma preventiva nesse espaço, onde houve discussões, rodas de conversa e palestras sobre o tema suicídio, morte e luto, e muitas questões foram aparecendo, como culpa, desejo de fazer o mesmo, catarse, etc. A partir desse trabalho clínico, a princípio, um trabalho piloto, pudemos destacar algumas especificidades que se manifestaram neste tipo de atuação: a etapa informativa; etapa catártica; etapa elucidativa e etapa conclusiva. Vimos também que é necessário contar com uma equipe de oito e dez membros para podermos atender as situações que por ventura acontecerem durante a prática: formação de subgrupos e acolhimentos individuais. Por se tratar de um projeto novo, inicialmente houve uma dificuldade de delimitar o que seria feito e como seria feito, afinal, nem mesmo a própria direção da escola que primeiro solicitou a atuação do grupo de pesquisa soube dizer o que eles esperavam desse trabalho. Porém, após a realização da atividade com os alunos, se percebe que há uma elaboração terapêutica das questões que envolvem o suicídio, morte e o luto, e com isso, a prática clínica se faz essencial para uma intervenção pautada em conhecimentos científicos.

#### **Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

#### **Rodrigo Antas**

Graduando de Psicologia na Universidade do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de extensão no Departamento de extensão (DEPEXT) da UERJ. Financiamento pelo DEPEXT/SR-3. E-mail: [rodr.antas@gmail.com](mailto:rodr.antas@gmail.com)

### **3.2.7.4 A EXPERIÊNCIA DO LUTO DOS PAIS PELO SUICÍDIO DE SEUS FILHOS**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

**Susanne Oliveira dos Santos (UERJ)**

A proposta desta pesquisa surgiu em meio a urgência em nos aprofundarmos na questão do luto dos pais sobreviventes pelo suicídio de seus filhos e estudarmos a atuação do psicólogo em um acompanhamento de caráter posventivo. Trata-se da primeira etapa de uma pesquisa na qual pretendemos construir a possibilidade de uma clínica psicológica voltada para os pais enlutados. Para que seja possível pensar nas bases de um atendimento psicológico e em um manejo clínico específico aos pais sobreviventes de uma tentativa ou ato consumado de suicídio, esta pesquisa investigou o modo como os pais sobreviventes são afetados pelo acontecimento, para isso, recorreu à uma revisão narrativa da literatura científica para estudar a temática da morte por suicídio, o luto por suicídio e suas especificidades, assim como buscou compreender a forma como a Psicologia tem atuado junto aos pais enlutados. A metodologia desta pesquisa tem fundamentos na fenomenologia-existencial, sendo assim, a partir da revisão narrativa da literatura foi possível também realizar uma investigação hermenêutica sobre os sentidos atribuídos à morte, e principalmente a morte por suicídio, no atual horizonte histórico assim como foi possível realizar uma análise fenomenológica do relato encontrado na literatura da experiência dos pais enlutados. Dessa forma, foi possível compreender quais são as concepções presentes no atual horizonte histórico sobre a morte por suicídio e como essa compreensão afeta os pais sobreviventes em sua experiência do luto. O luto por suicídio aparece na literatura como sendo diferente do luto por outras mortes por ser uma morte considerada violenta e repentina, e por se tratar de uma morte estigmatizada no atual horizonte histórico, assim é possível perceber como as concepções cristalizadas sobre a morte por suicídio atravessam a experiência de luto dos pais sobreviventes. Deste modo, ao analisarmos os relatos, os sentimentos como culpa, vergonha e raiva aparecem marcando essa experiência onde os pais estão diante do fato de que um filho que se ama, cuja existência importa tanto, escolheu ir embora. A estratégia de posvenção mais citada nos estudos encontrados nesta revisão, como sendo a mais eficiente para acompanhar os pais sobreviventes em seu processo de luto, foi a atuação dos grupos de apoio ao luto. Este grupo de apoio e acolhimento aos pais enlutados, portanto, aponta para a importância em se ter profissionais da psicologia preparados para acolher os pais sobreviventes, assim como a urgência na oferta de serviços que ofereçam atendimento a esses pais. À vista disso, esta pesquisa se faz relevante pois busca pensar em bases para um atendimento psicológico direcionado aos pais enlutados, e que visa promover um espaço de escuta, acolhimento e informação aos sobreviventes, para que seja possível compartilhar sua experiência e refletir sobre a culpa, a raiva, a dor, o sofrimento, a saudade e as infinitas possibilidades existenciais para além de pôr fim à vida.

**Palavras-chave:** Morte; Luto; Pais Sobreviventes; Suicídio; Posvenção.

#### **Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

**Susanne Oliveira dos Santos**

Aluna do curso de Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, integrante do *Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial* (LAFEPE), e bolsista de Iniciação Científica FAPERJ no projeto intitulado “A Clínica Psicológica em Situações de Suicídio: Atuação do Psicólogo Junto a Pais Enlutados” orientada pela Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. E-mail: [olive.suh@gmail.com](mailto:olive.suh@gmail.com)

### **3.2.8 NARRANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS PELA VIA DA COMPREENSÃO EM PESQUISAS PSICOLÓGICAS INSPIRADAS PELA FENOMENOLOGIA**

Orientadora: Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

#### **3.2.8.1 NARRANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS PELA VIA DA COMPREENSÃO EM PESQUISAS PSICOLÓGICAS INSPIRADAS PELA FENOMENOLOGIA**

**Vera Engler Cury (PUC-Campinas)**

O sofrimento psíquico vivido pelas pessoas em grandes centros urbanos na atualidade tem sido acompanhado por profissionais da área de saúde mental com apreensão. No contexto de intervenções clínicas levadas a efeito em instituições, a atenção psicológica sensível a esta experiência humana demanda o exercício de uma postura profissional competente, criativa e atualizada que possibilite às pessoas a retomada de uma compreensão acerca de si mesmas e do sentido de suas vidas. A eficácia da intervenção psicológica deve ser avaliada à luz da capacidade do cliente para assumir de maneira autônoma e amadurecida a condução de seu processo existencial. A abordagem terapêutica e investigativa que nos orienta no desenvolvimento dessas intervenções psicológicas caracteriza-se por favorecer a elaboração das vivências emocionais de modo não invasivo, possibilitando a emergência de potencialidade para a saúde ao facilitar a retomada da autonomia pessoal e da confiança em si como agentes de transformação no plano pessoal e coletivo. Arendt (2009) enfatizou que a compreensão põe-se em movimento quando algum evento nos faz perder o lugar no mundo e enquanto não compreendermos suas razões e seu sentido, não conseguiremos nos reconciliar com o curso da vida e nos reinstalar no mundo. A ênfase de Husserl de que a Psicologia deveria assumir sua missão como uma ciência dos fundamentos, isto é, da compreensão sobre os elementos fundamentais da experiência humana, permanece como denúncia e apelo. Por sua vez, a Psicologia Humanista reconduziu o homem ao lugar de protagonista da própria existência, vivendo um processo de vir a ser a partir de encontros com outros homens. A partir de uma perspectiva centrada na pessoa e fenomenológica temos nos ocupado de desenvolver propostas de práticas diferenciadas de atenção psicológica como alternativa às intervenções tradicionais. Assim, fez-se necessária a construção de um delineamento de pesquisa no qual houvesse consistência entre o aporte teórico/epistemológico e o método de investigação. Resultou a opção por uma estratégia que consiste na construção pelo pesquisador de narrativas compreensivas geradas após encontros dialógicos com os participantes como recurso metodológico, tanto para contextualizar e descrever o acontecer clínico das intervenções, como também para inserir a própria análise e interpretação fenomenológica. Esta postura integra um modo fenomenológico de investigação a uma práxis psicológica humanista no contexto do Grupo de Pesquisa “Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas.

**Palavras chave:** intervenções psicológicas; psicologia humanista; fenomenologia; narrativas compreensivas.

**Vera Engler Cury**

Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da PUC-CAMPINAS. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela



Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campinas. Atualmente exerce o cargo de Coordenadora do Programa de Psicologia da PUC-Campinas. Anteriormente, exerceu o cargo de Pró Reitora de Pós Graduação e Pesquisa e de Extensão e Assuntos Comunitários por duas gestões consecutivas na mesma Universidade. E-mail: [vency2985@gmail.com](mailto:vency2985@gmail.com)

### **3.2.8.2 A EXPERIÊNCIA DE PACIENTES DE UM SERVIÇO DE ATENÇÃO DOMICILIAR**

**Andréia Elisa Garcia de Oliveira (PUC-Campinas)**

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

Pretende-se apresentar uma pesquisa de Doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, que objetivou apreender fenomenologicamente a experiência de pacientes assistidos por um Serviço de Atenção Domiciliar a partir do relato de suas vivências. A Atenção Domiciliar (AD), tendência mundial que se encontra em processo de consolidação no contexto da saúde no Brasil, caracteriza-se como um modelo de atenção multiprofissional e humanizado de assistência em saúde. O estudo efetivou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa fenomenológica. A pesquisadora acompanhou profissionais de um Serviço de Atenção Domiciliar (SAD), vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS) de um município do Estado de São Paulo, nos deslocamentos semanais para atendimento domiciliar. Durante essas visitas, conversou com sete pacientes adultos de ambos os sexos e diagnósticos diversos sobre suas vivências acerca do atendimento em domicílio. Esses encontros dialógicos foram iniciados a partir de uma questão norteadora e após cada um deles, a pesquisadora redigiu uma narrativa a fim de registrar sua compreensão sobre a experiência do participante. As narrativas referentes aos encontros individuais com cada participante têm sido nomeadas neste grupo de pesquisa como Narrativas Compreensivas. Ao final deste processo, foi elaborada uma Síntese Criativa de cunho interpretativo que incluiu os elementos significativos da experiência vivida por todos os participantes em relação ao tema em estudo. Os principais elementos que emergiram dessa experiência podem ser definidos como: sentimento de impotência desencadeado pelo adoecimento; confiança, gratidão e admiração em relação aos profissionais do SAD; percepção de que o cuidado disponibilizado é humanizado e qualificado; ser atendido em casa pela equipe do SAD é considerado melhor do que estar hospitalizado. Concluiu-se que a moradia revela-se como um espaço de cuidado com potencialidade para se tornar um contexto propício à recuperação da saúde, quando consegue prover relacionamentos interpessoais afetivos e empáticos entre pacientes, cuidadores e profissionais. Compreender a experiência desses pacientes contribuiu para o entendimento acerca da centralidade da dimensão relacional para a efetivação de um cuidado em saúde humanizado. Ao longo da apresentação pretende-se destacar o processo vivenciado pela pesquisadora desde a elaboração das Narrativas Compreensivas até o encontro com os elementos significativos da experiência em estudo, que estão apresentados na Síntese Criativa. Entende-se que o processo de desenvolvimento desta pesquisa tornou-se ilustrativo do modo como o grupo de pesquisa liderado pela Profa. Dra. Vera Engler Cury no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, vem empregando o método fenomenológico nos estudos que realiza.

**Palavras-chave:** atenção domiciliar; pesquisa fenomenológica; experiência; narrativas.

**Andréia Elisa Garcia de Oliveira**

Psicóloga, Especialista em Psicologia da Saúde, Mestre e Doutora em Psicologia pela PUC-Campinas. Atuou como psicóloga hospitalar no Hospital da PUC-Campinas e professora universitária na UNIP, Anhanguera Educacional, PUC-Campinas e Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte - MG. Atua como psicóloga clínica em consultório privado na cidade de Campinas – SP. E-mail: [andreiaegarcia@yahoo.com.br](mailto:andreiaegarcia@yahoo.com.br)

**Vera Engler Cury**

Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da PUC-CAMPINAS. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campinas. Atualmente exerce o cargo de Coordenadora do Programa de Psicologia da PUC-Campinas. Anteriormente, exerceu o cargo de Pró Reitora de Pós Graduação e Pesquisa e de Extensão e Assuntos Comunitários por duas gestões consecutivas na mesma Universidade. E-mail: [vency2985@gmail.com](mailto:vency2985@gmail.com)

### **3.2.8.3 INVESTIGANDO A EXPERIÊNCIA DE USUÁRIOS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA: EM BUSCA DE SIGNIFICADOS**

**Eberson dos Santos Andrade (PUC-Campinas)**

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

Este resumo apresenta os resultados de uma pesquisa de Mestrado que objetivou compreender a experiência subjetiva de pessoas que, na condição de usuários, frequentam um Centro de Convivência (CECO). Os CECO's são instituições públicas que compõem as Redes de Atenção à Saúde e de Atenção Psicossocial em municípios brasileiros, destacando-se pelo papel estratégico que desempenham na inclusão social de pessoas com transtornos mentais e de outras populações com problemáticas sociais. Constituiu-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, de natureza fenomenológica husserliana. O pesquisador acompanhou as atividades de um Centro de Convivência, localizado em um município do interior do Estado de São Paulo, e realizou encontros dialógicos individuais com sete participantes adultos de ambos os sexos, com idades entre 40 e 79 anos e com perfis heterogêneos. Os encontros foram iniciados com uma questão norteadora. Após cada encontro, o pesquisador redigiu uma Narrativa Compreensiva a partir das suas impressões sobre a experiência do (a) participante. Concluído este processo, foi elaborada uma Narrativa Síntese, de cunho interpretativo, contendo os elementos significativos da experiência vivida por todos os participantes no que se refere ao tema em investigação. Os elementos constituintes da experiência em pauta, também denominados de elementos essenciais da experiência, foram: (1) as relações interpessoais no contexto do CECO são orientadas por respeito, compreensão e interesse genuíno pelo outro, mantendo os usuários afetivamente vinculados ao serviço e facilitando o desenvolvimento de laços sociais significativos; (2) a partir da convivência cotidiana com outras pessoas e da participação em atividades coletivas, os usuários podem desenvolver criativamente suas próprias habilidades e interesses; e (3) ao se sentirem acolhidos e respeitados como pessoas e não como pacientes pelos profissionais do CECO, os usuários estabelecem uma relação afetiva positiva com o serviço que os faz colaborar com as atividades cotidianas de uma maneira diferente daquela que vivenciam em outros contextos de saúde pública. Concluindo, o CECO se revelou como um espaço de cuidado capaz de facilitar o desenvolvimento de potencialidades individuais e coletivas e de preservar a tendência inerente das pessoas para o crescimento, a autonomia e o amadurecimento psicológico a partir da vivência de relações humanas que estimulam a tolerância às diferenças e reconhecem a personalidade dos frequentadores.

**Palavras-chave:** Centro de Convivência; Investigações Fenomenológicas em Psicologia; Narrativas; Atenção Psicológica em Instituições; Saúde Pública.

#### **Eberson dos Santos Andrade**

Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Está vinculado às Redes de Atenção à Saúde e de Assistência Social, com atuação no Ambulatório de Substâncias Psicoativas do Hospital de Clínicas da UNICAMP e em Serviço de Acolhimento Institucional voltado à proteção de crianças e adolescentes. Tem experiência com atendimento familiar, plantão psicológico, psicoterapia individual e grupal. E-mail: [eberson.psico@gmail.com](mailto:eberson.psico@gmail.com)

**Vera Engler Cury**

Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da PUC-CAMPINAS. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campinas. Atualmente exerce o cargo de Coordenadora do Programa de Psicologia da PUC-Campinas. Anteriormente, exerceu o cargo de Pró Reitora de Pós Graduação e Pesquisa e de Extensão e Assuntos Comunitários por duas gestões consecutivas na mesma Universidade. E-mail: [vency2985@gmail.com](mailto:vency2985@gmail.com)

### 3.2.8.4 A EXPERIÊNCIA VIVIDA POR PESSOAS DIAGNOSTICADAS COMO AUTISTAS

**Gisella Mouta Fadda (PUC-Campinas)**

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

O fenômeno do espectro do autismo vem sendo pesquisado, em grande parte, devido ao seu impacto social e estado vitalício. Todavia, o foco dos estudos e intervenções clínicas concentra-se nos primeiros anos do desenvolvimento humano, propiciando invisibilidade aos adultos na condição autista. Desse modo, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico inspirada em Edmund Husserl, Edith Stein e Angela Ales Bello. O objetivo foi compreender como as pessoas adultas experienciam o mundo que compartilhamos. Este estudo foi realizado com quatro participantes diagnosticados no espectro do autismo, de ambos os sexos, entre 24 e 38 anos e que precisassem de diferentes tipos de apoio a fim de abranger a variabilidade de experiências subjetivas. Um encontro dialógico foi realizado com cada participante para percebê-los a partir da experiência concreta da relação intersubjetiva. O diálogo foi estabelecido seguindo os direcionamentos próprios de cada participante neste contato direto e relacional. Não houve qualquer registro ou gravação durante o encontro, à exceção da própria corporeidade da pesquisadora. Após cada encontro, a pesquisadora escreveu uma narrativa compreensiva com os elementos significativos vividos empaticamente no encontro. A partir destas quatro narrativas individuais, foi redigida uma narrativa-síntese buscando os elementos invariantes na diversidade das experiências. A análise fenomenológica deste material revelou que, para as pessoas autistas: a) a abertura e encontro com o outro possibilitam a validação de si mesmas; b) que as materialidades permitem dar sustentação e sentido à própria existência; c) que as regras, os padrões, as cores e as formas os orientam em relação ao mundo objetivo; d) que o mundo intersubjetivo precisa ser traduzido para fazer sentido; e) que a sinceridade aparece como a única forma possível para falarem de si; f) que o passado é presente, o presente é vivo e o futuro não existe; e g) que o corpo é vivido de modo extenuante. A compreensão destes elementos estruturais da experiência foram fundamentados na psicologia humanista e na psicopatologia fenomenológica. Assim, compreendeu-se que a pouca familiaridade com a expressividade humana compartilhada provoca um estranhamento na relação com o outro em que tentam se adequar. Com isso, o esforço constante em ser-um-com-outros-simultaneamente-e-subsequentemente associado às questões sensoriais do corpo vivo, leva-os, frequentemente, a uma exaustão psicológica e física. Advém uma necessidade dos comportamentos denominados como “estereotípias”, dos afastamentos e da quietude para se recompor. Concluiu-se que a constituição de uma relação intersubjetiva significativa para a pessoa autista é a ponte necessária para possa tomar consciência de si mesma, de seu modo de ser no mundo e, gradativamente, adquirir condições de interagir com mais harmonia e menos sofrimento. Este estudo possibilita que novas reflexões possam despontar para uma atenção psicológica clínica que legitime os sentidos existenciais das pessoas autistas a fim de poderem manifestar o seu centro pessoal, sua singularidade.

**Palavras-chave:** transtorno do espectro do autismo; pesquisa qualitativa; psicologia clínica; psicologia humanista; psicopatologia fenomenológica

**Gisella Mouta Fadda**

Psicóloga. Doutora e Mestra em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Engler Cury no Grupo de Pesquisa: Atenção Psicológica Clínica

em Instituições: prevenção e intervenção. Também é especialista em Psicoterapia Humanista/Fenomenológico/Existencial (FUMEC-BH) e, atualmente, está especializando-se em Psicopatologia Fenomenológica (FCM/Santa Casa-SP).

E-mail: [gisella.fadda@gmail.com](mailto:gisella.fadda@gmail.com)

**Vera Engler Cury**

Psicóloga pelo Instituto de Psicologia da PUC-CAMPINAS. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campinas. Atualmente exerce o cargo de Coordenadora do Programa de Psicologia da PUC-Campinas. Anteriormente, exerceu o cargo de Pró Reitora de Pós Graduação e Pesquisa e de Extensão e Assuntos Comunitários por duas gestões consecutivas na mesma Universidade. E-mail: [vency2985@gmail.com](mailto:vency2985@gmail.com)

### **3.2.9 PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO ESCUTA OPORTUNA NO DEPARTAMENTO JURÍDICO DA FACULDADE DE DIREITO E NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA USP**

#### **3.2.9.1 PLANTÃO PSICOLÓGICO**

**Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP)**

É questão entre profissionais de saúde, envolvidos na sua prática cotidiana, repensar o atendimento à comunidade, implicado na complexidade de uma intervenção em saúde mental principalmente na situação de pandemia atual. Assim, importa discutir escuta como atenção e cuidado, em intervenção para acolhimento do sofrimento humano em situações de crise, a fim de compreender sua eficácia terapêutica ao desamparo e estabelecer as bases conceituais para uma intervenção clínica socialmente contextualizada e engendrada a partir do encontro intersubjetivo criado por modalidades da prática interprofissional em saúde, do Aconselhamento Psicológico em instituições, como Plantão e Supervisão de Apoio. Fundamenta essa perspectiva no fenômeno da aprendizagem significativa como transferência de metodologia a futuros multiplicadores, no acolhimento e compreensão do sofrimento humano e de perdas de sentido da própria instituição no cumprimento de sua função social, bem como possibilidade de promoção e responsabilidade social para com a comunidade em situação de pandemia. Implica passar pela experiência da prática em instituições em saúde, abrindo outras possibilidades para redimensionar possíveis representações das atividades e modos de atuação desse profissional no contexto social atual. O confronto com as próprias limitações, a passagem de um distanciamento objetivo para a apropriação da sensibilidade e a integração entre o saber acumulado e a prática serão temáticas e ações privilegiadas.

**Palavras-chave:** Escuta; Plantão Psicológico; Cuidado e saúde mental; Supervisão de apoio; Interdisciplinaridade em saúde.

#### **Henriette Tognetti Penha Morato**

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo em 1989. Professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado na Universidade Paris 7 entre 2005 e 2006, com pesquisa realizada na Universidade de Firenze. Possui 48 capítulos de livros e 7 livros publicados. Coordenadora do Centro Escola do Instituto de Psicologia (CEIP) da USP. E-mail: [hmorato@usp.br](mailto:hmorato@usp.br)



### **3.2.9.2 PLANTÃO? ATENÇÃO PSICOLÓGICA ONLINE AO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO**

**Joyce Cristina de Oliveira Rezende (LEFE/IPUSP)**

O Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) possui um projeto de atenção psicológica ao Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) desde 2001, com uma breve interrupção entre 2008 e 2011. O DJ é uma entidade que atende pessoas de baixa renda na cidade de São Paulo que não podem arcar com os custos de um advogado, dirigida pelos alunos da Faculdade de Direito da USP há 101 anos. Importante enfatizar que o projeto preza pela interdisciplinaridade entre Psicologia e Direito, de forma que não estamos lá “à serviço de” o Direito e tampouco temos o papel de orientá-los nas suas práticas. A principal modalidade de prática psicológica no DJ, ao longo dos anos, foi o plantão psicológico, com a possibilidade de atendimentos conjuntos entre os alunos das duas disciplinas. Contudo, a partir da pandemia da covid-19 e a consequente quarentena, a instituição passou a funcionar de forma remota, acarretando mudanças na forma de atuação da Psicologia no DJ. A metodologia da nossa práxis ocorre pela perspectiva da fenomenologia existencial e, nesse sentido, o fazer vai se modificando de acordo com os acontecimentos. Após um período de adaptação à nova realidade, conseguimos estruturar um projeto de atendimento online prestado pelos alunos de graduação em Psicologia aos assistidos e membros da instituição; alguns desses atendimentos foram conjuntos, isto é, na mesma chamada de vídeo estavam os alunos dos dois cursos e o assistido. Trata-se de atendimentos pontuais, inspirados no plantão que fazíamos presencialmente. Perguntamos: esses atendimentos configurariam um plantão? Ou se trata de outra modalidade de atendimento psicológico? Como denominar esse novo fazer? São perguntas que pretendemos discutir na apresentação, adiantando que acreditamos que o plantonista é a sede do plantão. Outras práticas adotadas no atual momento foi o acompanhamento de reuniões diárias da instituição por meio de uma plataforma de vídeo (denominadas “rodas”) para distribuição dos casos jurídicos e a confecção de postagens nas redes sociais com o intuito de orientação psicológica, além de reuniões quinzenais dos supervisores da Psicologia com os diretores do DJ. Foram formas encontradas de estarmos presentes no cotidiano do DJ mesmo distantes fisicamente, e podemos dizer que passamos a ser mais re-conhecidos pelos membros da instituição. Ou seja, em vez de estarmos presentes duas vezes na semana, com um horário fixo, passamos a estar sempre “de plantão”, sempre disponíveis. Plantão não é uma técnica de atendimento psicológico, podendo ser considerado uma atitude de disponibilidade do plantonista. Consideramos que estamos sendo plantonistas à distância, na nuvem, nesse novo modo de ser-no-mundo-com-os-outros.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Psicologia e Direito; Interdisciplinaridade; Fenomenologia Existencial; Atendimento Online.

**Joyce Cristina de Oliveira Rezende**

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP, Mestra em Psicologia Social (IPUSP), psicóloga, advogada e mediadora de conflitos. Supervisora do Projeto “Atenção Psicológica ao Departamento Jurídico XI de Agosto” do LEFE/IPUSP. E-mail: [joyce.rezende@usp.br](mailto:joyce.rezende@usp.br)

### 3.2.9.3 A ESCUTA À INSTITUIÇÃO COMO CUIDADO AOS ATORES INSTITUCIONAIS

**Fernanda Nardoni (LEFE-IPUSP)**

A fala propõe uma reflexão acerca de como o Plantão Psicológico pôde e pode acontecer junto a instituições hospitalares durante a pandemia de COVID-19. A distância física entre os plantonistas e o campo dos acontecimentos cotidianos das equipes se fez necessária neste contexto. Assim, diante das mudanças sociais e institucionais impostas pelo isolamento social, o Plantão é convocado a se reinventar e, mais uma vez, descobrir-se enquanto prática psicológica criativa e plástica. Durante o percurso em busca de formas de se manter oferecendo um espaço de cuidado, destaca-se a importância do Plantão psicológico como prática clínica, mas também institucional. Apesar dessa compreensão do Plantão como prática atenta ao contexto da instituição estar presente em trabalhos anteriores, é durante a pandemia que ela se revela em sua maior potência, uma vez que as possibilidades de atendimento psicológico individual e a presença física do plantonista ficam restritas. Nessa direção, desvela-se a necessidade de diferenciar *escuta*, *atendimento psicológico* e *atenção psicológica* como modos de ação clínica possíveis nas instituições. Podendo ter mais clareza de suas possibilidades de ação clínica, o plantonista pode manter-se disponível àquele que solicita o Plantão, afinando-se com o modo de cuidado possível diante daquele pedido. Assim, por meio do pedido pelo atendimento psicológico aos profissionais de saúde das instituições, o Plantão pode se oferecer também como um espaço de escuta à gestão, que é parte fundamental no cuidado com a saúde dos trabalhadores dos hospitais e, conseqüentemente, da população atendida. Abrindo escuta àquele que o procura, mesmo sendo alguém da gestão em busca de apoio institucional, o plantonista abre a possibilidade de que se detenha no pedido que é trazido e no cenário em que se encontra. Situando-se e apropriando-se dos modos de se conduzir pela situação de crise, aquele que busca o Plantão pode se revelar a si mesmo como Cuidado. Ao ser escutado e experienciar-se como abertura ao mundo e aos outros, o gestor pode também escutar melhor sua equipe e direcionar-se a ela cuidadosamente. Podendo conduzir ações institucionais de maneira mais própria, o gestor intervém diretamente na qualidade do ambiente de trabalho, tão determinante na saúde e bem-estar dos trabalhadores, e abre caminhos de trânsito pela situação crítica também para as equipes. Assim, as demandas institucionais dirigidas ao Plantão podem receber outros encaminhamentos. O pedido de atendimento psicológico individual aos profissionais que se encontram em sofrimento pode coexistir com outras frentes de ação tão importantes quanto, no que diz respeito à saúde desses profissionais. Nesse sentido, o plantonista, colocando-se à escuta da gestão, realiza um ação clínica-institucional.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Instituição hospitalar; Gestão em saúde.

#### **Fernanda Nardoni**

Mestranda do programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Graduada em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora no Laboratório de Estudos em Fenomenológica Existencial e prática em psicologia da Universidade de São Paulo (LEFE-IPUSP). E-mail: [fer.nardoni@gmail.com](mailto:fer.nardoni@gmail.com)

### **3.2.10 PRÁTICA PSICOLÓGICA E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER**

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)

#### **3.2.10.1 PRÁTICA PSICOLÓGICA E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER**

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)**

A prática do psicólogo vem sofrendo alterações, exigindo a contextualização da analítica da cotidianidade a partir do horizonte histórico contemporâneo. A revisão das perspectivas epistemológicas que subsidiam a ação clínica e a apropriação crítica de nosso horizonte histórico apresentam-se como tarefas contínuas do pensamento, incidindo como tarefas urgentes do psicólogo, principalmente no que concerne às práticas psicológicas desenvolvidas nas diversas instituições e na clínica privada. É crescente a ação do psicólogo clínico em contextos institucionais junto a serviços de saúde pública, ambulatorios em hospitais e na discussão e implementação de intervenções clínicas no âmbito sanitário. O presente projeto tem como objetivo primeiro – Propor possibilidades de tematização de uma prática psicológica, a partir da perspectiva fenomenológica hermenêutica de Martin Heidegger, que compreenda e acolha as manifestações do sofrimento humano no momento atual. Prática psicológica e fenomenologia hermenêutica – apesar do título, o projeto proposto não pretende focar diretamente nem a prática psicológica nem a fenomenologia hermenêutica. A discussão visa a deter-se no “e” situado entre a prática psicológica e a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, ou seja, na tentativa de uma conjunção que aproxima e articula as possibilidades de ressonância da fenomenologia hermenêutica na prática psicológica. Caracteriza-se como um Projeto Guarda-Chuva e acolhe propostas de pesquisa de mestrado, doutorado e pós-doutorado, a serem desenvolvidas em diversos contextos e modalidades. Contempla uma discussão sobre os fundamentos de uma clínica psicológica, numa perspectiva fenomenológica hermenêutica, como situação hermenêutica e pesquisas empíricas em diversos contextos. Além da revisão bibliográfica, serão utilizados a observação participante, a entrevista narrativa, o diário de campo e outros instrumentos que se fizerem necessários, considerando os objetivos da pesquisa e de seus segmentos. A pesquisa proposta no presente projeto será de natureza qualitativa afinada à perspectiva da fenomenologia hermenêutica, privilegiando a compreensão interpretativa fundada na Hermenêutica Filosófica de Gadamer. A Hermenêutica Filosófica compreende que todo conhecimento (interpretação) se constituirá no “encontro” de, no mínimo, dois horizontes: o horizonte inerente (determinações prévias) à coisa/ação a ser compreendida; e o horizonte próprio (pressupostos) àquilo que se busca compreender. Assim, a interpretação (possibilidade compreensiva) dá-se na interpenetração de horizontes que resultará no surgimento de novo sentido, que não corresponde à imposição de um sentido, mas obedece às condições de cada horizonte que se interpenetram no jogo compreensivo. Espera-se que o conhecimento produzido possa contribuir para consolidar uma prática psicológica norteada pelos pressupostos fenomenológicos hermenêuticos, ao modo de Heidegger, além de oferecer subsídios para o exercício profissional do psicólogo e à população que demanda por seus serviços.

**Palavras-chave:** Ação Clínica, Fenomenologia Hermenêutica, Prática Psicológica, Hermenêutica Filosófica.

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga e Psicoterapeuta. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutora, pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Unicap e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Laclifep/Unicap). E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

### 3.2.10.2 A HERMENÊUTICA DA VIDA FÁCTICA COMO CAMINHO DA CLÍNICA DASEINSANALÍTICA

Angela Cardoso Andrade (UNIFOR/UNICAP)

Carmem Lúcia Tavares Brito Barreto (UNICAP/LACLIFEP)

Considerando a noção de experiência em Heidegger e as formulações sobre a hermenêutica da vida fáctica, tais como elaboradas no Informe *Natorp*, o presente estudo tem como objetivo tematizar os pressupostos fenomenológico-hermenêuticos que forneçam a moldura e ambiência necessárias na dinâmica da relação clínica, como um movimento circular na indicação da situação hermenêutica, na qual caminha, com vistas à profundidade nos modos próprios de existir do paciente e do terapeuta, como *ek-sistentes*. O que significa dizer que o terapeuta, ao compreender o modo como o ser-aí se ocupa no mundo, segundo os envios próprios de seu horizonte epocal, estará desperto para as três determinações primordiais que estruturam o ser do *Dasein* como dinâmica *ek-stática* – disposição afetiva, compreensão e linguagem – que explicitam o ser-aí em sua determinação ontológica fundamental, como compreensão e desde sempre lançado num conjunto de significados historicamente sedimentados. O estudo é de natureza teórica e reflexiva e tem como referências básicas duas obras de Martin Heidegger: *Caminhos de Floresta* e *Considerações Fenomenológicas sobre Aristóteles*: Indicação da Situação Hermenêutica, e, como fontes secundárias, interlocutores que se aproximam com a discussão proposta. Os pressupostos fenomenológicos são compreendidos como ressonâncias do pensamento heideggeriano que insurge numa dinâmica viva e de forma realizadora que possam fundar a clínica numa proposta fenomenológica hermenêutica. Tais proposições podem oferecer incursões teóricas e metódicas relevantes para o exercício clínico, como modos de cuidado (*Sorge*) e que o próprio caminho de autocompreensão existencial pelo paciente possa promover o alcance do Ser, como abertura originária de sentido que o constitui fundamentalmente como ser-no-mundo. De tal modo que a facticidade dialógica do encontro terapêutico, compreendida como clínica da solicitude, ser-com, (*Fürsorgen*), possa criar as condições de possibilidades para se explicitar e tematizar o que outrora já foi apreendido de maneira não temática numa determinada afinação. Como conclusão, indicamos que a interpretação fenomenológica, compreendida pela dinâmica inerente à indicação da situação hermenêutica – *Blickstand*, *Blickrichtung* e *Sichtweite* – pode ser apreendida como um movimento circular e diligente de compreensão incessante do compreendido. Dito de outra forma, o gesto fenomenológico de abertura da *práxis* clínica, em sua dinamicidade dialógica, é fundado na compreensão existencial do paciente no qual favorece a ambiência necessária para uma escuta clínica, que busca apreender as dimensões sedimentadas, os conceitos prévios, que se apresentam na narrativa do paciente e que se aprofundam de forma circular, ampliando interpretativamente essa compreensão, com base numa sedimentação epocal na qual irá haurir o sentido próprio de pertença das circunstâncias concretas e históricas do existir. Desta forma, o *Dasein* é compreensão como sempre enraizada numa determinada situação. A situação clínica daseinsanalítica é o campo de descrição e mostração fenomenal de cada caso, de cada *Dasein* factualmente existente. O paciente, portanto, ao apreender o seu viver pelas sedimentações históricas prévias e as visualizar em perspectiva, ou seja, por uma visada multifacetada em possibilidades, poderá alcançar novos modos de cuidado de si e de ser-uns-com-os-outros, cujo sentido se funda, como verdade do Ser.

**Palavras-chave:** Hermenêutica da vida fáctica; Daseinsanalyse; Psicologia clínica.

**Angela Cardoso Andrade**

Psicóloga e psicoterapeuta. Pós-doutorado em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Doutora e mestra em Ciências da Saúde, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente e supervisora clínica do Curso de Psicologia, da Universidade de Fortaleza. Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Laclifep/Unicap).

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga e Psicoterapeuta. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutora, pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Unicap e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Laclifep/Unicap). E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

### **3.2.10.3 OS PROFESSORES E O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA PANDEMIA DA COVID-19**

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)**

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP/LACLIFEP)

O Suicídio em cada momento da história tem assumido diferentes concepções, de acordo com a moral e ética vigentes em cada época. Na Contemporaneidade, está associado a transtornos mentais, com ênfase em determinações positivistas e causalistas, na busca de explicar e prevenir a decisão de quem pensa ou decide dar cabo à própria vida. Este trabalho apresenta um recorte da tese de doutorado de uma das autoras, que tem por objetivo compreender a experiência de professores universitários com ideações e tentativas de pôr fim à vida. A tese está vinculada ao Projeto Guarda-Chuva de uma das autoras – Prática Psicológica e a Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger – que busca compreender e acolher as manifestações do sofrimento humano na contemporaneidade. O fragmento da pesquisa apresentado discute os comentários de professores em evento promovido na campanha Setembro Amarelo sobre o suicídio, durante a pandemia da Covid-19. A palestra, realizada para professores do ensino fundamental e médio, em uma plataforma digital, versou sobre as concepções históricas do suicídio e a campanha do Setembro Amarelo. Os comentários realizados no chat possibilitaram uma compreensão do modo como foram afetados pela temática trabalhada. Importa ressaltar que alguns professores direcionaram as perguntas para as razões pelas quais os jovens dão cabo à sua própria vida. Por mais que tenha sido abordado o suicídio, como fenômeno complexo e multifatorial, eles ainda buscavam explicações deterministas para o ato. Observamos ainda como o tema é tabu na escola, um dos professores fez referência à dificuldade de falar abertamente: “todos ficamos quietos, fazendo prevalecer a ideia de que “é melhor nem tocar no assunto”. O receio parece ser tão grande que não falar tem sido o modo de se colocar diante da questão. Para outros, “a questão é que se vive em uma sociedade do positivismo.” O comentário diz do modo de ser na sociedade do desempenho, pois somos convocados a todo momento a ter uma alta performance, e neste contexto parece não sobrar espaços para sofrimentos e perdas. Destacamos que não ocorreu nenhum comentário sobre demandas de sofrimento dos professores, todas as falas foram direcionadas às demandas dos alunos. Falar sobre o sofrimento dos alunos é uma forma de os professores se distanciarem do próprio sofrimento? Apesar de não apresentarmos respostas para tal pergunta, podemos ressaltar a importância de um espaço de fala e acolhimento do sofrimento dos professores, de modo a possibilitar o questionamento de certos tabus sobre o suicídio, além de encaminhar outros modos de lidar com o sofrimento existencial, especificamente diante daqueles que apresentam ideações e/ou tentativas de pôr fim à própria vida.

**Palavras-chave:** Professores; Suicídio; Pandemia Covid-19.

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira**

Psicóloga e mestre em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga da mesma instituição, desde 2017. Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Lac lifep/Unicap). E-mail: [andreacarla.oliveira@gmail.com](mailto:andreacarla.oliveira@gmail.com)

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga e Psicoterapeuta. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutora, pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Unicap e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Laclifep/Unicap). E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)



### **3.2.10.4 SUICÍDIO E PSICOTERAPIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA EXPERIÊNCIA DE PACIENTES QUE BUSCAM PÔR FIM À VIDA**

Carmem Lúcia de Brito Tavares Barreto (UNICAP)

**Glaucia Fernanda Soares Cabral (UNICAP)**

O suicídio é um fenômeno que, desde os tempos mais remotos, se apresenta na história. Nas últimas décadas, observa-se que o tema ganhou notoriedade ante a amplitude no número de casos no mundo, que alcançou um quantitativo de 800 mil mortes por ano. Além da expressividade dos dados estatísticos, há toda uma significação que irrompe junto ao fenômeno, porquanto considerado como um modo de morrer estigmatizado que, no horizonte atual, subverte os discursos de preservação da vida e produtividade. Neste cenário, a prevenção do suicídio se tornou uma prioridade global, que mobiliza organizações e exige a atuação de profissionais capacitados. O psicólogo é um dos profissionais que têm sido convocado a agir, sendo a psicoterapia uma prática psicológica, frequentemente apontada como espaço de cuidado e acolhimento para aqueles que pensam em pôr fim à vida. Diante disso, este estudo tem como objetivo geral compreender as ressonâncias da psicoterapia em pacientes que procuraram esse atendimento diante de ideações ou de tentativas de pôr fim à vida, e como objetivos específicos problematizar algumas concepções construídas acerca do suicídio ao longo da história, apresentar como as práticas psicológicas se posicionam diante de pacientes que buscam pôr fim à vida e compreender a experiência de pacientes que procuraram a psicoterapia diante do pensamento ou da tentativa de pôr fim à vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que privilegia a orientação fenomenológica hermenêutica. A pesquisa é realizada na cidade de Teresina – PI, com a participação de quatro pessoas que pensaram ou tentaram pôr fim à vida e buscaram a psicoterapia, por este motivo. Os recursos utilizados são a entrevista narrativa e o diário de campo. As narrativas dos colaboradores, assim como dos diários, serão compreendidas, a partir das ressonâncias da Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Em dado momento, a pesquisa se encontra em fase de campo, ou seja, a pesquisadora está em contato com os colaboradores do estudo. A partir dos capítulos teóricos já construídos, observa-se que a concepção de prevenção, que atravessa as práticas psicológicas, desvela-se como tentativa de previsão e controle. Assim, as ações diante do comportamento suicida se aproximam de protocolos que se afinam ao horizonte da técnica moderna. Além disso, reflete-se o quanto este modo de acompanhar o paciente e prevenir o suicídio é sustentado por concepções prévias acerca do fenômeno, visto como sintomatologia de um transtorno mental, e, assim, ato de loucura. Neste sentido, a ação preventiva pode recair em um silenciamento da experiência daquele que busca a clínica como espaço de acolhimento e escuta. Quanto às entrevistas, foram realizadas duas até o presente momento. Estas têm suscitado reflexões acerca do sentido da psicoterapia para os pacientes e para seus familiares. Tem-se pensado ainda em como a ação clínica pode promover modos de cuidado que, por vezes, tutelam a vida, e, em outros casos, ofertam ao paciente um espaço em que ele pode se demorar e explorar possibilidades diante da sua decisão e daquilo que se coloca em jogo nela.

**Palavras-chave:** Suicídio; Psicoterapia; Fenomenologia Hermenêutica

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga e Psicoterapeuta. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e doutora, pela

Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Unicap e coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (Laclifep/Unicap). E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

**Glaucia Fernanda Soares Cabral**

Graduada em Psicologia, pela faculdade Facid Wyden, especialista em Suicidologia, pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (Faeme) e mestranda em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), na linha de pesquisa em Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas. E-mail: [glauciananda@hotmail.com](mailto:glauciananda@hotmail.com)

### **3.2.11 PSICANÁLISE EXISTENCIAL E PRÁTICA CLÍNICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

Orientador: Fernando Gastal de Castro (UFRJ)

#### **3.2.11.1 PSICANÁLISE EXISTENCIAL E PRÁTICA CLÍNICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

**Fernando Gastal de Castro (UFRJ)**

Tem-se como objetivo dessa comunicação aportar contribuições teóricas e metodológicas da psicanálise existencial à prática clínica a partir do existencialismo e da fenomenologia de Jean-Paul Sartre. Em um primeiro momento, esboçaremos os contornos principais da psicanálise existencial em comparação com a perspectiva freudiana, focando nos conceitos de desejo, projeto, repressão e situação, sustentando a psicanálise existencial como uma clínica de situações. Em um momento seguinte, nos dedicamos à exposição de extratos de casos clínicos, com a finalidade de tornar mais concreta as contribuições metodológicas do método progressivo-regressivo, da reflexão purificadora e das noções de má-fé e recalque dentro de uma compreensão fenomenológica existencial. Por fim, buscaremos mostrar a pertinência de uma perspectiva metodológica que alcance o vivido singular, atravessado pelas múltiplas formas de violências do universo social produtoras de situações traumáticas e acontecimentos marcantes, bem como, as possibilidades de metamorfose do projeto existencial em seu processo de vir a ser. Pretendemos com essa comunicação, destacar os desafios à prática clínica de ocupar-se da dialética entre o universo social, no qual recrudesce formas de violência, e a singularidade do projeto existencial em luta contra suas determinações e desejoso por transformar-se.

**Palavras-chave:** psicanálise existencial, existencialismo, fenomenologia, método progressivo-regressivo

**Fernando Gastal de Castro**

Doutor em Psicologia, Professor Associado do Instituto de Psicologia, UFRJ. E-mail: [fernandogastal@gmail.com](mailto:fernandogastal@gmail.com)

### 3.2.11.2 A PSICANÁLISE EXISTENCIAL FACE À PSICANÁLISE FREUDIANA

André Resende (UFRJ)

A Psicanálise Existencial, desenvolvida por Jean-Paul Sartre, recusa o determinismo psíquico horizontal que contém a noção de que os atos humanos se limitam a si mesmos. Ao contrário, defende que a compreensão dos atos do *para-si* deve remeter a uma estrutura, ou a uma totalização mais ampla. Dessa forma, a Psicanálise Existencial de Sartre encontra pontos de similitude com a Psicanálise freudiana por negar a interpretação reducionista de uma ação segundo seu momento precedente. Porém, mesmo compartilhando do mesmo ponto de partida, a Psicanálise Existencial se afasta do determinismo libidinal presente na teoria freudiana onde o passado e os afetos infantis ganham protagonismo na definição do sentido da experiência do sujeito no presente. O descarte da ação do futuro sobre o presente na psicanálise de Freud é criticado pelo filósofo que, orientado pelas noções de *temporalidade* e *intencionalidade* da fenomenologia, reivindica uma inversão da psicanálise freudiana onde os atos humanos tornam-se compreensíveis sob a luz do futuro que totaliza o passado do sujeito e não são determinados pelas estruturas passadas inconscientes. Nesse sentido, Sartre encontra em Freud uma atitude *anti-fenomenológica* ao lançar mão de *a priori*s teóricos deterministas em detrimento da experiência concreta do Homem no mundo. Este trabalho objetiva definir os pontos de comunhão bem como os de rompimento entre a Psicanálise freudiana e a Psicanálise Existencial desenvolvida por Sartre; compreender os pressupostos fenomenológicos que basearam o filósofo francês nas suas críticas ao método analítico-regressivo adotado por Freud, bem como nortearam a elaboração de seu próprio método clínico. Para tal, buscaremos compreender a concepção da temporalidade para ambos os autores; o peso dado, em suas obras, a cada dimensão *ek-stática* (passado, presente e futuro) da existência humana, bem como suas formas de conceber o sujeito. Ao assumir o ponto de vista histórico e dialético, Sartre se esquia do mentalismo presente na psicanálise freudiana, concebe uma nova teoria das emoções; recusa-se a interpretar um mundo intrapsíquico do sujeito apartado do meio social, o que o leva a concepção do método progressivo-regressivo, mote para uma psicanálise existencial que busca recolocar a importância do mundo real. Abre a possibilidade de existência de um ego que não habita a consciência, mas é um *ser do mundo* na sua transcendência. Apesar de reconhecer que sua psicanálise ainda não encontrou seu Freud, Sartre defende seu método como requisito para a elaboração de uma psicologia clínica científica, resulta daí a importância de uma compreensão pormenorizada de seus pressupostos.

**Palavras-chave:** Psicanálise Existencial; J-P. Sartre; Freud; Psicanálise; Psicologia Clínica.

**André Resende**

Graduando em Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRJ.

### 3.2.11.3 RECALQUE E MÁ FÉ NA CLÍNICA EXISTENCIAL

**Melina Alvarez (UFRJ)**

Este trabalho tem como objetivo compreender o fenômeno do recalque da psicanálise freudiana a partir do conceito de má-fé presente no existencialismo de Jean Paul Sartre. Em conjunção com a investigação teórica dos conceitos fundamentais presentes na bibliografia, pretende-se também compreendê-los a partir da prática clínica, explorando casos em que este fenômeno se desvela. Desde suas obras iniciais, Sartre estabelece um diálogo profícuo com a psicanálise. Em sua obra de juventude, *Esboço Para Uma Teoria Das Emoções*, o autor adere à tese freudiana de que a realidade humana é afeto. Sartre também concorda com Freud sobre todo ato humano ser significativo. No entanto, afasta-se da psicanálise ao recusar a dimensão de um sujeito inconsciente de si mesmo produtor de sentido da vivência afetiva, como resultado da determinação inicial libidinal. Sartre rejeita o determinismo psíquico de que todo ato humano é produto de acontecimentos passados, que o estruturam e orientam o ato presente. O autor vai em direção a uma compreensão do sentido que é forjado a partir do movimento concreto de eleição de um futuro. Ontologicamente, o homem não se reduz a si mesmo, mas situa-se concretamente projetando-se de maneira indissociável às pessoas e às coisas, produzindo a significação de maneira única e singular. Ao definir o ser humano como ser desejante, Sartre se aproxima da tese freudiana, de que a realidade humana é falta e ao mesmo tempo movimento concreto no mundo em direção a sua supressão. No entanto, Sartre difere da concepção freudiana ao remeter o ser faltante a intencionalidade do desejo frente às necessidades concretas do ser no mundo, bem como ao quadro de escassez social-material que as atravessam. A falta freudiana resulta do recalque, definido como mecanismo de defesa que procura repelir ou manter no inconsciente representações ligadas a uma pulsão. A estrutura temporal do desejo em Freud é marcada pela intrínseca conexão de causalidade entre passado e presente. Afastando-se novamente, Sartre traz a repressão como fato social total, ou seja, como estrutura social alienante que viola o devir das múltiplas possibilidades humanas, desde a infância, e está na raiz dos projetos existenciais, ou seja, da eleição dos possíveis e de seus desvios. Finalmente, é possível estabelecer uma releitura do recalque freudiano a partir do conceito de má-fé na obra sartreana. Compreende-se a má-fé como atitude reflexiva pela qual o sujeito busca conscientemente ludibriar-se quanto às verdadeiras intenções de seus atos. Pode-se aferir a má-fé no fenômeno do recalque, compreendido como mecanismo apartado da consciência. Sustentar um mecanismo inconsciente como coisa externa a si mesmo e causador da repressão, como faz a psicanálise freudiana, resulta na renúncia à própria liberdade ontológica, isto é, como má-fé.

**Palavras-chave:** Psicanálise existencial, recalque e má-fé.

**Melina Alvarez**

Psicóloga, Instituto de UFRJ.

### 3.2.11.4 PSICANÁLISE EXISTENCIAL E MÉTODO PROGRESSIVO-REGRESSIVO

**Breno Braga (UFRJ)**

A partir da prática clínica orientada pela psicanálise existencial, nossa apresentação buscará estabelecer os aspectos metodológicos que lhes são concernentes, baseados no método progressivo-regressivo. Como sua nomenclatura já aponta, falamos aqui de um método com movimento duplo: uma dialética que se estabelece tanto na relação presente-futuro (movimento progressivo-sintético) quanto para a relação presente-passado (movimento analítico-regressivo). Dessa maneira, salientamos a necessidade de compreensão das interligações entre as dimensões temporais passado, presente e futuro como *caminho (hodos)* fundamental para revelar o vir a ser humano no mundo temporalizando-se e historicizando-se enquanto *projeto*. Trataremos, portanto, de desenvolver orientações metodológicas que visam alcançar a existência concreta se movimentando como *totalização em curso*, na qual tanto o passado desde a infância como o horizonte de possibilidades futuras tornam-se essenciais à compreensão do sentido do mal estar presente. No movimento regressivo destaca-se o princípio analítico do sujeito dentro de sua historicidade específica, própria as suas relações familiares, escolares, no âmbito das determinações do lugar e de seus arredores. Trata-se, nesse sentido, de apreender a existência atravessada por acontecimentos marcantes, experiências traumáticas, vivências de crise específicas de sua história singular, e que precisam ser unificadas umas às outras dentro de uma mesma totalidade histórica singular que constitui como elemento fático, seu modo de ser presente. Já o movimento progressivo, trata de apreender o sujeito realizando o ultrapassamento de seus acontecimentos marcantes, de suas experiências traumáticas e suas vivências de crise, as unificando em direção a um por-vir como movimento de transcendência de passado, no presente, em função àquilo que ainda não é. O método progressivo-regressivo é dialético pois visa integrar numa mesma totalização, os elementos de conservação (do passado) ao mesmo tempo que de criação (do por-vir) como centrais à compreensão do movimento vivo da existência singular dentro da História com seus conflitos e contradições. Faz-se então fundamental tanto o rigor analítico da experiência, dos traumas, das crises específicas do passado, como também a apreensão sintética unificante do passado no presente, em direção ao porvir. A partir dessas considerações podemos compreender o método progressivo-regressivo como movimento do universal ao singular e vice-versa, visto que busca articular a singularidade de cada experiência marcante vivida com a universalidade da totalização em curso na forma de um projeto existencial. A fim de ilustrar esse método e como ele se insere em nossa prática clínica, far-se-á a exposição de um extrato de um caso clínico, a partir do qual destacamos os princípios fenomenológicos presentes tanto no movimento analítico-regressivo quanto no movimento progressivo-sintético, de maneira a contribuir mais concretamente à construção de uma prática clínica orientada por tais princípios e discutir as possibilidades uma psicoterapia fenomenológica-existencial como clínica de situações.

**Palavras-chave:** método progressivo-regressivo; psicanálise existencial; psicoterapia; existencialismo; projeto existencial.

**Breno Braga**

Mestrando em Psicologia, PPGP, UFRJ.

### **3.2.12 SOBRE ESTRATÉGIAS DE PESQUISA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA NA PSICOLOGIA**

Orientadora: Elza Dutra (PPgPsi-UFRN)

#### **3.2.12.1 SOBRE ESTRATÉGIAS DE PESQUISA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA NA PSICOLOGIA**

**Elza Dutra (PPgPsi-UFRN)**

Os estudos apresentados nessa mesa abordarão pesquisas de doutorado desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Psicologia -PPgPsi/UFRN e no GESDH- Grupo de Estudo Subjetividade e Desenvolvimento Humano-UFRN/CNPq. As pesquisas referem-se aos temas ética, uso de *smartphone* e suicídio. As apresentações debruçam-se sobre as pesquisas, no que tange aos fundamentos teóricos/filosóficos e metodológicos que as embasam e ressaltam, principalmente, o percurso metodológico trilhado por cada pesquisadora. Espera-se que as reflexões advindas dos estudos apresentados possam contribuir com o debate e a produção de investigações científicas no âmbito da psicologia fenomenológica hermenêutica.

**Palavras-chave:** pesquisa fenomenológica; fenomenologia hermenêutica; psicologia fenomenológica; método fenomenológico.

#### **Elza Dutra**

Professora Titular de Psicologia Clínica Fenomenológica no PPgPsi-UFRN. Coordenadora do GT- Psicologia & Fenomenologia-ANPEPP e do GESDH- Grupo de Estudo Subjetividade e Desenvolvimento Humano-UFRN/CNPq.

### 3.2.12.2 TENTATIVA DE SUICÍDIO E SERIDÓ POTIGUAR: UM ESTUDO À LUZ DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo (UFRN)

O fenômeno do suicídio perpassa a história da humanidade e muitos foram os autores que se dedicaram a estudá-lo. O suicídio é um tabu e sua compreensão será sempre na perspectiva multidimensional, sem jamais se esvair o seu conteúdo. Se partirmos da origem etimológica da palavra suicídio, veremos que ela deriva do latim, *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar), sendo utilizada pela primeira vez em 1700. Só posteriormente, no século XIX, essa palavra foi incorporada pela comunidade científica, buscando-se explicações psiquiátricas e sociológicas para o tema. Pensando esse fenômeno no território norte-rio-grandense, observamos altos índices no município de Caicó, Região Seridó do Estado. Tal região compõe o semiárido nordestino, região desgastada pela exploração dos recursos naturais e pela seca. Apesar de tais características, apresenta um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado, evidenciando as lutas históricas da população por melhores condições de vida. O Seridó traz ainda em sua história e cultura características marcantes de religiosidade e lutas políticas. Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência da tentativa de suicídio na região do Seridó potiguar. Tal estudo configura-se como uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica, inspirada na ontologia heideggeriana. Foram entrevistados cinco sobreviventes da tentativa de suicídio, residentes no município de Caicó-RN. A análise do material compreendeu as narrativas dos colaboradores e as afetações da pesquisadora, por meio da interpretação fenomenológico-hermenêutica. Os resultados do estudo apresentaram os sentidos da experiência de desistir de viver em meio ao semiárido nordestino. Percebemos a presença da historicidade construindo sentidos para as pessoas que residem na região do Seridó potiguar. As interpretações das narrativas apresentaram relatos carregados de sentimentos de falta de sentido, medo de julgamentos sociais, conflitos amorosos, culpa e tristeza, dentre outros. Observamos nas narrativas que o suicídio ainda é um tema atravessado de muitos preconceitos sociais e que causam ainda mais sofrimento a quem sobrevive a uma tentativa. Por ser um tema tabu, as pessoas que pensam em cometer o ato encontram dificuldades em se expor, guardando para si a sua dor. Os relatos revelaram a influência de alguns aspectos sociais e culturais seridoenses nos modos de vivenciar o fenômeno do suicídio, aspectos esses que são fruto da história, crenças e tradições da região. Nas falas dos colaboradores deparamo-nos com o fenômeno do suicídio atravessado pela cultura do território seridoense: tradicionalismo, falta de abertura para as mudanças, terra marcada pela religiosidade, falta de espaços de escuta e de abertura para o sofrimento. Algumas vezes tais características apareceram como limites para novas possibilidades de ser, outras vezes como sentidos de vida. Esperamos que a aproximação existencial da condição ontológica vivida por essas pessoas, quando de suas tentativas suicidas, contribua com um novo olhar sobre o fenômeno do suicídio.

**Palavras-chave:** Tentativa de suicídio, Fenomenologia Hermenêutica Heideggeriana, Seridó Norte-rio-grandense; pesquisa fenomenológica.

**Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Psicologia pela mesma universidade. Doutoranda em Psicologia pela UFRN. Psicóloga clínica e membro do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano. E-mail: [iannyfelinto@hotmail.com](mailto:iannyfelinto@hotmail.com)



### 3.2.12.3 ÉTICA CONFIADA À EXISTÊNCIA: CONTRIBUTOS DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA PARA A PESQUISA EM PSICOLOGIA

Danielle de Gois Santos Caldeira (UFRN/UÉvora)

O presente trabalho expõe a construção de pesquisa em Psicologia inspirada na Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger. A ontologia heideggeriana e a prática clínica em Psicologia de fundamentação na Fenomenologia existencial suscitaram compreensões a respeito de aproximar ética e modos de ser. Deste modo, a pesquisa fomentou exercícios compreensivos que privilegiam a hermenêutica heideggeriana como horizonte de encontro para compreender ética a partir dos modos de abertura existencial expressivos de circularidade de sentido, envolvendo entes humanos e diversos existenciais. O tema da ética não foi abordado de forma distinta pelo filósofo Martin Heidegger, contudo é sabido sobre seu interesse por ressaltar a importância dos existenciais para além de unidades ou categorias, tal como faz-se notar em *Ser e tempo* e em *Seminários de Zollikon*. A partir de aproximações entre ética e existenciais construiu-se uma leitura reflexiva sobre ética, distanciando-a de naturalizações e sentenças universalistas. Neste sentido, esta pesquisa constitui-se desenvolvendo esforços a fim de deslocar a ética do modo restritivo como, na maior parte das vezes, acaba sendo referida enquanto código deontológico, a fim de aproximar-la cada vez mais do modo como lidamos com nossa condição humana de sermos *ser-para-a-morte*, na medida em que compreendemos nossas vivências. Os existenciais cuidado, liberdade e responsabilidade dinamizam o que denominamos nosso modo de sermos éticos como modo de sermos *ser-no-mundo*. O problema investigado propõe compreensões sobre ética, fomentando reflexões quanto à condição ontológica de *ser-no-mundo*, consoante Heidegger em *Ser e tempo*. Esta pesquisa objetivou compreender a ética, distinguindo-a de moral e desconstruindo o modo usual como ética é resumida, na Psicologia, ao Código de Ética. Aproximações entre ética e existenciais versam pelo confiar permanente na atualização dos nossos caminhos enquanto caminho ontológico. Ética é concebida constituída pelos existenciais cuidado, liberdade e responsabilidade. A pesquisa faz parte da modalidade de pesquisa teórica, de natureza original, exploratória e descritiva, cujo método de investigação se apoia na Fenomenologia Hermenêutica heideggeriana, no qual são demonstráveis possibilidades de leitura compreensiva, visando à articulação ética e clínica psicológica/psicoterapia, fundamentada na Fenomenologia Existencial heideggeriana, a fim de desvelar sentidos para a ética que dialoguem e sejam confiados aos nossos modos de ser. Os resultados encontrados sensibilizam para uma ética não restritiva ao usual como é considerada na clínica psicológica, justificada no Código de Ética, a fim de sustentar uma ética voltada aos modos como habitamos mundo e, a partir dos contributos de Heidegger para a clínica psicológica englobando a atividade psicoterapêutica, pela defesa da construção de pilares de ética como cuidado, liberdade e responsabilidade expressivos do existir humano. O modo como a pesquisa foi se erguendo aponta outros modos de refletir sobre a ética e contribui para nossa aproximação compreensiva do cotidiano. Esta pesquisa favorece questionamentos e mobilizações quanto aos modos de ampliarmos conhecimentos para a Psicologia na interface com a Filosofia, aproximando modos de existir e ética, a fim de podermos habitá-la e nos aproximarmos do pensar ontológico.

**Palavras-chave:** Ética; Martin Heidegger; Código de Ética; Clínica fenomenológico-existencial; Pesquisa em Psicologia.

**Danielle de Gois Santos Caldeira**

Psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil/Universidade de Évora/UÉvora/Portugal). Profissionalmente dedica-se à clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e à pesquisa em Psicologia na articulação Psicologia e Filosofia. E-mail: [danielledegois@gmail.com](mailto:danielledegois@gmail.com)

### 3.2.12.4 A RELAÇÃO DO *DASEIN* COM O *SMARTPHONE* SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA

Bianca Tokuo (UFPI/ UFRN)

A revolução digital, iniciada na década de 60 e consolidada na década de 90, trouxe grandes transformações nos modos do homem se perceber, se comunicar com os demais entes, de existir e habitar este mundo. Ter um smartphone é uma dessas grandes transformações. Os smartphones vêm adquirindo um significado importante para seus usuários por possibilitar um universo praticamente sem fronteiras à existência do *ser-aí*: socializar, trabalhar, se divertir, cuidar da saúde, dentre tantas outras possibilidades, o que desvela outras questões importantes, como ver e ser visto, ter sua existência confirmada, através das ações de seguidores, com curtidas, comentários e compartilhamentos de conteúdo nas redes sociais. Estudos recentes vêm apontando que, ainda que possa aproximar pessoas e encurtar distâncias, otimizar o tempo e facilitar a realização de tarefas cotidianas, em alguns casos, a depender dos modos de utilização dos smartphones e dos modos de ser de cada usuário, algumas pessoas podem experimentar desconforto, sofrimento, adoecimento e até tentar/ cometer suicídio. Segundo nosso levantamento bibliográfico, estas experiências podem estar tanto relacionadas ao uso excessivo do smartphone, como também, como alguns estudos começam a investigar, devido à impossibilidade de uso do mesmo. Neste cenário, quais seriam os impactos da impossibilidade de uso dos smartphones à existência do *dasein*? Por ser este fenômeno algo recente, resultado de nosso horizonte histórico, ainda há poucas pesquisas nacionais a esse respeito, e em se tratando de estudos científicos no campo da fenomenologia hermenêutica, até o momento não foram encontrados registros, o que justifica a relevância da realização desta pesquisa. Nosso objetivo com este estudo é compreender a experiência dos colaboradores diante da impossibilidade de uso do smartphone e seus impactos na existência do *Dasein*, a partir das ideias apresentadas por Heidegger em: “Ser e Tempo” e “A questão da técnica”. Para tanto, escutaremos, através de entrevistas narrativas, a experiência de usuários assíduos de smartphones, a respeito de como se sentem diante da possibilidade de ficarem por um determinado período de tempo sem utilizar seu smartphone e, paralelamente, dos impactos desta ausência em sua existência como um todo, nesta trama de significados e sentidos que é o existir sem o seu celular. Este é um estudo de inspiração na fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Contaremos com oito colaboradores, homens e mulheres, maiores de idade, jovens e adultos, usuários assíduos de smartphone, e que se interessem em participar do estudo, compartilhando suas experiências a respeito do tema estudado. O número de colaboradores poderá variar ao longo da realização da pesquisa, partindo-se do critério de saturação teórica. A interpretação dos resultados se dará através da circularidade hermenêutica heideggeriana, partindo-se do pressuposto que a interpretação se inicia desde o gestar do estudo, até os momentos posteriores da entrevista com os colaboradores e interpretação das narrativas, em um movimento circular, considerando sempre as afetações do pesquisador ao longo do processo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Era da Técnica; fenomenologia-hermenêutica; *Smartphones*, Internet, dispositivos móveis; pesquisa fenomenológica.

**Bianca Tokuo**

Psicoterapeuta, Professora Efetiva do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí, Título de Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial e Título de mestrado,

ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Pernambuco, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### **3.2.13 TEMAS EM SUICÍDIO À LUZ DA FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA**

Orientadora: Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

#### **3.2.13.1 TESTEMUNHAS DE UM SUICÍDIO: UM ESTUDO COM PESCADORES NAS IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO**

**Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)**

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados do projeto de pesquisa “Testemunhas de um suicídio: um estudo com pescadores nas imediações da Ponte Newton Navarro”. Esta é uma pesquisa fenomenológica-hermenêutica de inspiração heideggeriana, a qual objetiva compreender o sentido da experiência de pescadores com atuação na Redinha, praia localizada em um dos lados da Ponte Newton Navarro, localizada em Natal-RN, em sua relação com os suicídios ali ocorridos. Para isso, foram ouvidos quatro pescadores que atuam nesta localidade, a qual, desde a sua inauguração, registra suicídios e tentativas de autoextermínio. A interpretação se deu a partir da leitura das narrativas e destaque de temas de sentido compostos por partes dos depoimentos e significados tecidos em toda a entrevista. As noções heideggerianas de angústia, impessoalidade, habitar e ser-para-a-morte nortearam as reflexões aqui desenvolvidas, tendo em vista o desvelamento da experiência vivida. A partir das compreensões das narrativas, desvelaram-se quatro temas: o testemunho do suicídio e seus aspectos legais; o suicídio e seus números; o ocultar vivências para poder-seguir-viver; as significações da morte por suicídio. O contato com os corpos localizados no mar evoca a finitude dos pescadores, convocando-os a refletir sobre os sentidos do desejo de morrer de alguém. Compreensões sobre o tema cercam as narrativas dos pescadores, que se veem afetados por essa realidade. Para alguns, é algo a ter de se acostumar, e impessoalmente, seguir a desenvolver o seu ofício. Enquanto para outros, a presença dos corpos por suicídio, é algo a ser esquecido. Percebemos que por mais natural que parecia ser a localização e retirada dos corpos de suicidas, as lembranças desse testemunho encontram-se em seus imaginários. Os corpos são deixados à margem, e os pescadores se refugiam no mar, afastando-se da angústia de serem parte do cenário de uma morte. Além disso, os suicídios cometidos na ponte, subnotificados, são registrados pelos pescadores numa contagem pessoal, num reconhecimento de uma realidade tão próxima às suas experiências. Para eles, o suicídio existe, é visível, cotidiano e recorrente. Esta pesquisa desvela o quanto o fenômeno do suicídio impacta aqueles envolvidos em seu cenário, muito além dos familiares e conhecidos da vítima.

**Palavras-chave:** Suicídio, Ponte, Pescadores, Fenomenologia.

#### **Ana Karina Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

### **3.2.13.2 ESTUDO COM COMERCIANTES NAS IMEDIAÇÕES DA PONTE NEWTON NAVARRO**

**Amanda Melo Queiroz da Costa (UFRN)**

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

Este trabalho tem como objetivo compreender a experiência de comerciantes, que trabalham nos arredores da Ponte Newton Navarro, de serem testemunhas de suicídios ocorridos no local. O presente estudo se configura como uma pesquisa fenomenológica de inspiração heideggeriana, a qual utilizou como instrumento de pesquisa a narrativa de quatro comerciantes que atuam no mercado da Redinha, comércio situado abaixo da Ponte Newton Navarro, localizada em Natal-RN. Para tanto, partimos de uma pergunta disparadora: “Como é para você conviver com os suicídios acontecidos na Ponte Newton Navarro?”. A interpretação se deu pela leitura das narrativas e destaque de núcleos significativos compostos por partes dos depoimentos e significados tecidos em toda a entrevista. As noções heideggerianas de ser-aí, angústia, afinação, impessoalidade e ser-para-a-morte nortearam as reflexões desenvolvidas, tendo em vista o desvelamento da experiência vivida. Foram constituídos 5 núcleos de significado: A afinação e cadência sobre o som do suicídio; O ser testemunha de um suicídio: sobre ver e olhar a cena; Compreensões sobre o suicídio; O “espetáculo” da finitude na ponte e; A ponte como caminho para o poder-morrer. As compreensões produzidas se deram à luz de teóricos estudiosos da temática do suicídio e da ontologia heideggeriana. Por fim, o estudo conclui que a ocorrência de suicídios mudou a forma com que os comerciantes se relacionam com a ponte, passando esta a evocar o poder-morrer como possibilidade existencial para eles. Assim, mesmo se afastando de testemunharem um suicídio, este faz barulho, e convoca-os a tornar-se parte daquele momento, desvelando a condição existencial de ser-para-a-morte. As narrativas permitiram compreender que o suicídio tem som, e seu barulho ecoa até mesmo quando ele não é visto. Para eles, o suicídio convoca significações como: dor, a própria fé, a força de viver, o sentido da vida. Sugerimos a importância de um espaço de acolhida, escuta e cuidado para essas testemunhas, tendo em vista a invisibilidade e o silenciamento deste fenômeno na cotidianidade dessas pessoas, não havendo espaço para tematizar a angústia suscitada pelo ser testemunha de um suicídio.

**Palavras-chave:** Testemunha, Suicídio, Ponte, Fenomenologia-hermenêutica, Heidegger

#### **Amanda Melo**

Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Iniciação Científica do Projeto de pesquisa Testemunhas de um suicídio: um estudo com comerciantes nas imediações da Ponte Newton Navarro, sob coordenação da Profa. Dra Ana Karina Azevedo (2017-2018). Membro do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH. E-mail: [amanda.melo98@hotmail.com](mailto:amanda.melo98@hotmail.com)

#### **Ana Karina Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

### 3.2.13.3 REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA IDEIAÇÃO SUICIDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA INFÂNCIA

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

**Manuella Bila de Melo (UFRN)**

O suicídio – ato de pôr fim à própria vida – vem em crescimento estatístico nos últimos anos, de acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde. Dentre as faixas etárias que tem apresentado um maior crescimento, há um destaque para o suicídio entre crianças e adolescentes, que teria aumentado 40% na faixa etária dos 10 aos 14 anos e que, de acordo com os dados divulgados pelo Datasus em seu último boletim epidemiológico divulgado (2018), verificou-se números significativos de lesões autoprovocadas entre crianças e adolescentes. Contudo, ao realizar um levantamento bibliográfico na base de dados SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*) no início do segundo semestre de 2020, utilizando os descritores “suicidio AND infância”, foi encontrado 162 artigos, dos quais apenas 19 preencheram os critérios de elegibilidade, desses, porém, nenhum trazia estudos qualitativos e/ou que se propusessem a compreender a experiência do suicídio infantil a partir dos seus viventes: as crianças. Alguns autores apontam que a escassez de pesquisas nessa temática teria relação com a dificuldade que a sociedade possui em reconhecer o sofrimento na infância, uma vez que há uma crença de que essa faixa etária seria marcada por sonhos e alegrias e, por isso, isenta de dores existenciais, além disso, a baixa letalidade dos meios utilizados também seria responsável pela dificuldade na identificação da intenção suicida no ato da criança. Compreende-se que o sofrimento faz parte da existência, mas que a morte autoinfligida sinaliza um sofrimento que se tornou insuportável, que fala de um modo de estar no mundo que tem sido adoecedor e que não necessariamente está atrelado a um transtorno mental. Assim, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo tecer reflexões à luz da fenomenologia existencial proposta pelo filósofo Martin Heidegger sobre o fenômeno da morte autoprovocada na infância. Pela convocação feita pelo filósofo de que para compreender os fenômenos é necessário “retornar às coisas mesmas”, este se trata de um estudo heideggeriano. Compreende, pois, que apesar da tentativa que há na sociedade em distanciar as crianças das discussões em torno da finitude da existência, pelo caráter ontológico de ser-para-a-morte, não é possível fazer essa separação. Sabe-se também que a forma como o suicídio será socialmente compreendido tem relação com a cultura e o contexto histórico da época, assim, é válido destacar que o século XXI tem sido marcado pelo surgimento dessa temática entre o público infanto juvenil por meio do aparecimento da série *Thirteen Reasons Why* (2017) e de desafios como a Baleia Azul (2017) e a Boneca Momo (2019), que, apesar de terem trazido desdobramentos negativos, despertaram discussões importantes sobre a morte e retomaram a importância de espaços onde seja possível falar sobre essa dor e, assim, buscar caminhos de prevenção, em consonância a isso, este trabalho lançará luz ao fenômeno da morte autoprovocada de modo a ampliar suas possibilidades de compreensão e intervenção.

**Palavras chave:** Infância; Suicídio; Sofrimento; Fenomenologia-existencial; Heidegger.

#### **Ana Karina Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade

e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

**Manuella Bila de Melo**

Possui formação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2019). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - (PPgPsi - UFRN), psicóloga clínica e participante/pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN). E-mail: [psi.manuellabila@gmail.com](mailto:psi.manuellabila@gmail.com)



### **3.2.13.4 TENTATIVA DE SUICÍDIO ENTRE JOVENS LGBTI+, UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA**

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

**Maria Vanessa Moraes da Silva (UFRN)**

Este trabalho trata-se da caminhada, que ainda vem sendo trilhada, de uma pesquisa de mestrado em psicologia. Questiona-se nesse estudo os sentidos atribuídos à tentativa de suicídio para um jovem LGBTI+, que segundo a Organização Mundial da Saúde é considerado como população vulnerável para o risco de suicídio. A literatura também aponta que esses jovens tem cinco vezes mais chances de tentar suicídio. Embora existam estimativas sobre os dados de suicídio dessa população, eles são extremamente subnotificados e inexistentes no Brasil. O Estado brasileiro não produz dados sobre essa população, nem tampouco sobre seus suicídios e sofrimentos. É uma comunidade invisibilizada na vida e na morte, criminalizada e exterminada, que sofre e morre anonimamente como não-existent. Experienciam cotidianamente o preconceito, a discriminação e a violência. Assim, ao nos inclinarmos sobre o fenômeno da tentativa de suicídio entre jovens LGBTI+ não deixaremos de considerar que ele está inscrito e relacionado ao mundo em que se lança e se descobre os sentidos de ser um jovem LGBTI+, se constituindo sempre enquanto ser-no-mundo nas relações com os outros. É importante sinalizar que a pesquisa está em construção e essas reflexões estão sendo tecidas teoricamente no primeiro e segundo capítulos da dissertação que estão sendo trabalhados no momento atual. Para tanto discutiremos sobre o sofrimento de jovens LGBTI+ e o suicídio a partir da perspectiva fenomenológico-existencial norteada pela ontologia hermenêutica do filósofo Martin Heidegger. Esse filósofo retoma a questão do sentido do Ser, do homem enquanto ser-no-mundo, outrora esquecida pela filosofia e pela metafísica. Questiona quem e como é esse homem, como se constitui no mundo e proporciona uma reflexão sobre as condições fundamentais e estruturais da existência, trazendo algumas noções, como: historicidade, temporalidade, ser-no-mundo, habitar, corporeidade e ser-para-a-morte, que serão basilares na análise e discussão da pesquisa. O encontro com as narrativas dos participantes se dará por meio de entrevistas abertas, nesse sentido acreditamos aquele que narra sua experiência não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida, é sobretudo, uma forma de existir com-o-outro, nesse encontro potente: narrador-pesquisador. O método está sendo delineado com o intuito que ele seja inspirado na circularidade hermenêutica de Heidegger, que propicia uma perspectiva de desencobrimento de sentidos por meio de existenciais fundamentais: disposição afetiva, linguagem e compreensão. Pretendemos construir uma interpretação hermenêutica da existência humana, ou seja, buscar o desvelamento do ser que se manifesta na linguagem e que se encontra imerso na cotidianidade da sua existência e se revela na relação com o outro. Diante disso, pensamos que essa pesquisa pode favorecer uma reflexão sobre a saúde mental, sofrimento, suicídio e a existência de jovens LGBTI+, salientando que o que encontramos na literatura e refletimos teoricamente até aqui aponta na direção que: a comunidade LGBTI+ habita um sofrimento sem lugar, uma violência estrutural e uma invisibilidade doída, que padecem nos armários abaçanados da existência. É preciso, então, que se aumente a discussão e visibilize o sofrimento existencial de jovens LGBTI+ que estão tentando tirar suas próprias vidas.

**Palavras-chave:** Suicídio; LGBTI+; Fenomenologia-existencial; Heidegger.

**Maria Vanessa Moraes da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - (PPgPsi - UFRN). Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2019). Participante/pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN/CNPq). Bolsista de mestrado CNPq. E-mail: [vanessamoraes21@gmail.com](mailto:vanessamoraes21@gmail.com)

**Ana Karina Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

## **4   SESSÕES COORDENADAS**

#### **4.1 INTERLOCUÇÕES DA PSICOLOGIA COM A FILOSOFIA**

#### 4.1.1 A CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO: UMA PERSPECTIVA SARTREANA

**Larissa Jovana Morais de Oliveira (UFPE)**

Nalyson Almeida Rodrigues (UFPE)

O gênero pode ser compreendido enquanto uma imposição social de divisão dos sexos. Caracteriza-se como uma categoria de análise cultural, histórica e política, pois é nas relações sociais de sexualidade que são produzidos os componentes dos sistemas de sexo/gênero. Além disso, o gênero se expressa nas relações de poder em conexão com outras categorias (etnia, raça, classe). Sendo produzida pela cultura, estas representações de gênero são revisadas constantemente pela memória cultural coletiva, indicando as formas que o corpo é usado discursivamente. Esta leitura cultural, sustenta as representações identitárias em análises ideológicas multifatoriais, caracterizando-as como antagônicas, múltiplas, provisórias e não uniformes. Neste sentido, a nossa discussão será ancorada nos pressupostos existencialistas Sartreanos, o qual pressupõe que o ser humano é concebido como alguém em processo eterno de construção e (re)significação de sua vivência do/no mundo, de si e com os outros. Segundo essa concepção, o pensamento moderno reduziu o existente às aparições que o manifestam, agregando concretude intelectual ao *cogito* cartesiano. Isso significa dizer que, o dualismo sujeito-objeto dá lugar ao *fenômeno*. Enquanto fenômeno, o gênero não se caracteriza como o simples desempenho de papéis socialmente impostos, circunscrevendo-se a uma exterioridade biológica superficial, que repete de forma naturalizada atos performáticos fantásticamente opostos. Tampouco, se configura como uma realidade interiormente inalcançável do indivíduo, que pode ser pressentida ou suposta apenas. Ele é a manifestação do existente enquanto aparição – a utilização discursiva do corpo. Ou seja, o gênero é aquilo do existente que *aparece*: ele é justamente aquilo que se mostra, pois, a realidade está na aparência; e é nesta forma de experimentar o mundo (manifestação da aparência) que ele guia suas ações. Neste sentido, o gênero - enquanto fenômeno, é um relativo-absoluto: relativo, pois “aparecer” implica alguém “a quem se aparece”; e absoluto, porque a aparência é a realidade completa do existente. Desta forma, o fenômeno é absolutamente indicativo de si mesmo: o que o fenômeno é, o é absolutamente na aparição, revelando-se como é na aparição. Nesta perspectiva, o ser do fenômeno está em ato: só é na aparição, pois é ela que manifesta o existente. Assim, o gênero (como fenômeno) é possível de descrição, pois é esta descrição que dirá do ser de maneira ontológica (enquanto objetividade do fenômeno). Assim, o Gênero é aquilo do existente que aparece e enquanto aparição realiza a existência dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Gênero; Fenômeno; Aparência.

**Larissa Jovana Morais de Oliveira**

Psicóloga (CRP – 02/18741); Especialista em psicologia clínica e hospitalar (IMIP); Mestranda e Integrante do Laboratório de estudos da imaginação – Eikasias, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva (UFPE); Docente (Liame estudos em psicologia); Docente (UNINASSAU); Psicoterapeuta com formação na Abordagem Centrada na Pessoa (Espaço Graças); Supervisora clínica; Palestrante. E-mail: [larissajovana10@gmail.com](mailto:larissajovana10@gmail.com)

**Nalyson Almeida Rodrigues**

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Pós-graduando em Neuroeducação (UNINASSAU); Mestrando e Integrante do Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental (NEC), do Programa de Pós-graduação em Psicologia

Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Pesquisador e Palestrante das áreas de Neurociências e Processos Cognitivos. E-mail: [nalyson.rodrigues@ufpe.br](mailto:nalyson.rodrigues@ufpe.br)

#### **4.1.2 A ÉTICA EM SARTRE: LIBERDADE COMO FUNDAMENTAÇÃO DOS VALORES**

**Luis Henrique Sobreira Maciel (IHP)**

A ética é um tema de grande relevância para o ser humano e vem sendo discutida desde a antiguidade no mundo ocidental. Na contemporaneidade, vivemos um período marcado por uma grande crise ética, na qual diversos valores morais se chocam no cenário social e político. Perante esta realidade, um questionamento importante é de como podemos fundamentar os valores morais para poder nos guiar diante do desafio que é viver no mundo contemporâneo. Diante deste questionamento, encontramos no filósofo Jean-Paul Sartre uma ontologia e uma antropologia capazes de contribuir para a compreensão de como o ser humano pode fundamentar seus valores. O objetivo deste trabalho consiste em explicitar a dinâmica da liberdade humana presente na obra de Sartre e, a partir disso, compreender como a mesma se relaciona com os valores morais, tentando delinear também uma ética a partir de Sartre. Para a realização deste trabalho utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica da obra de Sartre e de alguns comentadores. Como resultado, encontramos que, a partir da ontologia de Sartre, o homem é descrito como um ser-para-si que tem como definição básica a liberdade. Esta condição de homem livre é uma condenação, pois coloca o homem em uma situação na qual não pode se privar de decidir e se inventar, visto não ter uma natureza ou uma essência na qual se basear. É por meio da assunção desta condição como livre que o homem pode ser capaz de fundamentar seus valores em sua liberdade e, a partir disso, realizá-los por meio de um projeto de ser. Este projeto, apesar de individual, carrega consigo uma escolha para a coletividade, pois ao se escolher, o homem escolhe também um modelo de homem a ser seguido pelos outros. Dessa forma, a ação ética consiste em um ato livre no qual o homem se engaja em um compromisso histórico, escolhendo não apenas para si, mas para toda humanidade. A partir dos resultados, concluímos que a atual crise ética, em que uma multiplicidade de valores se chocam em nosso meio sociocultural é fruto das diversas formas dos homens se inventarem para lidar com as situações concretas que enfrentam. No entanto, cabe ao próprio homem, de forma individual e coletiva, a tarefa de enfrentar a questão ética e definir para si quais valores são mais satisfatórios, pois mesmo que não se envolva nesta questão, optando por seguir os valores previamente definidos, estará fazendo uma escolha.

**Palavras-chave:** ética; liberdade humana; valores; existencialismo

#### **Luis Henrique Sobreira Maciel**

Psicólogo (UFMG), Especialista em Psicologia Clínica: Existencial e Gestáltica (FEAD), Especialista em Filosofia (Estácio de Sá), Professor do Curso de Formação de Psicoterapeutas do Instituto Humanista de Psicoterapia de Minas Gerais (IHP), Professor da Pós-Graduação Lato-Sensu Psicopatologia, Fenomenologia e Saúde Mental da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG). E-mail: [luishsmaciel@gmail.com](mailto:luishsmaciel@gmail.com)

#### **4.1.3 ATELIE DE DESENHO DE LIVRE-EXPRESSÃO E SUICÍDIO: REFLEXÃO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DA VIDA**

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (IPUSP)

**Erika Rodrigues Colombo (IPUSP)**

Apresentaremos uma intervenção com estudantes de Universidade pública, utilizando a modalidade terapêutica em grupo denominada Ateliê de Desenho de Livre-Expressão. Tal técnica foi desenvolvida na França, por Michel Ternoy, em seu doutorado referente a 20 anos de trabalho com pacientes psiquiátricos, a partir do método fenômeno-estrutural de Minkowski. A partir dessa experiência, o Ateliê de Desenho vem sendo desenvolvido no Brasil, desde 1999, na UNIFESP, no atendimento a pacientes psiquiátricos adultos e, na USP, com crianças em vulnerabilidade social. Em 2019, iniciou-se uma pesquisa de doutorado, a partir da implementação do Ateliê de Desenho no atendimento a estudantes universitários que apresentaram tentativas ou ideias suicidas e procuram auxílio no Escritório de Saúde Mental (ESM) da Universidade de São Paulo (USP). Tal projeto foi iniciado a partir de encontros presenciais que totalizaram 8 sessões, com 10 participantes, divididos em duas turmas (sendo 4 encontros para cada turma). Devido a pandemia COVID-19, as atividades presenciais do Ateliê foram suspensas em 2020, tendo sido reiniciadas de forma on-line, desde setembro. Neste trabalho, analisaremos os desenhos de uma participante que apresentava ideias e tentativas de suicídio e esteve presente em todas as sessões presenciais de 2019. Teceremos reflexões, à luz da fenomenologia da vida de Michel Henry, sobre como se manifestam as possibilidades de cuidado no atendimento do Ateliê, a partir da expressão da afetividade e da potencialidade de modalização do sofrimento em fruição da vida. A teoria de Henry toma a questão da afetividade como central para a constituição do indivíduo, na medida em que sofrer é provar-se a si mesmo, é sentir-se afetado pela vida. A fenomenologia da vida é uma fenomenalidade pura do afeto, a partir da qual podemos pensar a fenomenalidade da vida que se dá como afeto no mundo, de forma que cada indivíduo experimenta a si mesmo, experimenta a própria vida – se auto-afeta e é afetado por ela em comunidade. Por outro lado, podemos pensar a questão do suicídio a partir do conceito de violência, que permeia toda a obra de Michel Henry, que toma a violência como fruto da passagem do poder da vida que se quer viver e que, no insuportável desse querer, passa de qualquer modo à ação, a uma qualquer forma de ação. E essa forma de ação qualquer pode ser tanto uma ação criativa e promotora de vida, quanto uma ação destrutiva – destrutiva do outro, pelo homicídio; ou destrutiva do próprio ser, pelo suicídio. Mas enquanto fenômeno originário da vida, a violência apresenta em si mesma a possibilidade de uma mobilização originária em fruir. A partir da noção de sofrer e fruir originários, a modalização do sofrimento, que ocorre a cada encontro do Ateliê, se estabelece como um fazer clínico alinhado ao registro ontológico da vida em sua autoafecção. O Ateliê possibilita vivenciar o afeto do outro como potencial de nossas próprias possibilidades – ao invés de o vivenciarmos como experiência de violência, angústia e desespero – mobilizando a relação dialética afetiva, pela qual se pode passar do sofrimento insuportável à fruição originária.

**Palavras-chave:** Fenomenologia da Vida; Michel Henry; Ateliê de Desenho de Livre-Expressão; Suicídio.

**Andrés Eduardo Aguirre Antúnez**

Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Coordenador do Escritório de Saúde Mental da PRG USP. Membro



do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos, da ANPEPP. Cooordenador do Núcleo de Pesquisa e Laboratório Prosopeia e Líder do Círculo Fenomenológico da Vida e da Clínica da USP.

E-mail: [antunez@usp.br](mailto:antunez@usp.br)

**Erika Rodrigues Colombo**

Doutoranda e Mestra em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Membro do Núcleo de Pesquisa e Laboratório Prosopeia, do Grupo de Pesquisa Internacional Círculo Fenomenológico da Vida e da Clínica, da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE) e do Grupo de Trabalho Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos, da ANPEPP. Colaboradora do Escritório de Saúde Mental da USP.

E-mail: [erika.colombo@usp.br](mailto:erika.colombo@usp.br)

**Financiamento**

Bolsa de Doutorado (Processo FAPESP nº 2019/ 02999-1), Projeto Regular (Processo FAPESP nº 2018/19520-8) e Projeto de Produtividade em Pesquisa (Processo CNPq nº 302417/2018-4).

#### **4.1.4 DISSIDENZ: ABSURDO E REVOLTA PARA UMA PRÁXIS ÉTICO-POLÍTICA DA PSICOLOGIA EM TEMPOS SOMBRIOS**

**André Guerra (UFRGS)**

Pedrinho Guareschi

Trata-se do resultado de uma pesquisa de mestrado em Psicologia Social, apresentada como ensaio teórico, que buscou nas contribuições do literato e filósofo argelino Albert Camus problematizar a dimensão ético-política da psicologia desde a perspectiva da Filosofia do Absurdo. O interesse nessa filosofia e nas contribuições desse filósofo em particular derivou do fato de que a atual profusão de informações, bem como a velocidade com que elas transitam em uma sociedade marcada pela racionalidade técnica, contribuiu para emergência daquilo que se poderia chamar de uma “Era Pós-verdade”, contexto no qual a performatividade narrativa e retórica sobrepuseram-se às pretensões fundantes da racionalidade moderna alicerçada nos princípios de certeza e da exatidão. Diante de tal conjuntura, constatamos que o enfrentamento puramente intelectual dos problemas ético-políticos característicos da contemporaneidade tem sido cada vez mais estéril e impotente para dar conta do desafio do viver em comum. Somado a isso, em uma sociabilidade e subjetivação marcadas pelos atravessamentos da racionalidade neoliberal e pós-democrática, o problema existencial adquire contornos e contrastes macadamamente derivados de aspectos psicossociais implicados na constituição dos sujeitos como meros objetos dispostos e disponíveis à dinâmica da circulação mercantil. Em tal situação-limite, as possibilidades de retrocesso e avanço se anunciam como potencialidades ligeiramente equivalentes, embora sejam inconciliáveis e apontem para direções antagônicas. O que resulta desse cenário dramático é a possibilidade de o papel da psicologia ser repensado como uma ciência, profissão e práxis ético-política, isto é, como uma atividade em que a radicalidade da ocupação ética emerge como uma especificidade de seu saber-fazer singular. Frente às exigências anunciadas por essa possibilidade de reperspectivação ontoepistemológica da práxis ético-política da psicologia, as contribuições de Albert Camus oferecem um referencial que permite estabelecer uma condição paradoxal e dialética como o fundamento sem fundo a partir do qual as práticas psi podem ser materializadas. Dito de outro modo, ao invés da persistência moderna no esforço por salvaguardar fundamentos transcendentais perdidos, a radicalidade das noções camuseanas de Absurdo e Revolta permitem elaborar uma discussão em torno dos pressupostos que articulam de modo indissociável as dimensões ética e política desde uma perspectiva existencial, isto é, efetuando uma politização da ética e uma eticização da política. Por fim, como resultado deste trabalho, vale destacar a elaboração da noção de Dissidenz, cujo efeito teórico deriva da articulação e perspectivação existencial dos sentidos de Dissidência - derivado da noção de dissenso apresentado por Jacques Rancière - e Existenz - definido por Hannah Arendt como sendo o ser do ente que nós somos, independentemente das qualidades e capacidades passíveis de serem psicologicamente investigadas. Tal justaposição sugere a possibilidade de uma fundamentação crítica de uma práxis ético-política possível – ou necessária – para uma psicologia que precisa se situar e se comprometer no enfrentamento e superação dos tempos sombrios que atravessamos, sem que para isso seja necessário recorrer à instituição de identidades ou posições essencializadas que obstaculizem a abertura radical constitutiva do movimento crítico e reflexivo do pensamento, sempre aberto e renovado pelos encontros com a alteridade, com o diferente e com o estrangeiro.

**Palavras-chave:** Albert Camus; Filosofia do Absurdo; Ética; Política; Dissidência.

**André Guerra**

Psicólogo, Doutor e Mestre em Psicologia Social e Institucional. Coursou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e atualmente é graduando em Direito. É responsável pelo Serviço de Psicologia do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região. CAPES.

E-mail: [guerra.andreguerra@gmail.com](mailto:guerra.andreguerra@gmail.com)

**Pedrinho Guareschi**

Pós-doutor em Ciências Sociais na Universidade de Wisconsin (1991); Pós-doutor em Ciências Sociais na Universidade de Cambridge (2002). E-mail: [pgg Guareschi@gmail.com](mailto:pgg Guareschi@gmail.com)

#### 4.1.5 ESQUECIMENTO EM NIETZSCHE: REPENSANDO A NOÇÃO DE TRAUMA PSÍQUICO

**Flávio Breno Cruz Formigosa (UERJ)**

No âmbito das neurociências e da psiquiatria moderna são as bases bioquímicas e psicodinâmicas que estabelecem o conceito de memória como instância mental e faculdade cognitiva. Em analogia ao referencial computacional, a memória é entendida como processo assimilador da acumulação, retenção e evocação de informações. Uma vez inserida no domínio das ciências biológicas, sua caracterização se constitui orientada em parâmetros adaptacionistas, de modo que a lembrança tipifica a boa memória, e o esquecimento a degenerescência, psicopatologia, incapacidade ou obstrução da consciência. Em oposição à essa perspectiva, o pensador alemão Friedrich Nietzsche procura trazer a compreensão do esquecimento para sua dinâmica existencial, subvertendo os preceitos epistemológicos das ciências modernas ao observar na noção de esquecimento o modo de apreensão humano com sua temporalidade e inescapável finitude. Em Nietzsche, temos uma chave interpretativa bastante interessante que parece contrapor, naquilo que descreve como esquecimento, à noção de trauma psíquico, noção esta que alicerça o diagnóstico psiquiátrico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Diante do que acaba de ser exposto, a apresentação demonstrará a construção do conceito de TEPT, para investigar de que modo a filosofia nietzschiana, no que tange à problematização do conceito de trauma psíquico e a discussão sobre esquecimento e temporalidade, pode contribuir para a clínica psicoterápica de bases fenomenológicas existenciais. Entender esquecimento através de Nietzsche convoca a revisão das premissas existente no diagnóstico de TEPT. O pensador alemão ao decorrer de suas obras procura suspender a primazia dos grandes sistemas de pensamento, que a seu ver, engendram parâmetros absolutos e heterogêneos de verdade, assim sendo, sua crítica à cultura perpassa pelo seu projeto de transvaloração de todos os valores, isto é, o valor dos valores que estipulam a ética, a estética, ao saudável e o real precisam ser reavaliados em suas bases. A ideia de Eu, alma, sujeito, interioridade, corpo e vida ganham nesse autor um olhar alternativo, que busca distanciar-se de toda transcendência metafísica, que segundo Nietzsche, cristaliza os possíveis modos de ser da criatura homem. De acordo com a filosofia nietzschiana esquecimento seria, portanto, a possibilidade de atribuir novo sentido até mesmo naquilo que se repete, sugerindo assim, que no âmbito da experiência, toda acontecimento é particular. Qualquer perspectiva que reduza a memória a um processo de apreensão linear e causal das experiências, como o faz o TEPT, desconsidera que existência é indeterminação. Diante da biologia, da psicologia, da informática e da psiquiatria que enaltecem o lembrar, Nietzsche destaca que o não esquecimento em excesso pode se atrelar ao ressentimento. Por esse motivo, uma das grandes contribuições de Nietzsche para a psicoterapia fenomenológica existencial é analisar os processos mnemônicos não mais em parâmetros lineares psicologizantes, mas sim em sua dinâmica extemporânea, ou seja, na descontinuidade e polissemia que a existência se mostra.

**Palavras-chave:** Esquecimento; Temporalidade; Friedrich Nietzsche; Trauma psíquico; Psicologia Clínica.

**Flávio Breno Cruz Formigosa**

Psicoterapeuta (CRP - 05/60818). Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial. Psicólogo pela UERJ. E-mail: [brenocruz.uerj@outlook.com](mailto:brenocruz.uerj@outlook.com)

#### **4.1.6 O “PRINCÍPIO DO PARADOXO” NA PSICOLOGIA EXISTENCIAL-HUMANISTA DE SCHNEIDER: CONTRIBUIÇÕES DE SØREN KIERKEGAARD**

**Carlos Campelo da Silva (UNIMEP)**

Esse trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de “Princípio do Paradoxo” na Psicologia Existencial-Humanista de Kirk Schneider e a influência do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) no desenvolvimento do conceito. Para tanto, nossa análise se concentrará na obra *O eu paradoxal* (1993) debut do psicólogo norte americano, onde aparece pela primeira vez o conceito de princípio do paradoxo na psicologia. Nessa obra o autor afirma que a mente humana é um continuum construtivo/expansivo, no qual apenas alguns aspectos são conscientes. Para Schneider, é o medo de um desses polos, que constitui o eu, que leva o indivíduo a disfunção, ao extremismo e a polarização. Entretanto, Schneider não é o primeiro a apontar que a não integração dos polos opostos que constitui a existência humana é causa de adoecimento. O primeiro a perceber isso, foi Kierkegaard, o filósofo descreveu o “eu” como uma “síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade” e a perda em um dos polos dessa síntese, o filósofo denominou de desespero. O desespero pode personificar-se de diversas formas: o desespero do infinito como carência de finito, o desespero do finito como carência do infinito, o desespero do possível como carência de necessidade ou o desespero da necessidade como carência do possível. Essa extensa análise do caráter humano efetuada por Kierkegaard na obra *A doença mortal* (1849) é considerada por Schneider como uma antecipação ao modelo de psicologia no qual ele está inserido, isto é, a perspectiva existencial. Entretanto, embora o psicólogo norte americano seja devedor de Kierkegaard no que tange a perspectiva existencial e, mais ainda por inspirar-se no pensador nórdico para trazer para o campo da psicoterapia o conceito de “Princípio do Paradoxo”, ele opera uma reformulação das polaridades apresentadas por Kierkegaard, substituindo os termos finito e infinito, por constrição e expansão. De acordo com o próprio autor, isso se dá por considerar os termos constrição e expansão mais condizentes com um retrato clínico do que filosófico. Desse modo, nosso trabalho consiste em apontar a longa sombra de Kierkegaard neste conceito apresentado por Schneider.

**Palavras-chave:** Princípio do paradoxo; Kirk Schneider; Søren Kierkegaard; Constrição. Expansão.

#### **Carlos Campelo da Silva**

Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professor e Coordenador do curso de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba, ministra disciplinas nas áreas de Psicologia Fenomenológica-existencial e Filosofia. Supervisor de estágios na abordagem Fenomenológica-existencial. Correspondência: carloscampelo.psi@gmail.com

#### 4.1.7 O ANGUSTIAR-SE E A CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL

**Maitê Sartori Vieira (UERJ)**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

Propomos nesta pesquisa, a partir do pensamento do filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), uma investigação sobre a relação entre a angústia e a clínica psicológica enquanto caminho para uma aproximação do caráter fundamental da existência, a possibilidade. Para Haufniensis (1844/2016), pseudônimo de Kierkegaard, a angústia revela o que há de mais cru, mais abissal em nós mesmos: a nossa nadaidade. Revela a impossibilidade de abarcar o que é inabarcável, o que está sempre escorregadio: a existência. Nesse encontro com a nossa nadaidade, a atmosfera da angústia nos tira do solo firme que pensamos que vivemos, o solo da segurança e da certeza que ronda o nosso modo de lidar com as coisas, pessoas, mundo. Ao mesmo tempo, é justamente por isso que ela nos coloca em outro solo firme: nós mesmos, o solo da possibilidade. Paradoxalmente, o que há de mais firme e concreto na nossa existência é justamente a nadaidade que somos. No instante da angústia, em que nos encontramos com o ser que nós mesmos somos, que é fundamentalmente liberdade como possibilidade para a possibilidade, despertamos para o que há de próprio e, uma vez despertados, temos que nos a ver com a existência que é a nossa. O contato com o caráter de liberdade como possibilidade revela e muda o olhar para tudo, em um instante transformador. Nada de concreto muda numa perspectiva exterior, a vida aparentemente continua a mesma, entretanto, tudo se mostra de uma outra maneira na existência. E justamente esse instante pode ser o que há de mais concreto na vida. A clínica psicológica pode ser o lugar que se faz passagem para esse instante, instante que trans-forma, re-forma, forma. Em uma atmosfera de resistência para se manter próximo ao que se mostra no próprio existir, sem se deixar levar pelas elucubrações da lógica, do se afastar para definir e classificar. Uma resistência que retorna a cada vez ao que se mostra na existência, em uma repetição que se mantém naquilo que se mostra como novo no mesmo. É estar constantemente com o outro no solo mais firme: a possibilidade.

**Palavras-chave:** Angústia; Clínica Psicológica; Kierkegaard.

##### **Maitê Sartori Vieira**

Psicóloga graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Atualmente cursa Mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ) como bolsista da CAPES. E-mail: [maitesartori@id.uff.br](mailto:maitesartori@id.uff.br)

##### **Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

#### 4.1.8 OS PARADOXOS DA EXISTÊNCIA E A PSICOTERAPIA: ROLLO MAY E KIERKEGAARD

Carlos Campelo da Silva (UNIMEP)

O objetivo dessa comunicação é apresentar o conceito do paradoxo na clínica existencial-humanista, a partir de Rollo May e Kierkegaard. ao utilizar a palavra dilema no título de seu livro *A psicologia e o dilema humano* (1979), Rollo May (1909-1994), explica que não a utiliza em um sentido técnico, mas seu uso consiste em referir-se as polaridades e paradoxos que são inescapavelmente humanos. Entretanto, ainda que o paradoxo seja parte fundamental da existência humana, muitas vezes tentamos fugir dele desenvolvendo excessivamente uma das polaridades para escapar da outra. Daí surgirem muitos distúrbios que conduzem as pessoas às clínicas e consultórios psicoterapêuticos. Porém, o psicólogo norte americano salienta que as polaridades são também a fonte de energia e criatividade humanas, pois é do confronto construtivo das tensões que o paradoxo produz, que nos tornamos criativos. Essa concepção atesta a importância do paradoxo na existência humana, sendo assim, não é por acaso que a epígrafe do primeiro capítulo da obra – que traz como título: O que é o dilema humano? – apresenta uma citação do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), quando sob o heterônimo Johannes Climacus afirma: “Contudo, não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre”. Diante de uma afirmação paradoxal, tentamos desfazer o paradoxo, no entanto, quanto mais nos esforçamos para desfazer o paradoxo, mais paradoxal ele se torna e, por isso, o paradoxo é o verdadeiro motor do pensamento. Desse modo, fica claro a influência do pensador dinamarquês na concepção desenvolvida por May. Ao compreendermos a importância do paradoxo para a existência humana, compreendemos que, não cabe ao psicólogo em uma perspectiva existencial, tentar desfazer o paradoxo, e de acordo com May, esse é o problema de algumas perspectivas psicológicas. Na tentativa de desfazer o dilema, alguns autores enfatizaram apenas o lado prático e objetivo da existência, enquanto outros colocaram o foco apenas nos aspectos subjetivos. May propõe que é no processo dialético entre esses dois polos que reside o desenvolvimento, o aprofundamento e a ampliação da consciência humana. Sendo assim, essa comunicação amparando-se em Kierkegaard e May pretende afirmar a importância do paradoxo na clínica psicológica.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Dilema humano; Paradoxo; May; Kierkegaard.

##### Carlos Campelo da Silva

Graduado em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professor e Coordenador do curso de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba, ministra disciplinas nas áreas de Psicologia Fenomenológica-existencial e Filosofia. Supervisor de estágios na abordagem Fenomenológica-existencial. E-mail: [carloscampelo.psi@gmail.com](mailto:carloscampelo.psi@gmail.com)

#### **4.1.9 PEQUENAS APROXIMAÇÕES PSICOLÓGICAS DA OBRA MATRIMÔNIO DE KIERKEGAARD E A TEOLOGIA DO CORPO DE WOJTYLA**

**Maria Célia dos Reis Silva (Claretiano)**

O estudo sobre esses dois autores tem muito a contribuir em nosso tempo, principalmente por sua abordagem ampla e profunda no sentido antropológico. O objetivo aqui é refletir principalmente nos seus textos sobre a teologia do corpo, no ciclo sobre o Matrimônio, proponho uma aproximação teórica e psicológica da obra “O matrimônio” de S. Kierkegaard, e como estes dois autores têm contribuições a dar sobre o tema do amor humano, no vínculo do matrimônio. Fazendo referência a esses dois textos, abrindo possibilidade de diálogo, tendo em mente também a amplitude particular presente em cada um em seu contexto singular e próprio. Não é minha intenção aqui dar ênfase às divergências epistemológicas, mas apenas lançar mão de aproximações que julgo haver entre eles, principalmente no âmbito psicológico e poético, muito presente nas referências citadas. Para tanto, adotar-se-á análise descritiva fenomenológica de cunho Personalista. As obras ‘O Matrimônio’ de S. Kierkegaard e ‘Homem e mulher o criou - Catequeses sobre o amor humano’, conhecida por Teologia do Corpo de Karol Wojtyla são duas obras emblemáticas que trazem uma contribuição importante e necessária, ao mesmo tempo atual. Penso eu que também fazem parte do que eu chamaria tesouro escondido, pois ainda são pouco conhecidas no meio acadêmico em geral. Aproximar esses dois autores, Kierkegaard e Wojtyla, seria um campo vasto. Por isso a intenção aqui é trazer apontamentos dessas duas obras. Nos dois casos fica claro que o amor entre homem e a mulher constitui uma unidade moral constituída e que está para além do seu caráter provisório temporal. Foram dois pensadores em tempos distintos, cada qual com suas vicissitudes, mas os dois em seu pensamento filosófico especulativo focaram seus interesses em temas pertinentes a existência humana como o amor e o sofrimento humano. Suas vidas e suas produções filosófica, antropológica e teológica caminham lado a lado, buscando a um conhecimento que satisfaça tanto as exigências da intelectualidade quanto às da existência e da interioridade. Essa característica desconcertante – de tanto que mescla os gêneros – sob uma luz e singularidade própria, sem reducionismo, mas determinado apelo à transcendência são características comuns aos dois.

**Palavras chave:** Existencialismo; Fenomenologia; Personalismo; Wojtyla; Kierkegaard;

**Maria Célia dos Reis Silva**

Psicóloga (UNIFENAS), especialista em clínica Fenomenológico-existencial (IFEN), estudante de filosofia (Claretiano) e mestranda em Personalismo (UDIMA-Madri). E-mail: [mariaceliareis@yahoo.com.br](mailto:mariaceliareis@yahoo.com.br)



#### **4.1.10 REFLEXÃO HEIDEGGERIANA SOBRE A BOA MORTE**

**Larissa Jovana Morais de Oliveira (UFPE)**

Nalyson Almeida Rodrigues (UFPE)

Falar de morte em uma sociedade em que o ideal ancora-se em uma vida produtiva, cheia de ocupações “úteis” e “importantes”, em que o padrão social exige a beleza e a agilidade da juventude, não é muito comum. A morte enquanto signo de finitude, limite da existência humana, é considerado algo assustador e desnecessário, levando-nos sempre em direção à tentativa de desvio e afastamento desta condição humana fundamental. A morte nos assusta pelo fato de não sabermos o que vai acontecer depois, ou mesmo para onde vamos, pois, como meros espectadores, ela nos é estranha. Neste cenário, surge o conceito de “Boa Morte” desenvolvido pelo movimento de Cuidados Paliativos, onde a qualidade de vida e a dignidade no processo de morrer andam em comunhão. Nessa perspectiva, é possível pensar a morte enquanto movimento existencial inerente à condição humana, levando em consideração a temporalidade do Dasein, revelada na sua mortalidade inevitável. Para a concepção heideggeriana, a morte é um fenômeno da vida. Entretanto, o ser-para-morte não concebe nenhum posicionamento prévio, existenciário sobre a morte. Mesmo que se determine a morte como “fim” do ser-no-mundo, onticamente não se pode decidir se “depois da morte” existe outro modo de ser, se a presença “continua vivendo” ou ainda, se ela sobrevive a si mesma, pois o ser humano não tem um posto externo, privilegiado e distanciado em relação aos seus envolvimento, que o possibilite pronunciar-se sobre a realidade; não pode sair do território que lhe constitui enquanto humano: o mundo e a linguagem, mas, ao contrário, como ser-aí, ele só conhece aquilo que acontece dentro dos limites do seu ser-no-mundo e como tal, é incapaz de afirmar objetividades maiores do que as que suas possibilidades finitas lhes permitem. A morte é encarada não apenas como fim da existência, mas como a possibilidade do Nada (Negatividade), que enquanto vivência é impossível ser vivenciada através da linguagem. Assim, pensar a morte é pensar o Nada, o Não que é dado ao viver, a Negatividade como oposto da vida. O movimento dos Cuidados Paliativos proporciona uma (re)humanização do processo de morrer. A prática da Ortotanásia, característica desse movimento, contribui para que o processo de morte desenvolva seu curso natural. Seu objetivo é afirmar a vida, considerando a morte como um processo natural. Sua finalidade não é prolongar a vida, mas oferecer alívio da dor e do sofrimento, proporcionando qualidade de vida e dignidade no processo de morrer. Esta perspectiva de compreensão da morte, permite ao indivíduo a chance de tornar seu processo de morrer “familiar” a partir da reflexão da morte enquanto um movimento existencial único e inerente a temporalidade de seu ser-no-mundo. Proporcionando, assim, segurança frente ao Nada da morte e oferecendo conforto e proteção. Entretanto, a Morte não está circunscrita aos Cuidados Paliativos, nos permitindo a reflexão da “Boa Morte” para além das paredes do hospital. A “Boa Morte” é aquela vivência natural da existência que vai se tornando familiar à medida que nos permitimos o Nada.

**Palavras-chave:** Morte; Cuidados Paliativos; Nada; Boa Morte.

**Larissa Jovana Morais de Oliveira**

Psicóloga (CRP – 02/18741); Especialista em psicologia clínica e hospitalar (IMIP); Mestranda e Integrante do Laboratório de estudos da imaginação – Eikasia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva (UFPE); Docente (Liame estudos em psicologia);

Docente (UNINASSAU); Psicoterapeuta com formação na Abordagem Centrada na Pessoa (Espaço Graças); Supervisora clínica; Palestrante. E-mail: [larissajovana10@gmail.com](mailto:larissajovana10@gmail.com)

**Nalyson Almeida Rodrigues**

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Pós-graduando em Neuroeducação (UNINASSAU); Mestrando e Integrante do Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental (NEC), do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Pesquisador e Palestrante das áreas de Neurociências e Processos Cognitivos. E-mail: [nalyson.rodrigues@ufpe.br](mailto:nalyson.rodrigues@ufpe.br)

#### **4.1.11 SOFRIMENTO, TÉDIO E COMPULSÃO NA ERA DA TÉCNICA**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

**Samira Meletti da Silva Goulart (UERJ)**

Nas últimas décadas, mudanças conjunturais vêm afetando o modo de vida do homem e parecem favorecer a emergência de novos arranjos existenciais. Autores como o filósofo Han apontam que esses novos modos de ser, marcados por uma aceleração das rotinas, hiperatividade e desempenho, atravessados por novas tecnologias e valores, favorecem também a algumas experiências de sofrimento. Essas experiências podem ser ainda observadas na vida cotidiana, em meio à correria das múltiplas atividades diárias, e na clínica psicológica, havendo o aumento das queixas de ansiedade, estresse, pânico, compulsões e depressão, por exemplo. A partir da escuta e atenção a esses relatos, na vida e na clínica, o presente estudo se propôs a pensar: Pode o sofrimento, apontado como emocional ou psíquico e referenciado à clínica psicológica, estar relacionado aos modos vida contemporâneos? Como compreender hermenêuticamente esse sofrimento à luz do nosso horizonte histórico? É possível suspender uma perspectiva subjetiva e patologizante que tradicionalmente a psicologia adota na compreensão desse fenômeno? Com o objetivo de refletir acerca dos modos de vida contemporâneos e investigar e compreender como o sofrimento pode estar articulado ao modo como a existência acontece nesta época, foi realizada uma Revisão Narrativa da Literatura, encontrando na filosofia fenomenológico-hermenêutica de Heidegger elementos que permitiram uma apreensão mais originária do horizonte histórico contemporâneo e seus modos de existência. A investigação tratou, assim, de compreender junto a Heidegger as determinações desta Era da técnica e o tédio como tonalidade afetiva epocal, revelando uma cadência compulsiva de ação que marca o ritmo cotidiano do mundo atual. O estudo estabeleceu ainda um diálogo com Han para pensar a concreção desses modos de ser, evidenciando seus reflexos nas experiências de sofrimento. Neste caminho, foi possível revelar os sentidos de produção, controle, operacionalização, desempenho e eficiência; e o tédio como atmosfera que afina um modo de ser ocupado, que se realiza em uma cadência compulsiva de afazeres. Tais sentidos e afetação parecem sustentar a possibilidade de modos de ser mais individualizados, que irrefletidamente se determinam junto às ocupações e prescrições cotidianas. Observa-se, então, uma positivação da existência e o obscurecimento da sua negatividade, indeterminação e finitude. Nesse contexto, algumas experiências de sofrimento parecem emergir: quando algo não corresponde às prescrições e ao ritmo compulsivo deste mundo; ou quando o homem não consegue, pela sua razão ou vontade, manter o controle sobre a vida, que escapa às suas tentativas de domínio técnico. A caracterização da existência nesta Era da técnica tornou possível, assim, revelar o tédio e a compulsão como a afetação e cadência que marcam os modos de ser atuais; e articular as experiências de sofrimento junto às questões históricas, sociais e culturais desta época, suspendendo a concepção subjetiva e patológica do fenômeno. Ao compreender o sofrimento como fenômeno histórico, na relação inseparável de homem-mundo, foi possível desvelá-lo como expressão dos modos de ser que se realizam neste horizonte hermenêutico, tornando imprescindível para a Psicologia a reflexão e o questionamento das suas tradicionais práticas clínicas de lida com o homem e seu sofrimento.

**Palavras-chave:** Era da Técnica; Sofrimento; Fenomenologia-Existencial; Psicologia Clínica.

**Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

**Samira Meletti da Silva Goulart**

Psicóloga, graduada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Especialista em Psicologia Médica e Psicossomática pela Faculdade de Ciências Médicas da Uerj, Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, Mestre em Psicologia Social pela Uerj. Atua como psicóloga do Serviço de Psicologia Aplicada da Uerj. E-mail: [samira.goulart.sg@gmail.com](mailto:samira.goulart.sg@gmail.com)

## **4.2 A LITERATURA E A POESIA EM DIÁLOGO COM A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

#### **4.2.1 ENTRE HEIDEGGER E GUIMARÃES ROSA: UMA INTERLOCUÇÃO NA TERCEIRA MARGEM DO RIO**

**Yan Sousa de Almeida (UERJ)**

A Psicologia sofreu vários vetos no decorrer da sua constituição como disciplina científica. Na tentativa de responder a essas demandas e ser aceita como área científica, a Psicologia adotou formas e modos de práticas congruentes as convenções técnicas das ciências naturais. Tais técnicas tentam determinar, categorizar, esquadilhar a existência humana, que é pura indeterminação. O que se percebe na maior parte das vezes, quando utilizadas no fazer do psicólogo, ou seja, na prática da escuta, tais técnicas e métodos se apresentam insuficientes para abarcar a experiência do encontro que acontece no ambiente terapêutico. O problema que se apresenta então é o seguinte: Como se estabelecer uma práxis da Psicologia que siga outro método que não o da técnica científica, mas ao mesmo tempo, detenha fundamentos sólidos para construir e estabelecer uma prática séria. De frente a esse problema parece que nos encontramos em um impasse, já que, se adotarmos os parâmetros das ciências naturais caímos em uma insuficiência, todavia, se os dispensamos completamente o conhecimento que construímos pode não ser considerado sólido o suficiente, ou seja, pode cair em uma insuficiência metodológica. O caminho que se apresenta é o da postura serena, aquele proposto por Martin Heidegger, que é capaz de ao mesmo tempo, dizer sim e não as coisas, isto é, o de saber a medida no uso da técnica. A medida está em utilizar-se da técnica, sem com isso se torna escravo dela. A Literatura também se constitui como uma forma de seguir outro caminho, método, de desvelar e descrever a experiência que não o científico. A Filosofia se apresenta como construtora da possibilidade da prática de um exercício de pensamento, por sua vez, a filosofia que pauta e clínica fenomenológica-existencial é uma tentativa de pensar para além dos paradigmas científicos que podem individuar qualquer possibilidade de construção de conhecimento além de dicotomizar áreas do saber como a Literatura e Filosofia. A proposta de uma interlocução – que significa falar no entre - está assentada na tentativa de articular essas áreas, em outras palavras essa tarefa se fundamenta na Terceira Margem do Rio. Fazendo uso do conceito de Serenidade de Heidegger e da imagem construída no texto de Guimarães Rosa, tento, pelo diálogo dessa duas margens, a saber, a filosofia de Heidegger e a literatura de Guimarães Rosa, apontar a possibilidade e a potência de um local na Psicologia que se constitui não pela separação, ou pelo esquecimento, mas pela tentativa de trazer e memória através interlocução.

**Palavras-chave:** Literatura; Filosofia; Serenidade; Interlocução; Psicologia.

#### **Yan Sousa de Almeida**

Cursando o mestrado em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, sob a orientação da professora PhD Ana Maria Lopez Cavo de Feijoo. Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE). Formado em Psicologia pela UERJ. Atualmente trabalha como psicólogo clínico. E-mail: [yan.s.de.a@gmail.com](mailto:yan.s.de.a@gmail.com)

#### 4.2.2 EXPRESSÃO E VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO FUTURO PSICÓLOGO ATRAVÉS DA POESIA

Carolina Esteves Alves (FAMATH)

Historicamente e sobretudo a partir do final do século XIX, a Psicologia vem se consolidando como ciência e incorporando técnicas e procedimentos que se adequam a um cenário positivista. Mais de um século depois, a organização da sala de aula, as disciplinas predominantemente teóricas e as aulas expositivas ainda nos remetem a um método cartesiano de ensino, no qual o conhecimento é o objeto a ser transferido para o sujeito. Alunos em silêncio, esperando algo que vem de fora e que, uma vez dentro, ocupará um lugar bem dimensionado e preparado *a priori*. A abordagem fenomenológico-existencial heideggeriana, parece ir na contramão desse mecanicismo, sendo desafiadora em um mundo estético, marcado pelo ter-que-ser. Apesar de não ser contra a técnica e sim contra a substituição do pensamento pela técnica, a perspectiva fenomenológica nos convida a caminhar no sentido oposto a este cenário cientificista e a poder-ser durante todo o processo. A proposta consiste em acompanhar o caminho da construção do pensamento, sem que na sedução pela pressa científica antecipemo-nos ao que se apresenta. Nesta lógica, durante uma atividade da disciplina “Teorias Existenciais e Humanistas” do curso de Psicologia da Faculdade Maria Thereza/RJ, os alunos foram estimulados a trazer pessoalidade às apresentações, dado o caráter humano das ciências. Fomos convidados a nos afastar da neutralidade que outras abordagens psicológicas impõem e a valorizar a dimensão afetiva da nossa própria existência. Contrapondo às tradicionais aulas que separam conhecedor e objeto a ser conhecido, os alunos viram-se diante de outras possibilidades de pensar e experienciar a formação, que incluíssem as idiossincrasias do humano em seu horizonte histórico de estudo. A partir da perspectiva de autores da fenomenologia, algumas obras sobre liberdade e analítica existencial, os discentes foram encorajados a desconstruir a Psicologia sob a ótica que vinha sendo ensinada. Estimulou-se o acolhimento das próprias questões existenciais e a transformação delas em inspiração. Como resultado da reflexão, foi criada uma adaptação de uma música brasileira composta por Chico Buarque, renomeada como “Re-Construção”. A nova poesia apresenta diversos aspectos da experiência da aluna autora, que vem descobrindo suas possibilidades de ser, sendo. Foi possível suspender a moralidade geralmente imposta à vida e entender que apesar das expectativas, os caminhos são feitos no caminhar. O ensino da fenomenologia trouxe à cena da graduação, o protagonismo do aluno diante da construção de seu saber-fazer, deslocando-o da impessoalidade para a pessoalidade, despertando assim um desejo de ser-no-mundo.

**Palavras-chave:** poesia; fenomenologia; experiência; existência; pessoalidade.

**Carolina Esteves Alves**

Discente de Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH), Licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ, Mestre em Biologia Marinha pela UFF e Analista Ambiental do IBAMA. E-mail: [esteves.carolina@outlook.com](mailto:esteves.carolina@outlook.com)

#### **4.2.3 LEITURA DE UM ROMANCE DE ÉPOCA SOB A PERSPECTIVA DA NOÇÃO HEIDEGGERIANA DE TÉCNICA**

**Caroline Carvalho Pimentel (UniCEUB)**

Melina Séfora Souza Rebouças (Poiesis)

O trabalho, de caráter teórico, tem como objetivo principal utilizar as contribuições da hermenêutica de Martin Heidegger para buscar compreender a obra literária *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen, a partir da noção de técnica elaborada por este filósofo. Para tanto, primeiramente procura-se esboçar brevemente o que Heidegger afirma ser a era da técnica e sua crítica ao pensamento calculante e ao esquecimento do Ser. O filósofo aponta como o método aristotélico de compreensão do ente é rearranjado na modernidade segundo a ótica do cálculo, da medição, da observação, classificação e tentativa de controle racional dos entes. É a vigência predominante da técnica como forma de desvelamento do ser, que leva a uma provocação modificadora e exploratória da natureza e ao esquecimento do Ser, constituindo, pois, um perigo. A partir dessa noção, em um segundo momento busca-se compreender o desenrolar da obra *Razão e Sensibilidade* segundo o estilo impresso em sua escrita, que conduz a um demorar-se contemplativo no que há de pitoresco e de idílico na vida de pessoas comuns no interior da Inglaterra no fim do século XVIII e início do século XIX, período em que o romance foi escrito. O modo de vida retratado traz o espaço para o silêncio e para a contemplação como parte do próprio existir, em grande discrepância com o modo de vida atual. Assim, em um terceiro momento, faz-se um breve resgate histórico que procura confrontar o sujeito descrito pelo romance - mais profundamente enraizado no mundo, porém tolhido por obrigações tradicionais e institucionais - com o sujeito moderno, que pela vigência predominante da técnica está preso à obrigação de superar a si mesmo cada vez mais. A principal questão que se apresenta é: qual é a inquietação trazida pela leitura de uma obra escrita no final do século XVIII ao se pensar o mundo atual com o olhar da técnica? Como considerações conclusivas são esboçadas as ideias heideggerianas de serenidade e abertura ao mistério como alternativas ao predomínio da técnica, talvez oportunizadas mais facilmente no cenário do fim do século XVIII apresentado pelo romance, mas que podem ser resgatadas nos tempos atuais. O avanço da ciência da contemporaneidade conduz ao esquecimento do Ser não porque a ciência avançou, mas porque a faceta técnica do existir humano que predomina na modernidade leva a um habitar restrito, em que não há espaço para o mistério do que nunca vai ser provado, e pode somente ser ponderado. Falar sobre essa possibilidade de abertura de mundo para além da técnica pode parecer, nos dias de hoje, irreal. É justamente essa sensação de irrealidade que pode nos perpassar ao ler um romance escrito há mais de duzentos anos, com fragmentos de vida em que não havia nada de irreal no pensar poético, no contemplar o mistério, na paciência duradoura, na serenidade. O contraste com a aceleração da vida do século XXI é impactante.

**Palavras-chave:** Fenomenologia-Existencial; Heidegger; Técnica; Jane Austen.

**Caroline Carvalho Pimentel**

Psicóloga pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), com formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Núcleo Poiesis.

E-mail: [carolinepimentel@gmail.com](mailto:carolinepimentel@gmail.com)



**Melina Séfora Souza Rebouças**

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica pela UFRN, Poiesis – Núcleo de Psicologia Fenomenológica. E-mail: [melina\\_sefora@yahoo.com.br](mailto:melina_sefora@yahoo.com.br)

#### 4.2.4 O OLHAR DE MEDUSA: DIÁLOGO SOBRE O ENTREOLHAR EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO.

**Alexandre Victor Romero (UNESP)**

Viviane Mayumi Resende Uenaka (UNESP)

O presente trabalho tem como escopo fazer uma análise literária do conto “A Infância de um Chefe”, contido na obra *O Muro*, de Jean-Paul Sartre. Para tanto, serão apresentados os aspectos fundamentais do conto, em paralelo com a filosofia sartriana, mais especificamente sob o viés *do olhar*, destacado no livro *O Ser e o Nada*. Nesse passo, serão abordados temas como o para-si, em-si, ser-para-outro, o ser em situação, liberdade, etc. A relevância de abordar referidos conceitos, confrontando-os com a obra literária do autor, possibilita uma abertura de compreensão da própria realidade, de modo que este trabalho tentará demonstrar como a ficção é, em Sartre, fundamental e direcionada para a compreensão da própria realidade, podendo pensar aspectos da relação humana, sobretudo, quando se trata de um paralelo com uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes. Em síntese, esse resumo é um ensaio dos elementos literários-filosóficos de Sartre, aplicados numa perspectiva de casos concretos, vindo a possibilitar uma leitura justaposta entre a ficção dos contos sartrianos e a realidade encontrada no serviço de acolhimento. Ato contínuo, serão cotejadas duas histórias de adolescentes que personificam os elementos do conto, correlacionando momentos ficcionais com dados reais, permitindo trazer a filosofia de Sartre para a vida cotidiana, como forma de pensamento singular. O objetivo será comparar a literatura e a filosofia de Sartre, em paralelo com as vivências encontradas na instituição de acolhimento. O método utilizado será o de coleta de dados por meio de levantamento bibliográfico, respeitando a proximidade das obras relevantes do autor e, quando necessário, serão consultados artigos científicos para fomentação adequada das discussões. Outrossim, os casos selecionados da instituição de acolhimento permanecerão em sigilo por questões éticas, respeitando a singularidade da situação. As discussões que este resumo pretende alcançar serão no tocante às experiências nas quais crianças e adolescentes possam vivenciar no âmbito de acolhimento e, também, como a literatura existencial pode contribuir para ilustrar esse *olhar de Medusa*, seja em esfera individual e/ou coletiva neste cenário. Cumpre dizer que, referido acolhimento se refere a um local específico para receber crianças e adolescentes em situação de risco, que foram retiradas do âmbito familiar. Insta salientar que, muitos desses jovens passam sua infância e adolescência nesta modalidade. Desta forma, as considerações conclusivas não visam esgotar o debate, mas expandir medidas de percepção que contribuam para elucidar a complexidade existente em situação de acolhimento, sobretudo, como o olhar do outro pode humanizar ou petrificar/institucionalizar os valores humanos, determinando o indeterminado. Por fim, Sartre parece anunciar em seu conto uma preocupação com o desenvolvimento do ser humano em relação, destacando como o *olhar* pode ser fundamental para a condição da própria liberdade. O que, em molde de diálogo, poderá ser corroborado ou refutado ante este trabalho.

**Palavras-chave:** Sartre, Filosofia, Literatura, Acolhimento.

**Alexandre Victor Romero**

Bacharel em Psicologia – UNISALESIANO-LINS. Licenciatura em Filosofia – UNAR. Cursando a pós-graduação em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica - DOM ALBERTO. Mestrando em Filosofia – UNESP-MARÍLIA. Atualmente atuo como psicólogo em uma instituição de acolhimento e proteção especial. E-mail: [alexandre.romero@unesp.br](mailto:alexandre.romero@unesp.br)

**Viviane Mayumi Resende Uenaka**

Bacharela em direito – UNISALESIANO-LINS, Especialista em Direito do Trabalho e Previdência Social – UNITOLEDO, mestranda em Filosofia – UNESP-MARÍLIA. Advogada.  
E-mail: [mayumi.resende@unesp.br](mailto:mayumi.resende@unesp.br)

#### 4.2.5 PERDA DE MUNDO: QUANDO OS SENTIDOS SE AUSENTAM

**Rubia da Silva (UniSALESIANO)**

Aguinaldo José da Silva Gomes (UniSALESIANO)

A partir da experiência vivenciada frente à psicoterapia como estagiária me vi aberta a compreensão dos sentidos em jogo a partir da perda; ou como se diz, o luto. Pretendo aqui tratar do luto a partir de uma espécie de perda de mundo, um modo-de-ser que se rompe e se rende as indeterminações da existência. Lancei luz sobre esta ideia a partir de reflexões sobre o atendimento de um paciente e os movimentos fenomenológicos presentes nestes encontros que apontaram para uma espécie de luto frente a perda de um modo de ser. Subvertendo a ideia de luto que se encontra no aporte positivista, me fundamento na ontologia de Heidegger através da analítica dos sentidos em questão apoiada, também, em Dulce Critelli e sua interpretação heideggeriana. Partindo da concepção ontológica do *Dasein*, cheguei à ideia de ser-no-mundo e da inseparabilidade destas duas sentenças que revela na indeterminação a própria condição fluida do ser, como um ser-de-possibilidades no limite ontológico do ser-para-morte que já somos. Este caráter indeterminado nos suspende ante a possibilidade de não mais ser e é quando, com a morte dos sentidos que habitavam nosso mundo, consequentemente nosso ser nos apela a levantar acampamento e ir em busca de novos sentidos e novos mundos, nem sempre fáceis de serem acessados. É neste interim de tempo em que não pertencemos ao nosso antigo mundo e nem encontramos novas terras para habitar, que nos deparamos com o nada, com o não ser, é quando a fluidez própria da existência indeterminada nos toma o mundo e o sentido sedimentado na impessoalidade e somos impelidos a olhar para a angústia com a possibilidade de ressignificar nosso caminho e tudo o que nos cerca a partir dele. Tendo em vista a inseparabilidade de ser e mundo, podemos dizer que quando esvaziado se torna nosso mundo ao deixá-lo para trás por algum motivo, esvazia-se também o sentido do ser. Daí a falta, daí o luto pela perda de significados que é uma espécie de morte, o não-mais-ser de um modo de ser que nos fez sentido; essa perda reverbera em nós, muitas vezes, nos impelindo a habitar o nada, que se escancara e se oferece como possibilidade para o nosso poder-ser mais próprio. A perspectiva fenomenológica-existencial ilumina o caminho que nos revela a angústia, afeto que compreendemos no caminho quando se caminha, experiência de morte nesse jogo de significados que nos preenche e nos esvazia e que possibilita pensar no luto das perdas cotidianas de sentidos como modos de morrer a cada vez. A partir destas linhas espero contribuir para uma transposição da ideia de luto sistematizada a partir dos olhares cartesianos, lançando luz sobre as tantas perdas que de repente nos levam o chão, perdas das mais variadas que são recorrentes dentro do fazer clínico em psicologia.

**Palavras-chave:** ser-no-mundo; luto; fenomenologia-existencial; clínica psicológica.

**Rubia da Silva**

Graduanda do 4º ano de Psicologia pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium em Lins-SP. Atualmente estagiária de Unidade Básica de Saúde no estado de São Paulo. E-mail: [rubia-s@hotmail.com](mailto:rubia-s@hotmail.com)

**Aguinaldo José da Silva Gomes**

Psicoterapeuta, professor e orientador de estágio na abordagem fenomenológica-existencial no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium em Lins-SP. Graduado pela UNESP-Bauru e Mestre em psicologia pela UNESP-Assis/SP. E-mail: [ajsgomes@uol.com.br](mailto:ajsgomes@uol.com.br)

### **4.3 AS PRÁTICAS CLÍNICAS EXISTENCIAIS**

#### 4.3.1 A PRÁTICA CLÍNICA NO PLANTÃO DE ACOLHIMENTO ONLINE EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Alice Brito Pinheiro (UFBA)

Cibele Brasil dos Reis (UFBA)

**Klessyo do Espirito Santo Freire (UFBA / Rede Existências)**

Maria Virgínia Machado Dazzani (UFBA)

Este trabalho objetiva discutir os principais aspectos envolvidos na prática clínica de um Plantão de Acolhimento) durante a pandemia da COVID-19, promovido pelo CULTS (*Investigações em Psicologia Cultural: Cultura, Linguagem, Transições e Trajetórias Desenvolvimentais*), grupo de pesquisa e extensão vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Além dos principais aspectos envolvidos na prática clínica online, serão apresentados alguns desafios vivenciados pelas plantonistas durante as sessões de acolhimento nas quais assumiram uma perspectiva teórica fenomenológico-existencial. Para os propósitos deste trabalho, foram analisados os relatos de experiência de duas plantonistas, psicólogas em formação, que trabalharam como voluntárias no referido Plantão. As plantonistas eram estudantes do curso de psicologia, supervisionadas por um psicólogo com formação na perspectiva fenomenológico - existencial. Os acolhimentos ocorreram de maneira online, por vídeo-chamada e ligação telefônica. Primeiramente, cabe destacar que o Plantão de Acolhimento e a perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana se configuraram em grandes desafios, pois essas eram experiências inéditas para ambas as plantonistas. Elas tiveram a oportunidade de identificar as diferenças relacionadas a outras abordagens psicológicas cujas concepções de ser humano e de mundo são descritas *a priori*. Ambas ressaltaram que o agir fenomenológico lhes ofereceu a possibilidade de maior permanência no fenômeno, na tentativa de compreender o modo de ser das pessoas acolhidas, de acordo com o que cada uma delas apresentavam no momento do acolhimento. Esse aspecto promoveu uma maior liberdade nas intervenções, tanto quanto certa angústia no processo da prática clínica do plantão. Destaca-se, ainda, a dificuldade na realização do plantão online, sem a presença dos corpos e do olhar físico das pessoas no processo, principalmente nos momentos iniciais. Nesse sentido, a supervisão foi fundamental, pois se configurou como um espaço para os relatos e trocas de experiências que possibilitaram a continuidade dos acolhimentos. Neste sentido, a supervisão serviu não como um guia instrumental para orientar a técnica, mas para auxiliar as estudantes no reconhecimento do caráter indeterminado e provisório das experiências que marcam o ser humano, sustentando uma ação clínica pautada na perspectiva fenomenológica- existencial. Quanto aos acolhimentos, notou-se que a pandemia não fora o tema central das sessões, embora tangenciasse algumas esferas da experiência das pessoas acolhidas. A pandemia, outrossim, catalisou e intensificou impasses existenciais anteriormente presentes. Ela serviu muito mais como um elemento para desorganizar os sentidos e os significados historicamente constituídos que absorviam o *Dasein* no cotidiano da vida, colocando as pessoas, em muitos casos, em contato com a sua condição ontológica de indeterminação e finitude. Assim, através deste trabalho podemos conceber o plantão de acolhimento como um espaço para as diferentes demandas existenciais cuja urgência, muitas vezes, exige intervenções radicais, além de uma ação fenomenológica de entrega à relação que se estabelece no laço do acolhimento. O caráter breve do plantão de acolhimento envolve a noção de que não há um número de encontros previamente definidos e, muitos menos, uma promessa de psicoterapia. Finalmente, com este relato, espera-se essa modalidade de acolhimento seja mais presente na formação de psicólogos/as, bem como a perspectiva fenomenológico-existencial.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; fazer clínico; clínica fenomenológico-existencial; urgência existencial.

**Alice Brito Pinheiro**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Núcleo de estudos em desenvolvimento e contextos culturais (CULTS). E-mail: [alicebpinheiro7@gmail.com](mailto:alicebpinheiro7@gmail.com)

**Cibele Brasil dos Reis**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Grupo de Núcleo de estudos em desenvolvimento e contextos culturais (CULTS). E-mail: [cibelebrasildr@gmail.com](mailto:cibelebrasildr@gmail.com)

**Klessyo do Espirito Santo Freire**

Graduado em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (BA). Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do Núcleo de estudos em desenvolvimento e contextos culturais (CULTS). Integrante fundador da Rede Existências. E-mail: [klessyo@gmail.com](mailto:klessyo@gmail.com)

**Maria Virgínia Machado Dazzani**

Professora associada III do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (1994), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004). Coordenadora do Núcleo de estudos em desenvolvimento e contextos culturais (CULTS). E-mail: [vdazzani@gmail.com](mailto:vdazzani@gmail.com)



#### **4.3.2 A ATUAÇÃO DA(O) PSICÓLOGA(O) NO TERCEIRO SETOR: CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTREANO**

Adria de Lima Sousa (UFSC)

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

**Malu Alves Batista Mendes (UNISUL)**

Valdenir Martins de Oliveira (UFSC)

O presente trabalho apresenta uma análise breve acerca do desenvolvimento da Psicologia enquanto profissão no Brasil, buscando compreender quais impactos este processo teve na inserção da(o) Psicóloga(o) no campo do bem-estar social e trazendo ao debate a contribuição do Existencialismo Sartreano para a práxis específica da(o) psicóloga(o) na atuação no Terceiro Setor, evidenciando a maior contribuição de Sartre para a Psicologia, que é o método progressivo-regressivo. Considerando o objetivo principal do trabalho de analisar as contribuições do Existencialismo Sartreano para a prática da(o) Psicóloga(o) no Terceiro Setor, o percurso metodológico abarcou uma revisão biográfica com a finalidade de resgatar: a história da Psicologia, do Terceiro Setor e a inserção da(o) Psicóloga(o) neste campo de atuação, bem como de que modo a teoria existencialista dialoga. Compreender o processo histórico de afirmação da Psicologia enquanto profissão e as crescentes possibilidades de inserção do profissional da psicologia, contribuem para uma reflexão crítica deste processo e da necessidade de pautar a práxis rompendo com práticas elitistas e inviabilizadoras. Sendo fundamental um arcabouço teórico e direcionador da práxis da(o) Psicóloga(o), pois, as implicações no ser Psicólogo não interferem somente na pessoa que escolhe esta profissão mas nos sujeitos que buscam apoio, e o posicionamento ético político é condição básica para agir, e a Psicologia desenvolvida por Sartre possibilita essa ampliação por assumir uma perspectiva histórica e dialética. E as Políticas Públicas de Assistência Social é um espaço de inserção laboral da(o) Psicólogo/a cada vez mais crescente e que precisa de profissionais implicados, que possuam compreensões dos contextos sócio-históricos e desejam atuar em práticas voltadas para as pessoas em situação risco social e/ou vulnerabilidade, fazendo uma imersão no território e transformando sua atuação na luta pela garantia dos direitos fundamentais humanos. A Psicologia Existencial Sartreana permite a Psicóloga(o) desenvolver sua atuação pautado em um método prático e transformador, que implica a(o) Psicóloga(o) e o sujeito, desenvolvendo uma epistemologia, teoria, prática que é crítica e aplicável. O método progressivo-regressivo proposto por Sartre é dialético visando o subjetivo e o objetivo, o singular e o universal e que em um caminho ensinou que compreender a realidade humana é possível para todos os tempos, já que seu método progressivo-regressivo não supõe ou interpreta o caminho, mas ajuda a fazê-lo andar. Por fim, há muitas compreensões do Existencialismo Sartreano para a práxis da(o) Psicóloga(o) no Terceiro Setor, já que sua dialética permite analisar de forma crítica a realidade humana e compreender sua materialidade. Contudo, sua maior contribuição para a atuação no âmbito aqui definido (campo social) é o método progressivo-regressivo, que pode ser desenvolvido de forma individual e em grupo. Pois é através do movimento progressivo-regressivo que é possível compreender como as condições objetivas buscam superar e como a fazem, em uma relação onde o sujeito é ativo em seu próprio processo, implicando-o e possibilitando desta forma o empoderamento e a segurança de ser necessário para o desenvolvimento de novas dinâmicas.

**Palavras chave:** Psicologia; Psicóloga(o); Existencialismo Sartreano; Método Progressivo-Regressivo.

**Adria de Lima Sousa**

Psicóloga, Doutoranda em Psicologia UFSC, bolsista CAPES; Mestra em Psicologia pela UFAM e Especialista em Psicologia Existencialista Sartreana pela UNISUL. E-mail: [adriapsique@gmail.com](mailto:adriapsique@gmail.com)

**Daniela Ribeiro Schneider**

Psicóloga e Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFSC. É mestre pela UFSC em Educação e doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Possui Pós-Doutorado em Ciência da Prevenção pela Universidad de Valencia - España (2012) e na University of Miami - USA (2019). E-mail: [danischneiderpsi@gmail.com](mailto:danischneiderpsi@gmail.com)

**Malu Alves Batista Mendes**

Psicóloga, Especialista em Psicologia Existencialista Sartreana pela UNISUL e atuante das Políticas Públicas de Assistência Social como Educadora Social. E-mail: [malumendes.psicologa@gmail.com](mailto:malumendes.psicologa@gmail.com)

**Valdenir Martins de Oliveira**

Psicólogo Clínico, com formação em Psicologia Existencialista, Professor Universitário, mestre e doutorando em Educação no PPGE da UFSC. E-mail: [valdenir.psi@hotmail.com.br](mailto:valdenir.psi@hotmail.com.br)

### 4.3.3 A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UM SABER FAZER EM DIREÇÃO À PSICOLOGIA PÓS-IDENTITÁRIA

Felipe Miranda Zanetti

A psicologia, como área de conhecimento das ciências humanas, vem cumprindo em sua clínica a proposta de um cuidado à vida a partir de seu conhecimento teórico para intervir nas questões humanas. Dentro desse ramo do conhecimento muito se aplica da ciência tradicional positivista, que por sua vez, se apresenta como um caminho para prever formas de resolução dos conflitos humanos por meio de estudos prévios, que posicionam um padrão de base substancial para intervenções junto aos sujeitos em experiências de vida disfuncionais ao ideal já posto. Através da revisão de literatura e da vivência em atendimentos clínicos, quer-se propor pensar neste trabalho, em oposição ao modelo tradicional positivista, a fenomenologia como possibilidade de olhar sobre o sujeito, sugerindo um caminho, para a clínica psicológica, que rompa com as amarras sedutoras impostas pelo positivismo que estrutura horizontes de entendimento limitados em relação às existências. Este trabalho visa pensar a maneira como o positivismo e a moralidade são aspectos a serem rejeitados visando o caminho de libertação proposto pela clínica fenomenológico-existencial, para isso, pensou-se a clínica utilizando-se da anunciação feita por Nietzsche da *morte de Deus* sendo uma mudança na maneira de vivenciar o mundo que se apresenta a cada sujeito e abrindo assim novos horizontes de intervenções terapêuticas. Com essa base, foi traçada uma discussão partindo dos conceitos da *psicologia pós-identitária* e de um *saber-fazer* indissociável como parte da atuação clínica do psicólogo(a) fenomenólogo(a). Nesse sentido, buscou-se pensar os horizontes que se desvelam ao profissional que sustenta sua prática nesse olhar; compreender dentro de qual espaço esse profissional pode transitar para mover suas intervenções ônticas; e além disso, também compreender, de forma crítica, como construir uma clínica que não esteja embasada em uma noção de substancialidade humana, noção essa que contraria o caráter performático do poder-ser da existência. Entendeu-se que basear a clínica psicológica em interpretações padronizadas direcionadas ao adequado, acaba por fortalecer a *sombra de Deus* que se manifesta nas ciências humanas a partir do positivismo, sedento por instaurar concepções encapsuladas das possibilidades de ser. Entendeu-se ainda que, dentro desta mesma clínica, deve-se negar a *ortopedia das existências*, como sendo a forma com que intervenções terapêuticas - ou não - atuam na busca pela correção de modos-de-ser transgressores da normativa em um horizonte histórico específico. Assim, entende-se a tarefa da clínica psicológica, embasada na fenomenologia, sendo a pro-vocação - como chamado - que sustenta o caráter aberto da existência, e não da prescrição técnica já instaurada na *atitude natural* vigente em nosso horizonte de possibilidades. Defende-se ainda essa clínica como um espaço transgressor, lugar de abertura de possibilidades e de defesa da indeterminação, ou seja, das pluralidades; o terapeuta fenomenológico-existencial age corroendo - *serenamente* - as estruturas positivistas que sustentam a *sombra de Deus* mantenedora da substancialização das existências. Enfim, a clínica é um pro-vocar que sustenta um espaço aberto, apontando para a indeterminação do ser, aguardando serenamente que algo possa se dar na dinâmica performática daquele que se desvela ali, na relação.

**Palavras chave:** transgressão; liberdade; fenomenologia; moral; saber-fazer.

**Felipe Miranda Zanetti**

Especialista em psicologia clínica fenomenológico-existencial (UNIFEG); psicólogo clínico; psicólogo educacional com ênfase em educação inclusiva. E-mail: [felipezanetti.mz@gmail.com](mailto:felipezanetti.mz@gmail.com)

#### **4.3.4 A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE DE PESSOAS EXPOSTAS AO BULLYING: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SARTRIANA**

**Luis Henrique Sobreira Maciel (IHP)**

O bullying é um tipo de violência que vem sendo estudado de forma mais sistematizada desde a década de 1980 e que atinge atualmente milhares de pessoas, sendo considerado um problema de saúde pública em todo o mundo. Tendo como característica definidora um conjunto de atitudes agressivas verbais, físicas ou psicológicas, praticadas de forma intencional, persistente e prolongada, o bullying pode acontecer no contexto familiar, escolar e ou no ambiente de trabalho. Dentre suas consequências estão os danos de ordem física, psicológica e social para suas vítimas. O objetivo do presente trabalho é avaliar as possíveis consequências da exposição ao bullying para a constituição da personalidade da vítima deste tipo de violência. Tomando como referência teórica a noção de personalidade na psicologia sartriana, buscamos estabelecer as relações das variáveis presentes na constituição da personalidade e a possível influência da exposição ao bullying na constituição da mesma. Como resultado, encontramos que a personalidade é um processo de singularização do sujeito em sua relação com o mundo, na qual a partir da vivência de situações concretas, a pessoa experimenta estados, sentimentos, ações e qualidades que são reconhecidos como fazendo parte de seu ego, sendo este transcendente à consciência. Sendo a personalidade constituída a partir das relações concretas vividas em situação, o bullying aparece, para sua vítima, como um fator determinante de sua personalidade, pois a partir de relações marcadas por agressões, humilhações e perseguições, a pessoa, que também é um ser-para-o-outro, se constitui nestas relações como tendo as qualidades atribuídas a ela, o que poderá trazer consequências para a forma como irá se reconhecer, bem como estabelecer seu projeto de ser. Sentimentos, estados e qualidades como inutilidade, inferioridade, vergonha, exclusão e solidão são comuns em pessoas que sofrem ou sofreram bullying, sendo responsáveis por diversos tipos de sofrimentos psíquicos e por um estreitamento das possibilidades de ser da vítima. Para concluir, verificamos que a exposição ao bullying traz consequências graves para a constituição da personalidade de suas vítimas e que, a partir disso, se torna urgente o combate e a prevenção a este tipo de violência, por meio da criação e implementação de políticas públicas de combate ao bullying em diferentes contextos sociais.

**Palavras-chave:** personalidade; bullying; psicologia sartriana

**Luis Henrique Sobreira Maciel**

Psicólogo (UFMG), Especialista em Psicologia Clínica: Existencial e Gestáltica (FEAD), Especialista em Filosofia (Estácio de Sá), Professor do Curso de Formação de Psicoterapeutas do Instituto Humanista de Psicoterapia de Minas Gerais (IHP), Professor da Pós-Graduação Lato-Sensu Psicopatologia, Fenomenologia e Saúde Mental da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG). E-mail: [luishsmaciel@gmail.com](mailto:luishsmaciel@gmail.com)

#### **4.3.5 A DES-SUBJETIVAÇÃO NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO: CASO DOS OPERADORES DE REDE NO RIO DE JANEIRO**

**André Diogo Resende (IP-UFRJ)**

Fernando Gastal de Castro (IP-UFRJ)

Rayssa Soares Izidoro (IP-UFRJ)

Este estudo objetiva conhecer as relações entre organização do trabalho, sentido da atividade e formas de mal-estar existentes na categoria profissional dos operadores de rede do Rio de Janeiro. Partindo da hipótese de que há um crescimento das formas de mal-estar laboral resultante da flexibilidade da organização do trabalho nos dias atuais, ocasionada principalmente pelo aprofundamento da terceirização e implementação de políticas neoliberais, esta pesquisa visa conhecer as repercussões psíquicas da precariedade laboral vivida nos trabalhadores do ramo. A metodologia utilizada baseou-se em fontes documentais e empíricas: analisou-se as Comunicações de Acidentes de Trabalho (CATs) dos últimos dez anos, as notícias de jornais do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações entre o período de 2016 a 2019 e por fim realizou-se quinze entrevistas semi-estruturadas com operadores de rede. Para fins de análise dos dados, utilizou-se do método progressivo-regressivo sartreano, tal como está concebido na obra *Questões de Método*. Seguindo os delineamentos do método sartreano, num primeiro momento, procedeu-se a partir de uma perspectiva descritivo-exploratória, viabilizando, desta maneira, o momento regressivo (analítico) do método. Num segundo momento, procedeu-se com um viés compreensivo-sintético, de modo a viabilizar o momento progressivo que nos permitisse uma articulação entre organização do trabalho flexível, sentido da atividade e formas de mal-estar que se produzem nas formas de trabalho contemporâneas. Como resultado do momento regressivo, a pesquisa revelou: risco de acidente intrínseco à categoria (quedas, acidente com carro, choques elétricos); intensa tecnologização capaz de produzir forte controle sobre a atividade; aumento da flexibilização do trabalho (banco de horas e remuneração variável); trabalho marcado por um sistema de metas elevadas; e, por fim, uma alta taxa de rotatividade dada pelos baixos salários. Em termos dos resultados relativos ao momento progressivo, a pesquisa foi capaz de identificar um esvaziamento subjetivo com os sujeitos experimentando-se cada vez mais despossuídos de formas de ser singulares para além do trabalho como mercadoria. Tal esvaziamento manifesta-se por múltiplas formas de mal-estar e adoecimento vividas pelos trabalhadores: burnout, depressão por esgotamento, stress e ansiedade generalizada foram observados como sofrimentos comuns na categoria, caracterizando uma situação paradoxal entre um sentido existencialmente desejável em oposição a uma lógica de trabalho des-subjetivante. Concluímos a partir dessas análises que a terceirização como forma fundamental do capitalismo neoliberal mostra-se intimamente relacionada à transformações subjetivas que tendem a empobrecer os sujeitos em suas múltiplas dimensões, tanto materiais como também relacionais e temporais. Materialmente, os trabalhadores de rede vivem a precariedade dos recursos próprios às características da empresa enxuta contemporânea. Em termos relacionais, o empobrecimento manifesta-se por relações cada vez mais individualistas e competitivas. E, por fim, no que diz respeito à dimensão temporal, observa-se como a vida passa a ser ocupada pelo tempo produtivo em detrimento de outras formas de ser no tempo.

**Palavras-chave:** organização do trabalho; método progressivo-regressivo, sentido da atividade; trabalho e subjetividade; des-subjetivação no trabalho.

**André Diogo Resende**

Bacharel em Psicologia pela UFRJ. Estagia fazendo atendimento clínico na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ. Faz iniciação científica em Psicologia do Trabalho no IP-UFRJ. Se interessa por fenomenologia e psicanálise existencial. E-mail: [resende@gmail.com](mailto:resende@gmail.com)

**Fernando Gastal de Castro**

Prof. Associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFRJ e pesquisador do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP. E-mail: [fernandogastal@gmail.com](mailto:fernandogastal@gmail.com)

**Rayssa Soares Izidoro**

Graduanda em Psicologia pela UFRJ. Estagiou em atendimento clínico na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ em fenomenologia existencial. Atualmente, faz estágio clínico-institucional em atendimento psicoterápico individual com meninas em situação de abrigo tutelado orientado pela abordagem existencial. Faz iniciação científica em Psicologia do Trabalho no IP-UFRJ. E-mail: [rayssasoiz@gmail.com](mailto:rayssasoiz@gmail.com)

Esta pesquisa foi fomentada financeiramente pela FAPERJ e CNPQ.

#### **4.3.6 A DESMEDICALIZAÇÃO DA VIDA NA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA**

Crisóstomo Lima do Nascimento (IFF/UENF)

**Flávio da Silva Chaves (UENF/FABERJ)**

Historicamente, percebe-se que tanto o transtorno, a patologização do indivíduo, quanto a exacerbção dos medicamentos seguem princípios positivistas científicos, sofrendo alterações ideológicas de acordo com o contexto sociocultural, funcionando como única via de intervenção e abordagem terapêutica. Neste sentido, as Ciências Médicas tem a primazia sobre o corpo e o diagnóstico, o que dificulta a inserção de novos modelos de conceber a saúde e doença e a visão multidimensional do ser humano. Neste contexto, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar elementos teóricos para a desmedicalização da vida no viés da Psicoterapia Existencial Heideggeriana. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura a partir de livros e artigos científicos que trouxessem maiores esclarecimentos sobre o tema abordado. Percebeu-se que, nessa discussão, existem posicionamentos teóricos que desmistificam o Saber Médico enquanto detentor do conceito saúde/doença e, conseqüentemente, enquanto único interventor no processo de cura. Fenomenologicamente, o adoecimento é descrito como fechamento das possibilidades e não como algo apenas biológico. A partir da Psicopatologia, são apresentados vários métodos e intervenções no processo de cura dos transtornos mentais. Conclui-se, nesse contexto, que a Psicoterapia Existencial Heideggeriana apresenta propostas que, aplicadas na Clínica, contribuirão para o processo de desmedicalização da vida.

**Palavras-chaves:** Saber Médico; Saúde/doença; Psicoterapia existencial.

##### **Crisóstomo Lima do Nascimento**

Psicólogo Clínico, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em estudos da subjetividade pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduação em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao Programa de pós graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF. E-mail: [crisostomoln@gmail.com](mailto:crisostomoln@gmail.com)

##### **Flávio da Silva Chaves**

Doutorando em Cognição e Linguagem (UENF); Mestre em Ciências da Religiões (FUV); Especialização em Psicoterapia Existencial e Gestalt Terapia (ISECENSA). Atua como professor de Introdução à Psicologia e Psicologia do Desenvolvimento na Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro. Compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE). E-mail: [flavio.chaves.silva@hotmail.com](mailto:flavio.chaves.silva@hotmail.com)



#### **4.3.7 A ESFEROLOGIA DE PETER SLOTERDIJK E A DEPRESSÃO COMO LUTO PELA PERDA DO NOBJETO**

**Lucca de Menezes Passos Barbosa (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

Esta pesquisa trata do entendimento desenvolvido pelo filósofo Peter Sloterdijk do fenômeno psicopatológico da depressão (melancolia) articulado à sua concepção do vir a ser humano descrito em sua Esferologia. Esta concepção do vir a ser no mundo parte da ideia de que o homem é iniciado no mundo e confere sentido a ele com base na presença de um Outro íntimo (que ele chama de nobjeto), um aliado complementar que anima e principia seu movimento natal de existência. Essa dinâmica é constituinte das Esferas como espaços de habitação humanos. Ou seja, Sloterdijk elabora uma antropologia filosófica fenomenológico-existencial que parte do princípio de que a existência humana principia e adquire sentido sempre na companhia dos outros que nos inserem e acolhem no interior das ordens simbólicas do mundo - e a formação da subjetividade ocorre nessa dinâmica de pares. A primeira esfera (bolha) é a díade bebê-cuidador(a). Nesse contexto, a melancolia é a resposta esferológica de quem perdeu esse nobjeto - na travessia onerosa que é a existência, o indivíduo depressivo tem seu complementar íntimo vital retirado antes de ter-se insuflado o suficiente para partir para outras bolhas. Dessa forma, abandonado pelo aliado que o motivava e encorajava, o indivíduo melancólico vive o luto de seu cúmplice vivificador na forma de uma crise atesta individualizada. Ou seja, para Sloterdijk, melancolia se torna uma patologia do exílio, dado o empobrecimento do mundo interior pela retirada do nobjeto. Com isso, a presente pesquisa objetiva apresentar a teoria Esferológica do fenômeno da Depressão, visando expor os conceitos centrais da Esferologia e indicar a ideia do luto pela perda do nobjeto como uma nova forma de compreender o fenômeno da Melancolia. A pesquisa segue a metodologia de análise bibliográfica, buscando nas obras de Peter Sloterdijk (principalmente no livro “Esferas 1 - Bolhas”) e em comentadores adentrar nos conceitos principais da Esferologia e de refinar o entendimento da Melancolia para o autor. A discussão feita é acerca da pertinência dessas teorias para uma melhor compreensão da depressão; ao reunir uma série de tradições filosóficas, psicanalíticas e antropológicas, Sloterdijk elabora uma teoria consistente e pertinente, cujo potencial renovador na tradição filosófica pode ter grandes repercussões no campo da Psicologia. A atual pesquisa ainda se encontra nas fases iniciais de um projeto de Iniciação Científica. Por isso, o escopo desta comunicação é apresentar o estado atual da pesquisa sobre a antropologia sloterdijkiana e a concepção de depressão dela derivada. Tal concepção tem potenciais repercussões no campo da Psicologia; mais especificamente, ela pode ser de grande valia para a compreensão deste fenômeno no campo de estudos da Psicopatologia e Psicoterapia.

**Palavras chave:** Depressão; Melancolia; Peter Sloterdijk; Esferologia; Ser-no-mundo.

**Lucca de Menezes Passos Barbosa**

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. E-mail: [lucampb@gmail.com](mailto:lucampb@gmail.com)

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Professor Adjunto A do Departamento de Psicologia da FAFICH da UFMG. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [pauloevangelista.ufmg@gmail.com](mailto:pauloevangelista.ufmg@gmail.com)

#### **4.3.8 A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO INTERDISCIPLINAR NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: RECORTE DE UM CASO**

Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima (PUC-SP)

Henriette Tognetti Penha Morato (USP-SP)

Joyce Cristina de Oliveira Rezende (USP-SP)

**Luana Maria Carrilho Segantini (USP-SP)**

A violência de gênero é um fenômeno que atinge mulheres de todas as classes sociais, raças e etnias, tendo recrudescido na quarentena imposta pela pandemia de covid-19 em todo o mundo. No plantão psicológico realizado pelos alunos de Psicologia no Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ), é comum atendermos mulheres em situação de violência. Os alunos de Psicologia estão vinculados ao Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LEFE), sendo supervisionados por psicólogos colaboradores do laboratório. A parceria entre LEFE e DJ existe há quase vinte anos, havendo uma construção constante da ação e atenção psicológica na instituição. O atendimento conjunto, isto é, o atendimento realizado pelos alunos de Psicologia juntamente aos alunos do Direito é uma prática que preza pela interdisciplinaridade entre as duas áreas e tem se mostrado fundamental nos casos de violência de gênero. Para ilustrar, trazemos a história de Graça: uma mulher por volta dos 45 anos, casada na ocasião há cerca de 25 anos com Raul, um homem agressivo nas atitudes e nas palavras. O primeiro contato de Graça com a Psicologia no DJ ocorreu no segundo semestre de 2018. A estagiária de Direito procurou o plantão pois sua assistida estava em dúvidas se devia se separar do marido ou não. Ela já vinha sendo acompanhada pelo DJ há alguns meses, e sua indecisão estava atravancando o encaminhamento jurídico. Apesar de não sofrer mais violência física, a violência psicológica e patrimonial continuava presente em seu relacionamento. Além da separação, havia a dúvida se deveria entrar com uma medida protetiva amparada na Lei Maria da Penha, a fim de afastar o agressor do lar. Graça nunca denunciou o seu então marido pelas violências sofridas, com medo de que ele fizesse o mesmo que o pai dele fez com sua mãe: assassiná-la e se matar em seguida. Após dois atendimentos conjuntos, Graça decidiu pelo divórcio e foi dada entrada no processo, contudo achou melhor não requerer a medida protetiva. O atendimento interdisciplinar mostrou-se fundamental nesse caso, ao auxiliar e fortalecer Graça a tomar a decisão que mudaria a sua vida e de seus dois filhos, já adultos.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Fenomenologia Existencial; Psicologia e Direito; Violência de Gênero; Interdisciplinaridade.

**Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima**

Graduanda de Psicologia na PUC-SP, com formação prevista para 12/2021. E-mail: [analuiزازlima1@gmail.com](mailto:analuiزازlima1@gmail.com)

**Henriette Tognetti Penha Morato**

Professora Associada do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do IPUSP e coordenadora do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE). E-mail: [hmorato@usp.br](mailto:hmorato@usp.br)

**Joyce Cristina de Oliveira Rezende**

Doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IPUSP, Mestra em Psicologia Social, psicóloga e advogada. Bolsista da CAPES. E-mail: [joyce.rezende@usp.br](mailto:joyce.rezende@usp.br)

**Luana Maria Carrilho Segantini**

Graduanda de Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), bolsista PUB (Programa Unificado de Bolsas da USP). E-mail: [luanasegantini@gmail.com](mailto:luanasegantini@gmail.com)

#### **4.3.9 A MEDICALIZAÇÃO NO CONTEMPORÂNEO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA A PARTIR DA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA**

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF/UENF)

**Peterson Gonçalves Teixeira (UENF)**

O presente resumo fala do processo desmedicalização do paciente frente a possibilidade de tratamento psicoterapêutico utilizando a fenomenologia como fonte de libertação. Através da busca de sentido e da busca de uma maior tematização dos sentidos que vigoram de modo naturalizado no cotidiano o paciente e nas restrições que vigoram em suas eventuais patologias psíquicas. O objetivo é reforçar a ideia de que o mundo de hoje se utiliza em excesso de medicamentos na tentativa de melhorar as condições psicológicas dos pacientes, aonde, o estranhamento, o reconhecer-se na vida, constitui elemento de extrema importância, trazendo a possibilidade do indivíduo conhecer a origem dos seus males e, podendo, através da psicoterapia gerar a possibilidade de libertação frente aos seus dilemas. A metodologia proposta é utilizar levantamento bibliográfico da obra a questão da técnica de Martin Heidegger e sociedade do cansaço de Byung-Chul-Han, ampliando uma discussão sobre uma clínica menos subserviente aos medicamentos. A discussão levantada é a que através da medicalização o indivíduo vive um entorpecimento dos sentidos, não refletindo sobre as causas de suas angústias e as possíveis vias para reconstrução de sua vida, que pode ser conquistada com a psicoterapia. O entorpecimento de seus sentidos com o uso dos medicamentos lhe é prejudicial pois não ajuda a identificar e a trabalhar a causa dos seus problemas. A medicalização tem, entre outras vias, a força das indústrias farmacêuticas mundiais que obtém grandes lucros através da venda dos mesmos e cria mecanismos para reforçar seu uso. Buscar sentido no viver constitui um ponto fundamental para que o indivíduo chegue ao esclarecimento de sua forma de viver e como isso interfere no cotidiano dando ao indivíduo condições de se perceber atuante no seu processo terapêutico a partir de sua historicidade e maior apropriação de seus sentidos de mundo. Por fim, entendemos que esta ampliação da possibilidade de tomada de consciência possa contribuir para uma maior desnaturalização do lugar hegemônico que a medicalização tem costurado ocupar nos processos terapêuticos.

**Palavras chaves:** medicalização; terapia; vida.

##### **Crisóstomo Lima do Nascimento**

Psicólogo Clínico, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em estudos da subjetividade pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduação em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao Programa de pós graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF. E-mail: [crisostomoln@gmail.com](mailto:crisostomoln@gmail.com)

##### **Peterson Gonçalves Teixeira**

Mestrando em Cognição e Linguagem (UENF); Médico. Pós-graduação em Psiquiatria e Psicopatologia. Compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE). E-mail: [petersongoncalvesteixeira@gmail.com](mailto:petersongoncalvesteixeira@gmail.com)

#### **4.3.10 A PRÁTICA PSICOLÓGICA DA DASEINSANALYSE POR BILÊ TATIT SAPIENZA**

**Gisleide da Costa Santos (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

Esta pesquisa visa sistematizar o entendimento da prática psicológica da Daseinsanalyse subjacente nas obras da psicóloga de Bilê Tatit Sapienza. A autora escolhida construiu sua carreira de terapeuta daseinsanalista na cidade de São Paulo, quando encontrou a Associação Brasileira de Daseinsanalyse, qual se tornou efetivamente membro. Foi feita uma revisão bibliográfica das três obras publicadas da autora: *Conversa sobre terapia* (2004), *do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia* (2007) e *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica* (2015). Após uma introdução ao tema, situando a abordagem daseinsanalítica em sua fundamentação teórico-filosófica, são sintetizados os processos psicoterapêuticos narrados pela autora em seus livros, os quais dividimos em quatro etapas, sendo elas: (1) A chegada do paciente – quando este procura a terapia, o acolhimento de sua queixa e a sensibilidade de compreensão daquilo que não é dito; (2) o surgimento do vínculo entre paciente e terapeuta, apontado como fator essencial no processo; (3) o aparecimento de novas possibilidades existenciais, sejam elas de realizações concretas, sejam de modos de perceber-se e significar-se; (4) a ‘cura’, interpretada a partir de sua raiz etimológica, como cuidado, e o desfecho do processo terapêutico. Em seguida, explicitamos a compreensão da terapia daseinsanalítica da autora, as competências exigidas para essa modalidade até a descrição da existência do paciente à luz da fundamentação filosófica que sustenta esta clínica. Discorre-se sobre o método fenomenológico aplicado à clínica, e como o fazer daseinsanalítico exige do terapeuta competências que favoreçam um olhar cuidadoso e único para o paciente, indo na contramão de técnicas pré-estabelecidas que busquem soluções rápidas e diagnósticos que limitam o modo-de-ser da existência. Concluimos que Sapienza, ao longo de sua obra, se preocupa em preservar a seriedade da Daseinsanalyse, sendo sua proposta uma clínica voltada à aproximação genuína com cada paciente, favorecendo um vínculo que conduz às ressignificações, à mudança de olhar e ao surgimento de novas possibilidades da relação da existência com seu mundo. Chama a atenção também nos escritos de Sapienza que, embora ela refira a Daseinsanalyse aos seus notórios fundadores, Ludwig Binswanger e Medard Boss, seu esforço é por encontrar ela própria as diretrizes para a abordagem terapêutica na filosofia de Martin Heidegger, tal como eles fizeram a partir da década de 1930. Esperamos que o material reunido e sistematizado possa contribuir para uma maior compreensão e divulgação da Daseinsanalyse como possibilidade de prática terapêutica e suscitar a curiosidade dos leitores pela obra desta psicóloga brasileira e contemporânea, o que aproxima sua prática terapêutica do contexto sócio-histórico ao qual se aplica.

**Palavras-chave:** Análise Existencial; Daseinsanalyse; Psicoterapia; Martin Heidegger.

**Gisleide da Costa Santos**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora voluntária de iniciação científica no Laboratório de Análise de Processos de Subjetividade (LAPS-UFMG). E-mail: [csantos.gisleide@hotmail.com](mailto:csantos.gisleide@hotmail.com)

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Doutor em Psicologia. Professor Adjunto A do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [pauloevangelista.ufmg@gmail.com](mailto:pauloevangelista.ufmg@gmail.com)

Agência de fomento: Programa de Iniciação Voluntária da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

#### **4.3.11 A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL E SUAS POSSIBILIDADES NAS FORMULAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**Letícia de Lima Fernandes Azevedo (UNIP)**

Reynaldo Thiago da Silva Rocha (UNIP)

A partir de uma contextualização histórica, este trabalho procura investigar os desdobramentos das Políticas Públicas, no que tange a saúde mental, e o papel da Psicologia Fenomenológica-Existencial na formulação de novas maneiras de contemplar o ser humano e sua relação com o mundo. A Fenomenologia, como campo de estudo da Filosofia, contempla os fenômenos tais quais se permitem conhecer, e as maneiras com que expressam a existência humana e seus significados. Em meados do século XX, Binswanger (1946/1971, 1956/1977), Boss (1975), entre outros pensadores, inserem este saber ao campo da Psicologia, o que possibilita o desenvolvimento de novos olhares acerca da vida humana, em toda sua complexidade. No Brasil, no início da década de 70, um movimento social formado por trabalhadores do movimento sanitário, sindicalistas e associações de profissionais da saúde, penetra a sociedade brasileira em defesa dos direitos das pessoas acometidas por transtornos mentais, e resistindo contra a violência dos manicômios. Como conquista desse movimento popular, surge o primeiro CAPS do Brasil, na cidade de São Paulo, em 1986. Assim, uma nova concepção acerca da saúde mental do ser humano é formulada e disseminada. Em 1988, com a elaboração da nova Constituição, é criado o SUS – Sistema Único de Saúde, e pela primeira vez, desde a redemocratização do país, as necessidades da população adentram as decisões políticas e uma atmosfera mais igualitária em direitos é respirada no Brasil. Embora as Políticas Públicas de saúde mental tenham avançado de maneira considerável nas últimas décadas, com a criação de diversas instituições de saúde e ampliação da clínica, é necessário problematizar o caráter diagnóstico e determinista que ainda permeia o imaginário dos profissionais da saúde. A Psicologia tem exatamente esse papel problematizador em relação à produção de subjetividades, às imposições de formas de se viver e de governar. A partir de uma prática crítica, os profissionais da Psicologia contribuem para a construção de Políticas Públicas efetivas, que realmente considerem as mais diferentes formas de existir e seus significados. A abordagem Fenomenológica-Existencial enfatiza a importância de se contemplar a existência humana em suas mais variadas maneiras de expressão, e os significados tão particulares de cada sujeito. As Políticas Públicas, em suas formulações, possuem um caráter universalista, propiciado por uma lógica de justiça social de livre mercado, consequência do modelo econômico capitalista em que vivemos. Essa universalização defende a esquematização da seguridade social básica universal, que compreende a sociedade como uma comunidade de iguais em direitos e deveres. Porém, quais seriam os limites dessa universalização? De quais maneiras torna-se possível considerar as individualidades de cada sujeito no desenvolvimento das Políticas Públicas? Como a Abordagem Fenomenológica-Existencial pode se inserir nas Políticas Públicas, de modo a ajudar na produção de demandas e na sua efetivação e monitoramento?

**Palavras-chave:** Políticas Públicas; saúde; SUS; Fenomenologia; subjetividade.

**Letícia de Lima Fernandes Azevedo**

Discente da Graduação em Psicologia Universidade Paulista – UNIP. E-mail: [leticiafazevedo@gmail.com](mailto:leticiafazevedo@gmail.com)



**Reynaldo Thiago da Silva Rocha**

Psicólogo CAPS AD III Campo Limpo, Docente da Graduação em Psicologia Universidade Paulista - UNIP. Mestre em Psicologia Clínica - IPUSP, Especialista em Psicopatologia Fenomenológica - FCMSCSP e Membro Nacional do Círculo Fenomenológico da Vida e da Clínica – IPUSP. E-mail: [reynaldo.rocha@docente.unip.br](mailto:reynaldo.rocha@docente.unip.br)

#### **4.3.12 A VIOLÊNCIA E AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DA MULHER CONTEMPORÂNEA: EMPODERAMENTO DO DIREITO DE ESCOLHA**

**Elder Matheus Fagundes Gonçalves (UNIP)**

Profa. Dra. Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

A violência contra a mulher está relacionada a dominação de gênero histórica. Este tipo de violência expressa-se de diversas formas, em que as práticas corriqueiras são veladas, apesar da previsão da punição embasada no direito penal, os agressores muitas vezes saem impunes e as vítimas sofrem pelo ato e pelo julgamento de uma sociedade que reproduz a condição de subordinação da mulher, culpabilizando as vítimas. Esta pesquisa visou compreender as vivências dos papéis femininos que as mulheres vítimas de violência possuem de si e entre si, apoiada no referencial teórico e metodológico da Psicologia fenomenológico-existencial. A coleta de dados foi realizada no grupo de apoio. Foram realizadas 9 oficinas temáticas acerca do feminino e o direito de escolha, duas oficinas na modalidade presencial e 7 na modalidade online, pois entende-se que um grupo constitui uma nova entidade, com leis, mecanismos próprios e específicos, todos os membros estão reunidos em torno de uma tarefa e um objetivo. O grupo visa ser uma possibilidade de conhecer os diversos papéis exercidos pelas mulheres para além da situação de violência e reconhecerem as possibilidades que podem ser construídas do acolhimento, da escuta ativa, da construção de saberes e sentidos em grupo, atua como recurso fortalecedor de vínculos e apoio nos diferentes desafios e enfrentamentos que se apresentam cotidianamente. Foi feita a análise fenomenológica dos discursos das mulheres nos grupos em suas similaridades de acordo com os quatro passos da análise, construindo as categorias temáticas de análise: 1- Cuidando umas com as outras, 2- Rede de apoio na comunidade, 3- O grupo e a Cultura religiosa nos enfrentamentos, 4- Família e o lugar da mulher, 5- Solidão intensificada pela quarentena, 6-Emprego e autonomia e 7- Esperança. Esta pesquisa forneceu dados relevantes para considerar os novos papéis e funções sociais assumidas por essas mulheres, transcendendo o prescritivo histórico de mulheres vítimas, dependentes e subordinadas ao masculino, na medida em que elas desenvolveram a subjetividade em grupo, sendo um sustentáculo para a outra nas crises cotidianas. O grupo revela problemas estruturais na sociedade que se apresentam, como a falta de oportunidades de empregos, e que se agravaram com a pandemia, à medida que avançam em sua empreitada por autonomia e empoderamento. O grupo online foi uma estratégia eficaz para promover os enfrentamentos da violência e protegeu a reincidência, mas deve estar associado a outras redes de apoio para um cuidado integral ao indivíduo que fortaleça unidades de apoio informais e mais acessíveis, tais como: amigos, família, vizinhos e não apenas instituições.

**Palavras-chave:** violência de gênero; identidade feminina; grupo.

**Elder Matheus Fagundes Gonçalves**

Graduando em Psicologia pela Universidade Paulista- Ribeirão Preto, iniciada em 2016 e pesquisador em nível de iniciação científica.

E-mail: [eldermfagundes@hotmail.com](mailto:eldermfagundes@hotmail.com)

**Profa. Dra. Lilian Cláudia Ulian Junqueira**

Psicóloga pela Universidade de Ribeirão Preto (2004). Especialista em Psico-oncologia pelo IRPCC (2006). Mestre (2008) e Doutora (2014) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

de Ribeirão Preto- USP. Atualmente, como Profa. titular da Universidade Paulista - UNIP (2014 – atual. Autora de artigos e capítulos de livro, nas temáticas saúde mental e contextos em saúde. E-mail: [lilianjunqueira@yahoo.com.br](mailto:lilianjunqueira@yahoo.com.br)

#### **4.3.13 ANSIEDADE COM GRUPO DE IDOSOS EM PROJETO DE SAÚDE PSICOLÓGICA NO FORMATO ONLINE**

**Laila Priscila Graf Ornellas (NETCOS/UFSC)**

Mariana Lopes Olimecha de Carvalho (IDNP)

Apresentamos um relato de experiência de uma intervenção feita com um grupo de pessoas idosas enfocando o fenômeno psicológico da ansiedade. Desenvolvemos atividades no formato online, dentro de um projeto sobre cotidiano e saúde psicológica no contexto da pandemia do Covid-19, com pessoas que participam periodicamente de um grupo atividades de estimulação cognitiva vinculados a um instituto de psicologia e neuropsicologia em Niterói-RJ. O fundamento teórico empregado foi a psicologia existencialista sartreana e a ansiedade, a partir desse enfoque, é considerada um padecimento emocional, em que a pessoa não tem domínio; devendo esta ser considerada tanto em termos de objeto, como de percepção. A ansiedade e o medo são, diante dessa compreensão, emoções que também podem ser consideradas compatíveis com todo um contexto vivenciado no período da Pandemia do Covid-19, especialmente para pessoas consideradas pelos agentes sanitários em grupo de risco. Diante disso, além de as emoções se relacionarem diretamente com as situações vivenciadas, elas empurram as pessoas para um futuro, ou melhor, para uma urgência de atravessar situações conflituosas. Em relação ao método adotado, foi desenvolvida uma intervenção por duas coordenadoras psicólogas responsáveis com seis participantes, cinco mulheres e um homem, com idades entre 73 a 80 anos no formato online. O trabalho envolveu dois momentos: um primeiro caracterizado pela intervenção propriamente dita, com duração de uma hora e trinta minutos, constituído por uma apresentação inicial do trabalho, uma palestra teórica sobre a ansiedade, seguido de uma exemplificação de uma situação clínica e um período posterior em que foi solicitado aos participantes reflexões e comentários sobre vivenciais atuais de ansiedade. Num segundo momento, foram coletadas devolutivas espontâneas dos participantes sobre o trabalho proposto. As falas foram registradas em um diário de campo e os procedimentos éticos foram respeitados em todos os momentos da intervenção, com uma solicitação prévia de autorização de uso dos dados para fins de pesquisa e a garantia do sigilo e da identificação dos participantes. Discussões dos resultados: 1. Os participantes aderiram a atividade proposta em ambiente virtual demonstrando satisfação em realizá-la; a maioria permaneceu até a conclusão da mesma (cinco), uma se desvinculou no período inicial. 2. Foi possível analisar por meio das falas dos participantes relatos em que vinculam as questões do corpo, de sua experimentação física da ansiedade, com situações vivenciadas pelos mesmos, tal como a teoria apresentou; 3. Os participantes efetuaram trocas significativas sobre situações geradoras de ansiedade e puderam compartilhar conhecimentos e/ou estratégias de enfrentamentos entre os mesmos; 4. Com as devolutivas, foi possível observar que os participantes repensaram ocorrências geradoras de ansiedade e como esse processo influenciou positivamente seus cotidianos. Considerações finais: o trabalho se mostrou importante tanto pela intervenção e seus resultados com esse grupo, propiciando a construção de laços e a reflexão, como por abrir possibilidades para outros estudos, pesquisas e intervenção envolvendo pessoas idosas, ansiedade e o trabalho de intervenção online.

**Palavras-chave:** Intervenção Online; Pessoa Idosa; Ansiedade; Existencialismo

**Laila Priscila Graf Ornellas**

Psicóloga e Licenciada em Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau; Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito. Especialista em Gestão e Educação do Trabalhador, Formação pelo PERFIS- Psicologia e Psicoterapia Existencialista Científica. Atua com psicóloga clínica, docente e pesquisadora e é integrante do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS- UFSC). E-mail: [lailagraf@gmail.com](mailto:lailagraf@gmail.com)

**Mariana Lopes Olimecha de Carvalho**

Graduada em Psicologia pela Universidade Gama Filho, Pós-Graduada em Geriatria e Gerontologia pela Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduada em Neuropsicologia pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Fundou o IDNP Mariana Olimecha objetivando o cuidado integral com a saúde do idoso. Atua como diretora deste Instituto Neuropsicologia e desenvolve atividades preventivas, de avaliação complementar, diagnósticos e acompanhamentos através de uma equipe interdisciplinar.

#### **4.3.14 AVANÇOS TECNOLÓGICOS E A FINITUDE DA VIDA NO CTI: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA**

**Caroline Ferreira dos Santos (UENF)**

Nayara Manhães Chagas Cobuci (UCES)

Crisóstomo Lima do Nascimento (UENF)

Os avanços no cenário médico, têm colocado à disposição dos profissionais não somente diversas formas de beneficiar a saúde dos pacientes, mas sobretudo permite um possível controle sobre a morte dos mesmos. Alguns dos tratamentos artificiais oferecidos, com intuito de propiciar benefícios aos pacientes podem prolongar o processo de morte sendo considerados contraditórios ao princípio de uma vida digna. O presente artigo tem como objetivo refletir, a partir da perspectiva da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, a respeito dos investimentos tecnológicos praticados no CTI, proporcionando aos pacientes internados recursos e medicamentos potentes para suporte hemodinâmico, sendo, no entanto, em alguns momentos, ofertados em um contexto no qual o processo de morte é irreversível, gerando graves dilemas éticos. O desenvolvimento metodológico seguiu os pressupostos da abordagem qualitativa de uma revisão da literatura a partir de artigos científicos, além da exploração dos autores e suas obras para tratar os temas enunciados. Para o levantamento bibliográfico, a busca foi embasada em publicações obtidas em bases de dados, como SCIELO, Pubmed, Biblioteca Virtual da Saúde, com acesso entre os meses de agosto a setembro de 2020, utilizando os descritores: finitude, avanços tecnológicos, CTI e fenomenologia. Como resultado, foi possível identificar que, considerando o contexto do CTI, o uso de equipamentos com alta tecnologia tem contribuído para que alguns procedimentos diagnósticos e terapêuticos se tornem menos invasivos, propiciando uma recuperação mais rápida e com menos complicações. Entretanto, o emprego exagerado da tecnologia em situações questionáveis, como no caso de pacientes não recuperáveis, pode demonstrar, em alguns casos, um empoderamento do poder médico que o coloca acima da própria constituição fundamental do ser-para-a-morte como finitude do existir. A fundamentação teórica se dará a partir da Fenomenologia hermenêutica como a abordagem que possibilita uma postura mais dialética que compreende a existência como impermanente, anunciando a finitude como parte da vida, entendendo a morte como a possibilidade mais própria do existir. Uma reflexão acerca do pensamento de Martin Heidegger, traz a finitude como uma disposição existencial originária, que se confronta com o seu próprio sentido de ser sempre na iminência de expor-se ao risco do deixar de ser. Heidegger compreende a existência como uma experiência de mundo. Sendo assim, cada qual pode compreender a finitude a partir do que se abre como possível no horizonte de sentido. Trazer à luz a reflexão sobre os tabus conferidos culturalmente à morte pode tornar possível novos modos de lidar com as inquietações provocadas pela constatação da finitude pelo paciente ou pelo profissional que cuida, oferecendo recursos para que seja possível conviver com as ideias acerca da iminência da morte, ou seja, de deixar de ser, de existir. Conclui-se que discutir sobre morte é discutir sobre um tema carregado de muitos sentidos, tanto existenciais quanto culturais e que, portanto, é tão fundamental quanto urgente refletir sobre o limite dos cuidados oferecidos quando tratar-se de paciente com diagnósticos irrecuperáveis, uma vez que os cuidados precisam fazer sentido tanto para os profissionais que o executam, quanto para os pacientes que o recebem.

**Palavras-chave:** finitude; avanços tecnológicos; CTI; fenomenologia.

**Caroline Ferreira dos Santos**

Mestranda em Cognição e Linguagem (UENF); Enfermeira; Pós graduação em Terapia Intensiva; Pós graduação em Enfermagem do Trabalho; Servidora pública no município de Campos dos Goytacazes; Compõe o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existências (NEPPFFE).

**Nayara Manhães Chagas Cobuci**

Psicóloga, Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales – UCES). E-mail: [nayarachagaspsi@gmail.com](mailto:nayarachagaspsi@gmail.com)

**Crisóstomo Lima do Nascimento**

Psicólogo Clínico, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em estudos da subjetividade pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduação em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao Programa de pós graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF. E-mail: [crisostomoln@gmail.com](mailto:crisostomoln@gmail.com)

#### 4.3.15 BREVE REVISÃO SOBRE O “SETEMBRO AMARELO” NO ANO DE 2020

Carolina Esteves Alves (FAMATH)

Em 2015, no Brasil, foi iniciada uma campanha de prevenção ao suicídio chamada Setembro Amarelo. Um ano antes, a Organização Mundial de Saúde publicou um relatório indicando que 50% das mortes provocadas por violência entre os homens e 71% entre as mulheres eram resultado do suicídio, demonstrando a dimensão da questão e a necessidade de implementação de políticas públicas para a sua prevenção. Em setembro de 2020, em meio a uma pandemia viral, oficinas, *lives*, simpósios, seminários, rodas de conversa sobre morte voluntária foram abundantes, levando à percepção de certa “viralização” do tema. A motivação para este trabalho se deu ao longo da campanha de prevenção do suicídio deste ano, mais especificamente durante a participação da autora em seis destes eventos. O objetivo é problematizar a “explosão” de eventos com este tema no Brasil. Foram tantos debates, muitas vezes sobrepostos, que o cenário se assemelhou a uma competição levando à reflexão sobre se o aumento do número de discussões sobre o suicídio modifica a forma como a sociedade trata esta questão. Ou ainda, se estes eventos contribuem para a prevenção ou para a estigmatização do suicídio. Os seis eventos foram organizados por instituições públicas e privadas localizadas nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná e neles palestraram 32 profissionais (psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais). A maioria das apresentações (27), em menos de 30 minutos, desmentiu mitos, ratificou verdades, apresentou estatísticas e relações causalistas, construiu um discurso rápido, econômico e impessoal. O suicídio foi tratado como evidência simplesmente dada, desconsiderou-se a experiência humana e as estratégias de prevenção foram apresentadas como soluções para impedir que alguém morra, ainda que por vontade própria. De outro modo, 5 palestrantes não abordaram a prevenção do suicídio sob a perspectiva do controle, antecipação e tutela sobre a decisão do outro. Nestas apresentações o suicídio foi abordado para além das questões de saúde e, a partir de uma redução fenomenológica, os julgamentos foram suspensos, vida e morte foram tratadas como possibilidades da existência. Durante as apresentações os espectadores foram instigados a esvaziarem-se do senso comum e no vazio do pensamento, brotaram novas ideias a respeito deste fenômeno. Percebeu-se que enquanto analisarmos o ato de pôr fim à vida de forma moralizante, cartesiana, nos afastaremos do fenômeno em si e nos aproximaremos dos estereótipos, preconceitos e superstições, atitudes que não cabem no horizonte da prevenção pretendida. Esta crítica propõe um outro olhar sobre a atuação dos profissionais de saúde, inclusive nas campanhas setembro amarelo, para que a prevenção do suicídio se dê pelo acolhimento atento e respeitoso, sem premissas moralistas. No lugar de interpretar causas e sinais, sugere-se que os motivos daqueles que pensam ou tentaram encerrar a própria vida sejam ouvidos, uma vez que a indecisão pode ser oportunidade para nos demorarmos nos motivos que o fizeram hesitar. Na perspectiva fenomenológica existencial, a indeterminação torna-se possibilidade de encontrar, na liberdade do cliente e junto dele, um caminho que o mantenha na ponte e na vida.

**Palavras chave:** setembro amarelo, suicídio, prevenção, possibilidade, fenomenológica

**Carolina Esteves Alves**

Licenciada em Ciências Biológicas (UFRJ), Mestre em Biologia Marinha (UFF), Analista Ambiental do Ibama, Discente do Curso de Psicologia (FAMATH). E-mail: [esteves.carolina@outlook.com](mailto:esteves.carolina@outlook.com)



#### 4.3.16 CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: VERSÕES DE SENTIDO E SUPERVISÃO CLÍNICA

**Ligia Claudia Gomes de Souza (UVA)**

A formação profissional do(a) futuro(a) psicoterapeuta existencial é um desafio que se dá no cotidiano das aulas e, particularmente, das supervisões clínicas que acontecem na segunda metade do curso. Particularmente, a prática da supervisão pressupõe uma série de provocações, colocadas ao supervisor e aos estagiários em seus encontros semanais, destarte, é nesse espaço onde são apresentados os relatos dos atendimentos e, também, onde todas as angústias dos primeiros atendimentos aparecem. A clínica fenomenológica-existencial postula a construção de um ambiente, em que o pensamento meditante possa se dar, e haja uma afinação entre terapeuta e cliente, pautada na construção de uma atmosfera de entrega e de confiança e, principalmente, onde o terapeuta possa exercitar sua escuta à questão do outro, mas para isso o(a) futuro(a) psicólogo(a) necessita se entregar, se colocando em intimidade com o outro, podendo assim, apreender o sentido da existência de seu cliente, mas como romper a visão dos alunos de outras perspectivas apresentadas a ele durante a formação que apresentam uma prática psicológica relacionada a modelos que restringem as possibilidades tanto dos futuros psicólogos em formação quanto do sujeito que busca a ajuda? Esse trabalho reflete sobre os desafios da supervisão clínica e sobre as possíveis contribuições do trabalho com *versões de sentido* (Amatuzzi, 1989, 1995, 2001) na supervisão clínica, o foco é apontar as contribuições das versões de sentido para a construção de uma compreensão fenomenológica-existencial para um acadêmico que ainda está envolto por uma expectativa que pode fazer com que ele se preocupe e se ocupe mais com a técnica do que com o sujeito em sua frente. A possibilidade que a *versões de sentido* apresenta ao estudante é o registro de uma experiência imediata do terapeuta enquanto pessoa no momento final do atendimento, não se configura um relato, mas trata da experiência do terapeuta. Ao registrar as vivências compartilhadas entre psicoterapeuta e cliente, a supervisão não se limita a uma mera descrição do que o cliente disse e do que o estagiário respondeu ou perguntou, no primeiro momento há uma preocupação do estagiário em descrever/relatar o encontro, nesse processo, o foco se desloca da objetividade do encontro para o aspecto sensível do encontro. A revisão realizada pela presente investigação conclui que, ao deixar de focar no relato e se ater a um contexto mais amplo, o terapeuta iniciante consegue compreender os pressupostos fenomenológico-existenciais e inicia um processo de se libertar do manual, de sustentar o pensamento meditante tão caro à clínica, de manter olhos e ouvidos atentos ao outro e a se demorar na questão do outro, desse modo, iniciando a sua apreensão (em seu modo particular) do que seja trabalhar com o método fenomenológico na clínica psicológica.

**Palavras-chave:** formação; psicoterapia fenomenológico-existencial; versões de sentido.

**Ligia Claudia Gomes de Souza**

Psicóloga, psicoterapeuta na vertente Fenomenológico-Existencial, Mestre e Doutora em Psicologia Social, professora universitária e supervisora de estágios no campo clínico e no campo socioinstitucional. E-mail: [claudiapsicoterapeuta@outlook.com.br](mailto:claudiapsicoterapeuta@outlook.com.br)

#### **4.3.17 CUIDADO AO CUIDADOR: PROMOÇÃO À SAÚDE DE FAMÍLIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Elizandra Benedito De Carvalho (Uniceplac)

Evellyn Vitória Souto Neves (Uniceplac)

Izaías Dalton Silva (Uniceplac)

**Juliana dos Santos Cardoso (Uniceplac)**

Há anos as pessoas com deficiências foram denominadas de forma pejorativa “inválidos”, termo que significa “indivíduo sem valor”, dessa forma, o inválido era tido como socialmente inútil, um fardo para a família e para a sociedade. Esse projeto visa contribuir ao Pacto pela Vida, firmado pelo Conselho Nacional de Saúde desde 2006, onde caberá aos governos estaduais, municipais e distrital construir ações necessárias para cumprimento das metas, em acordo com a realidade local. A agenda de atividades prioritárias busca a atenção integral em diversos âmbitos, em especial a promoção da saúde, bem como aplicar as recomendações das Diretrizes Curriculares do curso de Psicologia aos estudantes. Por meio da Iniciação Científica, foram realizados encontros semanais com o cuidador responsável pela criança com deficiência, encaminhados pelo Centro de Ensino Especial 01 do Gama – CEE 01, em seis grupos de aproximadamente cinco participantes cada, acompanhados de duplas de estudantes de Psicologia e supervisionados por Professora graduada em Psicologia. Atividades semanais foram desenvolvidas com temas que abordaram questões de autorrealização e promoção de saúde. O ambiente em que os encontros aconteceram foi o próprio espaço escolar, tendo em vista que esses cuidadores ficavam à espera das conclusões de atividades dos filhos no pátio do CEE 01. Sentados de forma circular os cuidadores se posicionaram para produção da fala e escuta. Inicialmente foram estabelecidas as regras do grupo, com as construções que faziam sentido e dotadas de significado para o grupo, bem como a conscientização sobre a importância do sigilo e o cuidado entre o próprio grupo, regidos pela abordagem fenomenológica-existencial. Num grupo psicoterapêutico, as pessoas falam de suas experiências e vivências de modos diferentes, o que possibilita a construção e re-construção de atitudes, pensamentos e escolhas. O foco nas explicações dos participantes acerca de suas dificuldades possibilita a construção de sentidos de si e de seus problemas, juntamente com a identificação dos discursos sociais presentes nessas descrições. Dessa forma, ao se compreender os sentidos como linguagem torna-se viável estabelecer conexões entre os indivíduos e os impactos pessoais, nas relações EU-TU e intencionalidades que orientam suas decisões e escolhas. Durante os 8 encontros realizados observou-se maior interação entre o grupo, desenvolvendo um fortalecimento da rede de apoio e maiores níveis de reflexão sobre o próprio Ser, fazendo com que os processos conscientes estivessem mais presentes em suas relações, além de impactos na autoestima e autoconhecimento.

**Palavras-chave:** cuidadores; fenomenologia; grupos.

**Elizandra Benedito de Carvalho**

Graduanda em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos- Gama – DF. E-mail: [elly1207@gmail.com](mailto:elly1207@gmail.com)

**Evellyn Vitória Souto Neves**

Graduanda(o) em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central  
Apparecido dos Santos- Gama - DF e-mail: [eevellynrodrigues@gmail.com](mailto:eevellynrodrigues@gmail.com)

**Izaias Dalton Silva**

Graduando em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central Apparecido  
dos Santos-Gama – DF. E-mail: [izaiasdalton@hotmail.com](mailto:izaiasdalton@hotmail.com)

**Juliana dos Santos Cardoso**

Psicóloga, Mestre, Docente do Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos  
Santos- Gama – DF. E-mail: [juliana.santos@uniceplac.edu.br](mailto:juliana.santos@uniceplac.edu.br)

Financiamento: Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos –  
UNICEPLAC.

#### **4.3.18 DA ENTREVISTA PRESENCIAL À ENTREVISTA ON-LINE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

**Déborah Adriana Sá Capozzoli (UNICAP)**

Pedro Pereira Cavalcante Filho (UNICAP)

O momento da pandemia da Covid-19 descortinou a possibilidade de findar e fundar mundos e avultou a necessidade de encontrar outros modos de fazer pesquisa. Assim, este estudo tem por objetivo discutir a experiência de dois mestrados em Psicologia Clínica que realizaram entrevistas on-line com os colaboradores de suas pesquisas, pelas plataformas digitais Zoom e Google Meet. Também se apoia em autores como Figueiredo (1994) e Duarte (2020) para compreender alguns aspectos do momento da situação pandêmica e de autores como Hine (2005), Recuero & Amaral (2011) e Kozinets (2014), que compreendem na internet um modo possível de ir à campo, indo de encontro ao horizonte epocal. O mundo digital e o universo on-line, com o uso das ferramentas digitais, se apresentaram enquanto modos possíveis de encaminhar a vida no momento da pandemia da Covid-19. Adentramos o mundo das ocupações através das tecnologias da Comunicação e Informação (TICS). Nas pesquisas de mestrado, que estavam em andamento, não foi diferente. Os pesquisadores foram atravessados por tonalidades afetivas como: tristeza, medo, raiva, dentre outras, que reverberavam do receio do atraso em suas pesquisas. Como ir à campo em situação pandêmica? Nos deparamos com a necessidade de encontrarmos novos modos de fazer pesquisa de metodologia qualitativa e caráter fenomenológico. Estando o pesquisador neste tipo de pesquisa, implicado com o fenômeno que busca compreender, quais experiências podem ser descortinadas com a mudança do campo presencial para o campo on-line? Quais as dificuldades encontradas ao realizar as entrevistas através das plataformas digitais Zoom e Google Meet? Como estabelecer um espaço de interesse comum através da tela do computador? Quais as afetações dos pesquisadores, observadas em campo? Os recursos para a produção de dados neste relato de experiência foram as narrativas produzidas nos diários de campo dos dois pesquisadores, de onde foi possível construir um texto narrativo, apoiando-se nas ressonâncias da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger. Espera-se, a partir deste relato de experiência e diante dos modos de existir na atualidade, atravessados pelo fenômeno da tecnologia e intensificado no momento da pandemia da Covid-19, que seja possível contribuir para a reflexão de um outro modo de fazer pesquisa, através das ferramentas digitais, considerando as potencialidades e os desafios que esse tipo de pesquisa envolve.

**Palavras-chave:** Relato de Experiência; Entrevista On-line; Pandemia Covid-19; Pesquisador.

##### **Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Professora Adjunta Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

**Déborah Adriana Sá Capozzoli**

Psicóloga, Psicoterapeuta, com especialização em Psicologia Clínica e atualmente mestranda em Psicologia Clínica, ambos pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [deborahcapozzoli84@gmail.com](mailto:deborahcapozzoli84@gmail.com)

**Pedro Pereira Cavalcante Filho**

Engenheiro, mestrando em Psicologia Clínica e pesquisador vinculado ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [ppcaval@gmail.com](mailto:ppcaval@gmail.com)

#### **4.3.19 O DINHEIRO COMO MEIO DE PAGAMENTO DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: REFLEXÕES CRÍTICAS**

**Guilherme da Silva Sant’Anna (UERJ)**

A psicoterapia fenomenológica-existencial decorre da articulação entre o pensamento de filósofos da existência, como Sören Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre entre outros, e o pensamento de psicólogos clínicos. De um modo geral, a abordagem se caracteriza pela inspiração metodológica na fenomenologia de Edmund Husserl e por considerar a existência humana como o âmbito em que nos determinamos, acenando, assim, para a insuficiência de teorias capazes de darem conta da existência tal como ela acontece ou de manejos clínicos predeterminados. Feijoo e Sá defendem, nesse sentido, a noção de que a existência precisa ser assumida como o fundamento dessa psicoterapia que pretende se afastar de pressupostos psíquicos, biológicos ou sociais para se debruçar sobre a experiência humana, defesa essa que se desdobra na reflexão crítica acerca dos pressupostos constituintes das nossas experiências naturalizadas de mundo. Assim, a preparação do psicoterapeuta nessa abordagem inclui uma familiaridade com o mundo contemporâneo e, simultaneamente, a capacidade de colocar entre parênteses as determinações desse mundo. Considerando o exercício de questionamento das verdades estabelecidas no nosso momento histórico como essencial para a realização da psicoterapia fenomenológico-existencial, esta pesquisa se debruça sobre a questão do dinheiro como meio de pagamento da própria psicoterapia. Investigamos, através de uma revisão da literatura de produções de teóricos da abordagem, como Feijoo, Protasio, Sá e Dutra, se há apontamentos sobre a temática, isto é, sobre a inserção das práticas psicoterapêuticas fenomenológico-existenciais num contexto capitalista e em que a remuneração é feita em dinheiro. Embora críticos a muitos atravessamentos contemporâneos, os estudos analisados pouco se detêm sobre o dinheiro que media as relações psicoterapêuticas, ou sobre a psicoterapia ser uma atividade remunerada. O pagamento, ainda que seja componente do processo terapêutico, é pouco problematizado, o que se destaca especialmente numa abordagem que pretende pôr em questão as verdades já sedimentadas. Isso demonstra o estado quase natural e supostamente neutro assumido pela questão do pagamento em dinheiro. Dado isso, empreendemos um caminho de desnaturalização que considera a constituição histórica do dinheiro, apoiados no trabalho de antropólogos, sociólogos e economistas políticos. Percebemos como múltiplas formas de dinheiro surgiram em diferentes lugares, como houve e ainda há disputas no que tange à criação, definição, distribuição, uso e controle do dinheiro. Buscamos, com isso, suspender a aura de neutralidade que as relações mediadas por dinheiro possuem, tanto num nível mais amplo no sistema capitalista como nas relações psicoterapêuticas. O percurso histórico do dinheiro, bem como o conhecimento das características constitutivas das moedas nacionais contemporâneas contribuem nesse sentido, possibilitando uma apreciação crítica disso que participa da fundamentação das relações estabelecidas no exercício da psicoterapia fenomenológica-existencial como profissão.

**Palavras-chave:** Dinheiro; Pagamento; Psicoterapia fenomenológico-existencial; Capitalismo.

**Guilherme da Silva Sant’Anna**

Cursando o mestrado em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, sob a orientação da professora PhD Ana Maria Lopez Cavo de Feijoo. Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE).

Formado em Psicologia pela UERJ. Atualmente trabalha como psicólogo clínico. E-mail: [guilhermesantpsi@gmail.com](mailto:guilhermesantpsi@gmail.com)

#### 4.3.20 DO ENTE AO VIVENTE: QUEM CHEGA PARA O PSICOTERAPEUTA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL?

**Alisson de Oliveira Santos (REGT)**

Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX)

A clínica como um lugar de habitação é anunciado ao psicólogo, desde a formação, com mística, encantamento e incógnitas. É um espaço que convida a ser ocupado, de modo livre, mas, a existência de realidades sedimentadas imprime ao profissional um jeito *a priori* de estar nesta relação. Insere o psicoterapeuta como parte de estruturas e pré-definições que convocam a resultados e soluções rápidas, características do nosso tempo. O presente trabalho tem por base a experiência de ser psicoterapeuta fenomenológico-existencial e objetiva apresentar reflexões a partir das afetações e inquietações, geradas com base em questionamento sobre as estruturas dialógicas da relação psicoterápica. A instabilidade da existência convoca o psicoterapeuta fenomenológico-existencial para uma resposta na mesma afinação, ou seja, abertura para construção de modos de relacionar-se no próprio ato da relação e não com propostas ou respostas antecipáveis de antemão. A literatura indica a necessidade de reformulação sobre a compreensão do fazer clínico, para que não encapsule o ser humano em definições, métricas e enquadres segregadores. A experiência do atendimento psicoterapêutico é marcada pelo encontro de duas existências que se chocam num tempo e num espaço, que será ocupado pelo exercício de abertura para as compreensões de meras possibilidades. Toda e qualquer tentativa de objetivação será ineficiente, pois estará fazendo o encerramento em si mesmo de algo maior e mais profundo. Dessa maneira, nenhuma denominação (paciente, cliente, soferente...) sobre quem chega para o atendimento em psicologia consegue dar conta das expressões do Ser no exercício de sua liberdade. Pensar aquele que chega como um Vivente, não com o interesse de ser fechamento para uma definição, mas, um convite, um lembrete para que mantenhamos a atenção constante no encontro, e não em teorias ou técnicas previamente planejadas e definidas com antecedência. Consideremos esse quem vem ao encontro, uma pessoa marcada por vida, que busca no outro um lugar para desaguar sua história e ressignificar seu existir. Ultrapassa os limites do conceito, das definições de *quem se é*. É o viajante que ocupa espaços esquecidos pelo mundo de sua própria história. É a poiesis de se (re) fazer constantemente para poder expressar-se artesanalmente. Ampliar o campo da compreensão sobre a relação psicoterápica e romper com as sedimentações prévias do *como estar na relação*, dirimir o tecnicismo a partir do interesse de deixar desvelar o que é possível com base no conhecimento da *téchne*. O produto resultante das inquietações do fazer clínico e os questionamentos sobre ele realça a percepção sobre o que Heidegger estabelece como era da técnica, marcada pela busca de controle e predição sobre os fenômenos. Defrontar-se com essa inquietude, que se materializa no título desse trabalho, faz-se pertinente pelo resgate da necessidade de abertura e disponibilidade, para (re) pensar um fazer, como também, a relação dentro da psicoterapia, de maneira a produzir cuidado e saúde. Com base afetiva e reflexiva, ao invés de tão somente técnica e coisificada. Uma relação de Vivente para Vivente.

**Palavras-chave:** afetação; relação terapêutica; fenomenologia-existencial.

**Alisson de Oliveira Santos**

Bacharel em Psicologia pela UNIFACEX. Psicoterapeuta, escritor e poeta. Professor da Rede de Ensino Grau Técnico. E-mail: [alisson.de.oliveira@hotmail.com](mailto:alisson.de.oliveira@hotmail.com)



**Ana Andréa Barbosa Maux**

Psicóloga TJ/RN professora do UNIFACEX, Membro do núcleo Poiesis, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [anamaux@tjrn.jus.br](mailto:anamaux@tjrn.jus.br)

#### **4.3.21 DOENÇA COMO RESTRIÇÃO DE SENTIDO? UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM PERÍODO DE PANDEMIA**

**Renata Hilário Pereira de Macedo**

A pergunta presente no título “doença como restrição de sentido?”, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, tem como intuito questionar o caráter restritivo em que as doenças podem ser tomadas, sejam elas físicas ou não, mediante o qual são compreendidas aprioristicamente. Para tratar do caráter restritivo das doenças, nos deteremos especialmente na doença renal crônica (DRC), tendo como objetivo principal explicitar a presente discussão em especial em um período de pandemia mundial e severo isolamento social. Este tema e consequentemente discussão foi introduzido com um trabalho monográfico em 2018 e tornou-se demasiadamente pertinente retomá-lo no contexto que fomos absorvidos no último semestre em uma proposta de repensar a restrição, nestes pacientes, em tempos de pandemia. Nos últimos meses o ambiente hospitalar tomou uma proporção mundial, seja para famílias que tiveram parentes internados, ou para os demais que acompanharam a evolução do COVID 19 no mundo. O psicólogo da área de saúde, especificamente o hospitalar foi chamado a uma atuação, talvez nunca antes vista na profissão. Neste contexto o presente trabalho tem como objetivos versar sobre a atuação do psicólogo no ambiente hospitalar, especialmente com paciente renal crônico (PRC) e responder a pergunta se a doença é tida como restrição de sentido em uma perspectiva fenomenológico-existencial, em especial durante o período de pandemia Corona vírus. Também objetiva um pensar mais meditante sobre os pacientes, tentando se afastar de abordagens calculistas e imediatistas mais comumente praticadas no ambiente hospitalar, segundo a literatura levantada. Tem como método a observação e análise de discursos clínicos e trará a luz à experiência dos pacientes, as possibilidades que se abriram, ou não, com a doença. Inicialmente contextualizará a doença renal crônica, sua rotina e posteriormente falará do ambiente hospitalar e a que é chamado o psicólogo nesse papel, suas implicações e questionamentos. Irá propor a compreensão do homem como *Dasein* no horizonte contemporâneo da técnica que requer produtividade e utilidade de pacientes já acometidos por uma doença crônica e que estariam ainda mais afetados pelo medo de contrair um vírus novo para todos. O discurso clínico é baseado na experiência vivida com pacientes submetidos à hemodiálise em um contexto hospitalar de mais de cinco anos e um recorte especial no período de pandemia do Corona vírus. A relação com a equipe de trabalho, familiares e acompanhantes, lida diária e inclusive a relação com a morte. Não se tem objetivos conclusivos com este trabalho, pelo contrário propõe-se aqui o início de uma relação mais estreita e atenta do psicólogo com este universo, assim como um trabalho mais interdisciplinar. Percebe-se que outras possibilidades podem se abrir, mesmo quando se está restrito fisicamente. A doença não é necessariamente restritiva, existencialmente falando mesmo com seus limites físicos, orgânicos e sociais.

**Palavras-chave:** hemodiálise; psicólogo; fenomenológico-existencial; restrição; pandemia.

**Renata Hilário Pereira de Macedo**

Formada em Psicologia pelo Centro Universitário Celso Lisboa em Dez/00; Pós-graduada em Gestão de RH pela Universidade Cândido Mendes em Dez/01; Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial– IFEN/2018. Tenente Psicóloga da Força Aérea Brasileira, atuando em ambiente hospitalar (HCA) e ambulatorial desde agosto de 2015

e paralelamente atendendo em clínica particular como profissional autônoma. E-mail: [renatahilariorhpm@fab.mil.br](mailto:renatahilariorhpm@fab.mil.br)

#### 4.3.22 ENSINAR CUIDANDO E CUIDAR APRENDENDO!? RE-INVENTANDO A SUPERVISÃO DE ESTÁGIO DURANTE A PANDEMIA

Camilla Kelly Rodrigues dos Santos (UNIVASF)

Jéssica Pimentel (UNIVASF)

João Paulo Rodrigues Bezerra Tavares (UNIVASF)

**Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)**

As restrições criadas/impostas pela pandemia do COVID-19 têm sido responsáveis por profundas mudanças no cotidiano da sociedade, incluindo modos de ensino. Para lidar com essas novas configurações de mundo, somos desafiados a redimensionar/recriar situações de ensino-aprendizagem outrora sequer cogitadas pela universidade. No caso da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), docentes e discentes foram convocados a descobrir/desenvolver novas formas de dar continuidade ao processo formativo, dada a relevância do processo ensino-aprendizagem e mais especificamente, do compartilhamento de experiências e saberes oriundos durante a pandemia. Trata-se de um relato de experiência oriundo de um grupo de supervisão de estágio em Psicologia clínica e da saúde da UNIVASF. O objetivo é apresentar a forma como as supervisões foram sendo reinventadas e reconfiguradas ao longo do período de quarentena ocasionado pela COVID-19. O foco das supervisões voltou-se para a experimentação de conversas *online* para além de conteúdos disciplinares, as quais ocorreram por meio de chamadas de vídeo na plataforma *google meet* durante o período de março a julho de 2020. As temáticas foram definidas a cada encontro semanal, os quais tinham duração média de duas horas. Todos os catorze encontros realizados tiveram caráter voluntário/extracurricular, uma vez que o semestre e os atendimentos presenciais do serviço-escola estavam suspensos. Entretanto, o grupo optou pela continuidade dos encontros de supervisão, os quais foram pautados em discussões de artigos científicos, textos literários, estudos de caso, filmes e *lives*. A metodologia desse relato consiste, pois, na descrição e análise da experiência em questão, destacando seus desdobramentos para os atores envolvidos com base na perspectiva Fenomenológica Existencial heideggeriana. Os conteúdos programáticos da disciplina de estágio cederam lugar para um currículo mais flexível e adaptado à co-construção de novos saberes e fazeres em tempos de crise. Nesse formato *online* e inédito de supervisões, priorizamos a escuta e a fala das experiências dos membros do grupo, optando pela continuidade dos encontros, apesar das dificuldades. Isso nos ajudou a enfrentar o momento disruptivo da crise pandêmica de modo mais sereno e acolhedor. O espaço *online* se constituiu como um momento de aprendizagem significativa, um convite ao pensamento meditante e ao cuidado, para além da ocupação acadêmica. Ensinamos e aprendemos uns com os outros ao cuidar de ser e expressarmos nossos afetos, compreensões e interpretações nos encontros *online*. A abertura ao cuidado solidário foi co-construída gradualmente por meio da “presença” conectada do grupo, mesmo que à distância. Contudo, a presença física trans-formadora foi mencionada como soberana, indispensável para a qualificação do processo formativo. Era como se sempre faltasse algo nos encontros. E apesar dessa lacuna, os *feedbacks* afetivos se tornaram mais comuns ao término dos encontros. As afetações mais recordadas foram: confiança, alegria, medo, esperança, angústia, estranhamento. Ao nos permitirmos experienciar novas possibilidades de ensino-aprendizado, cuidamos de nosso processo formativo, compartilhamos inquietações e aprendemos um pouco mais sobre nós mesmos. E mesmo diante do estranhamento inicial desse formato de supervisão, foi possível descobrir novos modos de ensinar/aprender que não se limitam à prática de estágio em Psicologia.

**Palavras-chave:** Cuidado; Psicologia; Pandemia.

**Camilla Kelly Rodrigues dos Santos**

Estudante do 9º período de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Centro, atualmente realizando estágio clínico com base na abordagem Fenomenológica- Existencial. E-mail: [camillarodriguespsi@gmail.com](mailto:camillarodriguespsi@gmail.com)

**Jéssica Pimentel**

Estudante do 10º período de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Centro, atualmente realizando estágio clínico e hospitalar com base na abordagem Fenomenológica- Existencial. E-mail: [jessicapimentelm94@gmail.com](mailto:jessicapimentelm94@gmail.com)

**João Paulo Rodrigues Bezerra Tavares**

Estudante do 9º período de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Centro, realizando estágio clínico voltado para Fenomenologia Existencial. Membro fundador da primeira liga acadêmica de psicologia da UNIVASF (Liga Acadêmica de Desenvolvimento Humano - LADH). E-mail: [psijucatav@gmail.com](mailto:psijucatav@gmail.com)

**Sílvia Raquel Santos de Moraes**

UNIVASF

#### **4.3.23 FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO EM QUESTÃO: O PERCURSO DO ESTUDO EM PSICOLOGIA NO BRASIL**

**Roberto William Dantas da Silva (FACED Divinópolis)**

O presente estudo propõe uma reflexão acerca da formação do Psicólogo no cenário brasileiro, com ênfase no seu processo histórico até a contemporaneidade. Tem como objetivo refletir sobre o percurso do estudo em psicologia no Brasil, além de descrever o percurso pedagógico, incluindo habilidades, competências, conteúdos curriculares e legislação. A importância de refletir sobre a formação do Psicólogo no Brasil, através das competências e habilidades necessárias, traz um grande diferencial para conseguir auxiliar as pessoas na promoção e prevenção à saúde e desenvolvimento psicológico. Mostra-se relevante refletir sobre o processo histórico diante das formações em cursos de Psicologia no Brasil, identificando sua função social de capacitar o profissional a cumprir sua missão de ajudar na saúde mental, além de identificar como estas competências estão sendo construídas. Para alcançar este estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e análise de documentos, a fim de compreender os aspectos que demarcam o desenvolvimento da psicologia no Brasil. O percurso buscou refletir uma formação que possibilite acesso a uma prática profissional esperada pedagogicamente. A trajetória estabelecida na construção deste trabalho seguiu dois aspectos essenciais: a) fazer um breve histórico da Psicologia até seu contexto contemporâneo, abordando as principais correntes teóricas e epistemologias, situando aspectos científicos e profissionais que a concernem; b) descrever a trajetória da Psicologia no Brasil, trazendo à vista sua inserção enquanto regulamentação profissional, composição das matrizes nas instituições de ensino superior, além de detalhar a formação do psicólogo a partir dos aspectos que regulamentam as habilidades, competências, conteúdos curriculares e legislação. Desta forma, o estudo possibilitou construir um percurso histórico diante da Psicologia enquanto ciência, sua presença no cenário brasileiro contemporâneo, além de demarcar as diretrizes enfatizadas diante das graduações em Psicologia no Brasil, demonstrando uma busca em refletir o perfil do psicólogo brasileiro. Mediante essas conclusões, podemos dizer que o caminho o Brasil tem se proposto na formação de profissionais da Psicologia é gradativo, assim, possibilita a reflexão sobre a importância desta formação profissional, seus aspectos históricos e projeções futuras.

**Palavras-chave:** psicologia; formação profissional; Brasil; psicólogo.

**Roberto William Dantas da Silva**

Psicólogo – CRP 04/53348. Especialista em Psicologia Hospitalar. Pós-graduando em Neuropsicologia. E-mail: [roberto.william@live.com](mailto:roberto.william@live.com)

#### **4.3.24 FÉ E DESESPERO EM KIERKEGAARD: A CLÍNICA PSICOLÓGICA HOSPITALAR COMO ATO DE FÉ**

Myriam Moreira Protasio (IFEN)

**Renata Gomes da Costa De Marca (HUPE/UERJ)**

Esse trabalho pretende expor um modo de atuação clínica em hospital geral pensado em diálogo com a compreensão de Kierkegaard sobre os fenômenos desespero e fé. Toma por inspiração os escritos de Feijoo, Protasio e outros que já refletiram sobre este modo de pensar a clínica. Foi desenvolvido como monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-existencial do IFEN. O fazer clínico do psicólogo no hospital geral é permeado por diversos desafios, considerando a inserção tardia da psicologia na área da saúde e a dispersão dos saberes psi, o que culmina na diversidade de compreensões quanto ao que é o objeto da psicologia e, consequentemente, na multiplicidade de práticas e intervenções clínicas. Além disso, o hospital constitui-se em uma instituição complexa, permeada por diferentes atores e interesses que, frequentemente, se chocam. No contexto hospitalar, observa-se que o desespero aparece recorrentemente como um sentimento comum, diante de situações limites como diagnósticos graves, acontecimentos imprevisíveis, aproximação da morte, entre outros. O desespero aparece como algo dado, que não carece de explicações, acompanhado de um olhar valorativo que, necessariamente, busca a sua mitigação e/ou extinção. Ao lado do desespero, a fé surge no discurso de pacientes, familiares e profissionais de saúde como instrumento de cunho religioso e/ou doutrinário, capaz de modificar o impossível ou controlar aquilo sobre o qual o saber médico não tem resposta. Diante desses desafios, observados a partir da experiência clínica da autora deste trabalho em sua prática como psicóloga hospitalar em um hospital geral, novas possibilidades de compreensão sobre o seu próprio fazer clínico se abriram no contato com a perspectiva fenomenológico-existencial no referido curso de Especialização. Especialmente, a partir de Kierkegaard, considerado precursor do existencialismo, e seus conceitos de desespero e fé, tal como compreendidos por autores como Feijoo, Protasio, dentre outros. Nessa forma de compreender, a existência se constitui em movimento tensional, de forma que a tentativa em sair desse movimento e encontrar estabilidade é justamente o que desespera o homem. Diante do devir que ele é, a fé surge como a entrega a esse imprevisível, transitório e incontornável da existência, de onde podem advir possibilidades outras para a construção de sentidos. A partir da análise existencial de fragmentos de situações clínicas ocorridas no hospital geral, aponta-se como o existencialismo kierkegaardiano, com suas noções de desespero e fé, pode servir de inspiração para o psicólogo clínico no hospital, ao resguardar o espaço da angústia, da liberdade e da indeterminação, apostando que é no curso dessa entrega que novas possibilidades de rearticulação existencial se abrem. Assim, observa-se que é inclinando-se sobre a experiência mesma, sem se aprisionar em um instrumental técnico, que o psicólogo pode manter-se atento para ir ao encontro da clínica no instante em que ela acontece no hospital, sendo isso possível somente àquele que a ela se entrega em um ato de fé.

**Palavras-chave:** Psicologia hospitalar; Desespero; Fé; Kierkegaard; Análise existencial.

#### **Myriam Moreira Protasio**

Psicóloga. Doutora e Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pós-doutorado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. É sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de

Janeiro – IFEN. Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE) da UERJ; Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPq, Brasil. E-mail: [myprotasio@yahoo.com.br](mailto:myprotasio@yahoo.com.br)

**Renata Gomes da Costa De Marca**

Psicóloga graduada pela UERJ. Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Especialização em Psicologia Clínica Institucional – Residência Hospitalar (HUPE/UERJ). Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial (IFEN). Especialização em Psico-oncologia (PUC-Rio). Psicóloga clínica na Unidade Docente- Assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ). E-mail: [r.marca@gmail.com](mailto:r.marca@gmail.com)



#### **4.3.25 MEDICAMENTALIZAÇÃO NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: UMA EXPRESSÃO DA ESSÊNCIA DA TÉCNICA.**

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ)

**Lorena Léa Braga (UERJ)**

Pretendemos com este trabalho realizar uma compreensão fenomenológico-hermenêutica acerca do fenômeno da medicalização na Atenção Psicossocial brasileira, mais especificamente nos CAPS. As contribuições do filósofo Martin Heidegger acerca da indeterminação de uma ipseidade humana e da tematização da essência da técnica nos servirão de base para compreensão deste objetivo. O modo imperativo de desvelar a realidade correspondente à essência da técnica ou a com-posição (*Gestell*), de início e na maior parte das vezes, nos constrange a corresponder às determinações de exploração, de provocação e de controle presentes em nosso horizonte histórico, fazendo-se presente inclusive na visão científica. Podemos observar o desvelar provocativo e assegurador característico da essência da técnica presentes nos mais prestigiados tratamentos do que se reconhece como loucura no Ocidente, desde os tratamentos manicomiais até a incisiva conduta de prescrição de psicofármacos na atualidade. A partir da instauração e da valorização da razão humana no mundo moderno como norma, tornou-se necessárias atitudes de controle do que se apresenta fora deste escopo. Na atualidade, de uma forma geral, os atendimentos em saúde mental são marcados por um ritmo acelerado facilitado pelo uso de uma linguagem técnica que desemboca em uma patologização de diversos comportamentos humanos. A consequente conduta de prescrição de psicofármacos como forma de tratamento ocorre em diversas unidades de saúde pública que atendem a demanda de saúde mental, principalmente nos serviços especializados, como os CAPS. Para realizar a compreensão deste fenômeno foram realizadas pesquisas nos bancos de dados científicos cujos resultados revelaram práticas medicalizantes em diferentes unidades de saúde públicas. No âmbito da Atenção Psicossocial, mais especificamente nos CAPS foi revelado que os técnicos priorizam a conduta da medicalização em detrimento da potência criativa transdisciplinar construída em torno dos dispositivos substitutivos ao manicômio. Além disso, as publicações sobre o assunto revelam a persistência da lógica biomédica em detrimento da instituição de uma formação continuada eficaz. As pesquisas revelam também que ações no território são pouco exploradas e as articulações com a rede são precárias. As condutas que se referem à patologização e à incisiva medicalização da existência nos CAPS vão de encontro aos princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira, mas ao mesmo tempo vão ao encontro das determinações de aceleração, exploração e controle intrínsecos à essência da técnica.

**Palavras-chave:** Atenção Psicossocial; Essência da Técnica; Medicalização

##### **Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Produtividade CNPQ, Cientista do Nosso Estado - FAPERJ, Procientista UERJ. Coordenadora do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora de livros e artigos nacionais e internacionais na perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

**Lorena Léa Braga**

Graduada em Psicologia (UERJ); Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-existencial (IFEN) e Mestra em Psicologia Social (UERJ). E-mail: [loreccr@yahoo.com.br](mailto:loreccr@yahoo.com.br)

#### **4.3.26 O CUIDADO AOS CUIDADORES: OS ATENDIMENTOS NA CLÍNICA ESCOLA NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Elizandra Benedito De Carvalho (Uniceplac)

Evellyn Vitória Souto Neves (Uniceplac)

**Izaías Dalton Silva (Uniceplac)**

Juliana dos Santos Cardoso (Uniceplac)

Com o aumento da população idosa, o aumento do número de pessoas diagnosticadas com males diversos como a doença de Alzheimer, crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista- TEA, com deficiências físicas, dentre outros aspectos incapacitantes ou limitadores que colocam essas pessoas de alguma forma dependentes de outras, aumentam também o número de “cuidadores informais”. Sendo os responsáveis por exercer o cuidado não remunerado é expressivo o número deles que fazem parte da família da pessoa que recebe o cuidado. Ainda mais expressivo é o quantitativo de mulheres que exercem esses cuidados. Essa relação de cuidado muitas vezes sobrecarregam as cuidadoras podendo gerar desgastes físicos e emocionais, causando assim sofrimentos, angústias e vazio existencial, pois as cuidadoras relatam deixar de cuidar-de-si para cuidar-do-outro. A Psicoterapia de base Fenomenológica Existencial acessa as angústias que se instalam no cotidiano e remetem as pessoas que exercem a função do cuidar-do-outro ao encontro naquilo que lhe é único, buscando compreender o existir com base na filosofia da existência, estimulando a pessoa a reconhecer a responsabilidade pela própria vida, num ser de possibilidades, sendo acometida por uma liberdade para realizar suas escolhas, buscando compreender quem é de fato e quem quer ser, numa tomada de consciência. A Clínica Escola de Psicologia do Centro Universitário do Planalto Central, no Gama, Distrito Federal, por meio do projeto Cuidado ao Cuidador atendeu até o presente momento, 60 cuidadores sendo 58 mulheres, colaborando através do encontro com outro, em suas ressignificações, visando superar as angústias existenciais. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência do contato com as cuidadoras, quais fenômenos observados na relação de cuidado e como se desenvolveu e vem se desenvolvendo o processo terapêutico. O método utilizado é Fenomenológico-existencial, que nos convida a tomar o homem como um ser de possibilidades, como ser-no-mundo num horizonte de capacidades. A postura clínica orientada pelo método fenomenológico, conclama a nos desprover de nossos julgamentos, ideias, valores e preconceitos, para chegar ao outro como ele se apresenta. Num primeiro momento participei como observador dos atendimentos e agora participo como estagiário. Levantarei para discussão além de descrever o observado nas psicoterapias, a postura fenomenológica diante do fenômeno do cuidar, a identidade numa multiplicidade, as características gerais das cuidadoras atendidas: como se dá e apresenta, e, as ressignificações por elas construídas na presença do ser-no-mundo-com-os-outros.

**Palavras-chave:** cuidadores; fenomenologia; clínica-escola.

**Elizandra Benedito de Carvalho**

Graduanda em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos- Gama – DF. E-mail: [elly1207@gmail.com](mailto:elly1207@gmail.com)

**Evellyn Vitória Souto Neves**

Graduanda(o) em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central  
Apparecido dos Santos- Gama – DF. E-mail: [eevellynrodrigues@gmail.com](mailto:eevellynrodrigues@gmail.com)

**Izaias Dalton Silva**

Graduando em Psicologia 6º Período pelo Centro Universitário do Planalto Central Apparecido  
dos Santos-Gama – DF. E-mail: [izaiasdalton@hotmail.com](mailto:izaiasdalton@hotmail.com)

**Juliana dos Santos Cardoso**

Psicóloga, Mestre, Docente do Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos  
Santos- Gama – DF. E-mail: [juliana.santos@uniceplac.edu.br](mailto:juliana.santos@uniceplac.edu.br)

#### 4.3.27 O HOMEM TAMBÉM DESEJA COLO E PALAVRAS AMENAS: ACOLHIMENTO DE HOMENS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

**Alisson de Oliveira Santos (REGT)**

Ana Andréa Barbosa Maux (UNIFACEX)

Ao aproximarmos a clínica fenomenológica das artes podemos perceber pontes de ligação que levam a caminhos comuns: oficinas artesanais que permitem a tessitura da existência tal como uma bordadeira no empenho em dar sentido aos fios – aparentemente – emaranhados. Pensar o atendimento clínico como espaço de criação a partir do sofrimento é possibilitar a emergência de conteúdos caóticos da existência, que descrevem a dor de tentar caber em determinados modos-de-ser socialmente impostos e que, na existência, podem se mostrar sufocantes e aprisionadores. O presente trabalho tem por base a experiência como psicoterapeuta fenomenológico-existencial e objetiva tecer reflexões a partir das afetações e inquietações, do ato clínico de atender homens em sofrimento psíquico. Deparar-se com o sofrimento humano é oportunidade privilegiada de contatar a poesia trágica da vida através do encontro mediado pelo insuportável de cada um. Atender homens em sofrimento psíquico é dar-se ao desatino de perceber a doma de aço (visível) entre o homem e o sentir de seus sentimentos. O ato clínico do atendimento psicológico, digo, do espaço artesanal de constituição subjetiva, é abertura constante para o derramamento de si e, assim, uma oportunidade de poder construir novos sentidos sobre o que é sentido. Este homem que bate à porta, traz consigo uma história marcada por diretrizes que não permitem a sensibilidade de poder entrar em contato com a errância natural de ser si mesmo. O *macho* tido como aquele que é forte e, por não ser um bebê, uma mulher nem um gay, não demonstra sentir fraqueza, não chora nem demonstrar sentimentos. Ir à terapia é assumir sua incapacidade de cumprir seu papel tido por natural. Para um terapeuta homem, acolher este vivente que chega é estar em constante (re) conexão com o *ser macho*. Nota-se uma grande distância entre o sofrimento psíquico masculino e o que o faz sofrer. O sofrimento que sufoca esse homem e o convoca a ocupar espaços reflexivos, mas parece haver uma espécie de luta armada para não se demorar nesse espaço e, sim, para arrancar - quem sabe com as próprias mãos - aquilo que pulsa, que insiste em ser iluminado ao ponto de não poder ser ignorado. Ocasiona-se uma lacuna significativa que deixa de fora do processo a experiência de apropriação de si. Atender homens em sofrimento psíquico é mobilizador por perceber o quanto a realidade contemporânea destrói o espaço destinado ao sentir, afetar, vivenciar. Demorar-se e construir o modo de ser-com essa dor é um movimento necessário não somente ao vivente atendido, mas ao terapeuta que o assiste e, nesse processo, ambos aprendem a ressignificar o *ser macho*. Percebe-se que acolher não é sinônimo de remover sintomas, dores ou até o próprio sofrimento, mas oportunidade de acolher o homem que chora, que deseja colo. Acolher a explosão do eu construindo a escolha por si.

**Palavras-chave:** masculinidade; relação terapêutica; fenomenologia-existencial, arte.

**Alisson de Oliveira Santos**

Bacharel em Psicologia pela UNIFACEX. Psicoterapeuta, escritor e poeta. Professor da Rede de Ensino Grau Técnico. E-mail: [alisson.de.oliveira@hotmail.com](mailto:alisson.de.oliveira@hotmail.com)

**Ana Andréa Barbosa Maux**

Psicóloga do TJ/RN, professora do UNIFACEX, Membro do núcleo Poieis, Doutora em Psicologia pela UFRN. E-mail: [anamaux@tjrn.jus.br](mailto:anamaux@tjrn.jus.br)

#### **4.3.28 O LUGAR DA PSICOTERAPIA NO AMBIENTE VIRTUAL: A EXPERIÊNCIA VIVIDA**

**Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)**

Camila Leão Gadelha (Rede Existências)

Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)

Klessyo do Espirito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)

Este trabalho teve como objetivo discutir o lugar da psicoterapia no ambiente virtual a partir da experiência vivida, levando em consideração o aporte teórico da fenomenologia-existencial e da psicologia ambiental. Para tanto foi realizada uma revisão narrativa de literatura e a articulação com a experiência de se tornar psicoterapeutas em um ambiente virtual. As perspectivas fenomenológicas configuram-se como um exercício diferente de fazer ciência, um caminho que pode ser compreendido a partir da fenomenologia que despreza o modelo científico tradicional engessado e endossado por modelos deterministas e abstratos incapazes de dar conta da experiência humana em toda sua complexidade como um ser no e com o mundo. A fenomenologia é considerada a arte de descrever os fenômenos tais quais estes se apresentam para a consciência. Entretanto estas não apenas apresentam-se a uma consciência pura, mas uma consciência que está no mundo, isto é que se constitui por meio da experiência. E essa produção é necessariamente um novo mundo a construir, descolado de paradigmas tradicionais, idealistas e reducionistas. Compreende-se assim que tudo que se sabe sobre ciência só é possível e é construído a partir do mundo vivido. Questionar o lugar da psicoterapia presencial como exclusivo e o lugar do ambiente virtual como possibilidade parte da experiência vivida com pauta na ciência e profissão. Durante a pandemia e a situação atípica de distanciamento físico e social em 2020, nossa experiência vivida revela o modo como a psicoterapia online apareceu como possibilidade inédita para psicólogos que realizavam atendimentos apenas de forma presencial e como ela fortaleceu o fazer clínico de quem já se experimentava nesse modo de atuação. Para aprimorar a discussão sobre o lugar da psicoterapia em ambientes virtuais, é importante resgatar o conceito de ambiência utilizado no referencial da psicologia ambiental e que sofre influências da fenomenologia. A ambiência relaciona-se com a percepção do ambiente de maneira a experienciar o conjunto de situações vividas nele. O aporte da fenomenologia-existencial auxilia a reconhecer que é preciso entender a pessoa a partir do seu lugar, como ser num mundo, sempre em transformação, em um mundo concreto, em situação e nunca determinado por qualquer essência. Falamos de pessoas que existem em um lugar e que transformam e são transformadas por este a partir da sua liberdade de escolha. Escolha que não pode ser entendida de forma ingênua, mas ontologicamente diante de suas ações nos seus arredores. A própria forma de considerar as escolhas e implicações por uma psicoterapia online em um ambiente virtual revela tanto possibilidades como limitações que só podem ser compreendidas a partir da experiência vivida de terapeutas e clientes. A psicologia ambiental auxilia nosso olhar sobre esse novo formato de vivenciar o ambiente e sobre as implicações de proporcionar uma ambiência que favoreça o processo terapêutico por reconhecer a reciprocidade da relação pessoa-ambiente e por considerar a importância da percepção nos espaços de vida. Esse aporte poderá nos auxiliar a encontrar novos caminhos a partir dos descaminhos do não lugar de uma psicoterapia no ambiente virtual.

**Palavras chave:** Ambiência; psicoterapia; psicologia-online; ambiente virtual; fenomenologia-existencial.

**Adria de Lima Sousa**

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em psicologia clínica pelo Conselho Federal de Psicologia e especialista em psicologia existencialista sartreana pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Agência financiadora: CAPES. E-mail: [adriapsique@gmail.com](mailto:adriapsique@gmail.com)

**Camila Leão Gadelha**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: [camilagadelha24@hotmail.com](mailto:camilagadelha24@hotmail.com)

**Cleison Guimarães Pimentel**

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé e em Saúde Coletiva pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [cleison.guimaraes.dico@gmail.com](mailto:cleison.guimaraes.dico@gmail.com)

**Klessyo do Espirito Santo Freire**

Graduado em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (BA). Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante fundador da Rede Existências. E-mail: [klessyo@gmail.com](mailto:klessyo@gmail.com)

#### **4.3.29 O LUTO MATERNO A PARTIR DA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO SERIADO “THIS IS US”: LEVARAM TRÊS OU QUATRO BEBÊS PARA CASA?**

Caroline Corrêa de Freitas (UNAERP)

Juliana Vendruscolo (UNAERP)

Maria Laura do Amaral Baldassari (UNAERP)

**Marina Bó Miranda (UNAERP)**

A psicologia da tradição compreende diferentes visões sobre a relação da mulher com o feminino. A psicanálise clássica entende que a completude da mulher se dá a partir da realização da maternidade, relação presente na sociedade ainda na atualidade. Ao adentrar à maternidade, assume-se uma vivência ligada à cultura, com diversas representações que remetem à mãe, e um modo de existir significativo. Contudo, tal situação coloca a mulher em uma relação de conflito com o feminino, como uma responsabilização que se baseia em sua função social, que está intrínseca à função materna. A morte nos abre para a angústia diante da impotência que é vivenciada pela perda irreversível. A morte de alguém que se ama não é simplesmente a perda da pessoa, mas a interrupção de nossa história em comum, do mundo que partilhávamos, a morte de “nós”. O luto é um processo de vida que faz parte da condição existencial. Nesse contexto, o luto materno perinatal carrega uma especificidade, sendo um luto não reconhecido, socialmente não se entende o objeto perdido, sendo vivido como um tabu e não havendo permissão para o contato com a angústia. Este artigo teve como objetivo compreender os fenômenos e sentidos que perpassam as diferentes situações de perda, referentes ao luto gestacional, luto do filho natimorto e a morte neonatal, considerando o horizonte histórico que estamos inseridos, a partir da análise na visão fenomenológico-existencial do seriado “This Is Us” em união às publicações encontradas na literatura. Observou-se que essas ideias atuantes do mundo presumido, na vivência do luto, carregam a mãe de culpa sobre a incompletude e incapacidade sobre sua figura de mãe e mulher, adicionada à dor que deve ser velada. A relação eu-tu, que foi vivida anteriormente como intercorporeidade, tende a passar por uma atualização, com ressignificação do filho e de si mesma, ao considerar e aceitar os impedimentos que a morte do outro apresenta. Concluiu-se a partir do estudo que a negligência social perante a dor do luto materno perinatal dificulta a vivência da morte do filho, o reconhecimento e a apropriação da mãe sobre o seu lugar de mãe e mulher, visto que, culturalmente, o outro perdido não é tido como alguém que existiu. Destaca-se a relevância de estudos que provoquem reflexão e o conhecimento sobre a importância dos cuidados a essa mulher por parte da equipe de saúde e da sociedade, ressignificando os valores e sentido de vida e morte.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Maternidade; Luto gestacional; Luto materno.

**Caroline Corrêa de Freitas**

Graduanda do último ano de psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto. E-mail: [carolinecorreaf@hotmail.com](mailto:carolinecorreaf@hotmail.com)

**Juliana Vendruscolo**

Docente do curso de psicologia da UNAERP, Pós-Doutorado pela FFCLRP-USP, Mestre e doutora pela FFCLRP-USP, Especialista em psicologia hospitalar, Especialista em psicologia clínica fenomenológica-existencial. E-mail: [jvendruscolo@unaerp.br](mailto:jvendruscolo@unaerp.br)



**Maria Laura do Amaral Baldassari**

Graduanda do último ano de psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto. E-mail:  
[marialaurabaldassari@gmail.com](mailto:marialaurabaldassari@gmail.com)

**Marina Bó Miranda**

Graduanda do último ano de psicologia pela Universidade de Ribeirão Preto. E-mail:  
[mirandabmarina@gmail.com](mailto:mirandabmarina@gmail.com)

#### **4.3.30 O PLANTÃO PSICOLÓGICO E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: INTERCESSÕES POSSÍVEIS**

**Ligia Claudia Gomes de Souza (UVA)**

O Plantão Psicológico apresenta um caráter inovador no que tange à prática clínica, sua principal contribuição se refere a possibilidade de acolhimento e de escuta do sofrimento psíquico do sujeito em uma condição de emergência. Essa clínica se caracteriza pelo acolhimento, escuta e, possível, encaminhamento daqueles que a ela recorrem. O Serviço de Plantão é uma atividade de promoção da saúde, já que a escuta do plantonista visa possibilitar que a pessoa se situe melhor naquele momento e consiga clarear para si mesma sua questão. Essa prática se configura como um tipo de atendimento psicológico, que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração predeterminada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato de sua necessidade, para ajudá-la a se compreender melhor. Apesar de sua origem estar articulada à teoria Humanista de tradição Rogeriana, atualmente, há muitos exemplos de práticas pautadas em diferentes vertentes da psicoterapia. Esse trabalho visa refletir sobre as contribuições da vertente fenomenológica-existencial a uma prática a ser desenvolvida em modelo de plantão psicológico. Para atingir tal propósito o trabalho recorreu à literatura de ambos os campos, dessa forma, pode alinhar as intercessões entre eles. Essa reflexão será pautada no conceito de cuidado em psicoterapia, tal conceito de cuidado é pensado através da consideração que há uma negatividade estrutural do ser-aí, ao pensar desse modo, o psicoterapeuta deve fazer um exercício da atenção e da compreensão dos sentidos dos sofrimentos existenciais que aparecem diante dele, trazendo assim a possibilidade do olhar fenomenológico consoante ao cuidado na clínica fenomenológica-existencial. A compreensão da existência como "ser-aí", implica em um movimento de apropriação dos modos cotidianos e impessoais de ser e uma singularização dos modos de existir. Essa singularização e o modo de cuidado que aparecem na relação podem se dar através do contato realizado no atendimento em modelo de plantão psicológico. Através dos direcionamentos dessa prática clínica, quais sejam: a construção de uma relação onde o cuidado e a atenção aparecem para que o cliente consiga entrar em contato com seu modo singular de articular as coisas que lhe vem ao encontro; a suspensão de valores sobre o sujeito; a ausência de uma compreensão simplista do sofrimento psíquico; a negação dos reducionismos a ordens sociais, biológicas ou psicológicas; a ausência das técnicas que reduzem o sujeito a um mero receptáculo de saberes predeterminados que se destinam a lhe moldar a existência, essa ausência resulta em uma posição do terapeuta onde o cuidado na clínica requer um modo de existir do terapeuta (em presença), que não se pautam em o seu conhecimento teórico, muito menos em suas habilidades técnicas. Esse texto se encerra apontando algumas considerações conclusivas que nos levam a um caminho de perceber a possibilidade de brotar um campo fecundo de acolhimento e escuta, quando o psicoterapeuta se vale das orientações fenomenológicas-existenciais no trabalho do plantão psicológico ao se abrir para a compreensão dos modos de ser do homem, ao apreender os modos como ele se relaciona com aquilo que lhe vem ao encontro.

**Palavras-chave:** plantão psicológico; psicoterapia fenomenológico-existencial; contribuições fenomenológicas-existenciais.

**Ligia Claudia Gomes de Souza**

Psicóloga, psicoterapeuta na vertente Fenomenológico-Existencial, Mestre e Doutora em Psicologia Social, professora universitária e supervisora de estágios no campo clínico e no campo socioinstitucional. E-mail: [claudiapsicoterapeuta@outlook.com.br](mailto:claudiapsicoterapeuta@outlook.com.br)

#### **4.3.31 O PODER-SER DA MULHER: CRISTALIZADA NA SOCIEDADE E SER-AÍ NA FENOMENOLOGIA.**

**Débora Soares Barbosa (UFF)**

Crisóstomo Lima do Nascimento (UFF/UENF)

Este trabalho pretende analisar, a partir a fenomenologia de Martin Heidegger, as restrições de possibilidades do ser-aí da mulher na sociedade contemporânea. Na sociedade construída por discursos hegemônicos, que são marcados pela impessoalidade e pelo falatório, há uma imagem do que é ser mulher, que é uma moça do lar, que apenas obedece e faz o que satisfaz ao seu marido. Esses sentidos naturalizados muitas vezes contribuem para que meninas cresçam sendo socializadas acreditando que elas apenas podem ser isso e assim perpetuando essa ideia. O objetivo é refletir sobre um sistema que encerra a abertura das mulheres enquanto ser-aí na tentativa de promover a anunciação de possibilidade de sentidos mais próprias no existir cotidiano das mulheres. A metodologia de natureza qualitativa a partir da revisão bibliográfica, fundamentalmente com a obra *Ser e tempo* em que Heidegger chamará atenção para o que chama de esquecimento da diferença ontológica que opera na tradição metafísica através da determinação do ser dos entes, o que será abordado aqui por meio de uma expressiva restrição de possibilidades do poder-ser mulher em nossa sociedade. Sendo assim, a discussão trazida é que não há caráter de determinação no ente ser-aí, porém na sociedade vivemos constantemente como se houvesse. Esse discurso que permeia a sociedade é impessoal, Heidegger (2005) diz que o arbítrio dos outros dispõe sobre as possibilidades cotidianas de ser da presença, portanto a impessoalidade é o modo impróprio, em que a pessoa vive de forma cotidiana sem se dar conta do que reproduz, assim como é com o falatório, que é aquilo que é falado mas não é um discurso apropriado, muito se fala, mas o mesmo que fala nem se quer sabe do que está falando, apenas está repetindo algo que foi colocado pela lógica do sistema dominante. Esse discurso impessoal serve a um sistema que entendemos ser hegemonicamente de tradições de sentidos relacionais patriarcalistas, onde prevaleceriam relações de cuidado ao modo da ocupação, tomando-as como entes simplesmente dados, de existências possíveis, assim encerram sua existência para serem apenas o que servem a eles. Até o descobrimento de que o homem participava da fecundação, a mulher era venerada pelo mistério da concepção, essa geração dava a mulher um status elevado na era paleolítica, em que ela era considerada algo para além da imagem do homem, um ser mágico, por causa da capacidade de perpetuar a espécie. Foi na descoberta da participação do homem sobre a concepção e do controle da fertilidade sobre o solo que foi fundado o sistema de dominação masculina, o patriarcado. Posto este passado, que demonstra a multiplicidade da existência feminina, concluímos que aparentemente com o tempo, a forma como as mulheres foram socializadas foi limitando as diversas formas de poder existir e assim há a necessidade de repensar práticas e atitudes na sociedade para que possamos construir uma vida mais saudável e igualitária para todas.

**Palavras chaves:** fenomenologia; mulheres; sistema.

**Debora Soares Barbosa**

Graduanda em psicologia na Universidade Federal Fluminense. Compõe o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência (NEPPFFE). E-mail: [deborasb@id.uff.br](mailto:deborasb@id.uff.br)

**Crisóstomo Lima do Nascimento**

Psicólogo Clínico, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em estudos da subjetividade pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduação em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes e ao Programa de pós graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF. E-mail: [crisostomoln@gmail.com](mailto:crisostomoln@gmail.com)

#### **4.3.32 O ROLEPLAY COMO PRÁTICA DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA A CLÍNICA HUMANISTA E EXISTENCIAL**

**Lucia Marques Stenzel (UFCSPA)**

A psicoterapia pode ser discutida sob diferentes prismas, pode ser analisada sob um viés prático e profissional; sob o impacto psicossocial que ela produz; e sob o prisma ético e epistemológico que a constitui. Nos últimos vinte anos, a necessidade de reavaliar o modo como a psicoterapia aborda as especificidades do ente humano já levanta discussões acaloradas inclusive em campos tradicionalmente mais voltados para a valorização das técnicas psicoterápicas; tanto que as pesquisas baseadas em evidências vêm demonstrando que os fatores humanos e relacionais se sobrepõem à técnica psicoterápica; ou seja, mesmo nas “entranhas” dos modelos tradicionais em psicoterapia, o investimento por quase um século em pesquisa, prática profissional e formação clínica voltadas para as especificidades da técnica vem sendo questionado. As pesquisas encabeçadas por teóricos ligados à Associação Americana de Psicologia (APA) vêm investindo cada vez mais em pesquisas que enfatizam a relação terapêutica. Consequentemente, a tradição das abordagens humanistas e existenciais em focar fatores relacionais como prioritários para o tratamento, privilegiando o método fenomenológico de compreensão, a escuta e a experiência do cliente, vem sendo retomada nos mais recentes achados internacionais sobre psicoterapia. Em paralelo a esta discussão, no campo da formação clínica - tanto em estágio precoce na graduação quanto em contextos de pós-graduação - as habilidades terapêuticas interpessoais vêm sendo consideradas elementos centrais para a formação. Em consonância com iniciativas internacionais, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do uso do roleplay como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades terapêuticas interpessoais em uma disciplina do currículo obrigatório da graduação em Psicologia da UFCSPA. A experiência é parte de um Programa de Iniciação à Docência (PID) e vem sendo executada desde o ano de 2017. Estratégias educacionais baseadas em simulação possibilitam a inserção de alunos no processo de aprendizagem por meio de uma prática assistida e orientada, bem como permitem a experimentação da representação de um evento real, com o propósito de melhor compreender a prática exigida pela profissão de psicólogo. O uso da ferramenta na disciplina se divide nas seguintes etapas operacionais: (1) planejamento das atividades; (2) escolha dos alunos para a participação nos roleplays distribuídos em três diferentes papéis: terapeuta, cliente e debatedor; (3) construção conjunta de um ou mais casos clínicos para serem encenados; (4) encenação propriamente dita (preparação, simulação e *debriefing*); (5) gravação das simulações do roleplay para uso didático no próprio contexto da disciplina; e, por fim, (6) avaliação dos alunos sobre o uso da ferramenta do roleplay na disciplina através de um questionário anônimo e autoaplicável. Os resultados apontam para o potencial desta metodologia de ensino no desenvolvimento de habilidades e competências clínicas. Discute-se a necessidade de iniciativas como esta no âmbito da graduação, que deem ênfase ao exercício prático da alteridade, da dialogicidade e das habilidades terapêuticas relacionais, tão importantes para a formação do profissional da psicologia, independentemente da abordagem teórica de escolha.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Formação Clínica; Habilidades Terapêuticas Interpessoais.

**Lucia Marques Stenzel**

Professora Associada do Departamento de Psicologia na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde. Coordenadora da Aletheia: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia

Humanista e Existencial (UFCSPA). Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: [lstenzel@ufcspa.edu.br](mailto:lstenzel@ufcspa.edu.br)

#### **4.3.33 O SUICÍDIO ENQUANTO POSSIBILIDADE PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: TECENDO REFLEXÕES**

**Luana Bilro Pereira de Araújo (HUAB)**

Melina Séfora Souza Rebouças (Poiesis)

Ser mulher na sociedade ocidental carrega uma longa história de significações do feminino, do lugar social da mulher, dos papéis que lhes compete e das normatizações e violações sobre o seu existir. É diante desse horizonte histórico de violências físicas, psicológicas e simbólicas e de legitimação da subjugação feminina, que as mulheres têm estado desprotegidas e suas existências permeadas pelo medo e restritas em sua liberdade. A violência doméstica contra a mulher é um dos sinalizadores desses valores vigentes e se manifesta em todo o mundo, não se restringindo a grupos sociais específicos e se configurando enquanto um problema que acarreta adoecimento físico e mental, além de colocar em questão o sentido da existência. É nessa conjuntura que se desvela o suicídio enquanto possibilidade para algumas mulheres vítimas de violência doméstica. E, ao considerar os diversos caminhos existenciais das mulheres enquanto ser-aí, podemos refletir sobre os mais variados sentidos atribuídos ao suicídio, uma vez que estes não podem ser dados a priori, mas se constroem no existir. Nessa direção, objetiva-se tecer reflexões teóricas sobre o suicídio enquanto possibilidade para mulheres vítimas de violência doméstica, partindo de uma revisão de literatura sobre o fenômeno. Para isso, temos como ponto de partida algumas inquietações: como o suicídio se apresenta para algumas delas? Que sentidos são esses que tornam o ser-para-morte mais próximo? Como se dá essa relação que coloca em questão o valor da própria vida? Que cuidado é esse que se assume nessa relação? Como desejar a vida, quando o caráter de existente é tensionado? Para pensar sobre tais questões, parte-se de um olhar de inspiração fenomenológica heideggeriana, pela qual se pretende compreender os fenômenos, a partir dos sentidos que se desvelam, singularmente, no existir no mundo, considerando os existenciais ser-aí, o cuidado, o ser-para-a-morte e a angústia. As reflexões lançadas sobre o suicídio levam a uma compreensão para além da significação enquanto um apelo desesperado por ajuda, mas suscita também reflexões sobre o encontro com a angústia diante da vida e dos débitos, sobre a paralisação do existir enquanto projeto, sobre o suicídio enquanto uma “solução” imediata para o sofrimento e como tentativa desesperada de apropriação da existência, além de, sobretudo, refletir sobre as reais condições de vida e o horizonte de possibilidades dessas mulheres, em meio a um contexto de desamparo social, legal e jurídico. Pautar o restrito horizonte de possibilidades nos leva a pensar nas dificuldades de desvelar outras formas possíveis de ser-no-mundo na relação com o outro e consigo. De modo que torna-se fundamental acompanhar essas mulheres nos seus processos singulares de contato com suas questões existenciais, bem como de acompanhá-las na ausência de sentido do existir, suportando as suas angústias e disponibilizando-se para as suas dores.

**Palavras-chave:** Violência doméstica contra a mulher; Suicídio; Psicologia Fenomenológico-Existencial.

**Luana Bilro Pereira de Araújo**

Psicóloga, Graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Psicóloga Residente pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Materno-Infantil do Hospital Universitário Ana Bezerra. E-mail: [luanabilro@gmail.com](mailto:luanabilro@gmail.com)



**Melina Séfora Souza Rebouças**

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
Poiesis – Núcleo de Psicologia Fenomenológica. E-mail: [melina\\_sefora@yahoo.com.br](mailto:melina_sefora@yahoo.com.br)

#### 4.3.34 O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA NA CONTEMPORANEIDADE E A LIBERDADE DE ESCOLHA

Ana Paula Gasparotto Paleari (UNOESTE-Jaú e Instituto Dasein-SP)

Ellen Cristina Fabri (CTL-Jaú)

Felipe Carvalho de Castro (UNIP-Bauru)

Silvia Regina Cassan Bonome Vanzelli (UNESP-Bauru)

O olhar social a quem faz uso de drogas, além de patologizante está sempre fadado à política proibicionista, esta que mais do que se preocupar com o usuário e suas consequências, carrega consigo princípios mercantilistas e provém da era da técnica, ao mesmo tempo que a sustenta, sempre com a pretensão de produtividade. A perspectiva fenomenológica nos possibilita olhar o *Dasein*, nesse contexto, na inseparabilidade com sua história e nos mostra que além de o possível uso de drogas se dar pela vulnerabilidade existencial do *Dasein*, há sentido nesse modo de ser. Objetivou-se refletir sobre as possibilidades apresentadas ao ser-aí diante do consumo de substâncias psicoativas, considerando o estreitamento em sua liberdade proporcionado pelo mesmo e também o fato de que ele é cuidado e, portanto, o próprio agente responsável pela significação de sua existência, podendo assim realizar suas próprias escolhas. Foi utilizado o método de revisão integrativa, sobretudo, buscando elucidar questões principalmente contemporâneas acerca do tema. As palavras-chaves utilizadas foram uso de drogas na contemporaneidade, política proibicionista e redução de danos, além da utilização de livros clássicos de fenomenologia-existencial. A intransferível tarefa de ser cuidado do próprio existir, e a responsabilidade de dar sentido à própria existência, viabiliza a visão de um mundo que pode se tornar um lugar hostil. Obstante, estamos rodeados de perigo, o que confere ao *Dasein* uma condição de desabrigado. Tendo consciência disso, o *Dasein* experimenta sentimentos de dor, tédio, angústia e desespero, fatores essenciais que o constitui como vulnerável e que diante disso, o uso de drogas se abre como uma possibilidade de “viver mais tranquilo. Considerando o início do uso das drogas, que comumente se dá na adolescência, há também aí a busca da conquista da identidade, uma vez que em tempos passados esta nos era apresentada como dada, e seus sentidos previamente determinados, restringindo-nos, pois, os sentidos desvelados e, portanto, nossas possibilidades, e que hoje deu lugar a um dever de conquista e responsabilidade. Mas como alcançá-la na modernidade levando em consideração valores como individualismo, consumismo, hedonismo e superação dos próprios limites (considerado como sucesso)? Ultimamente vive-se na cultura da utilidade, do progresso e da perfeição e o uso das drogas acompanha esse panorama, onde busca-se algo satisfatório, negligenciando os riscos a longo prazo. Concluindo, percebe-se que a mesma substância que possibilita bem-estar, uma vez que permite a permanência na impessoalidade, também propicia mal-estar, à medida que viabiliza o distanciamento a cada vez de si mesmo, considerando os modos de uso, não apenas como aprisionador e passivo, mas também como voluntário e ativo. A perspectiva fenomenológica possibilita a compreensão que favorece a abertura para novas significações e novos modos de ser, por isso o contraponto do uso de substâncias psicoativas não pode ser apenas a abstinência, como propõe o modelo proibicionista. A liberdade aqui é compreendida como a possibilidade de o homem realizar o seu poder ser e, portanto, preferir fazer uso da política da redução de danos, ou ainda, nenhuma das opções.

**Palavras-chave:** uso de drogas; contemporaneidade; política proibicionista; redução de danos.

**Ana Paula G. Paleari**

Psicóloga Clínica, Mestra em Ciências (USP/Bauru), cursa Especialização (Instituto Dasein/SP), Docente (UNOESTE/Jaú). E-mail: [ppaleari@hotmail.com](mailto:ppaleari@hotmail.com)

**Ellen C. Fabri**

Psicóloga clínica e institucional (CTL/Jaú), Especialista em Saúde Mental (USC/Bauru). E-mail: [ellen.fabri@gmail.com](mailto:ellen.fabri@gmail.com)

**Felipe C. de Castro**

Psicólogo clínico, estudante de Filosofia (UNIP/Jaú) E-mail: [felipecarvalho.psi@gmail.com](mailto:felipecarvalho.psi@gmail.com)

**Silvia Regina C. B. Vanzelli**

Psicóloga clínica, Mestra em Ed. Física (UNESP/Bauru). E-mail: [silviablossom@gmail.com](mailto:silviablossom@gmail.com)

#### **4.3.35 PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL EM TEMPOS DE CRISE**

Breno Dias

Camuller Lopes

**Celina Maria Aragão Ximenes**

Nadma Santos

Uma significativa parcela da população brasileira passa grande parte do tempo transitando nas ruas, seja na rotina para o trabalho, para instituições escolares, religiosas, centros de saúde, centros comerciais, espaços de lazer etc.; outras, encontram-se na situação de moradores de rua, vivendo precariamente em espaços públicos. Essas pessoas, estando ou não socialmente excluídas, dividem um espaço comum: a rua. A rua surge, portanto, não apenas como espaço físico onde circulam pessoas; é também um espaço onde tais pessoas vão se constituindo em seus diferentes modos de ser no mundo. Desse modo, o plantão de rua, numa perspectiva preventiva ou mesmo terapêutica, surge como uma possibilidade diferenciada do plantão em situação institucional, visando a abordagem de pessoas num convite que lhes permita dialogar com o plantonista o seu momento de vida. O plantão proposto pretendeu prestar escuta psicológica nos logradouros públicos da cidade de Aracaju-SE, aqui entendidos como espaços livres como ruas, avenidas, praças, jardins, etc., destinados ao uso comum dos cidadãos e à circulação de veículos. O plantão de rua surgiu como uma segunda proposta de ação clínica, para além do atendimento psicoterapêutico, desenvolvido por estagiários do último período do curso, contando com a presença da supervisora in loco, 01-uma vez por semana, durante o intervalo de 01-uma hora, no período de 02-dois meses, numa praça localizada na região central de Aracaju-Se. Valendo-nos da hermenêutica heideggeriana, procuramos, a partir da narrativa das participantes, apresentar sucintamente alguns encontros que no nosso entender encaminharam ação clínica nesse contexto. Dos resultados obtidos, inicialmente, o plantão psicológico de rua apresentou-se, para nós plantonistas, como uma experiência desafiadora frente ao novo. Na situação de rua, a exposição a fatores externos, tais como, movimento intenso de pessoas, situação de risco (ronda policial abordando possíveis meliantes), barulho no movimento de veículos, mudanças climáticas (chuva), etc.; causou-nos grande estranhamento. O público acolhido, na sua maioria, em condição financeira precária, apresentou predominantemente os seguintes fenômenos: carência afetiva, exposição à violência doméstica e familiar, situação de desemprego e solidão. Apesar dos desafios vividos frente a uma proposta inusitada para todos, o plantão de rua nos possibilitou experienciar outro modo de atuação do psicólogo, mais atento ao compromisso social da Psicologia, demonstrando que essa profissão caracteriza-se também pela amplitude de perspectivas de ir ao encontro do outro, onde quer que ele se encontre, estando esse outro em momento de sofrimento ou não.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico de Rua; Ação Clínica em Psicologia; Hermenêutica Heideggeriana.

#### **Breno Dias**

Estudante do curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo/ Aracaju-Se, estagiário de Psicologia Clínica na abordagem fenomenológica existencial de inspiração heideggeriana. E-mail: [brenodias03@gmail.com](mailto:brenodias03@gmail.com)

**Camuller Lopes**

Estudante do curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo/ Aracaju-Se, estagiária de Psicologia Clínica na abordagem fenomenológica existencial de inspiração heideggeriana. E-mail: [camilapopes7@yahoo.com.br](mailto:camilapopes7@yahoo.com.br)

**Celina Maria Aragão Ximenes**

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 2016/2005), na linha de pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições; Especialista em psicoterapia fenomenológica existencial pela PUC-MG (2001); Licenciatura e graduação em psicologia pela UFS (1996/1997). Psicóloga Clínica. Docente, supervisora de estágio e gestora de projetos de extensão com ênfase na hermenêutica existencial de Martin Heidegger. E-mail: [celximenes@uol.com.br](mailto:celximenes@uol.com.br)

**Nadma Santos**

Estudante do curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo/ Aracaju-Se, estagiária de Psicologia Clínica na abordagem fenomenológica existencial de inspiração heideggeriana. E-mail: [nadmathauara@hotmail.com](mailto:nadmathauara@hotmail.com)

#### **4.3.36 POR DENTRO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO DO SPA FAFICH UFMG**

Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)

**Joana Buschini Brentano (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Evangelista (UFMG)

O Plantão Psicológico se destina a oferecer atendimento psicológico a quem o procura naquele mesmo momento em que o pedido é solicitado. É característico desse serviço ter um dia da semana reservado aos atendimentos, de conhecimento do público geral. A intervenção psicológica propõe uma explicitação conjunta do sentido da procura pelo serviço à luz do momento atual de vida do cliente, revelando perspectivas antes ocultas e resgatando sua capacidade de lidar com a situação. Trata-se de uma intervenção no momento kairológico. Em geral, um único atendimento é suficiente para o vislumbre de novos caminhos, mas é possível que o cliente retorne se e quando quiser (por iniciativa própria). O objetivo deste trabalho é descrever a dinâmica de funcionamento do Plantão Psicológico do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) UFMG, a partir do olhar de uma de suas plantonistas. O serviço do Plantão Psicológico é oferecido à comunidade interna da universidade, seus alunos, professores, servidores técnicos-administrativos e funcionários terceirizados. Suas atividades foram interrompidas em 2016 e retornaram em 2019, num novo formato. Os atendimentos agora funcionam em dupla, durante os dias da semana determinados, e há um intervalo para supervisão. Posteriormente, é pedido aos alunos que escrevam um relato do ocorrido. Existem dois professores supervisores que ficam à disposição para supervisionar os atendimentos realizados durante (pausa de meio de atendimento) e no final, sob o olhar da psicologia fenomenológico-existencial e da Gestalt-Terapia. Por se configurar como projeto de extensão, os plantonistas são dos mais variados períodos da graduação de psicologia e passam por um processo de seleção para ingresso. Com a pandemia causada pelo COVID-19, as atividades presenciais da universidade foram interrompidas e o plantão tomou novos contornos para se adequar às possibilidades do momento e seus atendimentos passaram a acontecer no formato online. Em horários determinados para seu funcionamento, os plantonistas estão à postos nos mais diversos locais, se juntando numa plataforma para realizar os atendimentos. O Plantão Psicológico opera tanto na oferta de cuidados à comunidade universitária, quanto na formação dos graduandos de psicologia, onde essas duas vias se complementam. Além disso, ele também vem se desenvolvendo como objeto de pesquisa e iniciação científica. Seu espaço é um importante dispositivo de cuidado à saúde mental dentro da universidade.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Saúde Mental; Psicologia; Comunidade Universitária.

##### **Gabriela Viana**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com previsão de formatura em Agosto de 2022. Membro voluntária do (LAPS-UFMG). Atualmente é membro voluntária do corpo de plantonistas do Plantão Psicológico no SPA da UFMG. Pesquisadora bolsista de iniciação científica em Psicologia Fenomenológico-Existencial, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG (PRPq). E-mail: [gabimleroy@gmail.com](mailto:gabimleroy@gmail.com)

**Joana Buschini Brentano**

Graduanda de Psicologia da UFMG, bolsista de iniciação científica (PRPq-UFMG) do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS) e extensionista no projeto Plantão Psicológico no SPA FAFICH UFMG. E-mail: [buschinijoana@gmail.com](mailto:buschinijoana@gmail.com)

**Paulo Evangelista**

Professor do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sub-coordenador do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da UFMG. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela PUC-SP. E-mail: [pauloevangelista@ufmg.br](mailto:pauloevangelista@ufmg.br)

#### **4.3.37 POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DE EXPATRIADOS BRASILEIROS NO ATENDIMENTO ON-LINE: ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE SITUAÇÃO CLÍNICA**

Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)

**Camila Leão Gadelha (Rede Existências)**

Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)

Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)

O atendimento psicológico on-line tem propiciado um maior alcance para a clínica psicológica, fato que permite a expatriados brasileiros acesso ao atendimento com psicólogos brasileiros. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo apresentar o relato de experiência com o fenômeno da clínica para expatriados brasileiros, por meio de atendimento on-line a partir de um olhar fenomenológico-existencial. Com a popularização da modalidade de atendimento remoto, brasileiros que residem em outros países passaram ter a possibilidade de serem atendidos por compatriotas, o que de certa maneira, aproxima estas pessoas de profissionais brasileiros. Nesse sentido, buscou-se analisar, a partir do existencialismo de Sartre, a importância da compreensão da realidade e a situação vivida por cada um desses indivíduos. Como cada um deles é afetado de forma individual e singular por aspectos universais, não só pela pandemia, mas também como o fato de morarem em um país diferente. Somos seres em situação e as limitações geográficas não inviabilizam totalmente a possibilidade do existente fazer algo a respeito, e a escolha por psicoterapeutas brasileiros indica essa tentativa de aproximação e resgate com o familiar dentro de um contexto de liberdade em situação. A partir dessa questão, entende-se que um elemento importante para a procura de psicólogos brasileiros é a sensação de pertencimento. O fato de sentir compreensão de alguém com vivências culturais próximas tem demonstrado fazer diferença na busca desses expatriados por seus psicólogos. Questões fáticas do mundo, como a mudança para outro país, com cultura e vivências diferentes, podem colocar em confronto sentidos que foram construídos durante a vida, e que constituem as possibilidades do modo de ser de cada um. A experiência de morar fora pode acarretar diversos conflitos referentes ao não pertencimento, de não compreensão e falta de familiaridade consigo e com o mundo e a busca de um psicólogo da mesma nacionalidade surge como uma possibilidade de reconquistar uma familiaridade com o mundo. A exemplo dessa questão, apresenta-se aqui a situação da analisanda expatriada que desistiu do atendimento que fazia em outro país com um psicólogo nativo para ser atendida por um brasileiro na modalidade on-line. No trabalho clínico com essa analisanda foi percebido demandas que vão ao encontro de uma tentativa de resgate desse sentimento de compreensão e afastamento do estranhamento que o choque com outra realidade pode ocasionar. Com isso, um espaço é aberto para a possibilidade da modalidade de atendimento remoto se popularizar, e dessa forma, contribui para um maior encontro desses expatriados com os psicólogos brasileiros demonstrando a importância de se assimilar os aspectos que levam ao aumento da procura por psicoterapeutas brasileiros que atendem de forma on-line.

**Palavras-chave:** atendimento on-line; expatriadas (os); clínica fenomenológico-existencial.

**Adria de Lima Sousa**

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em psicologia clínica pelo Conselho Federal de Psicologia e especialista em psicologia existencialista sartreana pela



Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Agência financiadora: CAPES. E-mail: [adriapsique@gmail.com](mailto:adriapsique@gmail.com)

**Camila Leão Gadelha**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: [camilagadelha24@hotmail.com](mailto:camilagadelha24@hotmail.com)

**Cleison Guimarães Pimentel**

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé e em Saúde Coletiva pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [cleison.guimaraes.dico@gmail.com](mailto:cleison.guimaraes.dico@gmail.com)

**Klessyo do Espírito Santo Freire**

Graduado em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (BA). Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante fundador da Rede Existências. E-mail: [klessyo@gmail.com](mailto:klessyo@gmail.com)

#### **4.3.38 PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: AS REPERCUSSÕES DAS TIC'S E O SETEMBRO AMARELO**

Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

**Déborah Adriana Sá Capozzoli (UNICAP)**

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e a temática do suicídio, no mês de setembro, com a campanha setembro amarelo, são fenômenos que atravessam a prática docente no momento da pandemia da Covid-19. Considerando tais acontecimentos, o objetivo da presente reflexão pretende abrir questionamentos que possam contribuir para pensar a possibilidade de refletir sobre o suicídio e o uso das TIC's no momento pandêmico atual. Importa ressaltar que falar sobre o suicídio ainda se apresenta como tabu em nossa sociedade, principalmente quando se trata de suicídio em crianças e adolescentes, podendo causar desconforto quando é abordado nos ambientes escolares. No contexto atual, o fenômeno do suicídio se apresenta alvo de palestras, discussões, lives, como modo de contemplar a proposta da campanha setembro amarelo. Daí a utilização das TIC's, outro fenômeno emergente, à medida que as transformações digitais ocorrem e frente às demandas da globalização e do seu imperativo de rapidez, inovação, produtividade e alto desempenho, adentrando no modo como encaminhamos a vida cotidiana. Na situação pandêmica, isso mostrou-se intensificado, pois diante da suspensão de algumas atividades presenciais, as ferramentas digitais possibilitaram prosseguir com as atividades de forma remota. Também, por ocasião da campanha setembro amarelo, empregaram-se os meios digitais como modo de divulgar a campanha e as reflexões possíveis de serem realizadas, com foco também na situação da pandemia. Em tal direção, foi planejada uma palestra on-line para professores do ensino fundamental e médio, onde foram abordadas a questão do suicídio e o uso TIC's na prática docente, com o objetivo de abrir um espaço para reflexão, em ambas as questões, na situação pandêmica atual. O ambiente digital possibilitou a comunicação através dos comentários que são tecidos no chat, comentários que refletem possibilidades compreensivas sobre a temática em discussão. A partir dos comentários registrados é possível tecer algumas compreensões, como: as demandas do mundo contemporâneo e suas implicações interpelam os modos de ser professor, tanto nas questões que se referem ao suicídio, quanto à utilização das TIC's; os fenômenos do suicídio e do sofrimento no momento atual foram apresentados de modo explicativo causal, sem indicar reflexões que poderiam abrir para compreendê-los como manifestações próprias da existência; a dificuldade em abordar existencialmente tais fenômenos podem apontar para a não apropriação pelos professores, da dimensão do sofrimento como manifestação das experiências vividas na escola, no momento atual. Diante de tal contexto é possível sugerir algumas ações que possibilitem discutir e refletir sobre o emprego das TIC's e sobre o suicídio em situação pandêmica na prática docente. Tal intervenção pode permitir um espaço de abertura para a elaboração compreensiva de afetações dos professores que possibilite outro modo de lidar consigo mesmo e com seus alunos, ficando atentos às repercussões do uso das TIC's e o sofrimento existencial na situação atual.

**Palavras-chave:** Professores; Setembro Amarelo; TIC's.

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira**

Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga da mesma instituição desde 2017. Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [andreacarla.oliveira@gmail.com](mailto:andreacarla.oliveira@gmail.com)

**Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto**

Psicóloga formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Professora Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

**Déborah Adriana Sá Capozzoli**

Psicóloga, Psicoterapeuta, com especialização em Psicologia Clínica e atualmente mestranda em Psicologia Clínica, ambos pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [deborahcapozzoli@hotmail.com](mailto:deborahcapozzoli@hotmail.com)

#### 4.3.39 PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA

Iza Souza de Oliveira (UFF)

O presente recorte decorre do resultado do trabalho de conclusão do curso de graduação em Psicologia (IPSI/UFF) que manteve como objetivo principal analisar por metodologia de revisão bibliográfica, como a Psicopatologia é entendida sob a perspectiva Fenomenológico-Existencial, bem como compreender os processos de adoecimento e demandas clínicas sob o olhar do horizonte histórico atual. Trata-se da apresentação de uma ideia de homem pautada na filosofia de Martin Heidegger (1889-1976) enquanto *ser-aí (Dasein)* e, portanto, se afasta de determinações objetivas de relação de mundo. Nesse sentido, ainda que o campo da psicopatologia fosse altamente influenciado pela herança de uma ciência pautada no modelo biomédico, psiquiatras como Karl Jaspers, Ludwig Binswanger e Medard Boss contribuíram para uma mudança de paradigma buscando na filosofia e consequentemente na fenomenologia, uma nova relação com o campo da psicopatologia. Se por um lado o nascimento da Psiquiatria é marcado por um campo migratório, acabando por suprir as demandas técnico-científicas, ousa-se sustentar a ideia de que a Psicopatologia Fenomenológica surge na intenção de buscar para além das classificações do campo da medicina, e mais precisamente da psiquiatria, um entendimento amplo do que seriam certos fenômenos psicopatológicos. Essa mudança paradigmática trouxe novas contribuições para o campo da Psicologia, bem como para o campo da Psicologia na perspectiva Fenomenológico-Existencial, quando contribui para acolher o ser que adoecer como possibilidade existencial dentro de um campo relacional de sentido. Indo de encontro à Psicopatologia Clássica, dá-se espaço para pensar o sofrimento psíquico como uma das possibilidades de *ser-no-mundo* encarando, portanto, uma postura não natural e não organicista do adoecer e acolhendo na própria experiência o fenômeno do sofrer psíquico. Além dos autores da psicopatologia fenomenológica, o presente trabalho também traz concepções pautadas nas obras de autores como Rodrigues (2006) e Holzhey-Kunz (2018) que acompanham atualmente o adoecer psicológico sob a luz da fenomenologia e da fenomenologia hermenêutica. Neste seguimento, é na própria experiência e no atual horizonte histórico de sentido, que se busca a compreensão dos fenômenos listados como transtornos mentais pelos atuais manuais diagnósticos como o DSM-5 e CID-10 e que são cada vez mais constantes nas demandas presentes no campo prático da psicologia.

**Palavras-chave:** Psicopatologia Fenomenológica; Psicopatologia; Psicologia Fenomenológico-Existencial

**Iza Souza de Oliveira**

Psicóloga graduada pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: [izasouza@id.uff.br](mailto:izasouza@id.uff.br)

#### **4.3.40 PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: UMA PRÁTICA DE ACOLHIMENTO, ESCUTA E RESPEITO**

**Bianca Pessoa Costa (Unileste)**

Malu Egídio da Silveira Jabour (Unileste)

A psicoterapia existencial é uma das teorias que moldam o trabalho da psicologia clínica e surgiu na primeira metade do século XX, não como uma crítica ou releitura da psicanálise e do behaviorismo, mas sim como uma terceira forma de fazer a psicoterapia. No existencialismo, a relação entre paciente e terapeuta é entendida como um encontro enraizado na presença genuína. Sobre isso, afirma-se que ela é vista como um ponto crucial nesse acompanhamento, pois preza-se muito pela qualidade da relação terapêutica, uma vez que o sucesso do tratamento psicológico tem direta ligação a ela. A Psicoterapia Existencial é fundada na ideia de cuidado com o cliente enquanto sujeito inserido e em constante relação com o mundo (ser-no-mundo-com-o-outro), e não em explicações causais acerca das suas vivências. O presente trabalho teve como objetivo apresentar a atuação clínica na abordagem Fenomenológico-Existencial como um espaço de acolhimento, escuta e respeito. Para isso, utilizou-se dos seguintes objetivos específicos, os quais configuraram o ponto de partida: identificar e compreender os fenômenos psicológicos presentes no contexto de psicoterapia; compreender a evolução do caso a luz da fenomenologia-existencial; apontar a contribuição da psicoterapia para o caso. Na esfera social, o trabalho é relevante por oportunizar a desmistificação da psicologia ao público cliente, enquanto que, no âmbito científico, sua relevância se relaciona a possibilidade que oferece de clarificar a prática clínica a partir da abordagem Fenomenológico-Existencial. Quanto ao contexto acadêmico, se faz relevante a partir do conhecimento prático proporcionado a discente, favorecendo indispensável contribuição na sua formação por viabilizar o aprofundamento no tema de estudo. Quanto aos fins, configura-se como uma pesquisa descritiva, e, quanto aos meios de investigação como um estudo de caso. A coleta de dados ocorreu durante o cumprimento da carga horária prática do estágio em psicologia clínica com ênfase na abordagem Fenomenológico-Existencial, realizado na clínica escola do Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste). A partir dessa prática, foram realizados 11 atendimentos, no período de setembro a novembro de 2019, com o cliente denominado aqui M.S., sexo masculino, 40 anos. O tratamento dos dados se deu a partir de registros e sistematizações semanais em prontuários e relatórios parciais. O cliente iniciou o processo terapêutico mencionando estar desacreditado no trabalho, mas seu crescimento e mudanças de atitudes, resultados observados durante sua caminhada pela psicoterapia, foram perceptíveis tanto por ele mesmo quanto pelas autoras. Pensa-se que tais ganhos foram possíveis pela postura assumida pela estagiária, pautada no respeito e acolhimento do conteúdo trazido por M.S. A prática permitiu compreender muito além da eficácia da psicoterapia na promoção de desenvolvimento existencial a quem a busca. Ficou claro também o quão imprescindíveis são as premissas básicas da relação terapêutica transparecidas pelo terapeuta a partir da escuta sem julgamento, do acolhimento compreensivo e do desprendimento dos pressupostos, o que facilita o espaço necessário ao cliente para que aconteça o olhar para si mesmo.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Abordagem Fenomenológico-Existencial; Estágio.

**Bianca Pessoa Costa**

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais. Atua como psicoterapeuta na área de Psicologia clínica com enfoque Fenomenológico-existencial.

E-mail: [bianca.pessoa.costa@gmail.com](mailto:bianca.pessoa.costa@gmail.com)

**Malu Egídio da Silveira Jabour**

Professora de psicologia do Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais - Unileste. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Pós-graduada em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais - Unileste. E-mail: [malupsi06@gmail.com](mailto:malupsi06@gmail.com)

#### **4.3.41 PSICÓLOGOS CLÍNICOS EM TRANS-FORMAÇÃO: EXPERIMENTAÇÕES E REINVENÇÕES EM TEMPOS DE CRISE.**

Amanda Fernandes Rocha (UNIVASF)

Mirela Guimarães Cavalcanti (UNIVASF)

**Sílvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)**

A formação de psicólogos clínicos constitui-se um desafio crescente em tempos de pandemia do COVID-19, sobretudo em universidades públicas onde ainda não se dispõe de insumos necessários/suficientes para a realização do ensino remoto. A discordância histórica do Conselho Federal sobre o ensino de Psicologia à distância e a necessidade de dar continuidade ao processo formativo tem exigido mudanças/concessões inéditas nas formas de se ensinar/aprender Psicologia, além de ponderações cuidadosas sobre as especificidades do saber-fazer clínico. A clínica se constitui na/pela interação presencial, envolvendo leitura aprofundada/qualificada da complexidade humana. Inclui intervenções baseadas não só na linguagem oral, mas também, no comportamento não verbal, na interação implicada, no olhar atento às tonalidades afetivas, sendo relevante o exercício da escuta sensível mediante uma co-construção de intimidade dialógica. Agora, a conquista de intimidade na clínica sofre profundas alterações, principalmente com a migração dos atendimentos presenciais para encontros *online* mediados por tecnologias digitais. Isso altera profundamente o que aprendemos/ensinamos sobre clínica. Para alguns, essa interação se tornou mais complexa, embora haja controvérsias e inúmeras dificuldades envolvidas. A clínica requer hermenêutica compartilhada de afetos, pensamentos, ações e impressões em um dado contexto/tempo de interação. Por meio da conexão em redes, essa dimensão do trabalho clínico sofreu alterações, requisitando novas habilidades. Tais modificações exigem sistematização, haja vista o ineditismo dessa migração “obrigatória” para o espaço *online*. Diante disso, esse relato de experiência objetiva descrever/analisar o processo formativo em psicologia clínica para estagiários de uma universidade pública brasileira. Utilizamos de metodologia descritiva com uso de narrativas oriundas dos diários de supervisão *online*. Estamos ancorados em uma perspectiva interpretativa oriunda da Fenomenologia hermenêutica, ao modo de Heidegger. Essa reflexão realça a importância de se pensar novas estratégias para formação de aprendizes da clínica, considerando a historicidade/implicações desse momento. Nosso processo trans-formativo iniciou com a suspensão de nossos atendimentos presenciais. Houve a necessidade de migração para atividades formativas *online* e diversificadas daquelas de outrora. Não havia planos prontos para enfrentamento; tudo ocorreu de modo coletivo e gradual, com re-adequações, a exemplo das supervisões invertidas como des-construção inventiva. Agora, os relatos de atendimentos *online* da supervisora serviram como disparadores do processo de aprendizagem, além das reflexões/vivências do grupo oriundas de suas interações com materiais/ eventos acadêmicos na quarentena. Em alguma medida, invertemos os papéis como estratégia formativa. A não descontinuidade das supervisões extracurriculares trouxe um aprendizado significativo. Foi nítido o reconhecimento da importância do vínculo grupal, através do qual pudemos compartilhar conhecimentos, enfrentar dificuldades juntos e recriar nosso processo trans-formativo. A conquista de intimidade acolhedora nos fez ir além do previsto. Aos poucos, nos despimos de compreensões apriorísticas que interferiam na confiança mútua e no apoio solidário. Tais afetações contribuíram para o refinamento compreensivo da escuta/cuidado. Por fim, percebemos que o rompimento com a familiaridade cotidiana teve caráter trans-forma-dor. Transitar pela quebra incessante de certezas nos fez aprender sobre a clínica fenomenológica e sobre os pressupostos heideggerianos, nos libertando um pouco mais do ideal produtivista e do

excesso de positividade ainda presente no processo de ensino-aprendizado da clínica psicológica.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica; Pandemias; Ensino Online.

**Amanda Fernandes Rocha**

Estudante do 10º período de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Centro, atualmente realizando estágio clínico com base na abordagem Fenomenológica Existencial. E-mail: [rochafernandesamanda@gmail.com](mailto:rochafernandesamanda@gmail.com)

**Mirela Guimarães Cavalcanti**

Estudante do 10º período de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Centro, atualmente realizando estágio clínico abordagem Fenomenológica Existencial. E-mail: [mirelaguimaraesc@gmail.com](mailto:mirelaguimaraesc@gmail.com)

**Sílvia Raquel Santos de Moraes**

UNIVASF



#### 4.3.42 QUAL O OBJETIVO DA PSICOTERAPIA?

Alexandra Wojdyslawski Nigri (PUC-SP)

A abordagem fenomenológica da psicologia tem uma visão de mundo e de homem bastante distinta das outras abordagens, portanto, é esperado que sua prática clínica também apresente características diferentes. Enquanto que para algumas abordagens pode ser fácil responder qual o objetivo (tarefa ou proposta) posto para sua psicoterapia, verifica-se uma necessidade de discutir essa questão no horizonte da clínica fenomenológica - principalmente se consideradas as noções de suspensão e era da técnica. As hipóteses levantadas para este trabalho incluem: a ideia de que a busca por atingir um objetivo na terapia poderia ocasionar um atendimento pautado por representações técnico-conceituais e pela busca de resultados, o que seria problemático numa abordagem crítica à Era da Técnica. Outra hipótese diz respeito à ideia de que um objetivo posto universalmente a todos atendimentos haveria de ser suspenso como outros pressupostos teóricos para não ofuscar os fenômenos da clínica. O trabalho investiga se é possível falar em um objetivo da terapia, se atendo aos dois aspectos dessa pergunta: um deles é o modo pelo qual é possível falar da clínica, ou seja, se dizer de um objetivo da terapia é cabível e coerente com a fundamentação fenomenológica, e para tanto se volta para a questão terminológica e da linguagem. O outro aspecto central desta investigação é o conteúdo que responderia à pergunta colocada: se há o entendimento de que pode-se, sim, dizer de um objetivo da terapia, qual seria ele? Realizando, assim, uma caracterização da clínica a partir do olhar de psicoterapeutas. Para tanto, foram conduzidas entrevistas semi-abertas com quatro terapeutas que seguem uma abordagem fenomenológica de base heideggeriana - além de um resumo do levantamento bibliográfico, a título de introdução, que expôs excertos de autores brasileiros que se aproximaram da pergunta do trabalho. A realização e análise das entrevistas foram feitas de acordo com o método fenomenológico de pesquisa. Nas entrevistas, a pergunta pelo objetivo se desdobrou em outras: ser terapêutico é um objetivo? O que se entende por terapêutico? Entre as implicações de definir um objetivo pertinente a qualquer terapia, poderia-se considerar o estabelecimento de parâmetros universais de atuação para o terapeuta? É possível definir, universalmente, o que é a terapia de base fenomenológica? Das respostas a essas perguntas ainda decorreram outras questões, que são os tópicos por quais a análise dos resultados foi organizada. Na conclusão é discutido o caráter propositivo da terapia e a possibilidade de diálogo da psicologia fenomenológica com outras abordagens.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica; objetivo da terapia; *Daseinsanalyse*.

**Alexandra Wojdyslawski Nigri**

Aluna do último ano de graduação em psicologia na PUC-SP, orientada pelo Prof. Dr. Luis Eduardo Jardim na realização do trabalho (de conclusão de curso). E-mail: [nigri.alexandra@gmail.com](mailto:nigri.alexandra@gmail.com)

#### **4.3.43 RELATO DE EXPERIÊNCIA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA BREVE EM GRUPOS TERAPÊUTICOS SOBRE LUTO**

**Roberto William Dantas da Silva (FACED Divinópolis)**

Michele Mileib de Vasconcelos (UNA Divinópolis)

O presente trabalho visa relatar a experiência de um grupo terapêutico para enlutados, dentro da modalidade de psicoterapia breve em grupo e refletir sobre as contribuições dessa psicoterapia nos processos de enlutamento. O luto é compreendido como um processo diante de uma perda significativa, com algumas reações e sentimentos esperados, e a partir do qual se pode elaborar essa perda. Em diversas situações, o processo de luto apresenta complicadores, que dificultam sua elaboração e podem influenciar no adoecimento do enlutado. Diante dessa situação, a psicoterapia surge como apoio e possibilidade de transformação. Foi escolhida a modalidade de grupo terapêutico, uma vez que propicia a possibilidade de estimular a troca de experiência entre os participantes, o desenvolvimento de vínculos entre os mesmos, além de propiciar um espaço que auxilie na condução do processo de luto, demarcando possibilidades de lidar da melhor forma com o que se apresenta em suas vidas. O grupo terapêutico para enlutados foi uma proposta de intervenção do Grupo de Estudos sobre Luto e Morte - GELUM - realizado numa instituição acadêmica, em Divinópolis/MG. O grupo terapêutico foi realizado de outubro a dezembro de 2018, dentro das dependências da instituição, e seguiu um parâmetro de seis sessões, viabilizando a experiência diante das possibilidades para sua realização. Para conseguir alcançar os candidatos ao grupo, foram realizadas divulgações por diversos meios de comunicação, como folders, comunicados virtuais, contatos com pessoas físicas, além de instituições. Com suporte de estudos bibliográficos e da experiência realizada, foi possível perceber as contribuições do manejo do psicólogo diante de um grupo terapêutico sobre luto, que promoveu formas de enfrentamento e possibilidades de elaboração. A trajetória do artigo seguiu três pontos essenciais: a) breve contextualização sobre os estudos do luto e da morte; b) a Psicoterapia Breve e suas especificidades na condução de casos clínicos, sobretudo em grupos; c) a experiência mediante a realização de um grupo terapêutico sobre luto. Desse modo, a experiência possibilitou a ampliação dos conhecimentos envolvidos no manejo da psicoterapia breve, além de demarcar suas características e contribuições no contexto do luto. Foi possível afirmar que um acompanhamento não necessariamente precisa ser individual. Desse modo, a terapia de grupo se apresenta como possibilidade e uma ferramenta importante no momento de lidar com a perda, estimulando a elaboração da dor e levando a transformá-la em possibilidade de resolução.

**Palavras-chave:** psicoterapia breve, luto, enlutados; grupo terapêutico.

**Roberto William Dantas da Silva**

FACED Divinópolis. Psicólogo – CRP 04/53348. Especialista em Psicologia Hospitalar. Pós-graduando em Neuropsicologia. E-mail: [roberto.william@live.com](mailto:roberto.william@live.com)

**Michele Mileib de Vasconcelos**

UNA Divinópolis. Psicóloga e Professora. Mestre em Psicologia - PUC-SP. E-mail: [michelemileib@gmail.com](mailto:michelemileib@gmail.com)

#### **4.3.44 RELAÇÃO ENTRE ANSIEDADE E ANGÚSTIA EXISTENCIAL: UM ESTUDO DE CASO BASEADO EM JEAN-PAUL SARTRE**

Gabrielle Pereira Zacarias

**Thaís de Sá Oliveira**

Nos últimos anos, pode-se observar um número crescente de pessoas em busca de acompanhamento psicológico, relatando experimentar a ansiedade em uma ou mais áreas da sua existência. Em uma sociedade que busca a eficiência, existe a crença que tudo que se relacione com a fragilidade e a vulnerabilidade humanas deve ser evitado. A ansiedade surge como indicador de que algo precisa ser abordado, não evitado ou eliminado, já que ressalta uma desconexão entre o homem que necessitamos ser e o homem que atualmente percebemos que somos. A partir de uma pesquisa bibliográfica e de um estudo de caso, busca-se compreender a relação entre a ansiedade e a angústia existencial em um caso concreto para mostrar o movimento de responsabilização do paciente por suas escolhas, exercendo sua liberdade para a concretização do seu projeto. Para tal compreensão, este estudo se baseia no pensamento fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre. De acordo com o filósofo, a angústia é uma condição ontológica do homem, que o acompanha na expressão da consciência da sua liberdade. Esta se diferencia do medo, uma vez que este tem um objeto específico, sendo sempre medo de alguma coisa. Sem um motivo concreto e nem um objeto externo, a angústia se manifesta como o medo de si mesmo, de suas decisões e das consequências dessas decisões. A ansiedade se expressa como medo porque se relaciona com algo externo ao homem, através da tentativa de dar conta do mundo. Embora na clínica psicológica ela se mostre de diversas maneiras, não deixa de apontar para a angústia existencial inerente ao homem por ser responsável por escolher-se e pelas consequências de suas escolhas no mundo. Para ilustrar como isso se dá na clínica, apresenta-se o caso da paciente X, a qual procura terapia por recomendação do seu neurologista, pois se queixa de um alto nível de ansiedade que estaria causando distúrbios do sono e atrapalhando suas tarefas cotidianas. Durante o processo terapêutico, essa ansiedade se manifestava como medo de não dar conta das expectativas da sua família. A partir do momento que a paciente começou a se responsabilizar pelas suas escolhas, ela começou a exercer sua liberdade pelo seu projeto, sem esperar a aprovação dos outros. Como consequência do entendimento de si mesma em relação ao mundo, sua ansiedade foi diminuindo gradativamente e, atualmente, ela consegue lidar de melhor com as questões que a vida lhe apresenta. Por meio do caso exposto, pode-se considerar que a ansiedade na atualidade se mostra na clínica psicológica na própria relação do homem com o mundo, estando relacionada ao medo de não satisfazer o projeto dos outros para a sua existência. Sendo ontologicamente angústia, o homem deve reconhecer sua responsabilidade na situação que está vivendo e fazer escolhas para exercer a sua liberdade.

**Palavras-chave:** Angústia; ansiedade; medo; Jean-Paul Sartre.

**Gabrielle Pereira Zacarias**

Psicóloga clínica com Pós-Graduação em Hipnose Clínica pelo Instituto Brasileiro de Hipnose do Rio de Janeiro (IBH). Pesquisadora pelo Instituto Existentialis. E-mail: [gabi-psi@hotmail.com](mailto:gabi-psi@hotmail.com)

**Thaís de Sá Oliveira**

Psicóloga clínica com mestrado em Reabilitação Psicossocial em Saúde Mental pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Fenomenológico-Existencial pelo Instituto Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Diretora do Instituto Exsistentialis. Membro da Associação Latino-Americana de Psicologia Existencial (ALPE) e da World Confederation for Existential Therapy (WCET). E-mail: [psicothaty00@gmail.com](mailto:psicothaty00@gmail.com)

#### **4.3.45 SENTIDO E SUA FALTA: UMA REVISÃO NA LITERATURA DA ANÁLISE EXISTENCIAL DE ALFRIED LANGLE**

**João Marcos de Sousa Teixeira (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

Esta pesquisa busca fazer uma exposição sobre a ideia do sentido como um dos fundamentos primordiais para a Análise Existencial (AE) e suas incidências durante a edificação da prática psicoterapêutica de Alfred Langle, colaborador de Viktor Frankl e fundador da AE. Em específico, analisar e explicitar a importância do sentido na existência humana e as consequências de sua falta. Assim, a presente comunicação busca localizar a discussão do sentido na AE de Langle, autor pouco conhecido na Psicologia existencial brasileira. A pesquisa na qual se apoia esta comunicação é uma revisão bibliográfica da literatura internacional encontrada, categorizando em ordem temporal as noções de sentido e falta de sentido. Na perspectiva da AE, a questão do sentido emerge inicialmente a partir da distinção entre as posições ontológica e existencial. O autor caracteriza como sentidos ontológicos aqueles que se situam no mundo, ou seja, os acontecimentos que têm significados em si mesmos, mesmo que não se consiga os desvelar. Já sua dimensão existencial se coloca a partir da relação indivíduo-mundo, mais precisamente entre o valor (subjetivo) atribuído ao mundo pela pessoa. Ademais, o sentido existencial não se encontra sobre uma investigação transcendental sobre o mundo, mas na vida de cada sujeito enquanto ser, incidindo sobre suas próprias valorações de sentido, tomadas por emoções, decisões e ações. A relação dessas dimensões será explorada por Langle enquanto parâmetro para sua prática em AE. Após apresentar os conceitos de sentido ontológico e existencial, a presente comunicação discute as consequências que a perda/falta do sentido tem na vida subjetiva de cada existência, sobretudo no que diz respeito ao papel da AE para com essa postura diante o mundo. Falar em sentido é falar sobre um contexto interior que evoca perguntas como: Porque fazemos o que fazemos? Pelo o que nos comprometemos? Pelo que devemos nos responsabilizar? Para além disso, a falta de sentido se torna um dos conteúdos que atravessam esse âmbito, pois essa posição - ou não-posição - faz com que experienciemos a existência como “mais do mesmo”, fazendo com que a vida perca suas características de preferência e necessidade. Em suma, a experiência da falta de sentido amortece a sensação de profundidade e plasticidade da existência, criando um vazio existencial e abrindo espaço para psicopatologias. Diversos tipos experiências podem levar a isso, tais como enfermidades, perda de entes queridos, fracasso, crises, traumas são algumas das possíveis causas da perda de sentido. De resto, o momento sócio-político pela qual nossa sociedade se coloca, como uma espécie de “cultura do consumo” pode também ser um marcador de como enxergamos o esvaziamento do sentido.

**Palavras-chave:** Sentido; Análise Existencial; Alfred Langle; Falta de Sentido

**João Marcos de Sousa Teixeira**

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro e Monitor do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. E-mail: [joaomarcosst@hotmail.com](mailto:joaomarcosst@hotmail.com)

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Professor Adjunto A do Departamento de Psicologia da FAFICH da UFMG. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [pauloevangelista.ufmg@gmail.com](mailto:pauloevangelista.ufmg@gmail.com)

#### **4.3.46 SER-CRIANÇA COM TDAH NA CONTEMPORANEIDADE: COMPREENSÕES NA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA- HEIDEGGERIANA**

Ana Karina da Silva Azevedo (UFRN)

**Débora Cristina Guerra de Araújo Vale (UFRN)**

A criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) surgiu na literatura médica na primeira metade do século XX e a partir de então sua sintomatologia foi nomeada e renomeada várias vezes: criança com defeito no controle moral; portadora de deficiência mental leve/branda; portadora de encefalite letárgica; síndrome da inquietude; reação hipercinética da infância; hiperativa/hipercinética; disfuncional; e finalmente TDAH. Muitos fatores históricos e culturais podem ter influenciado no desenho diagnóstico do referido transtorno e suas comorbidades. As décadas entre 1960-1980 marcaram parte das produções nas teorias humanistas, as quais preconizavam a Liberdade Experiencial como estado interno de reconhecimento das próprias experiências e sentimentos, o que fez com que comportamentos como: retraimento, temores, solidão e agitação motora em crianças pudessem ser compreendidos como manifestações de sofrimento infantil. Em paralelo, no entanto, acontecia o advento da distribuição do cloridrato de metilfenidato e dos estudos neurológicos acerca do transtorno, mudando de vez o tratamento de crianças com TDAH: estas crianças passaram, então, a ser medicalizadas, tendo sido este o caminho adotado para acolhê-las. Pensamos se esse pensamento naturalizante não seria um caminho para um enquadramento das esferas do existir, instituindo-se aquilo que é saudável e normal. Sendo assim, a partir da ontologia heideggeriana, tentaremos refletir se categorizar crianças apenas por critérios diagnósticos de TDAH seria suficiente para compreender suas existências. Para a fenomenologia hermenêutica de Heidegger, ser-no-mundo é uma estrutura originária, e constantemente total, e ele nos convida a visualização do fenômeno através de um olhar de questionamento, de desconhecimento, afastando-se de uma posição que naturaliza a realidade como dada, acabada. Perguntamo-nos se o olhar medicamentoso oferecido a crianças diagnosticadas com TDAH não seria um esforço para adaptar o desempenho dessas crianças às demandas da era da técnica, e desta forma, pensamos sobre os modos de ser-criança para além do diagnóstico neste transtorno. Nesse sentido, a proposta do presente estudo teórico é, à luz da fenomenologia hermenêutica-heideggeriana, pensar o sofrimento de crianças que recebem o diagnóstico de TDAH, e refletir sobre se essa categorização poderia trazer o encobrimento dos modos-de-ser-como-criança, trazendo reflexões acerca da lógica da normatização tão presente nos discursos da contemporaneidade, de tal forma a nos permitir pensar se limitar o tratamento a apenas o prisma medicamentoso não seria privilegiar um único aspecto de seu sofrimento. Assim, pretendemos sustentar um espaço para pensarmos o sofrimento infantil presente na psicoterapia, problematizando modos não hegemônicos de intervenção e cuidados terapêuticos infantis.

**Palavras chave:** TDAH; Fenomenologia; Heidegger; Infância

##### **Ana Karina Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade



e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

**Débora Cristina Guerra de Araújo Vale**

Possui graduação em Psicologia pela UFRN (2005) psicóloga (CRP/17-1263) mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFRN (PPgPsi-UFRN) Participante/pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN/CNPq). E-mail: [deboracrisguerra@gmail.com](mailto:deboracrisguerra@gmail.com)

#### **4.3.47 SETEMBRO AMARELO E OS ENLUTADOS POR SUICÍDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UNICAP)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Glaucia Fernanda Soares Cabral (UNICAP)

**Pedro Pereira Cavalcante Filho (UNICAP)**

A campanha do setembro amarelo surgiu nos Estados Unidos em 1994 e, vinte anos depois, no Brasil. Com a finalidade de conscientizar a população sobre a prevenção do suicídio, tem obtido a cada ano adesão das instituições públicas e privadas, órgãos de classe e da população. No Brasil, durante o mês de setembro, observa-se uma grande mobilização da sociedade e, principalmente, de profissionais da saúde mental, a fim de promover palestras e rodas de conversa sobre o fenômeno do suicídio e ofertar atendimento à população. Em meio à situação pandêmica da COVID-19, a campanha ganhou destaque através do meio digital, o qual se tornou o principal recurso de divulgação e de serviços de prevenção ao suicídio. Este trabalho trata de um relato de experiência em que os autores fizeram uso do diário de campo para o registro de suas afetações durante as campanhas do setembro amarelo nos anos de 2019 e 2020. Os registros no diário de campo possibilitaram descrever os procedimentos e a política que orienta a campanha setembro amarelo e indicar ações que possam responder a algumas questões que se apresentaram durante as campanhas. O setembro amarelo costuma ser veiculado pelas mídias sociais, convocando as pessoas à prevenção do suicídio e à valorização da vida. A ênfase dada diz respeito à observância de sinais e fatores de risco que possam garantir a identificação das pessoas em vulnerabilidade, além do compartilhamento de dados epidemiológicos que corroborem com a necessidade de ações preventivas. Nas campanhas, observa-se pouco destaque aos enlutados por suicídio, e até mesmo ao impacto que algumas informações divulgadas podem ter para estes. Compreendemos a necessidade de abordar os impactos aos enlutados, pois diante de um luto tão particular e estigmatizado desvelam-se tonalidades afetivas diversas como tristeza, raiva, culpa, vergonha e saudade. O acolhimento a estas pessoas se mostra, tanto na campanha, como na literatura, centrado em uma preocupação com a possibilidade de apresentarem risco de suicídio. Deste modo, surgem alguns questionamentos: Como os enlutados por suicídio sentem-se durante a campanha citada? Quais as possíveis ressonâncias dessa campanha em suas experiências de luto e em suas afinações? Como tem sido ofertado o cuidado a estas pessoas? Temos conseguido ouvir e acolher os enlutados através das campanhas? A campanha Setembro Amarelo traz à tona a discussão de um fenômeno que atravessa a existência humana, mas que ainda se constitui um tabu – o suicídio. Através das ações propostas pode-se promover um espaço de reflexão sobre o tema. Entretanto, tem-se percebido um enquadramento das ações que privilegiam a prevenção e, em contrapartida, dificultam o olhar para outros personagens que vivenciam o fenômeno – os enlutados por suicídio. Nessa direção, interroga-se como a campanha tem normatizado nosso olhar para o suicídio? Através das campanhas é possível acolher aqueles que perderam alguém por suicídio? Frente a essas possibilidades compreensivas, emerge o questionamento: seria possível pensar em uma outra configuração da campanha que abarque os modos de cuidado tanto para aqueles que pensam em pôr fim à vida, quanto para os enlutados por suicídio?

**Palavras-chave:** Suicídio; Enlutados; Setembro Amarelo.

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira**

Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga da mesma instituição desde 2017. Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [andreacarla.oliveira@gmail.com](mailto:andreacarla.oliveira@gmail.com)

**Carmem Lúcia de Brito Tavares Barreto**

Psicóloga formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Évora. Professora Adjunta Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [carmemluciabarreto@hotmail.com](mailto:carmemluciabarreto@hotmail.com)

**Glaucia Fernanda Soares Cabral**

Graduada em Psicologia pela faculdade FACID WYDEN, especialista em Suicidologia pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME), mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [glauciananda@hotmail.com](mailto:glauciananda@hotmail.com)

**Pedro Pereira Cavalcante Filho**

Engenheiro, mestrando em Psicologia Clínica e pesquisador vinculado ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [ppcaval@gmail.com](mailto:ppcaval@gmail.com)

#### **4.3.48 SETEMBRO AMARELO NA PANDEMIA DA COVID 19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

Adriana Raquel Negrão Duarte (UFRN)

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira (UFRN)**

Mariane Araújo Dantas (UFRN)

O Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio. O surgimento foi nos Estados Unidos em 1994 e no Brasil em 2014. Ao longo dos anos, a campanha vem agregando diversas entidades do setor público e privado, escolas, universidades e população. O suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial, portanto não deve ser considerado de maneira causal ou tendo como parâmetro único acontecimentos pontuais na experiência de vida do sujeito. Este trabalho tem por objetivo apresentar o relato de experiência das autoras sobre o setembro amarelo, no formato digital com servidores públicos de uma universidade federal durante a pandemia da Covid 19. O setembro amarelo foi divulgado nas mídias sociais internas e externas da universidade, como exemplo nos grupos dos programas institucionais, programa de aplicativo de mensagens de participantes dos projetos voltados para qualidade de vida e preparação para aposentadoria, boletim informativo da instituição dentre outros, de modo a alcançar os servidores ativos e aposentados. Para isso, as autoras organizaram uma cartilha sobre o setembro amarelo, disponibilizaram atendimento psicoterápico on-line e divulgaram um calendário para o mês de setembro com ações diárias sobre o cuidado com a saúde mental. As experiências foram registradas em diários de campo das autoras, e compartilhadas após o término da campanha. A pandemia da Covid-19 trouxe à tona e reforçou a importância dos cuidados com a saúde mental. De repente, falar sobre cuidar da esfera psíquica passou a ser tão essencial quanto a necessidade de higienizar as mãos e os ambientes físicos. Faz-se necessário que se amplie discussões e espaços de cuidado, com ações de prevenção e assistência à saúde mental. O suicídio costuma deixar um grande sofrimento e interrogação para os amigos e familiares que ficam – os enlutados. É iniciado um processo de luto que necessitará ser encarado e vivido de um modo singular. O suicídio deixa uma dor que, sobretudo, precisará ser respeitada, cuidada e acolhida. Como estamos acolhendo as pessoas com ideações ou tentativas de suicídio no setembro amarelo? E os enlutados estão sendo acolhidos? Abordar o setembro amarelo de um modo outro que não busque explicações deterministas para o fenômeno, e sim favoreça uma maior abertura para espaços de reflexão, fala e acolhimento, sem julgamentos ou preconceitos sobre o suicídio. Convocar os servidores sobre a importância de não responsabilizar os enlutados pela decisão de quem deu fim à própria vida. Ressaltar a importância de falar abertamente sobre o suicídio em diferentes espaços de convivência não apenas durante o mês de setembro. E divulgar os serviços de apoio para as pessoas que apresentam demandas relacionadas com a temática, tais como: o centro valorização da vida (CVV) e o plantão psicológico disponibilizado aos servidores públicos da instituição durante a campanha do setembro amarelo.

**Palavras-chave:** Setembro amarelo; pandemia Covid 19; instituição ensino superior.

**Adriana Raquel Negrão Duarte**

Psicóloga formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga clínica da mesma instituição

desde 2018. Tem experiência em psicoterapia clínica na perspectiva fenomenológica existencial. E-mail: [adriana.negrao@yahoo.com.br](mailto:adriana.negrao@yahoo.com.br)

**Andréa Carla Ferreira de Oliveira**

Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga da mesma instituição desde 2017. Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e pesquisadora vinculada ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial – LACLIFEP/UNICAP. E-mail: [andreacarla.oliveira@gmail.com](mailto:andreacarla.oliveira@gmail.com)

**Mariane Araújo Dantas**

Mestre e psicóloga formada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicóloga clínica da mesma instituição desde 2016. Tem experiência em Neuropsicologia Clínica, Psicoterapia e Avaliação Psicológica. E-mail: [marianedantas@gmail.com](mailto:marianedantas@gmail.com)

#### **4.3.49 SOBRE O LUTO MATERNO: QUANDO A MÃE IDOSA PERDE O FILHO ADULTO**

Julia Figueiredo Moura (UNAERP)

**Micaela Mendiondo (UNAERP)**

O luto como um processo marcado por oscilações entre a perda e a restauração, abrange de maneira singular cada pessoa ao longo das fases do desenvolvimento humano, marcando particularmente o processo de envelhecimento. Considerando que o aumento da expectativa de vida e o crescente número de idosos são fenômenos globais na sociedade contemporânea, estudos sobre o processo de luto na velhice são fundamentais por ser uma fase em que ocorrem diversas perdas no âmbito biopsicossocial. A perda de um filho pode ser sentida como um acontecimento fora do ciclo natural da vida dos pais e, se vivenciada na fase da velhice, pode vir a dificultar o processo de luto intrínseco do envelhecimento. Com isso, foi realizada uma revisão bibliográfica abordando os temas: o envelhecimento, a velhice e o idoso; os principais modelos de luto; o processo de luto na velhice; e o luto pela perda de um filho. Assim, levando em consideração a singularidade do ser humano em vários âmbitos da vida, essa pesquisa teve objetivo de compreender a vivência do luto do idoso que perde um filho adulto. Foram realizadas entrevistas com três idosas que perderam o filho a partir da seguinte questão norteadora: “Me conte, por favor, como está sendo a vivência do luto da perda do seu filho(a)?”. A análise de dados foi embasada na perspectiva fenomenológico-existencial, um método qualitativo de pesquisa em psicologia. Com essa análise foi possível encontrar algumas unidades de significados, as quais foram agrupadas em dez constituintes essenciais: Vivência do luto; Espiritualidade, Religiosidade, Fé; Apoio da Família/Amigos; Tristeza é contagiosa; Ser forte diante da perda do(a) filho(a); Vivências do(a) filho(a); O lembrar do momento da morte; Vida e morte: da finitude à continuidade do existir; O envelhecer; Preocupação se o que diz está correto. Estes se revelaram como norteadores do modo de ser das participantes. Considerando os sentidos revelados pelas participantes nesta pesquisa, destaca-se que ao falarem sobre a morte dos filhos, também foram emergindo outras perdas, concretas e simbólicas, pelas quais elas passaram ao longo da vida, inclusive aquelas decorrentes do processo do envelhecer. Além disso, o discurso foi permeado por falas de preocupação diante do que expressavam, podendo revelar a posição e o valor que atualmente idosos têm em uma sociedade do consumo, na qual podem ser considerados descartáveis, improdutivos e com poucas possibilidades de vir a ser porque a existência está mais próxima do fim.

**Palavras-chave:** Luto. Luto materno. Idosos. Fenomenologia-existencial.

**Julia Figueiredo Moura**

Graduanda do curso de psicologia da Universidade de Ribeirão Preto. E-mail: [juuh.moura@hotmail.com](mailto:juuh.moura@hotmail.com)

**Micaela Mendiondo**

Graduanda do curso de psicologia da Universidade de Ribeirão Preto. E-mail: [micaela\\_mendi@hotmail.com](mailto:micaela_mendi@hotmail.com)

#### **4.3.50 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO PARA USUÁRIOS DE CENTRO DE ACOLHIDA DA CIDADE SÃO PAULO**

**Felipe Silva Figueredo de Almada (PUC-SP)**

Segundo censo realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (2015) existia, na época, um total de 15.905 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. Número que sofreu um aumento de 53% nos últimos quatro anos, chegando a mais de 24.300 pessoas em 2019. A população em situação de rua é dividida em dois subgrupos: aqueles que dormem diretamente nas ruas (logradouros e espaços públicos), e os que fazem uso de espaços de acolhimento para pernoite, os conhecidos abrigos. Tendo em vista a condição de extrema vulnerabilidade a qual esse grupo social é exposto e observando que o número de pessoas que vivem nas ruas vem crescendo gradativamente a presente pesquisa pretende se aproximar da condição de estar-na-rua, com foco no sofrimento psicológico presente na vida de pessoas em situação de rua, especificamente daqueles que estão no subgrupo acolhidos, isto é, que fazem uso de abrigos para pernoite. O contato se dará por meio de um centro de acolhida localizado na região central da capital paulista. A pesquisa está planejada para ser realizada em dois momentos: primeiro, pretende-se fazer uma revisão de literatura acerca de saúde e doença mental a partir da ótica fenomenológica, para aprofundarmos a questão do sofrimento psicológico. Com isso esperamos responder quais as possibilidades que esse aparato teórico, que nasce na filosofia e tem em Martin Heidegger um dos seus principais expoentes, nos fornece para entendermos o sofrimento psicológico. No segundo momento pretende-se uma aproximação desta condição a partir de uma entrevista semiaberta realizada com a profissional de psicologia de um centro de acolhida previamente selecionado e a posterior análise fenomenológica dos dados obtidos. A partir dos relatos que foram sendo tecidos pela profissional pudemos fazer uma leitura que aponta para uma dualidade dos modos de ser-na-rua, alguns voltados para uma cristalização de modos-de-ser que podem ser associados com maior grau de sofrimento psicológico, ao mesmo tempo que existem modos-de-ser autênticos, mesmo na condição de rua, que abrem novas possibilidades e permitem uma vivência mais saudável e, presumivelmente, com menor grau de sofrimento.

**Palavras chave:** População de rua, centro de acolhida, sofrimento psicológico, fenomenologia.

##### **Felipe Silva Figueredo de Almada**

Estudante de psicologia pela PUC-SP com formação prevista para o final de 2020. Durante a graduação realizei pesquisa de iniciação científica que foi premiada como “Melhor Pesquisa em Psicologia da PUC-SP” (2017). Atualmente curso os núcleos de psicodrama e organizacional, realizo atendimento individual e em grupo pela abordagem psicodramática e trabalho no RH de uma grande empresa. E-mail: [felipefa0@hotmail.com](mailto:felipefa0@hotmail.com)

#### **4.3.51 UMA INTERPRETAÇÃO DASEINSANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE PÂNICO E SOLIDÃO: QUESTÕES ÔNTICAS E ONTOLÓGICAS**

Adria de Lima Sousa (UFSC/ Rede Existências)

Camila Leão Gadelha (Rede Existências)

**Cleison Guimarães Pimentel (Rede Existências)**

Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)

Este trabalho tem como objetivo apresentar a discussão de uma pesquisa em andamento sobre a análise de alguns casos clínicos a partir das noções de inclusão pré-ontológica e questões ôntica-ontológica que apresentados no desenvolvimento teórico da daseinsanálise de Alice Holzhey-Kunz. Compreender a experiência de sofrimento do paciente por meio dessas noções acima apresentadas indica o modo como o paciente aborda e experimenta a sua queixa e como essa questão foi se acentuando em seu existir. Para isso nos apoiamos na noção do sofrimento existencial como sofrer com o próprio ser apresentado por Alice Holzhey-Kunz, para apontar como a nossa condição ontológica indeterminada por não ter nenhuma orientação prévia para lidar com demandas pode fraturar ao lidar com essas demandas e, com isso, abrindo a possibilidade de experimentar um mal-estar fruto do peso do próprio ser. Esse trabalho se apoia na análise de casos clínicos acompanhados por meio da vivência de consultório e para exemplificar a discussão acima iremos apresentar um caso clínico de um rapaz, 20 anos, que relata ter ataques de pânico ao se perceber sozinho e que teve experiências durante toda a sua vida associadas a essas questões. Apontamos que o modo como nosso paciente experimenta o sofrer com o seu próprio ser estão associadas a questões de inclusão pré-ontológica relacionado ao ser-com-o-outro e as tonalidades afetivas da angústia e temor. Por fim, acreditamos que essa pesquisa pode abrir discussões e fundamentar a construção da terapia daseinsanalítica para estar junto atentamente ao modo como o paciente experimenta as suas demandas.

**Palavras-chaves:** Daseinsanálise; Inclusão pré-ontológica; Ôntico-ontológico; Sofrimento existencial

##### **Adria de Lima Sousa**

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em psicologia clínica pelo Conselho Federal de Psicologia e especialista em psicologia existencialista sartreana pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Agência financiadora: CAPES. E-mail: [adriapsique@gmail.com](mailto:adriapsique@gmail.com)

##### **Camila Leão Gadelha**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). E-mail: [camilagadelha24@hotmail.com](mailto:camilagadelha24@hotmail.com)

##### **Cleison Guimarães Pimentel**

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte. Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé e em Saúde Coletiva pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [cleison.guimaraes.dico@gmail.com](mailto:cleison.guimaraes.dico@gmail.com)



**Klessyo do Espirito Santo Freire**

Graduado em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (BA). Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante fundador da Rede Existências. E-mail: [klessyo@gmail.com](mailto:klessyo@gmail.com)

#### 4.3.52 UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DAS CRISES DE ANSIEDADE E PÂNICO NA CONTEMPORANEIDADE

André Sendra de Assis (Instituto Dasein)

Klessyo do Espírito Santo Freire (UFBA/ Rede Existências)

As crises de ansiedade e pânico têm sido cada vez mais recorrentes no mundo contemporâneo. Dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2019 indicaram que o Brasil possui hoje aproximadamente 18,6 milhões de pessoas com esse diagnóstico. Entretanto, no momento de analisar esse fenômeno contemporâneo existe uma tendência majoritária em situá-lo em um caráter patogênico e psicologizante. Buscam-se fatores apriorísticos, seja com um viés psicológico ou bioquímico, desconsiderando a dimensão existencial desse fenômeno. Assim, esse trabalho teve como objetivo analisar as ansiedades e crises de pânico do mundo contemporâneo através de uma perspectiva da analítica da existência de Heidegger, a compreensão daseinsanalítica do sofrimento psíquico de Alice Holzhey-Kunz e a clínica fenomenológico-existencial de Ana Maria Feijoo. O método utilizado foi o estudo de caso, no qual foram trazidas algumas situações clínicas de pessoas atendidas pelo psicólogo proponente deste trabalho. Dessa maneira, através da analítica do *Dasein*, concebeu-se que as crises de pânico e ansiedade estão diretamente ligadas aos horizontes de sentido do nosso tempo histórico para lidar com a condição ontológica de indeterminação do ente humano. Na leitura de Heidegger sobre a técnica na contemporaneidade, foi colocado que as ideias metafísicas absolutas sobre a essência do ser humano e das coisas foram enterradas, resultando em uma falta de ancoragem para o *Dasein*. Ou seja, é a concepção de que tudo está disponível na prateleira e pode ser usado de acordo com a vontade própria. Nesse sentido, a tonalidade afetiva que vai marcar a contemporaneidade é o tédio, devido a compulsividade em sempre ocupar o tempo com algo. Assim, as crises de ansiedade e pânico estão relacionadas à vivência da temporalidade pelo *Dasein* e indicam a sua dificuldade em lidar com duas tonalidades afetivas fundamentais, o tédio e a angústia. Principalmente com os diversos manuais modernos de como se viver e de um modo de ser contemporâneo, um ter-que-fazer compulsivo e aflitivo. Assim, o ter-que-fazer seria uma maneira de distanciar o *Dasein* da sua indeterminação ontológica. A grande questão é que esse ter-de-fazer sobrecarrega o *Dasein*, principalmente por se tratar de um modo impróprio. O próprio diagnóstico de ansiedade se apresenta como um modo impróprio de ser. Essa concepção coaduna diretamente com a noção daseinsanalítica de sofrer com o próprio ser, de Alice Holzhey-Kunz. Utilizando-se de Ana Maria Feijoo, as pessoas têm dificuldade em lidar com a sua medida existencial. Devido ao caráter hedonista e auto-centrado no eu da modernidade, as crises aparecem como uma tentativa frustrada de controlar o incontrollável, o caráter indeterminado e de finitude do *Dasein*. Com isso, a partir de uma clínica fenomenológico-existencial, as pessoas atendidas puderam, na relação com o psicólogo, encontrar a sua medida existencial e experienciar novos modos de lidar com sua indeterminação ontológica e de vivenciar a temporalidade. Assim, a clínica fenomenológico-existencial não propõe a cura e a remissão dos chamados sintomas ansiosos, mas sim acompanhar o paciente em sua existência.

**Palavras-chave:** Ansiedade; Pânico; Fenomenologia-Hermenêutica; Sofrimento Existencial; Contemporaneidade.

**André Sendra de Assis**

Graduado em Psicologia e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Sócio-fundador do Instituto Dasein de Psicologia Hermenêutico-Fenomenológica. E-mail: [andre\\_sendra@hotmail.com](mailto:andre_sendra@hotmail.com)

**Klessyo do Espirito Santo Freire**

Graduado em Psicologia pela Faculdade Ruy Barbosa (BA). Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante fundador da Rede Existências. E-mail: [klessyo@gmail.com](mailto:klessyo@gmail.com)

#### **4.4 INVESTIGAÇÕES FENOMENOLÓGICAS EM PSICOLOGIA**

#### **4.4.1 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

**Lucia Marques Stenzel (UFCSPA)**

A investigação dos processos psicoterápicos foi historicamente marcada por um interesse bastante pragmático e por uma busca ávida por um conhecimento universalmente válido e empiricamente testável; colocando a fenomenologia em uma posição de contraste. A atitude fenomenológica possibilitou para o clínico um rompimento drástico com a postura analítica e de explicação, típica das tradições da clínica psicológica; e vem auxiliando pesquisadores a confrontar o formato tradicional de “fazer” psicologia, rejeitando uma interpretação teorizante e objetificante dos fenômenos psicológicos. Entretanto, apesar de existir um certo consenso sobre as contribuições e potencialidades da fenomenologia para a compreensão da prática psicoterápica, existem diferentes obstáculos no diálogo que envolve a pesquisa empírica em psicoterapia. Em termos de produção acadêmica, autores brasileiros afirmam que a pesquisa nacional vem se restringindo primordialmente aos fundamentos da filosofia fenomenológica e existencial, em detrimento de trabalhos empíricos, os quais ainda muito escassos se comparados à produção internacional. Nas duas últimas décadas, pesquisadores de diferentes abordagens teóricas produziram uma extensa gama de pesquisas sobre o potencial dos fatores relacionais para os bons desfechos terapêuticos. A proposta deste trabalho é adentrar nessa discussão, traçando um panorama da posição da fenomenologia no cenário brasileiro de investigação em psicoterapia; principalmente nos últimos dez anos, período em que se percebe uma mudança de paradigma em relação às pesquisas empíricas em psicoterapia, as quais passaram a dar grande ênfase aos aspectos relacionados à díade terapeuta-cliente. O objetivo é apresentar uma revisão integrativa da literatura nacional na área da Psicologia acerca da forma como a relação terapêutica tem sido investigada em contextos psicoterápicos, possibilitando a identificação e compreensão das contribuições da fenomenologia entre pesquisadores brasileiros na produção do conhecimento sobre psicoterapia, principalmente no que tange a relação terapêutica. Para tanto, foi realizado um levantamento em bancos de dados virtuais (BVS, PePsic, SciELO, Portal Capes) em busca de artigos de estudos empíricos nacionais publicados nos últimos dez anos que tinham como foco a análise da relação terapêutica em termos de processo psicoterápico. Na etapa inicial de busca foram encontrados 200 artigos. Após a exclusão dos duplicados chegou-se ao número de 127; e, após a leitura dos resumos, somente 16 compuseram a amostra final do estudo. Dentre estes 16 artigos, somente 2 eram filiados a uma perspectiva fenomenológica de análise. A partir dos resultados são discutidas as seguintes temáticas: como se materializa empiricamente o debate epistemológico, ontológico e metodológico sobre as pesquisas em psicoterapia; as contribuições da fenomenologia para a compreensão dos processos psicoterápicos em uma perspectiva dialógica; o tensionamento do conceito de relação terapêutica; e as limitações da pesquisa empírica para capturar a complexidade do fenômeno da relação. Também são traçados potenciais diálogos com a pesquisa internacional sobre a prática psicoterápica baseada em evidências.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Relação terapêutica; Processos Psicoterápicos.

**Profa. Dra. Lucia Marques Stenzel**

Professora Associada do Departamento de Psicologia na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação

em Psicologia e Saúde. Coordenadora da Aletheia: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Humanista e Existencial (UFCSPA). Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: [lstenzel@ufcspa.edu.br](mailto:lstenzel@ufcspa.edu.br)

#### **4.4.2 A PRÁTICA DA ESCALADA E O EXISTIR COTIDIANO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICA**

**Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima (PUC-SP)**

**Luis Eduardo França Jardim (PUC-SP)**

O objetivo desta apresentação é discutir e analisar, com base na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, os sentidos da escalada para dois escaladores não profissionais com experiência consolidada nessa prática. A escalada é um esporte que, na última década, vem se popularizando no Brasil e no mundo e, pela primeira vez, será incluída nos jogos olímpicos em sua próxima edição em Tokyo. Com possibilidade de prática indoor ou outdoor, a escalada é mais reconhecida popularmente por três de suas modalidades principais: esportiva, boulder e tradicional, sendo esta última possível apenas na natureza. Grosso modo, essas três modalidades se diferem pela extensão da via, pelos equipamentos de segurança utilizados e pela técnica e planejamento necessários para sua execução. Em todas as modalidades, a prática da escalada apresenta certo risco e exige do atleta, além de alta concentração e preparo físico, conhecimento das técnicas e amplo domínio sobre os equipamentos de segurança. Durante a pesquisa, realizamos entrevistas reflexivas semi-estruturadas com dois atletas não profissionais com sólida experiência na prática da escalada. Os participantes foram questionados sobre os diferentes sentidos da escalada em seu existir e modos como o esporte tonalizaria seu cotidiano. Ambos entrevistados identificaram o quanto a escalada atravessa seu mundo, abrindo novos significados em seu existir ligados a essa prática, assim como também afeta a compreensão de si. A escalada apareceu inserida nos existir dos participantes em plena integração com seu cotidiano e a vida junto à natureza. Identificamos que a escalada se mostra como um âmbito central da existência destes praticantes, imantando as relações e atravessando as principais escolhas de vida, de modo que o existir como um todo parece tonalizado por questões ligadas a escalada. Nos depoimentos, merece destaque a forte ligação da escalada com o desafio de superação de si nas conquistas do esporte na rocha. A conquista de uma nova via escalada e suas dificuldades parecem estar atreladas a uma relação de insistência e permanência junto ao desafio trazidos por um novo projeto. Por fim, cabe ressaltar que a pesquisa não pretende esgotar as discussões sobre o tema, mas ampliar a compreensão sobre a experiência do escalador e a sua importância como elemento de organização de um modo de existir cotidiano.

**Palavras-chave:** escalada; esporte; cotidiano; fenomenologia hermenêutica; Martin Heidegger.

##### **Ana Luiza Zanquetta de Oliveira Lima**

Graduanda de Psicologia na PUC-SP, com formação prevista para 12/2021. Estuda fenomenologia e o pensamento de Heidegger em seu trabalho de conclusão de curso, além de atuar pelo LEFE-USP no Departamento Jurídico XI de Agosto, atendendo os membros e assistidos no modelo de plantão psicológico. É educadora na Escola Jacarandá e praticante de escalada. E-mail: [analuzazlima1@gmail.com](mailto:analuzazlima1@gmail.com)

##### **Luis Eduardo França Jardim**

Doutor em psicologia pela USP-SP com tese sobre os impactos da Ditadura Civil-Militar no cotidiano dos brasileiros. Fez graduação e mestrado em psicologia clínica na PUC-SP, dissertando sobre a prática clínica com base no pensamento de Martin Heidegger. É docente do curso de Psicologia da PUC-SP e do curso de Fenomenologia Crítica no Instituto Sedes

Sapientiae. Continua seus estudos fenomenológicos sobre clínica, violência, dominação e colonialidade. E-mail: [luisfjardim@yahoo.com.br](mailto:luisfjardim@yahoo.com.br)



#### **4.4.3 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS PROJETOS DE VIDA DE CONDENADOS DO MÉTODO DE EXECUÇÃO PENAL APAC**

Dener Luiz da Silva (UFSJ)

**Luiz Felipe Viana Cardoso (UNA)**

O presente trabalho é resultado de uma investigação fenomenológica sobre a (re)construção e ressignificação de Projetos de Vida de presos inseridos na APAC. A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) é uma instituição civil que tem como objetivo ser um modelo alternativo de prisão no Brasil. Seu diferencial é o seu método de execução penal baseado na valorização humana, a partir da participação da comunidade, da profissionalização, da assistência jurídica e de saúde, do envolvimento da família e da educação. Em uma APAC não há presença de agentes penitenciários e nenhuma outra forma de força policial. Além da equipe técnica, a instituição conta com a participação de voluntários da própria comunidade na qual a APAC está inserida. Os presos fazem a própria guarda, como também auxiliam no funcionamento da unidade. Visto que a prisão pode dificultar e impedir os planos futuros do condenado, realizamos um estudo qualitativo, na perspectiva fenomenológico-existencial, a fim de compreender como se dá a (re)construção dos Projetos de Vida dos condenados neste método. AmatuZZi coloca que na vida somos levados constantemente a perder o contato com nós mesmos, levando a uma perda de referência. Para Mahfoud, quando o homem olha para o seu projeto, não implica em negar as determinações ou os vínculos existentes, mas realizar um percurso que lhe seja próprio. Em um primeiro momento, entramos em contato com os participantes, por meio de uma observação participante, a fim de criar vínculos. Após, foi feito convite aos interessados em participar das entrevistas sobre suas histórias de vida. As entrevistas foram feitas a partir de perguntas disparadoras sobre o tema. Em seguida foi feita a transcrição e análise por meio da redução fenomenológica a partir da qual as falas foram organizadas em unidades de significado. A etapa seguinte consistiu na apresentação dos dados aos participantes para que pudessem verificar a correspondência com o que buscaram expressar. Participaram deste estudo 12 presos, entre primários e reincidentes, dos regimes fechado e semiaberto, da unidade masculina, de uma APAC do interior do estado de Minas Gerais, com idades entre 26 e 60 anos. Como principais resultados verificamos que a APAC tem contribuído de maneira significativa para a ressignificação de aspectos importantes na identidade dos indivíduos e em seus projetos de vida. A profissionalização fomentada na APAC, por exemplo, é um destes aspectos que contribuem para que o sujeito tenha maior abertura para o mundo, vislumbrando novas possibilidades. O fortalecimento de vínculos familiares também parece ser um pilar que impulsiona o resgate ou reconstrução dos projetos de vida. A partir dos resultados pudemos organizar os Projetos de Vidas em cinco grupos, sendo: ausência/vazio de projetos; projetos abandonados; projetos interrompidos que são recuperados; projetos ressignificados; novos projetos criados. Concluímos que a experiência de privação de liberdade afeta de modos diferentes a (re)construção dos projetos de vida dos apenados, e que o Método APAC acaba por possibilitar uma experiência diferente no sentido de contribuir para essa reconstrução de novos sentidos de vida.

**Palavras-chave:** projeto de vida; pesquisa fenomenológica; APAC; sistema prisional.

**Luiz Felipe Viana Cardoso**

Psicólogo e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Pesquisador do

Núcleo de Estudos, Pesquisa e Intervenção em Saúde NEPIS/UFSJ/Cnpq. Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRPMG). Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. E-mail: [luizfelipevcardoso@gmail.com](mailto:luizfelipevcardoso@gmail.com)

**Dener Luiz da Silva**

Psicólogo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e período ‘sandwich’ na Universidade de Genebra. É professor associado da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: [densilva@ufsjeu.br](mailto:densilva@ufsjeu.br)

Agência financiadora: UFSJ/FAPEMIG.

#### **4.4.4 COVID-19 E SAÚDE MENTAL: REFLEXÕES SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL À LUZ DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

Ana Paula Gasparotto Paleari (UNOESTE-Jaú e Instituto Dasein-SP)

Ellen Cristina Fabri (CTL-Jaú)

Felipe Carvalho de Castro (UNIP-Bauru)

**Silvia Regina Cassan Bonome Vanzelli (UNESP-Bauru)**

As pandemias são surtos de doenças infecciosas que levam a altos índices de mortalidade, atingindo uma ampla localização geográfica. A maneira mais eficaz de combate a esse mal, encontrada pelos governos, com indicação da Organização Mundial de Saúde foi o isolamento social, prevenindo a contaminação entre as pessoas e, principalmente evitando o colapso nas instituições de saúde em todo planeta. Frente a esse panorama, o isolamento social trouxe à tona a fragilidade das pessoas em lidar com a condição de estar sozinho, longe de seu convívio social normal, o que remete, portanto, pensar sobre a necessidade do outro na vida humana. Diante disso, tem-se o objetivo de refletir a partir da perspectiva fenomenológico-existencial sobre o impacto da pandemia e do isolamento social no existir humano e como o Dasein pode se apresentar nesse contexto. Enquanto metodologia, utilizou-se a revisão bibliográfica, a partir de uma pesquisa qualitativa com busca na base de dados PUBMED com os termos Pandemia, COVID-19, isolamento social, fenomenologia e cuidado, com filtro para os últimos 05 anos. Encontrou-se 105 artigos no total, com 16 relevantes à pesquisa. Utilizou-se, também, livros clássicos de fenomenologia-existencial. A ciência não explica o ser humano e sua vida, cada sujeito apresenta um “corpo próprio” com o seu caráter único, portanto, a ipseidade não é justificada pelas ciências naturais, já que esta não oferece uma visão completa da corporalidade humana que se apresenta pela subjetividade do ser, o Dasein (ser-aí ou ser-no-mundo) expresso por Heidegger. Este, por sua vez, é constituído enquanto abertura de possibilidades no mundo, tendo como motor de sua existência a angústia, a qual interfere, o singulariza e o coloca diante de si mesmo como ser de finitude. A angústia impulsiona o homem ao encontro de sua verdade, sua autenticidade e mediante essa busca, sendo a condição do Dasein cuidado, é nele mesmo que se irrompe o existir, o Dasein se forma como ser de sua verdade, mas nessa procura, nos constituímos a partir do papel do outro em nós, o Dasein é ser-com-o-outro. Cada Ser define-se a partir de sua ocupação, seu ofício. O Dasein pode vir a ser o que desejar, mas diante das multiplicidades de ocupação, pode também se emergir nelas, se distanciando de si mesmo, em meio à medianidade cotidiana do mundo. Além disso, o estar-no-mundo em âmbito de possibilidades nos remete a lidar com a estranheza, porém, sendo-no-mundo e pertencendo ao cuidado, abrimo-nos à liberdade. Conclui-se que a pandemia, portanto, é algo que não havia sido vivenciado por nós, a qual trouxe medo, tédio, solidão, insônia, ansiedade, raiva, reações emocionais intensas. Frente à essa estranheza, há o isolamento social, que rouba a temporalidade, os antigos espaços de significados e consequentemente os projetos de vida, em meio a tantas incertezas. Ao Dasein, portanto, cabe a escolha de se entregar à medianidade cotidiana que o contexto de isolamento impõe, ou buscar possibilidades em presença a esse contexto para manter-se em seu projeto existencial, ou ainda, re-pensar outras possibilidades de projetos de vida.

**Palavras-chave:** Pandemia; COVID-19; Isolamento social; Fenomenologia; Cuidado.

**Ana Paula G. Paleari**

Psicóloga Clínica, Mestra em Ciências (USP/Bauru), cursa Especialização (Instituto Dasein/SP), Docente (UNOESTE/Jaú). E-mail: [ppaleari@hotmail.com](mailto:ppaleari@hotmail.com)

**Ellen C. Fabri**

Psicóloga clínica e institucional (CTL/Jaú), Especialista em Saúde Mental (USC/Bauru). E-mail: [ellen.fabri@gmail.com](mailto:ellen.fabri@gmail.com)

**Felipe Carvalho de Castro**

Psicólogo clínico, estudante de Filosofia (UNIP/Jaú), E-mail: [felipecarvalho.psi@gmail.com](mailto:felipecarvalho.psi@gmail.com)

**Silvia Regina C. Bonome Vanzelli**

Psicóloga clínica, Prof. de Ed. Física, Mestra em Ed. Física (UNESP/Bauru). E-mail: [silviablossom@gmail.com](mailto:silviablossom@gmail.com)

#### 4.4.5 ENSAIO SOBRE O DETERMINISMO GENÉTICO E A HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER

Aguinaldo José da Silva Gomes (UNIP)

Poliana Alves Sidol (UNIP)

Esse trabalho surge a partir de reflexões iniciais possibilitadas pelo encontro entre a hermenêutica de Heidegger e o trabalho com a Genética, uma ciência marcadamente positivista, que encontra nestes termos seu limite para um diálogo mais próprio às necessidades de compreensão do ser, que na perspectiva do criador de *Ser e Tempo* se revela como ser-no-mundo. Em que pese todos os benefícios das pesquisas genéticas, que revelaram ao longo do tempo características biológicas a respeito do funcionamento do organismo humano, descobrindo doenças, tratamentos, remédios e vacinas, existem situações nas quais tal objetificação, própria ao referido método científico, tende a ser transferida para as pessoas que recebem diagnósticos genéticos. Para essa discussão, partiremos da síndrome de Down e seus desdobramentos, que em meio a tantos outros diagnósticos que identificam e afirmam identidades reduzidas a determinações arbitrárias de sua condição, se revela como espaço por nós conhecido e ampliado a partir dos diversos trabalhos disponíveis na literatura. Questões como a síndrome de Down ser compreendida como destino fechado na disfuncionalidade de suas perspectivas existenciais, bem como, os aspectos limitadores dos cuidados de referência a essa síndrome e os modos de ser coletivo, que afirmam historicamente as limitações de pessoas diagnosticadas como Down, nos aproximaram de espaços que podem ser ocupados por reflexões feitas através da perspectiva existencial de Heidegger. Assim, transitar neste espaço de questionamentos nos levou até as diferenças existentes entre o pensamento de Descartes e Heidegger, isso acaba por se constituir como lugar de procura desse estudo, qual seja, tendo como ponto de partida o espaço cartesiano do pensar sobre o humano, optamos por questioná-lo a partir da hermenêutica heideggeriana a fim de encontrar uma abordagem diferenciada para os diagnósticos genéticos, na qual a existência não seja ignorada a partir de limitações impostas por determinações objetivistas. Uma vez que essas determinações podem se revelar como aprisionamentos que limitam os espaços e as possibilidades existenciais, a vida torna-se de menos, talvez, para se tornar segura. De tal forma que a própria sociedade assume o viés da Genética, reduzindo a pessoa a um objeto de estudo, seu “cromossomo 21 a mais”, a partir do qual se julga saber de maneira antecipada quais seriam as suas aptidões e limitações. Vemos a exemplo disso as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão escolar. O que se pretende com essa discussão é uma contribuição com a qual buscamos abrir espaço para um diálogo mais próximo entre os profissionais da Genética e da Psicologia. Acreditamos que a partir desse encontro surgirão inúmeros desafios, dentre eles a desconstrução do que já está posto, acenando para um dos caminhos possíveis no desvelar do universo de sentido particular que existe na vivência de um diagnóstico genético. Vislumbramos, enfim, a possibilidade de reconquistar o humano perdido nas limitações dos espaços cartesianos e, sem negar esse espaço, promover outros que possam resgatar o “João”, a “Maria” e tantos outros nomes que encontramos encobertos pelas determinações genéticas em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Heidegger; fenomenologia existencial; síndrome de Down.

**Aguinaldo José da Silva Gomes**

Psicólogo, Mestre em Psicologia. Professor na Universidade Paulista, *campus* Bauru. E-mail: [ajsgomes@uol.com.br](mailto:ajsgomes@uol.com.br)

**Poliana Alves Sidol**

Bióloga, Especialista e Mestre em Genética. Aluna de Psicologia na Universidade Paulista, *campus* Bauru. E-mail: [sidolpoli@gmail.com](mailto:sidolpoli@gmail.com)

#### 4.4.6 ENTRE TER O CORPO E SER O CORPO: LEITURA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DO MOVIMENTO BODY POSITIVE

Gabriel César Silva Rodrigues (UFMG)

Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

A psicologia fenomenológico-existencial diferencia dois modos de visar o corpo: *körper*, ligado ao corpo físico, visto a certa distância, tornando-se assim um corpo que tenho, limitado às suas características mensuráveis como altura e componentes químicos, e *leib*, o corpo vivido, voltando-se às suas potencialidades, que articula a subjetividade e abre-se para o mundo, corpo que sou. Para a abordagem, realizar boa vinculação entre o *körper* e *leib* é uma tarefa que todos precisam realizar. A área define patológico como restrição que implica sofrimento e impotência. Desta maneira, o saudável se torna manter um horizonte existencial amplo, tornando possível que uma pessoa com alguma deficiência anatômica, como a falta de um braço, seja saudável, uma vez que não se percebe limitada por essa condição. Segundo o recente movimento social digital “Body Positive”, a sociedade atual realiza represálias constantes a corpos com determinadas características, como corpos gordos e deficientes. No Brasil, o correspondente ao Body Positive é o movimento Corpo Livre. Por isso, mostrou-se necessário investigar modos atuais de lidar com essa exclusão, uma vez que o ser-aí não apenas se dá no seu aí, mas dispõe de liberdade nesse meio. O Body Positive apresenta como propostas principais 1) questionar as mensagens do mundo público compartilhado que promovem o ódio de certos corpos e 2) mudar as significações (compreensões) sobre os corpos, ao invés de alterá-los. Segundo o movimento, as plásticas e outros mecanismos de alteração do corpo físico visam majoritariamente a adequação aos padrões estéticos e capacitistas. Para a pesquisa, realizamos uma análise crítica dos conceitos de corporeidade e psicopatologia na Psicologia Fenomenológica Existencial, do pensamento do filósofo Byung-Chul Han e do movimento Body Positive. Dessa análise, algumas ideias centrais surgiram. Han afirma que atualmente vivemos na sociedade que impõem a homogeneidade, a exposição e a quantificação, enquanto rejeita o implícito e subjetivo, criando assim, uma sociedade da transparência. Ao descrever a vida atual com a fotografia, principal forma de comunicação do Body Positive, diz que tudo se tornou pornográfico, inclusive os corpos, uma vez que também estão voltados para fora, e obsceno, pois não tem narratividade e ambiguidade. Ao compreender todos os corpos físicos como potentes e em abertura para o mundo, o movimento Corpo Livre pode diminuir a ideia de alteração do corpo gordo como necessário para ser esse corpo, promovendo, assim, mais sintonia entre *körper* e *leib*. Os corpos que desviam do padrão estético, como corpos gordos e deficientes, são tratados como expressões de beleza pelo movimento, e a sociedade é descrita como a principal transformadora desses corpos, que para o Body Positive são capazes de articular o ser no seu aí, em algo limitado e causador de sofrimento. Para responder à opressão estética e capacitista ocidental, o movimento Body Positive utiliza-se das redes sociais para expor suas ideias. Correm o risco de perder o caráter questionador e inovador ao participarem do mundo transparente que é a internet. Fica a pergunta: ao explicitar corpos usualmente negados, promovem maior aceitação de si das pessoas ou tornam seus corpos obscenos e pornográficos?

**Palavras-chave:** body positive; corporeidade; redes sociais; psicologia fenomenológica-existencial.

**Gabriel Rodrigues**

Graduando em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com previsão de formatura em agosto de 2022. Membro voluntário do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS-UFMG). Membro do projeto de extensão Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) na UFMG. E-mail: [gabriel1234.gc@gmail.com](mailto:gabriel1234.gc@gmail.com)

**Gabriela Viana**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com previsão de formatura em Agosto de 2022. Membro voluntária do (LAPS-UFMG). Atualmente é membro voluntária do corpo de plantonistas do Plantão Psicológico no SPA da UFMG. Pesquisadora bolsista de iniciação científica em Psicologia Fenomenológico-Existencial, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG (PRPq). E-mail: [gabimleyroy@gmail.com](mailto:gabimleyroy@gmail.com)

**Paulo Evangelista**

Professor Adjunto A do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde 2019. É Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela PUC-SP. Coordenador do LAPS-UFMG. E-mail: [pauloevangelista.ufmg@gmail.com](mailto:pauloevangelista.ufmg@gmail.com)

Agência financiadora: Programa de Iniciação Científica Voluntária da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG.



#### 4.4.7 ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Gabriel César Silva Rodrigues (UFMG)

**Gabriela Maria Leroy Viana (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

O envelhecimento tem sido mais discutido e observado à medida que a expectativa de vida no Brasil aumenta, o que aproxima as pessoas ao como vivenciar esse momento. Em razão disso, estudos que buscam discutir sobre um envelhecer saudável e de qualidade têm sido feitos. Ressalta-se aqui o termo *senecultura*, o qual propõe práticas que visam uma melhor qualidade de vida na velhice, mas que devem ser exercidas desde a juventude. Entretanto, observa-se que esses aspectos, determinados por uma ciência do envelhecer, apresentam-se como alheios, impróprios à existência. Em uma sociedade cujo o desempenho é enaltecido, o envelhecimento bem-sucedido é colocado como mais uma tarefa a ser desempenhada durante toda a vida. Com isso, a questão a ser pensada é: o modo como o envelhecimento bem-sucedido está sendo proposto traz mesmo qualidade de vida? Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o processo de envelhecimento dos pontos de vista biológico e existencial, assim como uma análise sobre a contemporaneidade a partir da leitura do livro *Sociedade do Cansaço*. Para a ciência natural, existem tarefas a serem realizadas para que se consiga alcançar a meta de uma velhice saudável. Isto é, uma série de restrições e imposições determinadas de forma generalizada. Logo, o envelhecer é pensado sob a perspectiva do valor da juventude, posto que as dificuldades da velhice são cada vez menos toleradas e mais patologizadas. Por outro lado, o olhar existencial do envelhecimento, percebe-o como um amadurecimento existencial, sendo que a existência se amplia ao longo da vida e há uma expansão do *Dasein* em sua condição própria de ser-no-mundo. Além disso, é um momento de compreensão da indigência existencial, situação que explicita o não poder tudo, realçando a condição finita do humano. A partir de uma análise crítica do positivismo científico, que cerca o envelhecimento sob a perspectiva biológica, e da sociedade feita por Byung-Chul Han, observa-se a lógica da positividade, a qual não tolera a falta, a falha, o improdutivo; fazendo do idoso uma mercadoria que requer o desenvolvimento de uma performance para alcançar um bom envelhecimento. Isso significa que o envelhecer bem sucedido parece estar ao alcance de todos, bastando que as pessoas se empenhem para conquistá-lo. Nota-se, então, uma auto cobrança por desempenho que limita a capacidade de compreender o que é sentido diante do que cada *Dasein* experiencia, já que não há tempo e nem valorização para a contemplação da própria existência. Conclui-se, então, que o olhar biologizante sobre o envelhecimento parte da percepção de cobrança do próprio ser para manter uma qualidade de vida durante a velhice, o que se revela como manifestação da sociedade do desempenho. Diante disso, percebe-se a falácia do poder ilimitado que encobre as diferenças particulares e remete a imagem da velhice a algo ruim, que não condiz com a positividade enaltecida na sociedade: o limite da potência. Assim, ao estabelecer soluções para um envelhecimento bem sucedido, a ciência do envelhecer retira da existência a autonomia para tomar decisões próprias quanto ao como viver sua vida.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; senecultura; sociedade do desempenho; fenomenologia-existencial.

**Gabriel César Silva Rodrigues**

Graduando em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com previsão de formatura em agosto de 2022. Membro voluntário do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS-UFMG). Membro do projeto de extensão Plantão Psicológico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) na UFMG. E-mail: [gabriel1234.gc@gmail.com](mailto:gabriel1234.gc@gmail.com)

**Gabriela Maria Leroy Viana**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com previsão de formatura em Agosto de 2022. Membro voluntária do (LAPS-UFMG). Atualmente é membro voluntária do corpo de plantonistas do Plantão Psicológico no SPA da UFMG. Pesquisadora bolsista de iniciação científica em Psicologia Fenomenológico-Existencial, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG (PRPq). E-mail: [gabimleroy@gmail.com](mailto:gabimleroy@gmail.com)

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Mestre em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Adjunto A de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) - Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS). E-mail: [paulo.e.evangelista@gmail.com](mailto:paulo.e.evangelista@gmail.com)

Agência de fomento: Programa de Iniciação Científica Voluntária da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG.

#### **4.4.8 FENOMENOLOGIA E GÊNERO: TECENDO CONHECIMENTOS SITUADOS E CORPORIFICADOS**

**Giovana Fagundes Luczinski (UFPEL)**

O presente trabalho deriva da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de covid-19 contada por mulheres”, que investiga as repercussões subjetivas das realidades vividas por mulheres brasileiras durante a pandemia de COVID-19. Desenvolvida entre UFPel e UFRJ, a pesquisa articula saberes de forma interdisciplinar, adotando o termo mulheres como um coletivo volátil, que comporta inúmeras formas de ser e estar no mundo, marcadas por resistências e opressões. Partindo do referencial fenomenológico, este trabalho visa apresentar uma metodologia de análise construída em discussões sobre epistemologias situadas e as questões de identidade e gênero que perpassam a pesquisa. Como nos ensina bell hooks, é preciso marcar a precariedade comum às mulheres, cujos graus são variáveis em termos dos marcadores sociais que atravessam suas vivências: raça, classe, orientação sexual, maternidade, entre outros. Tal constatação reforça a necessidade de afirmar uma identidade comum, de modo a lutar pela efetiva garantia dos direitos humanos – situação encontrada no cenário brasileiro. No lugar de defender traços identificatórios, propõe-se uma união em função das vulnerabilidades e potencialidades do afirmar-se mulher. Diante dessa temática, é fundamental situar as construções teórico-metodológicas, localizando saberes e reconhecendo a parcialidade inerente a qualquer construção científica. Dessa forma, rejeita-se um lugar universalista ou politicamente neutro conforme posição encontrada nas produções de Donna Haraway, que defende a criação de redes de conexão entre diferentes espaços a partir de epistemologias situadas, reconhecendo a dimensão corporizada das diferentes perspectivas. Muitas delas são utilizadas para “marcar” outros corpos em posições menos privilegiadas, associadas a sistemas de dominação. Por isso, a produção do conhecimento deve estar alicerçada no reconhecimento do lugar no qual nos encontramos e do qual partimos. Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica tem um aparato privilegiado para acolher o movimento e a corporeidade que marcam a construção do conhecimento como situado – algo apontado por Merleau-Ponty em sua obra. Seguindo seus passos, a redução fenomenológica mostra-se fundamental para evidenciar um lugar epistemológico e vivencial, para então deslocar o olhar da atitude natural e adentrar uma postura investigativa. Nessa perspectiva, existe o reconhecimento da pertença a uma ontologia comum, mas também da diferença ôntica fundamental e da alternância entre pluralidade e singularidade, como nos mostra Hannah Arendt. Recorrendo ao âmbito arendtiano da ação, podemos concluir que nos situamos sempre em relação, e não individualmente. Por isso, a interdisciplinaridade se mostra como outro desdobramento dessa metodologia, criando um terreno fértil de diálogos, no qual quem pesquisa entra no corpo a corpo com o campo e se transforma ao longo do processo.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Psicologia; Gênero; Pesquisa.

#### **Giovana Fagundes Luczinski**

Psicóloga graduada na UFMG, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas no curso de Psicologia, lecionando e supervisionando na área clínica, na perspectiva existencial-fenomenológica. E-mail: [giovana.luczinski@gmail.com](mailto:giovana.luczinski@gmail.com)

#### 4.4.9 MEANDROS DA HOMOFOBIA NO BRASIL: INCURSÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A ERA DA TÉCNICA E SEXUALIDADE

Ana Beatriz Gomes Fontenele (UNIFOR)

Angela Cardoso Andrade (UNICAP)

Cecília Sernache de Castro Neves (UNIFOR)

O presente estudo tem como objetivo central discutir sobre o fenômeno da homofobia a partir dos pressupostos fenomenológico-hermenêuticos de Martin Heidegger. Ao se pensar no Brasil como campeão mundial de crimes contra minorias sexuais, torna-se de extrema relevância compreender o processo de discriminação contra indivíduos em decorrência de sua orientação sexual. Inicialmente, entende-se que a cultura ocidental apreende a existência humana de forma objetificada, cujo legado cartesiano concebe de forma dicotômica a separabilidade entre o homem e o mundo, erigindo o ser humano como algo que é determinado *a priori*. Ademais, ao se pensar nessa cultura como um mundo da técnica, pode-se entender, a partir de Heidegger, que o mundo e as sedimentações históricas cooptam o Ser do ente através de concepções pré-estabelecidas que buscam o controle do homem. A busca de uma verdade universal acaba por reduzir os significados, correndo os indivíduos o risco de perder-se na impessoalidade. Por outro lado, ao se pensar o Ser do existente humano como *Dasein*, ou seja, como ser-aí, podemos compreendê-lo como um ente privilegiado que lança a questão sobre o sentido do ser e, como sendo abertura, não procedem os mecanismos e dispositivos de objetificação do homem que se desvela ante um horizonte de possibilidades. O estudo é de natureza teórica e reflexiva e tem como referências primárias as obras de Martin Heidegger: *Ser e Tempo* e *A Questão da Técnica* e, como fontes secundárias, interlocutores que se aproximam da discussão proposta e autores que tematizam sobre a homofobia numa perspectiva da Psicologia Social. Os pressupostos fenomenológicos são aqui compreendidos como ressonâncias do pensamento heideggeriano nos quais podem oferecer subsídios para se pensar aproximações à uma psicologia dita social que estuda as relações interpessoais, incluindo o fenômeno da homofobia. Tais proposições podem oferecer incursões teóricas importantes para se compreender como se dá o ser-com-o-outro num país considerado homofóbico. Ao se tentar definir a verdade num horizonte constituído historicamente, conforme saberes e concepções hegemônicas, a sociedade em seu modo próprio de operar, por uma razão meramente instrumental, acaba limitando o mundo de possibilidades do *Dasein* como poder-ser e, que, incessantemente convoca novas produções de sentido. Assim, a pessoa homossexual passa por um processo de não poder-ser-próprio, de perder-se na impessoalidade, em detrimento de tentar garantir sua segurança em um mundo que o condena e o violenta. Indicamos que a compreensão do ser humano como *Dasein*, como algo que não é dado, acabado, pode contribuir para uma outra forma de pensar o Ser, numa dinâmica *ek-stática*, projetada e lançada, em que os diversos modos de ser encontre um *Ethos* cujo território existencial possibilite uma morada acolhedora e que não seja perpassada pela violência e a exclusão.

**Palavras-chave:** Fenomenologia Hermenêutica; Homofobia; Psicologia Social

**Ana Beatriz Gomes Fontenele**

Psicóloga e mestrandia em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. E-mail: [anabeatrizgf@edu.unifor.br](mailto:anabeatrizgf@edu.unifor.br)

**Cecília Sernache de Castro Neves**

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. E-mail: [sernachececilia@gmail.com](mailto:sernachececilia@gmail.com)

**Angela Cardoso Andrade**

Psicóloga, psicoterapeuta e supervisora de Estágio em Clínica; possui pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco e é docente da Universidade de Fortaleza. E-mail: [angelaandrade@unifor.br](mailto:angelaandrade@unifor.br)

#### **4.4.10 NÚCLEO DE PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS EM PSICOLOGIA PARA ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU...**

**Ana Cláudia Alexandre Carneiro da Costa (LACLIFPE – UNICAP)**

Ana Lúcia Francisco (LACLIFPE – UNICAP)

Em fevereiro de 2018 assumi o cargo de coordenadora do curso de psicologia da UNINASSAU de Olinda-PE. Hoje esta turma de discentes está no sexto período. No segundo semestre de 2019 alguns(mas) alunos(as), estimulados(as) por duas professoras, decidiram realizar uma pesquisa psicológica para apresentar em um Congresso na Cidade de Natal-RN. Desde então ficamos analisando a possibilidade de iniciar um núcleo de pesquisa psicológica em nossa faculdade. E neste sentido, nada mais pertinente do que neste núcleo abrir espaço para pesquisas fenomenológicas em psicologia. Assim, no dia 27 de agosto de 2020 inauguramos o NUPEPSI (núcleo de pesquisa em psicologia). Tendo como principal linha de pesquisa a psicologia fenomenológica, existencial e humanista. Com foco em: a) práticas de poder, gênero e sexualidade – segundo os estudos de Heidegger, Sartre, Foucault, Gilles e Deleuze; b) e psicologia da saúde, infância e desenvolvimento – na perspectiva husserliana. Diante de tudo que foi exposto, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o caminho que foi percorrido até a inauguração deste Núcleo de Pesquisa, especificando: demonstrar as tonalidades afetivas presentes neste caminhar; refletir sobre os encontros e desencontros na inauguração do NUPEPSI à medida que foram acontecendo; e pensar a pesquisa fenomenológica em psicologia levando em consideração a experiência de alunos(as) de graduação. Enquanto metodologia, consideramos o caminho, o método em si é um caminho. A investigação fenomenológica de Heidegger é de caráter ontológico e constitui-se na condição de possibilidade, pretendendo situar-se aquém do plano empírico ou ôntico. Nesta perspectiva, a investigação científica não deveria realizar uma fixação dos setores, dos objetos, mas permitir uma abertura originária ao modo de ser dos entes pela qual a experiência ordinária do mundo é responsável e se expressa. Pensar ciência deveria ser uma procura a uma determinada região dos entes, mas antes essa região precisa ser elevada do horizonte da experiência original - o horizonte da relação fundamental do ente que questiona com o mundo questionado. Interessou-nos nessa pesquisa as discussões advindas das descobertas, das angústias, das frustrações, das reflexões, das inquietações e todas as considerações e estranhamentos que estes(as) alunos(as) puderam sentir numa outra possibilidade que não a positivista e cartesiana de pesquisa. Ainda estamos no começo do percurso, apenas iniciamos o caminhar: neste mês de outubro será lançado o primeiro edital do NUPEPSI e assim professores(as) e alunos(as) poderão começar a viagem às pesquisas fenomenológicas em psicologia, tendo em mente como importantes a singularidade, as metáforas e imagens, os caminhos que permearam estas pesquisas psicológicas.

**Palavras-chave:** pesquisa fenomenológica; pesquisa psicológica; graduação em psicologia.

**Ana Cláudia Alexandre Carneiro da Costa**

Doutoranda em Psicologia pela UNICAP. Mestre em Psicologia pela UFPE. Psicóloga Clínica, Hospitalar e Organizacional. Professora das Faculdades: FACHO, FAG e UNINASSAU. Coordenadora do Curso de Psicologia da UNINASSAU de Olinda. Consultoria de Recursos Humanos e Gestão de Pessoas. Pesquisadora do laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial e Psicossocial (LACLIFPE). E-mail: [ana.2019803000@unicap.br](mailto:ana.2019803000@unicap.br)

**Ana Lúcia Francisco**

Psicóloga, Psicoterapeuta, com Mestrado em Psicologia Clínica-PUC-RJ e Doutorado em Psicologia Clínica-PUC-SP. Pesquisadora vinculada à linha de Pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica: mestrado e doutorado – e ao Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial- UNICAP. / E-mail: [ana.francisco@terra.com.br](mailto:ana.francisco@terra.com.br)

#### 4.4.11 O QUE FALAM DE BOSS QUANDO O CITAM? UMA REVISÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

Gabriel Henrique de Souza Carvalho (UFMG)

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

O psiquiatra suíço Medard Boss é considerado o fundador da Daseinsanalyse. Conquanto sua importância, o autor é pouco conhecido no cenário psicológico nacional. A razão que motiva este trabalho é, sobretudo, a ausência de revisões bibliográficas sobre Boss. A pergunta que nos guia é: como aparece a Daseinsanalyse de Medard Boss na literatura psicológica brasileira? Para tanto a metodologia utilizada foi a de revisão integrativa da literatura, sendo analisados artigos científicos, indexados em portais abertos e gratuitos, que citem Medard Boss. No processo de busca, palavras-chave eleitas foram aplicadas em três bancos de dados (SciELO, Psyc e Lilacs). Foram critérios de inclusão dos artigos: a) produzidos por revistas ou periódicos brasileiros; b) no idioma português e c) que façam referência explícita no texto a “Medard Boss”. Chegou-se a um N final de 37 publicações, as quais foram analisadas. Quanto aos resultados, Medard Boss é lembrado, sobretudo, por sua influência na fundação da Daseinsanalyse, a escola psicoterápica gestada no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. Num perscrutar da analítica existencial heideggeriana enquanto condição de possibilidade para uma atuação clínica, Boss e Binswanger são considerados pilares fundantes dessa nova ciência de compreensão do homem. O organizador dos Seminários de Zollikon é posto inclusive como amigo de Heidegger, com quem manteve várias correspondências pessoais. No apartar-se de uma ciência positivista hegemônica de seu tempo, Boss encontrou na ontologia heideggeriana uma melhor compreensão do ente humano. Os artigos ressaltam também as associações entre Medard Boss e a psicanálise. Nesse contexto, antes de convergir para a filosofia do Dasein, Boss era notadamente psicanalista, tendo feito análise pessoal com o próprio Freud. Entretanto, os encontros com a fenomenologia-hermenêutica propiciaram não um abandono, mas uma reformulação dos conceitos metapsicológicos numa perspectiva existencial. Boss fez questão inclusive de não ser considerado um dissidente de Freud, permanecendo com basilares conceitos psicanalíticos, tais como a associação livre, o divã, a resistência e a transferência. Da clínica, o daseinsanalista comenta sobre a ausência das lentes teóricas que focalizam o olhar do psicoterapeuta, favorecendo com que os fenômenos apareçam a partir e para o paciente, livres de quaisquer conceituações limitantes. Acerca dos objetivos da terapia, Boss pontua uma possibilidade de maior liberdade existencial dos pacientes. O confrontar as resistências favorece o aparecimento de novos modos-de-ser-com-os-outros. Há contribuições de Medard Boss também no campo da psicopatologia. O legado ontológico heideggeriano fertilizou uma nova compreensão do ser-doente enquanto um modo-de-ser-no-mundo, não menos importante, mas diferente do ser-saudável. Nesse sentido, para o psiquiatra suíço, a patologia é compreendida enquanto perda da liberdade existencial. A respeito da psicossomática, as discussões sobre uma dicotomia entre o somático e o psíquico são antecedidas pelo caráter ek-stático da existência, ou seja, sua abertura. Em sua obra *Introduction à la Médecine Psychosomatique*, Boss defende sua tese de que todo adoecer é psicossomático, pois afeta a condição originária de abertura do existir. Sobre os fenômenos oníricos, para Boss, os sonhos são uma outra forma da existência manifestar-se, compartilhando do estado de vigília as estruturas básicas do Dasein.

**Palavras-chave:** Medard Boss; Daseinsanalyse; Análise Existencial; Revisão de literatura.



**Gabriel Henrique de Souza Carvalho**

Aluno de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Participa de iniciação científica voluntária no Laboratório de Análises de Processos em Subjetividades (Laps). É aluno do curso de formação em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial do IFEN. <http://lattes.cnpq.br/8489946084388322>

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, Mestre em Filosofia e graduado em Psicologia pela PUC-SP. <http://lattes.cnpq.br/3084168914704520>

#### 4.4.12 REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS ACERCA DA IDEAÇÃO SUICÍDA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA INFÂNCIA

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

Manuella Bila de Melo (UFRN)

O suicídio – ato de pôr fim à própria vida – vem em crescimento estatístico nos últimos anos, de acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde. Dentre as faixas etárias que tem apresentado um maior crescimento, há um destaque para o suicídio entre crianças e adolescentes, que teria aumentado 40% na faixa etária dos 10 aos 14 anos e que, de acordo com os dados divulgados pelo Datasus em seu último boletim epidemiológico divulgado (2018), verificou-se números significativos de lesões autoprovocadas entre crianças e adolescentes. Contudo, ao realizar um levantamento bibliográfico na base de dados SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*) no início do segundo semestre de 2020, utilizando os descritores “suicídio AND infância”, foi encontrado 162 artigos, dos quais apenas 19 preencheram os critérios de elegibilidade, desses, porém, nenhum trazia estudos qualitativos e/ou que se propusessem a compreender a experiência do suicídio infantil a partir dos seus viventes: as crianças. Alguns autores apontam que a escassez de pesquisas nessa temática teria relação com a dificuldade que a sociedade possui em reconhecer o sofrimento na infância, uma vez que há uma crença de que essa faixa etária seria marcada por sonhos e alegrias e, por isso, isenta de dores existenciais, além disso, a baixa letalidade dos meios utilizados também seria responsável pela dificuldade na identificação da intenção suicida no ato da criança. Compreende-se que o sofrimento faz parte da existência, mas que a morte autoinfligida sinaliza um sofrimento que se tornou insuportável, que fala de um modo de estar no mundo que tem sido adoecedor e que não necessariamente está atrelado a um transtorno mental. Assim, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo tecer reflexões à luz da fenomenologia existencial proposta pelo filósofo Martin Heidegger sobre o fenômeno da morte autoprovocada na infância. Pela convocação feita pelo filósofo de que para compreender os fenômenos é necessário “retornar às coisas mesmas”, este se trata de um estudo heideggeriano. Compreende, pois, que apesar da tentativa que há na sociedade em distanciar as crianças das discussões em torno da finitude da existência, pelo caráter ontológico de ser-para-a-morte, não é possível fazer essa separação. Sabe-se também que a forma como o suicídio será socialmente compreendido tem relação com a cultura e o contexto histórico da época, assim, é válido destacar que o século XXI tem sido marcado pelo surgimento dessa temática entre o público infanto juvenil por meio do aparecimento da série *Thirteen Reasons Why* (2017) e de desafios como a Baleia Azul (2017) e a Boneca Momo (2019), que, apesar de terem trazido desdobramentos negativos, despertaram discussões importantes sobre a morte e retomaram a importância de espaços onde seja possível falar sobre essa dor e, assim, buscar caminhos de prevenção, em consonância a isso, este trabalho lançará luz ao fenômeno da morte autoprovocada de modo a ampliar suas possibilidades de compreensão e intervenção.

**Palavras chave:** Infância; Suicídio; Sofrimento; Fenomenologia-existencial; Heidegger.

##### **Ana Karina Silva Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade

e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

**Manuella Bila de Melo**

Possui formação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2019). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - (PPgPsi - UFRN), psicóloga clínica e participante/pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN). E-mail: [psi.manuellabila@gmail.com](mailto:psi.manuellabila@gmail.com)

#### **4.4.13 TENTATIVA DE SUICÍDIO ENTRE JOVENS LGBTI+, UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA**

Ana Karina Silva Azevedo (UFRN)

**Maria Vanessa Moraes da Silva (UFRN)**

Este trabalho trata-se da caminhada, que ainda vem sendo trilhada, de uma pesquisa de mestrado em psicologia. Questiona-se nesse estudo os sentidos atribuídos à tentativa de suicídio para um jovem LGBTI+, que segundo a Organização Mundial da Saúde é considerado como população vulnerável para o risco de suicídio. A literatura também aponta que esses jovens tem cinco vezes mais chances de tentar suicídio. Embora existam estimativas sobre os dados de suicídio dessa população, eles são extremamente subnotificados e inexistentes no Brasil. O Estado brasileiro não produz dados sobre essa população, nem tampouco sobre seus suicídios e sofrimentos. É uma comunidade invisibilizada na vida e na morte, criminalizada e exterminada, que sofre e morre anonimamente como não-existent. Experienciam cotidianamente o preconceito, a discriminação e a violência. Assim, ao nos inclinarmos sobre o fenômeno da tentativa de suicídio entre jovens LGBTI+ não deixaremos de considerar que ele está inscrito e relacionado ao mundo em que se lança e descobre os sentidos de ser um jovem LGBTI+, se constituindo sempre enquanto ser-no-mundo nas relações com os outros. É importante sinalizar que a pesquisa está em construção e essas reflexões estão sendo tecidas teoricamente no primeiro e segundo capítulos da dissertação que estão sendo trabalhados no momento atual. Para tanto discutiremos sobre o sofrimento de jovens LGBTI+ e o suicídio a partir da perspectiva fenomenológico-existencial norteada pela ontologia hermenêutica do filósofo Martin Heidegger. Esse filósofo retoma a questão do sentido do Ser, do homem enquanto ser-no-mundo, outrora esquecida pela filosofia e pela metafísica. Questiona quem e como é esse homem, como se constitui no mundo e proporciona uma reflexão sobre as condições fundamentais e estruturais da existência, trazendo algumas noções, como: historicidade, temporalidade, ser-no-mundo, habitar, corporeidade e ser-para-a-morte, que serão basilares na análise e discussão da pesquisa. O encontro com as narrativas dos participantes se dará por meio de entrevistas abertas, nesse sentido acreditamos que aquele que narra sua experiência não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida, é sobretudo, uma forma de existir com-o-outro, nesse encontro potente: narrador-pesquisador. O método está sendo delineado com o intuito que ele seja inspirado na circularidade hermenêutica de Heidegger, que propicia uma perspectiva de desencobrimento de sentidos por meio de existenciais fundamentais: disposição afetiva, linguagem e compreensão. Pretendemos construir uma interpretação hermenêutica da existência humana, ou seja, buscar o desvelamento do ser que se manifesta na linguagem e que se encontra imerso na cotidianidade da sua existência e se revela na relação com o outro. Diante disso, pensamos que essa pesquisa pode favorecer uma reflexão sobre a saúde mental, sofrimento, suicídio e a existência de jovens LGBTI+, salientando que o que encontramos na literatura e refletimos teoricamente até aqui aponta na direção que: a comunidade LGBTI+ habita um sofrimento sem lugar, uma violência estrutural e uma invisibilidade doída, que padecem nos armários abaçanados da existência. É preciso, então, que se aumente a discussão e visibilize o sofrimento existencial de jovens LGBTI+ que estão tentando tirar suas próprias vidas.

**Palavras-chave:** Suicídio; LGBTI+; Fenomenologia-existencial; Heidegger.

**Ana Karina Silva Azevedo**

Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN. É Vice-Coordenadora do Grupo de estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN/CNPQ. Membro do GT - Psicologia & Fenomenologia - ANPEPP. E-mail: [anakarinaazevedo@hotmail.com](mailto:anakarinaazevedo@hotmail.com)

**Maria Vanessa Moraes da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - (PPgPsi - UFRN). Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2019). Participante/pesquisadora do Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano (GESDH/UFRN/CNPq). Bolsista de mestrado CNPq. E-mail: [vanessamoraes21@gmail.com](mailto:vanessamoraes21@gmail.com)

#### **4.4.14 TRANSTORNO NO ESPECTRO AUTISTA E FENOMENOLOGIA: UM DISTANCIAMENTO BASEADO EM MITOS**

**Marcos Vinicius Lourenço Nunes**

O presente trabalho pretende realizar uma análise que busca apresentar tópicos que nos auxiliem na reflexão dos motivos que situem o porquê da prática fenomenológica se mostrar distanciada dos cuidados aos pacientes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e trazer à tona uma oportunidade de trabalho da práxis fenomenológica desempenhada dentro do âmbito de tal diagnose. Utilizaremos o pensamento de autores inseridos no escopo da abordagem fenomenológica – tais como Merleau-Ponty, Heidegger, Messas e Feijoo – para propiciar o debate crítico desta com a forma de estruturação das ciências hegemônicas; além disso, usaremos duas histórias em quadrinhos (“A Diferença Invisível” e “Fala Maria: Um Romance Gráfico Sobre O Autismo”) para representar aquilo que a Fenomenologia pretende conquistar como “local mais originário”, anterior a quaisquer compreensões teóricas, e estabelecer, a partir deste ponto, um território potente de atuação às voltas dos esforços de tratamento aos indivíduos diagnosticados com TEA. A partir de tal proposta, vislumbra-se discutir o afastamento destes polos a partir da nomeação de uma tríade alegórica – mito da irrelevância, mito da insignificância e mito da inépcia – que revela as bases elementares que sustentariam o modo de funcionamento do pensamento científico na busca incessante dos “dados mais relevantes” e como tal engendramento de princípios desloca a Fenomenologia para um local de desvalor prático, mantendo a cientificidade dentro de suas próprias logísticas e repelindo as linhas de raciocínio que não estejam em consonância com as idealizações metodológicas das construções de novos horizontes de possibilidades do próprio saber científico, acarretando na operacionalização do cuidado mediante o modo de pensar técnico-calculante e repelindo as chances do reencontro ao “local mais originário” de análise, tal qual a vertente fenomenológica postula. Observou-se que a cristalização daquilo que o pensamento científico denomina como “verdade absoluta” se apresenta tal qual uma barreira para que a Fenomenologia se mostre como um caminho plausível para estruturação de cuidados voltados aos pacientes com TEA; há a intenção de que este artigo propicie o aparecimento de novos estudos que possam edificar formas de alinhar a prática em Saúde Mental direcionada aos pacientes com TEA com o pensamento fenomenológico.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Fenomenologia; Psicologia; Saúde Mental.

**Marcos Vinicius Lourenço Nunes**

Graduação em Psicologia pela UNIFESP. Pós-Graduação em “Psicopatologia Fenomenológica” pela FCMSCSP. Pós-Graduação em “Saúde Mental Da Infância E Da Adolescência” pela UNIFESP. Formação em “Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial” pelo IFEN. Formação em andamento em “Psicoterapia Infantil Na Perspectiva Fenomenológico-Existencial” pelo IFEN. E-mail: [mvln\\_01@hotmail.com](mailto:mvln_01@hotmail.com)

#### **4.4.15 UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL PARA AS NARRATIVAS A PARTIR DO FILME NARRADORES DE JAVÉ**

**Maria Clara Rabelo Ferreira Silva (UFMG)**

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UFMG)

O próprio termo cunhado por Heidegger para se referir a existência, o ser-aí, já nos indica que o ser só existe em um aí, isto é, em um mundo historicamente constituído. Posto isto, fica clara a importância de olharmos para esse mundo histórico para compreender a existência. No entanto, como podemos acessá-lo? A metodologia da analítica do sentido, proposta por Dulce Critelli, nos convida a nos voltarmos para as formas que falamos e lidamos com este mundo que nos circunda. À medida em que vamos nos relacionando com os outros e com as coisas ao nosso redor ou conversando sobre eles, vamos tecendo uma trama de sentido que dota o mundo que habitamos de significados e sentido. Assim, as narrativas são instrumentos fundamentais para a abordagem fenomenológico-existencial uma vez que, através delas, podemos acessar e desvelar os sentidos que nos são compartilhados. Nessa direção, o objetivo deste trabalho é olhar para as narrativas a partir do filme brasileiro *Narradores de Javé*, dirigido por Eliane Caffé. O vilarejo de Javé será inundado para a construção de uma hidrelétrica no local. Diante de tal ameaça, os seus moradores vão se reunir para registrar as grandes histórias de Javé a fim de provarem sua importância e preservarem a sua história das águas do esquecimento. No resgate da história coletiva, as histórias individuais se entrelaçam e se articulam com a do vilarejo. Singularidade e pluralidade se entrelaçam nos habitantes e narradores de Javé. O mundo público, como o sino da igreja, reúne muitas das memórias ali compartilhadas, testemunhando e se constituindo como um guardião das aventuras e acontecimentos que aconteceram do vilarejo. Por outro lado, as construções do mundo não são tão reveladoras das existências que ali habitam quanto a riqueza da tradição oral, de modo que o registro através da palavra é o caminho possível para aquelas pessoas guardarem suas histórias e, de alguma forma, elas mesmas da possibilidade do desaparecimento e do perecimento. O protagonista do filme, incumbido da missão de escrever o livro de registro dessas memórias, não consegue escrever sequer uma linha devido a tantas perspectivas distintas, indicando que a experiência humana é maior do que cabe na representação.

**Palavras-chave:** Narrativa; Analítica do Sentido; Psicologia fenomenológica-existencial; *Narradores de Javé*.

**Maria Clara Rabelo Ferreira Silva**

Psicóloga, Pós-graduanda (mestrado em psicologia social) na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [mcrabelofs@gmail.com](mailto:mcrabelofs@gmail.com)

**Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**

Psicólogo, Professor Dr. do departamento de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [pauloevangelista@gmail.com](mailto:pauloevangelista@gmail.com)

